

IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 460 - Ano XIV - 16/12/2014

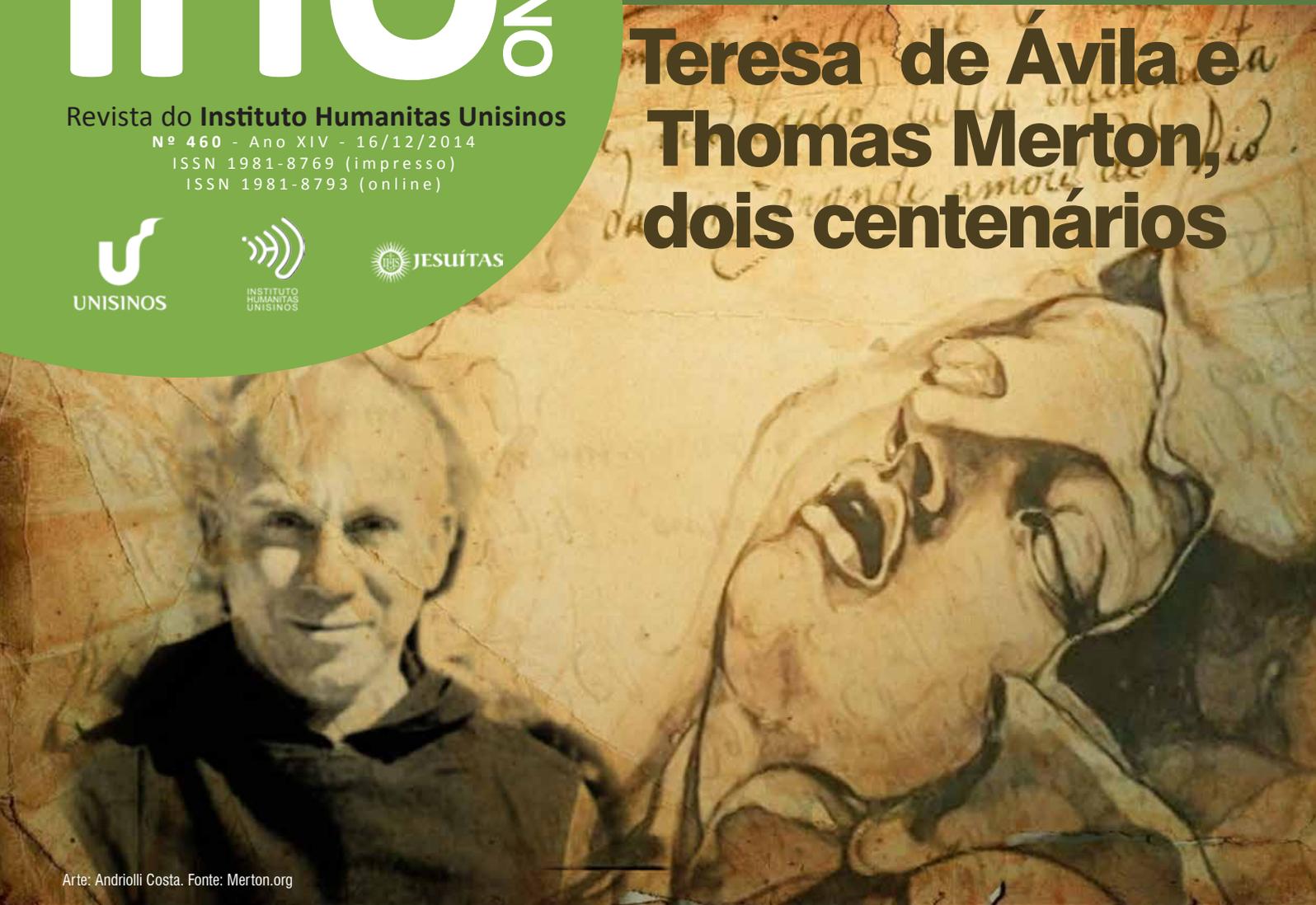
ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (online)



A mística nupcial

Teresa de Ávila e Thomas Merton, dois centenários



Arte: Andriolli Costa. Fonte: Merton.org

Marco Vannini:

A conexão mística de Teresa de Ávila e Thomas Merton

Giselle Gómez:

Santa Teresa e a revolução espiritual feminina

Luciana Barbosa:

A poesia das carícias

E MAIS

Timothy Lenoir:

Controle neural e neuromarketing. Uma reconfiguração do ser humano

Tshepo Madlingozi:

A derrocada dos movimentos sociais na África pós-Apartheid

José Eduardo Franco:

“Vieira era um Indiana Jones das missões”

A mística nupcial. Teresa de Ávila e Thomas Merton, dois centenários

Em 2015, comemoram-se os 500 anos do nascimento de Teresa de Ávila (1515-1582) e o centenário de Thomas Merton (1915-1968) duas grandes referências da mística cristã. Reconhecidos pela busca da interioridade e pelo amor a Deus e ao próximo, evidenciar o legado teológico de ambos os místicos, sua trajetória, sentido e atualidade de suas vivências é o que pretende esta edição da revista **IHU On-Line**.

Para o teólogo **Faustino Teixeira**, professor e pesquisador da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, há uma relação evidente entre as trajetórias de Teresa de Ávila e Thomas Merton, já que ambos se inserem numa tradição de mística nupcial – aquela cujo tema central é o do amor, que se insere no coração mesmo da divindade.

Marco Vannini, reconhecido como um dos maiores especialistas sobre mística especulativa no mundo, afirma que a experiência comum entre esses dois místicos é “aquela da interioridade mais profunda, aquele ‘local místico’ que é a essência do ser humano em geral, sem conhecer o que se perdeu na ‘região da desigualdade’ da memória agostiniana”.

O teólogo espanhol **Secundino Castro Sánchez**, da Universidad Pontificia Comillas, de Madri, reflete sobre a cristologia de Teresa de Ávila, relacionando Jesus – em sua corporeidade – como lugar definitivo de revelação de Deus.

Frei Betto, escritor, acredita que a grande novidade que Teresa de Ávila realizou, à sua época, foi ter percorrido o cami-

nho inverso ao de Copérnico, o qual havia deslocado o eixo da Terra para o Sol. Segundo ele, Teresa talvez seja a santa mais estudada por psicanalistas e filósofos, e é um fenômeno midiático. “Sobre ela há uma infinidade de obras de arte: filmes, peças de teatro, romances, etc”.

No ponto de vista de **Giselle Gómez**, da Pontifícia Universidade Lateranense de Roma, Teresa “foi capaz de ouvir a si mesma, de aprender a confrontar-se com aquilo que supõe a mudança e de ir construindo outra maneira de ser mulher”.

Para **Lúcia Pedrosa-Pádua**, professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Teresa rompeu com o estereótipo submisso e piedoso esperado das mulheres.

Analisando suas visões e êxtases, o psiquiatra espanhol **Jesús Sanchez-Caro** frisa que as experiências místicas de Teresa de Ávila de modo algum têm a ver com psicopatologias, e que a vida dessa mística é um exemplo paradigmático daquilo que na psicologia moderna se denomina de “resiliência”.

Luciana Barbosa, doutoranda em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, observa que o corpo, para Teresa, se torna uma extensão de sua experiência mística. E que é nele que a demonstração do que é vivenciado com Deus pode se apresentar.

Já para o editor espanhol das obras teresianas, **Maximiliano Herraiz**, “a ponte entre verdade e amor, inteligência e afetividade, adquire em Teresa uma harmonia perfeita”.

Cristiana Dobner, irmã carmelita descalça, escritora, estudiosa e pesquisadora de teologia, que vive no mosteiro de Santa Maria do Monte Carmelo, Itália, analisa a aproximação da espiritualidade de Teresa com Inácio de Loyola, já que o magis de Inácio “ressoa em todas as suas obras”.

Norma Nasser, doutoranda em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-graduação da UFJF, reflete acerca da aproximação entre a mística de Merton e o zen-budismo como caminho para alcançar o cristianismo.

Por fim, para **Sibelius Cefas Pereira**, professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUCMG, a obra de Merton transcende em muito o universo religioso, e defende a contemplação como uma resposta à vida contemporânea.

Complementam essa edição as entrevistas com **José Eduardo Franco**, Universidade de Lisboa, sobre as obras completas e a vida do padre Antônio Vieira, **Tshepo Madlingozi**, Universidade de Pretória, África do Sul que aborda a derrocada dos movimentos sociais na África pós-Apartheid e com o filósofo norte-americano **Timothy Lenoir**, Universidade de Duke, que acentua que a visão e a postura antropocêntrica que constituem a modernidade estão transformando a natureza em algo que controlamos e que podemos usar para nossos próprios fins.

A revista voltará a circular em 2015.

A todas e a todos uma boa leitura e os melhores votos de um Feliz Natal e Ano Novo!



Instituto Humanitas
Unisinos

UNISINOS

Endereço: Av.
Unisinos, 950,
São Leopoldo/RS.
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 – ramal 4128.

E-mail: humanitas@unisinos.br.

Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling.

Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br).

IHU

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, ISSN 1981-8769.

IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio www.ihu.unisinos.br.

Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos.

REDAÇÃO

Diretor de redação: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br).

Redação: Inácio Neutzling, Andriolli Costa MTB 896/MS (andriollic@unisinos.br), João Vitor Santos

(joaovs@unisinos.br), Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br), Patrícia Fachin MTB 13.062

(prfachin@unisinos.br) e Ricardo Machado MTB 15.598 (ricardom@unisinos.br).

Revisão: Carla Bigliardi

Projeto gráfico: Agência

Experimental de Comunicação da Unisinos – Agexcom.

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio:

Inácio Neutzling, César Sanson,

Patrícia Fachin, Fernando Dupont,

Suélen Farias, Nahiene Machado e

Larissa Tassinari

LEIA NESTA EDIÇÃO

TEMA DE CAPA | Entrevistas

- 5 **Biografias** – Teresa de Ávila e Thomas Merton
- 6 **Faustino Teixeira** – O legado de Teresa e Merton – Por uma conexão entre o amor humano e o espiritual
- 12 **Marco Vannini** – A conexão mística de Teresa de Ávila e Thomas Merton
- 18 **Giselle Gómez** – Santa Teresa e a revolução espiritual feminina
- 22 **Luciana Barbosa** – A poesia das carícias
- 28 **Cristiana Dobner** – A beleza e a incompreensão de uma vida contagiosa
- 32 **Secundino Castro Sánchez** – “Em seu eu volta a acontecer o Gênesis” – A interioridade em Santa Teresa
- 37 **Frei Betto** – O deslocamento celestial do Deus de Teresa de Ávila
- 40 **Lúcia Pedrosa-Pádua** – A liberdade da experiência no encontro com Deus
- 46 **Jesús Sanchez-Caro** – Contra a patologização psicológica da Mística
- 50 **Maximiliano Herraiz** – “Deus é antropocêntrico por ser amor”
- 52 **Sibelius Cefas Pereira** – A contemplação como resposta em Thomas Merton
- 57 **Norma Ribeiro Nasser** – A grande compaixão em Merton – Os nexos entre Cristianismo e Zen-budismo
- 61 **Baú da IHU On-Line**

DESTAQUES DA SEMANA

- 64 **Destaques On-Line**
- 66 **Timothy Lenoir** – Controle neural e neuromarketing. Uma reconfiguração do ser humano
- 72 **Tshepo Madlingozi** – A derrocada dos movimentos sociais na África pós-Apartheid

IHU EM REVISTA

- 76 **Guia de Leitura**
- 80 **Eventos 2015** – Mística, cinquentenário do Concílio Vaticano II e as metrópoles abrem o calendário de eventos do IHU em 2015
- 83 **José Eduardo Franco** – “Vieira era um Indiana Jones das missões”
- 90 **Publicação em Destaque** – A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: uma abordagem a partir de Paul Feyerabend
- 91 **Retrovisor**



twitter.com/_ihu



<http://bit.ly/ihuon>



www.ihu.unisinos.br



youtube.com/ihucomunica

Tema de Capa

Destques
da Semana

IHU em
Revista

Teresa de Ávila (1515-1582)



Teresa de Cepeda e Ahumada nasceu em Ávila, Espanha, no ano de 1515. De família nobre, desde cedo demonstrava traços de sua personalidade forte. Gostava de ler histórias de santos e chegou a fugir de casa com seu irmão para tentar evangelizar os mouros. Sua mãe faleceu quando tinha 14 anos. Assim, o pai a levou

para estudar no Convento das Agostinianas de Ávila. Quando leu as Cartas de São Jerônimo, disse que iria se tornar religiosa. Como o pai não aprovou, com 20 anos acabou fugindo para o Convento Carmelita de Encarnación, em Ávila.

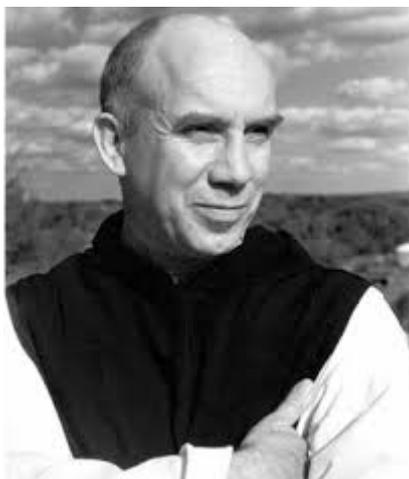
Passados 25 anos, pediu permissão ao provincial para fundar novas casas.

A intenção foi buscar uma vida mais austera e numa casa menor, já que vivia com cerca de 200 freiras. Anos depois, fundou a ordem das carmelitas descalças. Também fundou vários conventos e deixou uma extensa bibliografia. Entre os livros mais conhecidos estão *Livro da Vida* (São Paulo: Penguin Classics - Companhia das

Letras, 2010), *Caminho da Perfeição* (São Paulo: Paulus, 2014), *Moradas e Fundações* (São Paulo: Paulus, 2014), entre outros. Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas.

Santa Teresa morreu no dia 4 de outubro de 1582, com 67 anos. Foi sepultada em Alba de Tormes, onde estão suas relíquias. Foi canonizada no dia 27 de setembro de 1970, pelo Papa Paulo VI, que lhe conferiu o título de Doutora da Igreja, e sua festa é comemorada no dia 15 de outubro. Sobre Teresa, confira *Teresa - A Santa Apaixonada* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz, *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995) e *Santa Teresa de Jesus - "Livro da vida"* (4ª ed., São Paulo: Ed. Paulus, 1983).

Thomas Merton (1915-1968)



Merton é considerado o autor católico norte-americano mais influente do século XX. Sua autobiografia, *The Seven Storey Mountain* (Harcourt; 1998), já vendeu mais de um milhão de cópias e foi traduzida para mais de

quinze idiomas. É autor de mais de 60 outros livros e centenas de poemas e artigos. Sua temática vai da espiritualidade monástica aos direitos civis, não violência e da corrida armamentista nuclear.

Nasceu em Prades, França, em 31 de janeiro de 1915. Depois de uma juventude de indisciplina, Merton foi convertido ao catolicismo romano. Em 1941, entrou na Abadia de Gethsemani, uma comunidade de monges pertencentes à Ordem Cisterciense da Estrita Observância (trapistas). Os 27 anos que passou no Gethsemani trouxe mudanças profundas na sua auto-compreensão. Esta conversão permanente impeliu para a arena política, onde se tornou, de acordo com Daniel Berrigan, a consciência do movimento pacifista da década de 1960. Ainda foi defensor do movimento não violento

dos direitos civis. Por seu ativismo social, foi duramente criticado por católicos e não católicos.

Durante seus últimos anos, dedicou-se a religiões asiáticas, particularmente o Zen-Budismo. Durante uma viagem para a conferência Leste-Oeste sobre Diálogo Monástico Merton morreu, em Bangkok, em 10 de dezembro de 1968, vítima de um choque elétrico acidental. A data marcou o vigésimo sétimo aniversário de sua entrada para Gethsemani. O livro *Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários* (Rio de Janeiro: Físis, 2001) é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Físis, 1999).

O legado de Teresa e Merton – Por uma conexão entre o amor humano e o espiritual

O teólogo Faustino Teixeira expõe os nexos entre os dois místicos, para quem o amor ao próximo nunca desabrochará perfeitamente em nós se não brotar da raiz do amor de Deus

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA

Quais são os nexos que unem uma irmã religiosa carmelita do século XVI com um monge trapista que viveu quatro séculos mais tarde? Quais motivos levam a celebrar neste 2015 que se aproxima, tanto o aniversário dos 500 anos de Teresa de Ávila quanto o centenário de Thomas Merton? Para o teólogo Faustino Teixeira, a relação é evidente. Ambos se inserem numa tradição de Mística Nupcial – aquela cujo tema central é o do amor, que se insere no coração mesmo da divindade – na qual Teresa como também São João da Cruz são os ápices, e Merton, uma atualização no século XX.

Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, Faustino Teixeira aponta a força e a centralidade do amor na experiência contemplativa como a principal aproximação entre ambos. “Teresa vai assinalar os dois fundamentais imperativos da união mística: o amor a Deus e ao próximo. A união com o Mistério maior estará para ela garantida quando estes dois amores forem atuados com carinho e delicadeza.” Para Santa Teresa “o amor ao próximo nunca desabrochará perfeitamente se não brotar da raiz do amor de Deus”. De mesmo modo, Merton defendia que a vida no amor “constitui o ápice de seu itinerário espiritual e contemplativo”.

“Nesse caminho espiritual a oração ganha um lugar de centralidade, enquanto momento especial e garantido para a arrumação da casa interior, de unificação da vida”, aponta o teólogo, chamando atenção para a relação fundamental entre a interioridade e a ação. “O verdadeiro encontro com Deus ou o Mistério não isola o sujeito do mundo e do tempo. Ocorre em geral um momento de concentração espiritual, de quietude, de solidão”, relata. A sen-

sação, no entanto, é sempre fruto do instante, pontual, “e essa experiência interior guarda o segredo essencial de uma retomada da experiência no mundo pontuada por olhar singular, de quem viveu a experiência radical da humildade e do despojamento”.

Teixeira trabalha ainda a corporalidade na obra de Teresa de Jesus, e os modos como esta entra com vigor na dinâmica amorosa com o Mistério sempre maior. “Teresa retomava sempre essa ideia da receptividade do Mistério através do suporte humano: ‘Deve-se buscar o criador por intermédio das criaturas’ (Vida, 22,8). Não sem razão, sua paixão imensa pela “sacratíssima humanidade” de Jesus. Na verdade, não há como excluir o corpo da experiência espiritual: corpo e espírito oram simultaneamente”.

Faustino Teixeira é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora – PPCIR-UFJF, pesquisador do CNPq e consultor do ISER-Assessoria. É pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Entre suas publicações, encontram-se *Teologia e pluralismo religioso* (São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012); *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas* (Petrópolis: Vozes, 2009); *Ecumenismo e diálogo inter-religioso* (Aparecida do Norte: Santuário, 2008); *Nas teias da delicadeza: Itinerários místicos* (São Paulo: Paulinas, 2006); *No limiar do mistério. Mística e religião* (São Paulo: Paulinas, 2004); e *Os caminhos da mística* (São Paulo: Paulinas, 2012).

Recentemente publicou, em co-autoria com Renata Menezes, *Religiões em Movimento. O Censo de 2010* (Petrópolis: Vozes, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Que nexos aproximam as trajetórias místicas de Teresa de Ávila¹ e de Thomas Merton²?

Faustino Teixeira – A mística cristã ocidental trilhou caminhos singulares. Por um lado, temos uma tradição que privilegiou mais o caminho especulativo, do conhecimento. Trata-se, como mostrou Henrique Cláudio de Lima Vaz³, de uma mística que se

firma no “prolongamento da experiência metafísica em termos de intensidade experiencial”. Ela expressa o substantivo esforço do espírito humano, no roteiro do logos, de penetrar “no domínio do translógico”. O seu itinerário bebe do dinâmico encontro entre cristianismo e platonismo. Por outro, temos a chamada “mística nupcial” (Brautmystik), que floresce no cristianismo – desde Orígenes⁴ – com a interpretação alegórica do Cântico dos Cânticos. Ela atravessa a mística medieval, com a presença importante de Bernardo de Claraval⁵ e a mística

cisterciense, e alcança seu ponto culminante, em riqueza simbólica e doutrinal, com São João da Cruz⁶ e Teresa de Ávila. Mas podemos acrescentar aí também a experiência cisterciense de Thomas Merton.

Não teria dúvida em apontar comonexo mais importante que vincula os dois grandes místicos, a força e centralidade do amor na experiência contemplativa. Isto era chave para Teresa, e também para Thomas Merton. Em suas Moradas, Teresa vai assinalar os dois fundamentais imperativos da união mística: o amor a Deus e ao próximo. A união com o Mistério maior estará para ela garantida quando estes dois amores forem atuados com carinho e delicadeza. Dizia: “Quanto mais adiantadas estiverdes no amor ao próximo, tanto mais o estareis no amor de Deus”. E depois complementa afirmando que “o amor ao próximo nunca desabrochará perfeitamente em nós se não brotar da raiz do amor de Deus”. Assim também em Merton, a vida no amor constitui o ápice de seu itinerário espiritual e contemplativo. Dizia numa de suas obras, *A vida silenciosa* (Petrópolis: Vozes, 2002), que o modo de ser “espiritual” da vida monástica envolve a encarnação no tempo, nas alegrias, dores, perigos e lutas que pontuam a dinâmica da criação. É justamente por estarem “absortos em Deus” que os santos voltavam-se com todo o seu em-

res e religiosas. Uma das mais famosas foi a ordem dos cavaleiros templários. (Nota da IHU On-Line)

6 João de Yepes ou São João da Cruz (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567 encontra-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe fala sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, inicia a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675 foi beatificado por Clemente X. Foi canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952 foi proclamado “Patrono dos Poetas Espanhóis”. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002). (Nota da IHU On-Line)

1 Teresa de Ávila (1515-1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior o Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira *Teresa - A Santa Apaixonada* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz; *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995) e *Santa Teresa de Jesus - “Livro da vida”* (4ª ed., São Paulo: Ed. Paulus, 1983). (Nota da IHU On-Line)

2 Thomas Merton (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, pioneiro no ecumenismo no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro *Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários* (Rio de Janeiro: Fisis, 2001), é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Fisis, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da edição 133 da IHU On-Line, de 21-03-2005, publicamos um artigo de *Ernesto Cardenal, discípulo de Merton*, que fala sobre sua relação com o monge. (Nota da IHU On-Line)

3 Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A revista *Síntese* número 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o artigo *Um Depoimento sobre o Padre Vaz*, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. A IHU On-Line número 19, de 27-05-2002, disponível em <http://bit.ly/ihuon19>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz, com o título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na IHU On-Line nº 140, de 09-05-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria Memória em homenagem a Lima Vaz, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon142>. Confira ainda a entrevista *Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa*

sa, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon186>; *Vaz e a filosofia da natureza*, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Veja também os artigos intitulados *O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental*, na edição 185, de 19-06-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e *Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz*, na edição 189, de 31-07-06, disponível em <http://bit.ly/ihuon189>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a IHU On-Line 197, de 25-09-2006, trouxe como tema de capa *A política em tempos de niilismo ético*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon197a>. Padre Vaz e o diálogo com a modernidade foi o tema abordado por Marcelo Perine em uma conferência em 22-05-2007, no Simpósio Internacional *O futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?* Leia, também, a edição 374 da IHU On-Line sobre o legado filosófico vaziano, de 26-09-2011, em <http://bit.ly/ihuon374>. O *Cadernos IHU* em sua 42ª edição também teve um tema dedicado ao pensador, intitulado *Ética e Intersubjetividade: a filosofia do agir humano segundo Lima Vaz*, de autoria de Antonio Marcos Alves da Silva. Acesse pelo link <http://bit.ly/cadihu42>. (Nota da IHU On-Line)

4 Orígenes de Alexandria ou Orígenes, o Cristão (185-253): foi um teólogo, filósofo neoplatônico patrístico e um dos Padres gregos. Um dos mais distintos pupilos de Amônio de Alexandria, Orígenes foi um prolífico escritor cristão, de grande erudição, ligado à Escola Catequética de Alexandria. (Nota da IHU On-Line)

5 Bernardo de Claraval (1090-1153): conhecido também como São Bernardo, era oriundo de uma família nobre de Fontaine-les-Dijon, perto de Dijon, na Borgonha, França. Aos 22 anos foi estudar teologia no mosteiro de Cister. Em 1115 fundou a abadia de Claraval, sendo o seu primeiro abade. Fundou 163 mosteiros em vários países da Europa. Durante sua vida monástica demonstrava grande fé em Deus serviu à igreja católica apoiando as autoridades eclesásticas acima das pretensões dos monarcas. Em função disso favoreceu a criação de ordens milita-

penho e vitalidade para ver, amar e apreciar as coisas criadas.

IHU On-Line – Em 2015 celebramos os 100 anos do nascimento de Merton e 500 anos do nascimento de Santa Teresa. Em que sentido suas trajetórias e seu “diálogo” com o Mistério inspiram a contemporaneidade e a crise epocal na qual estamos mergulhados?

Faustino Teixeira – Sem dúvida, o ano de 2015 estará adornado com estas duas lindas celebrações. Será a ocasião propícia para pensar com calma na crise epocal que nos envolve e preocupa. Já dizia Lima Vaz que toda nossa revolução antropocêntrica, que se desdobra agora nos descasos do Antropoceno,⁷ produziu uma “dissolução da inteligência espiritual”. Isso é muito grave e merece a nossa atenção. O grande legado de Teresa e Merton é uma convocação ao mundo interior, ao desaparego, à desaceleração, de forma a afinar os sentidos para poder captar o canto da criação. Em página de seu diário, em outubro de 1965, Merton dizia: “Não venho à solidão para ‘atingir os pícaros da contemplação’, mas para descobrir penosamente, para mim mesmo e para meus irmãos, a verdadeira dimensão escatológica de nosso chamado”. A solidão para ele devia ser sempre sonora, com a disponibilidade de tudo abarcar, ela é simplesmente “a plenitude do amor que não rejeita nada e ninguém, que se abre para Todos em Tudo” (em página de seu diário, de 14 de abril de 1966).

IHU On-Line – A montanha dos sete patamares (Petrópolis: Vozes, 2005) fez de Merton o monge mais famoso do mundo. O que esse livro tem de especial?

Faustino Teixeira – É a obra que traça o primeiro itinerário espiritual de Merton e sua experiência de conversão. Não há quem leia esse livro sem se apaixonar. O caminho ali traçado é de uma beleza singular. Fala de seu nascimento nos Pirineus franceses, na presença acolhedora e artística de seus pais; de sua formação

nos Estados Unidos e Inglaterra, bem como de suas viagens pela Europa. Em meio a um rico percurso cultural e político ele vive o chamado à conversão. Para esse momento de luz teve grande importância a presença de um monge, o Doutor Brahmachari⁸, com o qual selou um caminho de amizade e confiança. E isto se deu em razão de uma convergência especial: os dois procuravam um “gênero de vida que tivesse Deus como centro”. Para Merton, foi certo o conselho recebido do monge: “Existem belíssimos livros místicos escritos pelos cristãos. Você devia ler as *Confissões* de Santo Agostinho e *A Imitação de Cristo*”. O monge que vem de longe aconselha ao Merton buscador ceifar no âmbito da mística cristã o caminho de profundidade. Estava aberta a senha para o seu itinerário espiritual, que será desdobrado em sua experiência na Trapa.

IHU On-Line – Em que medida Thomas Merton foi um ativista do espírito, um argonauta explorando a alma cristã, uma ponte entre o Leste e o Oeste?

Faustino Teixeira – Muito boa essa referência a Merton como um argonauta do espírito. Isso me faz lembrar a aventura antropológica de Malinowski¹⁰ nas ilhas mais afastadas da

Nova Guiné, e aquele seu relato maravilhoso sobre o início de sua expedição: “Imagine-se o leitor repentinamente sozinho, em meio a todo o seu equipamento, em uma praia tropical perto de uma aldeia nativa, enquanto a lancha ou o escalor que o trouxe vai-se afastando no mar até sumir de vista”. E aí o antropólogo se vê sozinho no alojamento, tendo então que empreender juntos aos “outros” o seu trabalho etnográfico.

Com Merton aconteceu algo semelhante: veio desafiado a viver a sua experiência monacal em radical abertura ao mundo da diferença. E o curioso nisso tudo é que, à medida que avançava em sua unificação interior, na vida meditativa, mais dilatava o caminho de sua abertura aos universos novos, e em particular ao budismo. O diálogo e abertura a esta tradição foi um dos principais interesses intelectuais e espirituais de Merton, que foi ganhando terreno na sua vida, sendo coroado na sua peregrinação asiática de 1968. No contato com os monges asiáticos pôde perceber a riqueza da vida contemplativa, para além da circunscrição cristã: “São especialistas em meditação e contemplação. Isto é o que mais me atrai. Não se pode calcular o valor do contato direto com gente que, na realidade, trabalhou a vida inteira treinando a mente e se libertando da paixão e da ilusão”. A experiência e contato com gente dessas grandes tradições asiáticas favoreceu um aprendizado novo para Merton, de que na abertura dialogal se firma uma maravilhosa oportunidade de aprendizado sobre as potencialidades da própria tradição cristã.

IHU On-Line – Qual é o grande legado místico de Teresa de Ávila e como se pode descrevê-lo?

Faustino Teixeira – Vejo como legado essa íntima conexão entre o amor espiritual e o amor humano. Não se trata, em hipótese alguma, de caminhos separados, como se houvesse duas vias paralelas e desvincu-

buição de Malinowski à antropologia foi o desenvolvimento de um novo método de investigação de campo, cuja origem remonta à sua intensa experiência de pesquisa na Austrália, inicialmente, com o povo Mailu (1915) e, posteriormente, com os nativos das Ilhas Trobriand (1915-1917). (Nota da IHU On-Line)

⁷ **Antropoceno:** termo usado por alguns cientistas para descrever o período mais recente na história do Planeta Terra. (Nota da IHU On-Line).

⁸ **Mahanambata Brahmachari** (1904-1999): monge hindu, iogue da ordem Mahauddharan. Filósofo, escritor e mestre religioso. Enviado para representar o grupo MahanamSampradaya nos Estados Unidos, obteve o doutorado em Teologia Vaishnava na Universidade de Chicago. Lá teve diversas discussões com Thomas Merton, e o incitou - para a surpresa de Merton - a explorar sua própria tradição e espiritualidade cristã ao invés de aprender mais sobre o hinduísmo. (Nota da IHU On-Line)

⁹ **Imitação de Cristo:** obra da literatura devocional publicada no século XV por Tomás de Kempis. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ **Bronislaw Kasper Malinowski** (1884-1942): antropólogo polaco considerado um dos fundadores da moderna antropologia social, também conhecida como a escola funcionalista. Suas grandes influências incluíam James Frazer e Ernst Mach. Segundo o antropólogo Ernest Gellner, Malinowski tomou uma posição original em relação aos conflitos de ideias do seu tempo. Ele não repudiou o nacionalismo, uma das ideologias nascentes e marcantes do século XIX, mas fusionou o romantismo com o positivismo de uma nova maneira, tornando possível investigar as velhas comunidades, porém, ao mesmo tempo, recusando conferir autoridade ao passado. A principal contri-

ladas. Não, diz Teresa com toda a convicção, a experiência de Deus passa pelo caminho dos outros e das obras. Ela é enfática nesse ponto: “A oração serve para chegar aqui, filhas minhas. Eis a finalidade deste matrimônio espiritual: que dele nasçam obras, sempre obras” (VII M, 4,6). Amor a Deus e amor ao próximo, é o que pede o Senhor, diz Teresa com serenidade exemplar.

Nesse caminho espiritual a oração ganha um lugar de centralidade, enquanto momento especial e garantido para a arrumação da casa interior, de unificação da vida. É o momento em que água do rio deixa-se habitar pela água do céu, a ponto de confundirem-se num bailado de grandeza indizível. Advertindo, porém, aqueles que acabam se fechando no mundo da oração, Teresa indica que o essencial da vida espiritual não se encerra “nessas exterioridades”. Nada mais distante da vida espiritual autêntica do que ficar “encapotado” na oração. Ela assinala para as companheiras: “Não, irmãs, não é assim! O Senhor quer obras. Se vêes uma enferma a quem podes dar algum alívio, não tenhas receio de perder a tua devoção e compadece-te dela. E se lhe sobrevém alguma dor, doa-te como se a sentisses em ti. Se for preciso, faze jejum para lhe dar de comer” (V M 3,11).

IHU On-Line – Em que medida se pode falar de um sentimento de plenitude e de união com o mundo e Deus a partir de sua vivência mística?

Faustino Teixeira – Os grandes místicos como João da Cruz, Teresa de Ávila, Thomas Merton e Teilhard de Chardin,¹¹ para citar apenas alguns,

insistem em mostrar que o verdadeiro encontro com Deus ou o Mistério não isola o sujeito do mundo e do tempo. Ocorre em geral um momento de concentração espiritual, de quietude, de solidão, de aprofundamento pessoal e destaque, mas sempre passageiro e pontual, e essa experiência interior guarda o segredo essencial de uma retomada da experiência no mundo pontuada por olhar singular, de quem viveu a experiência radical da humildade e do despojamento. Como diz o grande estudioso de João da Cruz, Jean Baruzzi¹², “são as coisas mesmas que, repudiadas no início com a negação da noite, voltam a ser absorvidas na alma, descobertas em Deus e apaixonadamente amadas em sua grandeza”.

IHU On-Line – No Livro da Vida, Teresa de Ávila diz que não somos anjos, já que temos um corpo. A partir dessa perspectiva, e pensando ainda na escultura de Bernini,¹³ como podemos compreender a relação entre a mística e o êxtase?

Faustino Teixeira – Gosto imensamente dessa citação de Teresa no Livro da Vida: “Não somos anjos, pois temos um corpo” (Vida, 22,10). Foi a expressão que Julia Kristeva¹⁴ esco-

lheu para abrir o primeiro capítulo de seu livro: *Thérèse mon amour* (Fayard, 2008). É um tema que trabalho com afinco nas minhas aulas sobre Teresa de Ávila, a presença e participação do corpo em sua experiência mística. A corporalidade entra com vigor nessa dinâmica amorosa com o Mistério sempre maior. Teresa retomava sempre essa ideia da receptividade do Mistério através do suporte humano: “Deve-se buscar o criador por intermédio das criaturas” (Vida, 22,8). Não sem razão, sua paixão imensa pela “sacratíssima humanidade” de Jesus. Na verdade, não há como excluir o corpo da experiência espiritual: corpo e espírito oram simultaneamente. Como assinala Michel de Certeau¹⁵, torna-se quase impossível dizer se o trabalho espiritual é fruto do corpo ou do espírito. O que ocorre é que os dois participam da experiência com a mesma intensidade (Sulla Mística, Morcelliana, 2010).

Para exemplificar isso, Certeau faz recurso a uma narrativa da tradição cristã, que trata de monges dos primeiros tempos da igreja, em mea-

Roland Barthes, é uma das mais respeitadas intelectuais da atualidade. Seus pensamentos envolvem teoria literária, semiologia, filosofia e psicologia. Escreveu também quatro romances. Entre suas obras estão: *As Novas Doenças da Alma*, *Estrangeiros para nós mesmos* e *O Velho e os Lobos*. (Nota da IHU On-Line)

15 Michel de Certeau (1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIèmesiècle* (Paris: Gallimard, 1982); *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987); *La prise de parole. Et autres écrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre Certeau, confira as entrevistas *Michel de Certeau ou a erotização da história*, concedida por Elisabeth Roudinesco, e *As heterologias de Michel de Certeau*, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da IHU On-Line de 26-06-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon186>. As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos Cadernos IHU em formação, intitulado *Jesuítas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuem14>. (Nota da IHU On-Line)

11 Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo IHU em 2005. Sobre ele, leia a edição 140 da IHU On-Line, de 09-05-2005, *Teilhard de Chardin: cientista e místico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. Veja também a edição 304, de 17-08-2009, *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin*, em <http://bit.ly/ihuon304>. Confira, ainda, as entrevistas *Chardin revela a complicitade entre o espírito e a matéria*, na edição

135, de 05-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon135> e *Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry*, publicada na edição 142, de 23-05-2005, em <http://bit.ly/ihuon142>, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista *Teilhard e a teoria da evolução*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon143>. Leia também a edição 45 edição do Caderno IHU Ideias *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica*, disponível em <http://bit.ly/1l6IWAC>; a edição 78 do Cadernos de Teologia Pública, *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã*, disponível em <http://bit.ly/1pvLEG2>; e a edição 22 do Cadernos de Teologia Pública, *Terra Habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs*, disponível em <http://bit.ly/1pvJLL>. (Nota da IHU On-Line)

12 Jean Baruzzi: autor de *Saint-Jean de La Croix et le problème de l'expérience mystique*. (Nota da IHU On-Line)

13 Gian Lorenzo Bernini (1598 - 1680): Artista reconhecido do barroco italiano, distinguido como escultor e arquiteto. (Nota da IHU On-Line)

14 Julia Kristeva (1941): psicanalista búlgara, professora de Linguística na Universidade de Paris e autora de mais de trinta livros consagrados. Aluna de

dos do III e IV séculos. Durante a noite mantinham-se de pé, em posição de espera. Altivos como as árvores, as mãos elevadas ao céu e o rosto voltado para o horizonte de onde nasceria o sol. Por toda a noite, seus corpos aguardavam o alçar da manhã. Essa era a sua oração, desprovida de palavras, ou melhor, as palavras vinham traduzidas naquele corpo em espera. Estavam simplesmente ali... Ao raiar do dia, quando os primeiros raios solares banhavam a palma de suas mãos, podiam então encerrar a atividade e repousar. Tudo isso, um trabalho conjugado do corpo com o espírito.

Quanto ao êxtase, Teresa trata desta questão com muita acuidade no *Livro da Vida*. O corpo, tomado pela presença do Senhor, envolvido pelo sentimento de sua viva presença, reverbera de emoção e ternura: “De maneira alguma podia duvidar de que o Senhor estivesse dentro de mim ou que eu estivesse toda mergulhada nele” (Vida 10, 1). Diante desta presença, o corpo e a alma desfalecem: o fôlego esvanece; os olhos se fecham e quase nada se vê; os sentidos perdem a sua função e a fala se torna difícil. A pessoa vem tomada pelo sentimento “de estar junto de Deus” e o que se passa é um “um não-entender entendendo”. Mas Teresa tinha consciência viva de que o êxtase que a tomava não era o mais decisivo e o mais importante. Não gostava, definitivamente, de viver uma tal experiência, sobretudo em público: ficava envergonhada e angustiada. Em linha de semelhança com os malamatis sufis¹⁶, preferia guardar esse “abandono a Deus” para a intimidade com ele. A vida espiritual, dizia, deve estar sempre adornada pela humildade e pela gratuidade. Nesse sentido, o êxtase público podia enfraquecer esse dado e provocar a atração indevida, deslocando a atenção para o que deveria ser o verdadeiro horizonte da experiência: nada de bom procede do sujeito, mas de Deus (Vida, 31,14).

IHU On-Line – Para além da categoria da racionalidade, do logos, a

¹⁶ Malamatiyya ou Malamatis: grupo místico muçulmano ativo no século IX. Eles acreditavam no valor da culpa, da piedade e da estima. (Nota da IHU On-Line)

mística de Teresa abre caminhos para a transcendência, para o Mistério. Em que aspectos esse canto das coisas desdobra uma vida mais radical ou mesmo irradiadora do Mistério?

Faustino Teixeira – Toda a mística de Teresa vem pontuada pela dinâmica do despojamento e da gratuidade. Sem essa chave fica difícil entender e penetrar na morada da sua vida espiritual. E o caminho para se trabalhar essa gratuidade é o que passa pela oração. Ela é esse “trato de amizade com Deus”, que vai polindo o sujeito, deslocando de si o centro de referência fundamental e favorecendo a dinâmica de uma transparência e disponibilidade que marcam o cerne da espiritualidade. Em linha de sintonia com Agostinho, Teresa insiste em dizer que “tudo vem de Deus”, e que é ele, com suas artimanhas, que possibilita essa introdução do sujeito no centro da Morada (VM 1,11-12). A presença junto ao Mistério, quando se pensa menos e se contempla mais, suscita a unificação da vida, que por sua vez joga o sujeito novamente no tempo para um acordo diferente com ele. É o momento da irradiação nas obras, quando cessa a dicotomia entre oração e ação. Como diz com acerto Teresa no Caminho da Perfeição: “Marta e Maria caminham juntas” (CP 31,5).

IHU On-Line – Qual é a importância de Teresa de Ávila reconhecer os limites da linguagem para nomear ou narrar o Indizível?

Faustino Teixeira – Interessante observar os prólogos das obras de grandes místicos como João da Cruz e Teresa de Ávila. No caso de João da Cruz, na abertura de seu Cântico Espiritual, ele aborda o que há de “inenarrável” nos gemidos que pontuam as expressões amorosas da inteligência mística. Quando a alma está inflamada em seu amor, ela não consegue dizer senão “dislates”. Daí se recorrer a “estranhas figuras e semelhanças” para expressar o vivido. Mas o fundamental, diz João da Cruz, para entender essa linguagem, é deixar-se habitar pela inteligência do amor, que de forma mais aguda que o saber tradicional favorece o saboreio do que ali se mostra como essencial. Igualmente Teresa, no prólogo de suas Moradas,

fala da dificuldade de escrever sobre assuntos que versam sobre a oração, e em seguida, no primeiro capítulo das Primeiras Moradas, fala em “desatino”, pois o convite que se apresenta é no mínimo estranho: convidar alguém a entrar “numa sala onde já se encontra” (IM 1,5). A linguagem é pobre para expressar o que se vive “por experiência”, mas o místico, em seu desaforo, não deixa de falar sobre o impacto de uma “visita” que o desconcerta.

IHU On-Line – Em que essa impossibilidade do dizer instiga uma outra compreensão sobre a transcendência?

Faustino Teixeira – A transcendência, como diz João da Cruz, é sempre uma “ilha estranha”, estranha a todos os que participam da aventura humana. Não há como acessar o seu Mistério a não ser consciente das sombras que envolvem qualquer inteligência. Pseudo-Dionísio Areopagita¹⁷, no final do século V, dizia que “quanto mais olhamos para cima, mais os discursos se contraem pela contemplação das coisas inteligíveis”. Nicolau de Cusa¹⁸ (1401-1464), nos albores da modernidade, reiterava que o único caminho possível ao intelecto para o acesso ao Mistério maior, era dar-se conta de sua ignorância, colocando-se na sombra. O que conseguimos acessar do Mistério, diz Cusano, são parcas alusões,

¹⁷ Pseudo-Dionísio [Dionísio o areopagita]: nome dado ao autor de uma série de escritos que exerceram grande influência sobre o pensamento medieval. Acreditou-se por muito tempo que o autor desses escritos foi discípulo de São Paulo. Hoje se considera que as obras de referência foram redigidas no final do século IV ou começos do V sob a influência neoplatônica e especialmente a base de fragmentos de Proclo. Por tal motivo costumava-se chamar a seu autor o Pseudo-Dionísio, e às vezes Dionísio, o místico. (Nota da IHU On-Line)

¹⁸ Nicolau de Cusa (1401-1464): teólogo alemão. Secundou a ação dos papas na Alemanha. Estudou na Universidade de Heidelberg, foco do nominalismo, e na de Pádua, onde aprendeu Matemática, Direito e Astronomia. Ordenado padre, teve parte notável no concílio de Basileia (1432). A seguir, foi legado pontifício, cardeal, bispo. Viveu seus últimos anos na Itália. As obras fundamentais de Nicolau de Cusa são três: *De doctignorantia*, *De conjecturis*, *Apologia doctignorantiae*. (Nota da IHU On-Line)

mediante sua captação velada “nas estrelas, nas cores e em todas as coisas”. Também João da Cruz em sua poesia dizia que quanto mais alto se ousa, tanto menos se entende. O Mistério transcende toda Ciência, e escapa a todo saber gestado em Salamanca! Sim, essa impossibilidade de dizer abertamente sobre o Mistério convoca à humildade e à kenosis, ou seja, a um procedimento indagativo diverso, marcado pela presença de uma sede que não se sacia (epektasis), e isto se traduz por abertura indefinida e disponibilidade de captação das originais e novidadeiras teias de um Mistério sempre maior.

IHU On-Line – Em que aspectos as Moradas de Teresa de Ávila revelam o Mistério eterno da união com Deus?

Faustino Teixeira – As Moradas de Teresa revelam o momento de sua maturidade espiritual, integrando a tríade essencial de sua perspectiva mística, junto com os livros: *Vida e Caminho de Perfeição* (São Paulo: Paulus, 2014). É a obra de Teresa que resume magistralmente sua teologia espiritual. Ali estão presentes os passos essenciais do caminho de acesso ao Mistério de Deus, e que revelam também o mistério do humano. São sete passos ou sete Moradas que traçam o itinerário do humano para o mais íntimo de seu ser, onde habita o braseiro de onde irradiam as mais ricas fragrâncias do Mistério que ao mesmo tempo nos envolve e escapa. Ali, no mais profundo de nós mesmos, ocorre o que há de mais delicado e gratuito na vida do humano. Os passos apresentados são também, na verdade, os passos fundamentais de dilatação do coração para que possa acolher o Mistério do Outro.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Faustino Teixeira – Gostaria, sim, de falar de um dos traços mais bonitos da mística de Thomas Merton, que trata do “ponto virgem”. Um tema que o místico trabalhou num de seus livros mais ricos: *Reflexões de um espectador culpado*, 1966 (Petrópolis: Vozes, 1970). Merton viveu 27 anos no Mosteiro de Getsêmani, entre os anos de

1941 e 1968, sendo os três últimos como eremita. Durante esse período final de sua vida, viveu uma intensa experiência espiritual marcada pela atenção e escuta da natureza. Ao momento singular chamou de “trabalho de cela”, cujo objetivo maior era evitar que os sons do tempo, que a voz de Deus e de sua presença na natureza pudessem se dispersar. O seu contato mais íntimo com tudo o que ali viveu facultou-lhe perceber a presença de um “ponto cego e suave”, que é também um ponto que habita o mais íntimo do ser humano.

Na natureza ele pode ser observado nos primeiros momentos da manhã, com os primeiros pios dos pássaros, revelando a pureza virginal da aurora. Num céu “ainda desprovido de luz real”, quando a noite vai lentamente se despedindo para o amanhecer da manhã, esse tempo nobre pode ser vivenciado: “É um momento de temor reverente e de inexprimível inocência, quando o Pai, em perfeito silêncio, lhes abre os olhos”; é também a ocasião mais maravilhosa do dia, “em que a criação em sua inocência pede licença para ‘ser’ de novo”. É um momento que guarda um “segredo inefável”, que exala a presença do Mistério e indica o traço mais nobre que habita o mais íntimo de cada um de nós.

Também no centro do humano, diz Merton, existe um “ponto virgem”, um ponto vazio, de “absoluta pobreza”, intocado ainda por qualquer dinâmica de maldade ou ilusão. Trata-se de um ponto-centelha, de “pura verdade”, que “pertence inteiramente a Deus”. Merton quis indicar com ele o caminho essencial perseguido pela experiência mística: de acessar novamente, através da humildade e do despojamento, esse pontinho de nada, que é a razão escondida do humano e que fornece a chave essencial de uma dinâmica alternativa para os caminhos da história. Merton relata uma experiência que teve em Louisville, na esquina de Fourth e Walnut, bem no centro do bairro comercial. Ali, em meio a toda aquela gente, se deu conta de que sua solidão não lhe pertencia. Foi subitamente despertado pela “segreda beleza de seus corações”, tocado pelo ponto suave da profundidade

de cada um. E indagou: “Se ao menos todos eles pudessem ver-se uns aos outros deste modo, sempre. Não haveria mais Guerra, nem ódio, nem crueldade, nem ganância... Suponho que o grande problema é que cairíamos todos de joelhos, adorando-nos uns aos outros”.

Leia Mais...

- *A presença de um mestre: Daisetz T. Suzuki*. Artigo publicado na edição 458 da **IHU On-Line**, 10-11-2014, em <http://bit.ly/ihuon458>;
- *A mística nos rastros do cotidiano*. Entrevista publicada na edição 435 da **IHU On-Line**, 16-12-2013, em <http://bit.ly/ihuon435>;
- *Por toda parte, o segredo de Deus*. Entrevista publicada na edição 407 da **IHU On-Line**, 05-11-2012; <http://bit.ly/ihuon407>;
- *O pluralismo religioso no coração da teologia*. Entrevista publicada na edição 398 da **IHU On-Line**, 13-08-2012, em <http://bit.ly/ihuon398>;
- *Mística: experiência que integra anima (feminilidade) e animus (masculinidade)*. Entrevista publicada na edição 385 da **IHU On-Line**, 19-12-2011, em <http://bit.ly/ihuon385>;
- *O Jesus de Pagola*. Entrevista publicada na edição 336 da **IHU On-Line**, 06-07-2010; em <http://bit.ly/ihuon336>;
- *Teologia Pluralista e Teologia da Revelação*. Entrevista especial publicada no sítio do IHU em 04-07-2010, em <http://bit.ly/ihu040710>;
- *Perfil – Faustino Teixeira*. Publicado na edição 314 da **IHU On-Line**, 09-11-2009, em <http://bit.ly/ihuon314>;
- *O budismo e o “silêncio sobre Deus”*. Entrevista publicada na edição 308 da **IHU On-Line**, 14-09-2009, em <http://bit.ly/ihuon308>;
- *Bento XVI e Barack Obama: novas perspectivas de diálogo com o islã*. Artigo publicado nas Notícias do Dia, 06-06-2009, em <http://bit.ly/ihu060609>;
- *Jesus de Nazaré: um fascínio duradouro*. Artigo publicado na edição 248 da **IHU On-Line**, 17-12-2007, em <http://bit.ly/ihuon248>;
- *Uma reflexão sobre o pluralismo religioso a partir de Aparecida*. Entrevista publicada na edição 244 da **IHU On-Line**, 20-06-2007, em <http://bit.ly/ihuon244>;
- *“Rûmî é o poeta da dança da Unidade”*. Entrevista publicada na edição 222 da **IHU On-Line**, 04-06-2007, em <http://bit.ly/ihuon222>;
- *Teologia da Libertação: a contribuição mais original da América Latina para o mundo*. Entrevista publicada na edição 214 da **IHU On-Line**, 02-04-2007, em <http://www.bit.ly/ihuon214>.

A conexão mística de Teresa de Ávila e Thomas Merton

Distantes quatro séculos um do outro, Teresa de Ávila e Thomas Merton unem-se pela experiência mística, explica Marco Vannini

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO | TRADUÇÃO: IVAN LAZZAROTTO

Ao pensar nas aproximações entre Teresa de Ávila e Thomas Merton é preciso, obviamente, considerar que uma das personagens viveu no século XVI, na época da Contra-Reforma, e o outro, no século XX, onde passou por uma formação internacional. Entretanto, o que nos interessa é aquilo que os aproxima, a experiência mística. “Vemos que a diferença das suas personalidades (Teresa de Ávila e Thomas Merton) e das ligações que os unia a qualquer pessoa ao seu tempo e à sua cultura, não atinge o essencial da sua experiência e da mensagem que podem nos comunicar. A sua experiência comum é, de fato, aquela da interioridade mais profunda, aquele “local místico” que é a essência do ser humano em geral”, explica Marco Vannini, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Diante do contexto do século XXI, Vannini chama atenção para o fato de que vivemos em um mundo de excessiva exposição. “Mark Zuckerberg faz prognóstico de um ‘mundo pós-privacidade’, onde não existe mais o espaço privado, porque tudo é do conhecimento de todos. Isso é terrível, porque significa de fato cancelar o espaço da intimidade, da interioridade, da reflexão, da meditação – e obviamente, de um relacionamento profundo com o Absoluto”, argumenta. “Não maravilha porém que tanta difusão de comunicação, de relações, corresponda em uma perda de essência e, por consequência, uma infelicidade igualmente grande e generalizada”, avalia.

Por fim, o pesquisador sustenta que, apesar da derrota sofrida pelo misticismo

há três séculos, “o misticismo não está mais escondido, e não pode se esconder, a partir do momento que responde às mais profundas exigências e expectativas do homem”. E complementa: “Permanece, por assim dizer, subterrâneo, excluído dos canais acadêmicos e dos círculos de poder, eclesiástico e civil, mas este eclipse tem também um aspecto positivo, porque assim o misticismo ganha novamente a própria universalidade, liberando-se de toda a confusão dogmática”.

Marco Vannini é um dos maiores estudiosos italianos da mística especulativa. Além de ter editado Mestre Eckhart e muitos outros místicos, ele é autor de inúmeros estudos, tais como *La morte dell'anima. Dalla mistica alla psicologia* (Ed. Le Lettere, 2004); *Storia della mistica occidentale* (Ed. Mondadori, 2005); *Mistica e filosofia* (Ed. Le Lettere, 2007); *La mistica delle grande religioni* (Ed. Le Lettere, 2010); *Prego Dio che mi liberi da Dio* (Ed. Bompiani, 2010), dentre outros. Em português, foi traduzida a sua *Introdução à mística* (Edições Loyola, 2005).

Este ano Marco Vannini lançou os livros *Introduzione a Eckhart. Profilo e testi* (Le Lettere: Firenze, 2014), *Indagine sulla vita eterna* (Mondadori: Milano 2014). No ano passado lançou *Lessico Místico. Le parole della saggezza* (Le Lettere: Firenze, 2013), *Oltre il Cristianesimo. Da Eckhart a Le Saux*¹ (Bompiani: Milão, 2013) e, juntamente com *Corrado Augias*, *Inchiesta su Maria. La storia vera della fanciulla che divenne mito*² (Rizzoli: Milão, 2013).

Confira a entrevista.

¹ Leia resenha sobre a obra em <http://bit.ly/1DFzRNf>. (Nota da **IHU On-Line**)

² Nota: Sobre o livro pode ser lida, entre outras, no portal do IHU, a resenha do teólogo Vito Mancuso sob o título ‘Ave Maria laica’ em <http://bit.ly/1yXQgJZ>. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line – O que as experiências místicas de Santa Teresa de Ávila e Thomas Merton têm a dizer aos homens e mulheres da contemporaneidade?

Marco Vannini – Creio que a experiência espiritual, mística, seja sim diferenciada no tempo, pela cultura, pelas características dos solteiros etc., e que essas diferenças têm importância, desde o momento que estamos profundamente colocados na dimensão do tempo, pois é difícil calar-se na mentalidade de séculos e culturas passadas – mas, no entanto, acredito que a experiência mística tenha características de universalidade tais que se pode cruzar a fronteira entre essas diferenças.

Porém, enquanto a mística concerne a essência da alma, aquilo que os místicos alemães medievais chamavam de “fundo da alma” (Grund der Seele), essa atinge o que tem de mais universal para o ser humano, igual para todos, além de todas as diferenças de lugar, tempo, cultura, etc.

É evidente que também duas personalidades como Santa Teresa de Ávila e Thomas Merton tenham sido diferentes entre si em muitos aspectos: no restante seria um absurdo pensar que uma mulher educada na Espanha do século XVI, na época da Contra-Reforma, coincida psicologicamente com um homem do século XX, que passou por várias experiências em uma formação internacional. É óbvio, por exemplo, que Teresa via a heresia protestante como um ataque à verdadeira fé católica, tão perigosa como os turcos; como por outro lado é óbvio que Thomas Merton, que foi do catolicismo ao anglicanismo, tenha visto nas mais diversas formas de fé – mesmo nas do Extremo Oriente – diferentes vias para alcançar um único objetivo, e tenha sido um apoiador ativo do ecumenismo e da paz entre os povos.

No entanto, nós contemporâneos, quando lemos as páginas destes dois grandes nomes do passado, remoto e recente, os sentimos muito próximos. Por quê? Porque, de fato, vemos que a diferença das suas personalidades e das ligações que os unia a qualquer pessoa ao seu tempo e à sua cultura, não atinge o essencial da sua experiência e da mensagem que

podem nos comunicar. A sua experiência comum é, de fato, aquela da interioridade mais profunda, aquele “local místico” que é a essência do ser humano em geral, sem conhecer o que se perdeu na “região da desigualdade” (régio dissimilitudinis) da memória agostiniana.

A mensagem deles é importante para homens e mulheres contemporâneos exatamente porque não vivemos em um tempo onde a interioridade é obscurecida e quase cancelada pela exterioridade, ou, por assim dizer em termos mais filosóficos, a essência é obscurecida e quase cancelada pelas relações. O nosso mundo é de fato um mundo de relações, de conexões: não por acaso, Mark Zuckerberg faz prognóstico de um “mundo pós-privacidade”, onde não existe mais o espaço privado, porque tudo é do conhecimento de todos, as redes sociais colocam todos em comunicação com todos e, para citar com slogan publicitário, “viver é comunicar”. Isso é terrível, porque significa de fato cancelar o espaço da intimidade, da interioridade, da reflexão, da meditação – e obviamente, de um relacionamento profundo com o Absoluto. Não maravilha porém que tanta difusão de comunicação, de relações, corresponda em uma perda de essência e, por consequência, uma infelicidade igualmente grande e generalizada.

IHU On-Line – Como analisa o legado de ambos os místicos a partir da conexão íntima entre o amor espiritual e o amor humano?

Marco Vannini – O amor como desejo do Bem nasce sempre e se alimenta da beleza, e a primeira beleza que atinge os olhos e o coração é aquela da criatura. Naquilo que Simone Weil³ considerava o texto

³ Simone Weil (1909-1943): filósofa cristã francesa. Centrou seus pensamentos sobre um aspecto que preocupa a sociedade até os dias de hoje: o tormento da injustiça. Vítima da tuberculose, recusou-se a se alimentar, para compartilhar o sofrimento de seus irmãos franceses que haviam permanecido na França e viviam os dissabores da Segunda Guerra Mundial. Sobre Weil, confira as edições 84, de 17-11-2003, *Simone Weil Palavra Viva*, disponível em <http://bit.ly/tZS-CDr>; 168, de 12-12-2005, *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres*

místico fundamental do Ocidente, *O Banquete de Platão* (Lisboa: Edições 70, 2007), a sacerdotisa Diotima explica a Sócrates⁴ que o amor nasce sempre com o desejo de um corpo bonito, mas quando o amor é maior, se transforma em desejo pela beleza da alma, e depois, degrau por degrau, se eleva até o desejo pela beleza de si próprio, ou do Bem. Assim, o poeta Dante Alighieri⁵ reconhece que o amor que sentiu pela jovem Beatriz é da mesma natureza que o “amor que move o sol e as outras estrelas” que primeiramente aquece o peito de amor.

Existe uma conexão íntima entre o amor humano, no seu sentido mais comum, exatamente de amor por uma criatura, e o amor espiritual, ou místico. Mas é necessário exercitar o discernimento já que por um lado o amor por uma criatura é amor por si mesmo, como percebia sutilmente Mestre Eckhart⁶, e neste sentido tal

que marcaram o século XX, disponível em <http://bit.ly/v0aMxT>; 313, de 03-11-2009, *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos*, disponível em <http://bit.ly/w374lt>. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Sócrates (470 a.C.-399 a.C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (*Apoloogia e Criton*). (Nota da IHU On-Line)

⁵ Dante Alighieri (1265-1321): escritor italiano. Estudou Teologia e Filosofia, sendo profundo conhecedor dos clássicos latinos e dos filósofos escolásticos. Pertenceu ao Partido Guelfo, lutou na Batalha de Campaldino contra os Gibelinos e, por volta de 1300, iniciou a carreira diplomática. Em 1302, foi preso por causa das suas atividades políticas. Iniciou-se então a segunda etapa da sua vida: o exílio definitivo, pois não aceitou as anistias de 1311 e 1315. Afastado de Florença, viveu em Verona e em Lunigiana. Sua principal obra é *A Divina Comédia*. Sobre Dante, confira a entrevista *Divina Comédia. A relação entre poesia e Deus*. Edição 301, de 20-07-2009, disponível em <http://bit.ly/LHKaXb>, concedida por Massimo Pampaloni à IHU On-Line. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Mestre Eckhart (1260-1327): nasceu em Hochheim, na Turíngia. Ingressando no convento dos dominicanos de Erfurt, estudou em Strasburgo e em Colônia. Tornou-se mestre em Teologia e ensinou em Paris. Em sua obra, está muito presente a unidade entre Deus e o homem, entre o que consideramos sobrenatural e

amor não tem nada de espiritual, é exatamente o contrário. Percebemos facilmente se o amor por uma criatura é amor por si próprio pelo fato de que neste caso o amor é o desejo de posse, a criatura serve a qualquer coisa, o amor tem um “porquê”, enquanto o amor verdadeiro é somente o desejo do bem pelo outro, “sem porquê”, como repetem incessantemente os místicos. Mas o amor espiritual não é necessariamente desencarnado: pelo contrário, pode encontrar êxito natural na intimidade física com a pessoa amada, sem lascívia, sem desejo de posse. Assim a mística medieval Margherita Porete⁷ – uma mulher que dedicou o seu trabalho, o *Espelho das almas simples* (Rio de Janeiro: Vozes, 2008), ao amor espiritual – escreve que a alma destacada perfeitamente pode conceder à natureza, sem nenhum remorso, aquilo que a natureza necessita.

É preciso ressaltar que neste âmbito a mística não se difere em nada

o que achamos ser natural. É um pensamento holístico. Para Eckhart, devemos reconhecer Deus em nós, mas este caminho não é fácil. O homem deve se “exercitar nas obras, que são seus frutos”, mas, ao mesmo tempo, “deve aprender a ser livre mesmo em meio às nossas obras”. Eckhart morreu em 1327. Em 27 de março de 1329, foi dado ao público a bula In agro dominico, através da qual o Papa João XXII condenou vinte e oito proposições do Mestre Eckhart. Das vinte e oito, dezessete foram consideradas heréticas e onze, escabrosas e temerárias. Entre estas, estava a de que nos transformamos em Deus. Mas esta condenação papal justifica-se, na medida que as ideias de Eckhart tinham uma dimensão revolucionária. Elas foram acolhidas pelas camadas populares e burguesas, que interpretavam o apelo eckhartiano à interioridade da fé e à união divina como uma rebelião implícita à exterioridade “farisaica” de uma hierarquia e de um clero moralmente decadente. Sua herança influenciou, entre outros, significativamente, a Martinho Lutero. Sobre o tema Místicas, conferir tema de capa da *IHU On-Line*, edição 133. (Nota da *IHU On-Line*)

7 Marguerite Porete (1250-1310): foi uma mística francesa e autora de *O Espelho das Almas Simples*, uma obra de espiritualidade cristã sobre as relações com o Amor Divino. Ela foi queimada na fogueira por heresia, em Paris, em 1310 depois de um longo julgamento, depois de se recusar a retirar o seu livro de circulação ou se retratar seus pontos de vista. O livro é citado como um dos principais textos da heresia medieval do Espírito Livre. (Nota da *IHU On-Line*)

“Vemos que a diferença das suas personalidades e das ligações que os unia a qualquer pessoa ao seu tempo e à sua cultura, não atinge o essencial da sua experiência”

da tradição eclesiástica comum que reconhece o casamento e a união conjugal como um sacramento.

IHU On-Line – Tendo em consideração suas trajetórias místicas em suas diferenças e também proximidades, qual é o espaço do corpo na experiência mística, com o transcendente?

Marco Vannini – Não existe dúvida de que o ser humano seja feito de corpo, alma e espírito, e que o corpo seja o elemento principal, primário, aquele que aparece primeiro, enquanto somente mais tarde emerge e se forma a alma e mais tarde ainda, quando aparece, o espírito. Sob este perfil, portanto, não podemos ignorar a corporeidade e é errada a mística que desconhece a sua realidade e importância. Dito isso, porém, é preciso também reconhecer com honestidade a verdade da antinomia, clássica e cristã juntas, entre corpo de um lado e espírito de outro, pelo qual o pagão Porfírio,⁸ na

8 Porfírio (c.232-c.304): filósofo neoplatônico e um dos mais importantes discípulos de Plotino, responsável por organizar e publicar 54 tratados do mestre na obra *As Enéadas*, composta por seis livros. Escreveu ainda uma biografia de Plotino (*A Vida de Plotino*) e comentários às obras de Platão e Aristóteles. Seu livro *Introductio in Praedicamenta* foi traduzido para o latim por Boécio e transformou-se num texto padrão nas escolas e universidades medievais, possibilitando desenvolvimentos na filosofia, teologia e

sua Carta à Marcella, tinha razão ao escrever que quem ama o corpo ama o prazer, quem ama o prazer ama o dinheiro, mas quem ama o dinheiro é fatalmente injusto, inimigo dos deuses e dos homens. O verdadeiro templo de Deus é o intelecto, o espírito, e conseqüentemente é preciso fugir do corpo, na sua dimensão carnal, o quanto for possível, para se unir Àquele que é de fato o intelecto, o espírito. E não precisamos lembrar o quanto o apóstolo Paulo⁹ insistiu sobre o conflito entre a carne e o espírito, que tem entre si desejos contrários.

A mim parece que a síntese mais equilibrada seja àquela expressa por Mestre Eckhart, que diz que o espíri-

lógica durante a Idade Média. (Nota da *IHU On-Line*)

9 Paulo de Tarso (3 - 66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A *IHU On-Line* 175, de 10-04-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em <http://bit.ly/1o55q3R>. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos *Cadernos IHU Em Formação*, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>, e a edição 55 dos *Cadernos Teologia Pública*, *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em <http://bit.ly/ihuteo55>. (Nota da *IHU On-Line*)

to não pode ser perfeito se antes disso o corpo e a alma não forem perfeitos. A perfeição aqui significa plena consciência, e com isso é preciso cuidar do corpo, conhecer o corpo, não desprezá-lo ou ignorá-lo, para que se possa ter também cuidado e conhecimento da alma e, a partir dessa, finalmente, se possa fazer surgir aquele espírito que é tão rico de conhecimento de corpo e de alma. Neste propósito, quero lembrar também a grande figura de Hildegarda de Bingen¹⁰, que dedicou amplo espaço ao conhecimento do corpo, compreendendo também a sexualidade, a saúde, a medicina, sem ouvir que isso fosse um contraste com o cuidado com a alma e o espírito.

IHU On-Line – Por que razão a mística desassossega e incomoda tanto o poder eclesial?

Marco Vannini – O misticismo seguidamente atrapalha o poder eclesiástico, acima de tudo porque é convicto de que o relacionamento entre a alma e Deus acontece sem mediações, sem nada que se interponha, sendo tanto Deus como a alma uma única coisa. Por isso é convicta de que o relacionamento entre a alma e Deus não aconteça em espaços externos, em formas litúrgicas determinadas de qualquer maneira, mas, ao invés, seja somente no profundo da alma, em um relacionamento “do só x só”,

10 Hildegarda de Bingen (1098-1179): mística, filósofa, compositora e escritora alemã, abadessa de Rupertsberg em Bingen. Hildegarda foi autora de várias obras musicais de temática religiosa incluindo *Ordo Virtutis*, uma espécie de ópera que relata um diálogo de um grupo de freiras com o Diabo. Escreveu ainda dois dos únicos livros de medicina escritos na Europa no século XII, onde demonstrou um conhecimento notável de plantas medicinais. Hildegarda alegava ter visões inspiradas por Deus, que o próprio a incentivou a escrever em livros. Após quatro tentativas de canonização, Hildegarda permanece apenas beatificada. Leia também, Hildegard de Bingen, mística medieval e santa doutora da Igreja, disponível em <http://bit.ly/1wElySG>; Hildegard de Bingen e a igualdade homem-mulher, disponível em <http://bit.ly/1GL2Hbc>; Hildegard de Bingen: os bastidores de uma promoção tardia, disponível em <http://bit.ly/1zrjHBL>; Hildegard de Bingen: futura Doutora da Igreja, disponível <http://bit.ly/13thKKs>; O ser humano sinfônico de Hildegard de Bingen, <http://bit.ly/1IWQB2z>. (Nota da IHU On-Line)

como falou Plotino¹¹. O místico adverte sempre a primazia deste relacionamento pessoal com Deus em relação a todas as formas comunitárias, e isso o coloca também em possível contraste com a autoridade religiosa.

Isso, porém, não significa que o místico esteja errado ou contra a Igreja. Pensemos por exemplo em São João da Cruz¹², de quem ninguém pode negar a fidelidade à sua Ordem e à Igreja, mas que em toda a sua obra não gasta uma palavra sobre os sacramentos. Do contrário, é preciso perceber que essa liberdade, essa autonomia do místico o tornou muitas vezes capaz de criticar nos confrontos da própria Igreja com resultados de reforma religiosa destinados a dar frutos duradouros no tempo.

IHU On-Line – Em que medida a experiência mística segue sendo incompreendida ou reduzida em sua importância ontológica e espiritual em nossos dias?

Marco Vannini – A experiência mística sofre ainda hoje a exclusão iniciada no final do século XVII, quan-

11 Plotino (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da IHU On-Line)

12 João de Yepes ou São João da Cruz (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567 encontra-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe fala sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, inicia a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675 foi beatificado por Clemente X. Foi canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952 foi proclamado “Patrono dos Poetas Espanhóis”. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002). (Nota da IHU On-Line)

do a Igreja, temendo os êxitos daquilo que chamava “quietude”, condenou Molinos¹³, Fénelon¹⁴, Madame Guyon¹⁵, etc., executando de fato a remoção do misticismo do tecido vivo da sociedade. A partir deste momento – e ainda hoje – místico significa para a opinião pública algo de excepcional, extraordinário, mas longe da sã normalidade humana. Significa então irracional, visionário, que se assemelha ao paranormal ou de certa forma com o espiritismo. De fato a ciência da alma foi, desde então, perdida pela Igreja, e originou a psicologia: hoje temos uma ciência da alma mutilada, que ignora o espírito e o espiritual, relegando-o na névoa do indefinido, se não do patológico. Aos que diziam que muitos os atribuíam a uma veia mística, Wittgenstein¹⁶

13 Miguel de Molinos (1628-1696): místico espanhol, criador de uma corrente religiosa denominada de Quietismo. (Nota da IHU On-Line)

14 François Fénelon (1651-1715): pseudônimo de François de Salignac de La Motte-Fénelon, teólogo católico apostólico romano, poeta e escritor francês, cujas ideias liberais sobre política e educação, esbarrravam contra o “statu quo” da Igreja e do Estado dessa época. Pertenceu à Academia Francesa de Letras. (Nota da IHU On-Line)

15 Jeanne-Marie Bouvier de la Motte-Guyon também conhecida como Madame Guyon (1648-1717): foi uma mística francesa e uma das principais defensoras do quietismo. Foi considerada herética pela Igreja Católica Romana e presa de 1695-1703 após a publicação de um livro sobre o tema, *Short and Easy Method of Prayer*. (Nota da IHU On-Line)

16 Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas idéias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russel e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da *IHU On-Line*, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível em <http://bit.ly/ihuon308>. Leia, também, a entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, concedida à revista *IHU On-Line* 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon362>. (Nota da IHU On-Line)

respondia amargamente que sim, era assim, mas que pensavam que era uma veia de loucura.

O misticismo voltará a ser contemplado na sua importância ontológica e espiritual quando recuperar o seu significado primário, aquele de ser o conhecimento da alma. É possível que isso inicie, ou esteja já iniciando, na medida em que se mostra a fraqueza, a insuficiência das mil e uma psicologias do nosso tempo.

IHU On-Line – Como podemos compreender a relação entre a mística e a experiência do nada e do aniquilamento do eu e da alma? O que isso significa?

Marco Vannini – Experiência do nada, aniquilação de si, morte da alma, são todas expressões substancialmente equivalentes, com as quais se indica a atividade de purificação da inteligência que se libera do condicionamento espaço-temporal, da dependência das circunstâncias – ou daquilo que em termos filosóficos se define como determinismo. É uma tarefa possível somente quando a inteligência está totalmente envolvida com o Absoluto, porque somente assim estará apta a reconhecer o relativo e de se liberar e, portanto, é uma tarefa não psicológica mas religiosa, a partir do momento que o Absoluto no qual a inteligência se envolve é o Bem Absoluto, último termo da aspiração do homem – ou aquilo que comumente se chama Deus. Não um Deus finito, determinado nas formas, porém: este corresponde somente às exigências apropriativas do sujeito e varia continuamente de acordo com o variar destas exigências. Eis a razão pela qual os místicos chamam Deus “Nada”, exatamente para negar toda determinação finita, e com isso Mestre Eckhart formula a oração: “Rezo a Deus para que me liberte de Deus” – oração aparentemente paradoxal, mas verdadeira uma vez que de um lado devemos nos liberar daquele Deus-ídolo que encarna todo o nosso eu psicológico, mas de outro é preciso voltar-se para Deus porque age no desprendimento do egoísmo que com as próprias forças é impossível realizar.

IHU On-Line – A partir desse estado de aniquilamento, como se

“Não maravilha
porém que
tanta difusão de
comunicação,
de relações,
corresponda em
uma perda de
essência e, por
consequência,
uma infelicidade”

coloca a questão do niilismo do qual é acusado o cristianismo pelas filosofias de Feuerbach¹⁷ e Nietzsche¹⁸, por exemplo?

¹⁷ **Ludwig Feuerbach** (1804-1872): filósofo alemão, reconhecido pela influência que seu pensamento exerce sobre Karl Marx. Abandona os estudos de Teologia para tornar-se aluno de Hegel, durante dois anos, em Berlim. De acordo com sua filosofia, a religião é uma forma de alienação que projeta os conceitos do ideal humano em um ser supremo. É autor de *A essência do cristianismo* (2ª ed. São Paulo: Papirus, 1997). (Nota da IHU On-Line)

¹⁸ **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo

Marco Vannini – O “nada” de Mestre Eckhart e de São João da Cruz não está relacionado com o niilismo da cultura contemporânea, pelo contrário, se pode dizer que seja o oposto, ao menos é um nada purificador, um vazio que gera pureza, liberdade (estar vazio “de” equivale a estar livre “de”) e no qual reflete uma imensa luz. A acusação de niilismo voltada para o cristianismo se justifica quando se entende o cristianismo por teologia, que depois do Iluminismo¹⁹ caiu sob golpes da ciência, da crítica histórica, da filologia, deixando um vazio que – este sim – pode horrorizar o homem contemporâneo. É evidente que o anúncio nietzschiano da “morte de Deus” choca aqueles que depositaram neste Deus suas esperanças, e esses correm o risco de cair num niilismo que assusta, mas não atinge aqueles para os quais o Deus-Outro já estava morto, junto ao ego que o gera e sustenta. Para esses, ao contrário, a “morte de Deus” é o nascimento do espírito, com a alegria infinita que isso leva consigo. “Aquilo que para os homens não livres é horror é uma imensa felicidade para

de Estudos Filosofias da diferença - Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da IHU On-Line)

¹⁹ **Iluminismo [Aufklärung]**: em português, Esclarecimento, ou ainda, mais corretamente, Iluminismo - movimento intelectual surgido na segunda metade do século XVIII (o chamado “século das luzes”) que enfatizava a razão e a ciência como formas de explicar o universo. Foi um dos movimentos impulsionadores do capitalismo e da sociedade moderna. Obteve grande dinâmica nos países protestantes e lenta porém gradual influência nos países católicos. O nome se explica porque os filósofos da época acreditavam estar iluminando as mentes das pessoas. É, de certo modo, um pensamento herdeiro da tradição do Renascimento e do Humanismo por defender a valorização do Homem e da Razão. Os iluministas acreditavam que a Razão seria a explicação para todas as coisas no universo, e se contrapunham à fé. (Nota da IHU On-Line)

os homens livres”, escreveu Meister Eckhart.

IHU On-Line – Em que aspectos a mística resiste como uma “via mestra do filosofar, que é o distanciamento, o platônico exercitar-se a morrer”?

Marco Vannini – Apesar da derrota sofrida pelo misticismo há três séculos (como dito anteriormente), o misticismo não está mais escondido, e não pode se esconder, a partir do momento que responde às mais profundas exigências e expectativas do homem. Permanece, por assim dizer, subterrâneo, excluído dos canais acadêmicos e dos círculos de poder, eclesiástico e civil, mas este eclipse tem também um aspecto positivo, porque assim o misticismo ganha novamente a própria universalidade, liberando-se de toda a confusão dogmática. Exatamente porque colocado à margem das autoridades religiosas, o misticismo recuperou o seu sentido original, aquele de ser “exercício de morte”, separado de tudo – mesmo das formas religiosas onde qualquer místico nasce e cresce – para ser o caminho do só para o só, um caminho realizado “in interiore homine”, sem nenhuma mediação. Então, no momento em que as confissões religiosas acusam a culpa da criatura contemporânea, que fragmentou as velhas teologias e dogmas, se redescobre essa via mestre de pensamento e de vida, que atravessa qualquer mutação cultural sem nem a tocar.

IHU On-Line – Quais são as tensões que se dão a partir do diálogo entre a filosofia e a mística?

Marco Vannini – A meu ver, o misticismo é, como se diz, platonicamente o verdadeiro filosofar e, com isso, por si só as tensões entre o misticismo e a filosofia não devem subsistir. Se existem – como certamente existiram e ainda existem – é porque a filosofia não é mais um gênero de vida, não é mais aquela que foi na sua origem na Grécia, mas se transformou em uma atividade unicamente intelectual, que se explica em gênero, somente com uma produção

“A meu ver, o misticismo é, como se diz, platonicamente o verdadeiro filosofar”

literária – é um escrever livros sobre outros livros – sem nenhuma incidência na vida, ou sem que se tenha mais algo a fazer com a sensatez, a sabedoria (a sophia grega). Não é por acaso que o já falecido professor Pierre Hadot²⁰ sustentava que a filosofia clássica não teve como seguidores nem as universidades medievais, onde o clero era colocado nas instituições eclesiásticas, nem na universidade moderna, onde os docentes são funcionários públicos, mas teve como único seguidor o misticismo. De fato o misticismo somente manteve a liberdade de inteligência, não submetida a nenhuma autoridade e, junto, ficou o caminho de toda a vida e não somente as atividades culturais.

Quando essas tensões existem é um sinal – a meu ver – de que o misticismo ou a filosofia, ou ambos, não são aquilo que devem ser, ou seja, não são verdadeiramente filosofia e misticismo. Habitualmente, acontece quando alguns filósofos que são além de acadêmicos não reconhecem o valor especulativo do misticismo e com isso o conside-

ram somente como uma forma de sentimento bizarra, nos limites do patológico, e portanto não influente para a cultura filosófica. Era esta a atitude típica do velho positivismo, porém muito difuso também nos nossos tempos, todas vezes que se pensa na esfera religiosa somente como uma esfera de sentimento, e não também de racionalidade. Por outro lado, também alguns místicos não reconhecem o valor da filosofia que, ao invés, durante o caminho da inteligência para a verdade, é feita “em honra a Deus”, como dizia Wittgenstein. Neste caso, porém, devo dizer que a meu ver não se trata de misticismo no sentido original, clássico, do próprio termo, e infelizmente é uma atitude deste gênero, muito difusa, que contribui para descreditar o misticismo e o colocar em contraste com a filosofia.

Na essência mais verdadeira, concluindo, misticismo e filosofia são a mesma coisa. Não por acaso nos dias atuais muitos estudiosos tendem a considerar essencialmente um filósofo, Mestre Eckhart, o qual se definia tradicionalmente um místico.

Leia mais...

- “Ninguém nunca viu a Deus”. Para a mística a verdade é sempre interior. Entrevista com Marco Vannini publicada na Edição 435, da revista **IHU On-Line**, 15-12-2014, em <http://bit.ly/1wncstx>;
- “A experiência do espírito vai muito além das distinções espaço-temporais e de gênero”. Entrevista com Marco Vannini publicada na Edição 385 da revista **IHU On-Line**, 19-12-2011, em <http://bit.ly/IHY3nA>;
- *Bento XVI, o último papa de Nietzsche*. Artigo de Marco Vannini publicado nas **Notícias do Dia**, no sítio do IHU, 13-02-2013, em <http://bit.ly/1cqz12u>;
- *A renúncia e o drama da relação fé e história*. Entrevista com Marco Vannini publicada nas **Notícias do Dia** no sítio do IHU, 10-03-2013, em <http://bit.ly/18uGhQj>;
- *O silêncio da alma: por que o Ocidente esqueceu os seus místicos*. Entrevista com Marco Vannini reproduzida nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU, 31-03-2013, em <http://bit.ly/19sy0m>.

²⁰ Pierre Hadot: filósofo francês, é um dos coautores do livro *Dicionário de ética e Filosofia Moral*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. Suas pesquisas concentraram-se primeiramente nas relações entre helenismo e cristianismo, em seguida, na mística neoplatônica e na filosofia da época helenística. Elas se orientam atualmente para uma descrição geral do fenômeno espiritual que a filosofia representa. Em português pode ser lido o livro de sua autoria *O que é a filosofia antiga?* (São Paulo: Loyola, 1999). Para uma resenha da obra confira a revista *Síntese* 75(1996), p. 547-551. A resenha do original francês é de Henrique C. de Lima Vaz. (Nota da **IHU On-Line**)

Santa Teresa e a revolução espiritual feminina

Giselle Gómez apresenta uma leitura da mística de Teresa de Jesus pelo olhar feminino, capaz de transformar a experiência de religiosidade de todos os gêneros

POR MÁRCIA JUNGES E JOÃO VITOR SANTOS / TRADUÇÃO: ANDRÉ LANGER

“Teresa de Ávila viveu a ousadia de ir além dos espaços assinalados às mulheres, atrevendo-se a converter-se em mestra de espiritualidade.” É dessa Santa Teresa que Giselle Gómez fala em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Giselle revela a face revolucionária da mística, que subverte toda a lógica hierárquica – seja dentro ou fora da igreja – de uma época. Porém, traz à tona ainda a Teresa feminista. É ela quem revela que do lugar da mulher também se pode alcançar Deus. Que Ele está presente desde a divina vocação da mulher de gerar a prole até as tarefas menos nobres que lhe cabem, como limpar o chão que os varões e toda a família pisam.

A entrevista ainda ilumina um conceito de mística para facilitar o entendimento dessa relação da história de vida de Teresa. “A mística é uma experiência que ultrapassa a lógica do fenômeno porque está intimamente relacionada com a lentidão do tempo. O fenômeno é algo rápido, se dá como de repente; a experiência faz parte de um tempo lento e cotidiano”, explica a entrevistada. “Posso afirmar que pronunciar a palavra ‘mulher’ com consciência profunda de nossa própria identidade supõe uma aprendizagem unida ao

processo de passar da dependência à liberdade, que se constrói através da superação de condicionamentos psicológicos, sociais, culturais e religiosos. Teresa viveu este processo”, complementa.

Por fim, a história que apresenta fala de uma militante que não se restringe a ensinar que a mulher tem um lugar de adoração e que podem sim alcançar o que os homens buscam. Giselle ainda mexe no sentimento dos varões, mostrando que todos – de todos os gêneros – precisam viver um pouco da mística de Teresa de Ávila. “A pessoa é chamada a viver este mesmo processo de transformação e identificação com Cristo, que supõe mudanças radicais e que implica passar da morte à vida, até chegar a perceber tudo o que acontece ao modo de Deus”, sustenta.

Giselle Gómez é integrante Companhia de Santa Teresa de Jesus. Nasceu na Nicarágua e estudou Psicologia e Teologia. Atualmente vive em Roma e faz parte da Equipe Geral da Congregação, que é responsável pela área de formação. Também acompanha o caminho dos leigos no Movimento Teresiano Apostólico – MTA e faz parte da Comissão Geral da Família Teresiana de Henrique de Osso.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que sentido se pode falar de um renascimento da consciência da mulher a partir do legado místico de Teresa de Ávila?

Giselle Gómez – Em primeiro lugar, o que entendemos por mística? Às vezes, imaginamos que consiste nos fenômenos plasmados em tantas obras artísticas. Mas não é assim; a mística é muito mais do que

isso. A mística é uma experiência que ultrapassa a lógica do fenômeno porque está intimamente relacionada com a lentidão do tempo. O fenômeno é algo rápido, se dá como de repente; a experiência faz parte de um tempo lento e cotidiano. São João expressa isso maravilhosamente bem: “O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que

contemplamos e o que nossas mãos apalparam” (1 Jo 1,1).

Em segundo lugar, constatar que nós, as mulheres, por um lado, tivemos que reproduzir o sistema para sobreviver e, por outro, aprendemos a resistir e a realizar desejos transcendentes. À medida que fomos nos fortalecendo em nosso sentido de autonomia e autoidentidade, nossa

maneira de nos situarmos impacta de maneira positiva a nós mesmas e os outros.

Dito isto, posso afirmar que pronunciar a palavra “mulher” com consciência profunda de nossa própria identidade supõe uma aprendizagem unida ao processo de passar da dependência à liberdade, que se constrói através da superação de condicionamentos psicológicos, sociais, culturais e religiosos. Teresa viveu este processo. Ela foi capaz de ouvir a si mesma, de aprender a confrontar-se com aquilo que supõe a mudança e de ir construindo outra maneira de ser mulher, até chegar a sustentar afirmações com relação ao papel das mulheres que, por serem consideradas inadequadas, foram censuradas em vários de seus escritos.

Quando a consciência de uma mulher renasce, como aconteceu com Teresa, influi nas pessoas que a cercam, gera uma ação coletiva, uma onda expansiva que brota de uma fonte interior, de um centro espiritual que recria a vida. Espelhar-nos nela nos convida a renascer. Não se trata de imitá-la, mas de descobrir a possibilidade de nos compreendermos através da sua vida e da sua palavra. E, ainda, despertar as nossas próprias potencialidades para forjar histórias criativas, autoliberadas e libertadoras. E dali tornar possível um mundo mais humano e mais divino. Mas, diga-se de passagem, isto é válido também para os homens, embora você tenha me perguntado somente sobre o renascimento da consciência da mulher.

IHU On-line – Em que medida ela rompe padrões e “desobedece” a ortodoxia esperada das mulheres de sua época, seja dentro da sua família, quando responde ao seu pai, e dentro da própria Igreja, quando transgride as normas estabelecidas?

Giselle Gómez – Teresa fez muitas opções que implicaram em sair do estabelecido. Poderia dizer muitas coisas. Esta pergunta dá para fazer uma tese, mas resalto algumas coisas por seu especial significado:

Sendo jovem, como você bem diz, desobedece ao seu pai quando vai para o convento. Em uma sociedade na qual as mulheres tinham que aceitar o marido indicado pelos pais ou o

convento indicado por eles, ela decide por si mesma entrar em um caminho que a levaria a descobrir o melhor dela mesma e a implicar-se nos movimentos históricos da realidade de seu tempo.

Já sendo monja, adentra na experiência profunda da espiritualidade. Hoje, isso nos parece que não é tão difícil, mas não foi assim. A ortodoxia vigente permitia e aconselhava as orações vocais. Atrever-se a encontrar Deus no profundo era um perigo. Suspeitava-se de quem defendia que Deus poderia revelar-se à pessoa sem necessidade de uma mediação eclesial. A leitura da Sagrada Escritura era patrimônio dos eruditos. Era proibido traduzi-la para a língua do povo. Acreditava-se que o contato com a Palavra prejudicava as mulheres e os ignorantes. Portanto, ter “oração mental” era um atrevimento. Mais ainda, ensinar a outros este caminho. Teresa converte-se em mestra de espiritualidade, mas não apenas para suas monjas. Muitos de seus confessores converteram-se em seus discípulos. De fato, delatam-na à Inquisição, porque se atrevia a chamar o seu confessor de “filho”. Isso era considerado uma inversão da ordem natural, porque se acreditava que todo homem clérigo era superior a uma mulher, por ser homem e pelo poder sagrado. Quem era ela para atrever-se a semelhante coisa!

Em um dado momento da sua vida, sente a necessidade, junto com outras, de voltar às raízes do Carmelo. Não se sente satisfeita em um convento de mais de 100 monjas, no qual as relações não podem ser profundas, em um clima que dificulta a ajuda mútua para viver as exigências da fé. Em meio a uma oposição muito forte, funda um pequeno mosteiro no qual se possa realizar esse sonho. Uma vez validada a sua instituição, Teresa segue fazendo fundações em todo o território espanhol. Sai do âmbito do privado desafiando o lugar assinalado às mulheres, visita as suas monjas, acompanhadas, forma-as... Seu estilo de vida provoca a crítica das autoridades da Igreja, tanto que dela se diz que era “mulher irrequieta e andarilha, desobediente e contumaz, que a título de devoção inventava más doutri-

nas, andando fora da clausura, contra a ordem do Concílio de Trento e prelados, ensinando como mestra, contra o que São Paulo ensinou ordenando que as mulheres não ensinassem”. Poderia ter desistido, no entanto, segue em frente e sente-se confirmada pelo Senhor que lhe diz: “Diga-lhes que não se guiem por apenas uma parte da Escritura; que olhem outras, e vejam se poderão porventura atar-me as mãos”.

IHU On-Line – Teresa é reconhecida por seu papel como reformadora e fundadora de conventos. Como esse “novo estilo de vida” dos mosteiros se relaciona com a mística e a espiritualidade de Teresa?

Giselle Gómez – Teresa quer que suas irmãs acreditem verdadeiramente que não estão “ocas por dentro”, que são mulheres habitadas por Deus. Nisso consiste a formosura e a dignidade da pessoa. Sua maneira de viver nos novos conventos vai conduzindo as irmãs a fazer a experiência desta verdade até que Deus fique impresso em suas entranhas. Para isso, elas têm que se dispor a entrar em si mesmas, passear por seu castelo interior no qual há muitas moradas situadas não de maneira linear, mas antes em forma de espiral. É um itinerário espiritual que supõe, como a palavra entranha, um caminho dinâmico que implica o conhecimento pessoal e o conhecimento de Deus, em Jesus de Nazaré, até familiarizar-se com sua maneira de ser e de agir de forma que se dá um processo de transformação n’Ele.

Para utilizar uma de suas comparações, trata-se do processo do bicho da seda, que se envolve nele mesmo em um casulo feito com os seus próprios fios de seda e chega a converter-se em borboleta. A pessoa é chamada a viver este mesmo processo de transformação e identificação com Cristo, que supõe mudanças radicais e que implica passar da morte à vida, até chegar a perceber tudo o que acontece ao modo de Deus. Todo este caminho do verme convertido em borboleta aponta para sair da autorreferencialidade para a entrega gratuita. A vida nova expressada na borboleta indica que a pessoa viveu um processo de cura transformadora,

impulsionada e sustentada por Aquele que habita na morada principal, e que a animava a viver para servir.

IHU On-Line – Para além dos êxtases, cujo grande expoente está imortalizado pela estátua de Bernini, qual é a contribuição de Teresa de Ávila para a dimensão cotidiana da fé e da obra? Qual é a novidade da trajetória mística de Teresa de Ávila?

Giselle Gómez – Na história de Teresa pode-se palpar que Deus irrompe no humano de múltiplas maneiras. Ela nos ajuda a redescobrir outras dimensões da espiritualidade que foram emudecidas e que apontam para uma mudança na maneira de compreender a vida e de situar-se na história. Podemos descobri-lo em sua simbologia que ela chama de “comparações grosseiras”, porque sua experiência ultrapassa a eloquência de suas palavras. Por isso é capaz de dizer, no auge da sua experiência espiritual, que a razão de ser da união profunda com Deus (experiência do casamento espiritual) é que nasçam obras.

Por isso dirá também, de maneira mais coloquial, essa frase tão conhecida: “também entre os *puncheros*¹ se encontra o Senhor”. Neste sentido, o mundo doméstico, esse espaço tradicionalmente designado às mulheres, converte-se em uma fonte importante para sua expressão simbólica da experiência de Deus.

Encontrar Deus entre os *puncheros* implica também que Marta e Maria, que tradicionalmente foram separadas pela dicotomia ação-contemplação, andarão juntas. Esta expressão converte-se no grito de Teresa para reconciliar o que significam estas duas mulheres no itinerário espiritual, como vislumbrando o que séculos depois afirmaria a teologia feminina: que as duas figuras não são dicotômicas, mas protótipos de dois estilos de comunidades na Igreja. Para Teresa, estas duas mulheres são ícones inseparáveis que ultrapassam qualquer dualismo e se convertem em transparência de uma mesma realidade: uma vida integrada no amor.

1 *Puncheros*: painéis onde se cozinha. (Nota da entrevistada)

A espiritualidade de Teresa passa pela ética. Ela nos recorda que no centro da experiência mística está a consciência de ser família humana e que, como dirá o seu discípulo João da Cruz, “à tarde te examinarão no amor”. “Ser deveras espirituais”, como ela mesma diz, supõe um processo de libertação do egocentrismo e sair da autorreferencialidade para assumir, a partir de Deus, uma atitude de responsabilidade social, de compaixão para com todos os seres humanos e a criação.

Sua maneira de viver a mística na vida, a dimensão cotidiana da fé, como você diz, conecta-se com a nossa sede de algo mais, com a necessidade profunda de encontrar respostas para as perguntas mais autênticas da vida e para o sentido da existência humana. Com o desejo, não sempre explícito, de tocar o Mistério que habita toda a realidade. Por isso nos convida a entrar no mais profundo de nosso ser e a partir dali acolher a profundidade da vida e a responsabilidade histórica que supõe.

IHU On-Line – Em que medida Teresa abre um novo caminho na Igreja em crise?

Giselle Gómez – Em Teresa nos encontramos com uma mulher que sabe situar-se e tomar postura em meio à turbulenta Igreja de seu tempo. Ela oferece sua palavra movendo-se em um delgado fio entre obediência e transgressão e aprende a resistir com a carga de sentido que esta palavra tem hoje (Processo de criação. Criar e recriar, transformar a situação, participar ativamente do processo, como disse Foucault²).

2 **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores, como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema

Teresa permanece em fidelidade criativa em meio a um clima de suspeitas até poder dizer no leito de morte: “Dou-vos muitas graças por me haverdes feito filha de vossa Igreja e que acabe eu nela. Enfim, Senhor, sou filha da Igreja”. Muitas vezes espiritualizamos esta frase e lhe damos um significado reduzido, como se a fidelidade de Teresa tivesse sido assentir a tudo acriticamente em nome da fé, também entendida de maneira simplista. Nada mais distante de seu posicionamento. Teresa era uma mulher “espiritual” com tudo o que isso implicava no século XVI. Viveu a ousadia de ir além dos espaços assinalados às mulheres, atrevido-se a converter-se em mestra de espiritualidade, em escritora e fundadora, em líder de um movimento de reforma de mulheres e de varões. Teve uma profunda capacidade de assumir o risco que supunha o fato de que a consideravam contaminada pelo fenômeno do “iluminismo”. Conseguiu captar o poder da palavra para produzir processos de transformação em pessoas e instituições. Suas cartas são um eloquente testemunho deste convencimento.

Por isso, espelhar-se nela pode ser uma janela para o que você chama de “um novo caminho em uma Igreja em crise”. Provavelmente, se vivesse hoje não faria exatamente o mesmo que fez no século XVI. Mas também hoje seria uma mulher de atitudes em nosso mundo e em nossa Igreja. Teria em pouco sua vida, ou seja, as consequências que significaria dar a

do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>; edição 364, de 06-06-2011, intitulada ‘*História da loucura*’ e o *discurso racional em debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon364>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, **Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética**. (Nota da **IHU On-Line**)

entender uma só verdade das muitas que Deus lhe revelava. Diria aos que governam o mundo e a Igreja que não é possível consentir as coisas hoje consentidas, como ela mesma escreve no *Livro da Vida* (São Paulo: Cia das Letras/Penguin Books, 2010).

IHU On-Line – Como se dava a instauração por Teresa de Ávila de comunidades de mulheres pobres, orantes e iguais, em uma sociedade hierarquizada e preconceituosa como aquela de seu tempo?

Giselle Gómez – Já antes lhe dizia que em um dado momento da sua vida ela sente a necessidade, junto com outras mulheres, de voltar às raízes do Carmelo. Não se sente satisfeita em um convento superpovoado que dificultava a autenticidade e a profundidade nas relações, que não propiciava a ajuda e o acompanhamento mútuos fundamentais para uma vida de fé e que se baseava em um modelo hierárquico, estamental³, que estabelecia diferenças entre ricas e pobres, nobres e plebeias, assim como na sociedade da época.

Teresa de Jesus tinha origens judaico-conversas, com tudo o que isso significava de exclusão na Espanha de seu tempo. Algumas das primeiras monjas de seu novo convento, São José, assim como ela, formavam parte da linhagem dos conversos. Sabiam o que implicavam os pleitos para a obtenção dos certificados de fidalguia para poderem ser aceitos honrosamente na sociedade. Em 1574, foi introduzido o “Estatuto de Limpeza de Sangue”, que dificultava a inserção na sociedade e na Igreja daqueles que tivessem sangue impuro por descendirem de judeus ou muçulmanos.

Ela nunca falou de sua linhagem judaica, mas estava empenhada em conseguir a igualdade, mesmo que fosse dentro dos muros do seu convento. Ali não havia criadas, nem iletradas, nem escravas. Nos novos conventos jamais se pedirá o Estatuto de Limpeza de Sangue. Para Teresa não contam nem a limpeza de sangue nem a fidalguia, nem era necessário provar

a igualdade das pessoas. Diante de Deus todas são iguais.

Por isso, não admite iletradas, criadas nem escravas. Também não aceita maneiras de tratar que indiquem um status superior. Nunca mais usará o título de “Dona”. Impressiona constatar que, nesta nova etapa, deixará de ser Teresa de Cepeda y Ahumada e se converterá em Teresa de Jesus. Também suas companheiras mudam seus sobrenomes civis. Entre elas, o importante era a dignidade de serem filhas de Deus. Por isso pode dizer que em seus conventos “...todas não de ser amigas, todas não de se amar, todas não de se querer, todas não de se ajudar...”.

IHU On-Line – Quais são as principais inspirações que sua trajetória oferece para as mulheres da contemporaneidade?

Giselle Gómez – Poderíamos resumi-las em algumas afirmações simples:

Teresa nos convida a conhecer a nossa riqueza interior, o que ela, como já disse, chama de “formosura e dignidade” da pessoa. Somos habitadas pelo Deus da vida. Nunca estamos sozinhas. Mas para descobrir esta verdade, faz-se necessário a solidão. Esse espaço no qual nos encontramos com o que realmente somos.

Teresa nos desafia a honrar o valor da convivência, da comunidade, da construção conjunta, da mútua credibilidade, da cumplicidade para tornar possíveis os sonhos e fortalecer-nos nas dificuldades que temos que enfrentar.

Quem faz parte da Igreja, ela incentiva a tomar postura em meio às dificuldades atuais e a buscar estratégias alternativas. Ela assumiu com coragem críticas e julgamentos, teceu relações de cumplicidade, convenceu os seus confessores para que não colocassem obstáculos ao que ela experimentava como desejo de Deus. O que isso significa para nós hoje?

Outro ponto importante é sua maneira de se relacionar com os varões e de viver a liderança com eles. Às vezes é discípula e em muitas outras vezes é mestra, filha e mãe; consulta e aconselha; é irmã e amiga. Ela promove uma nova maneira de relação entre varões e mulheres,

na qual é possível viver a ternura e o carinho, a companhia e a solidão, a cumplicidade e as alianças para tornar possível o sonho de Deus na história.

Teresa também nos fala de um modo de viver a liderança e o reconhecimento da autoridade de cada mulher. A cultura patriarcal de seu tempo (e também a nossa em muitas ocasiões) negava a autoridade legítima às mulheres, já que só pertencia aos varões. Esta maneira de pensar era passada por osmose à mentalidade feminina e obstaculizava muito o reconhecimento da autoridade em cada mulher. Teresa favorece espaços nos quais as mulheres aprendem a reconhecer-se autoridade mutuamente. Isto continua sendo um desafio para nós, reconhecer-nos mutuamente a autoridade.

Você pergunta sobre o que Teresa oferece às mulheres atuais. À exceção deste último tema, sobre a autoridade feminina, tudo o que eu disse é aplicável também aos varões. Inclusive, com alguns matizes, este último ponto também é válido para vocês, porque também representa um desafio o reconhecimento da autoridade das mulheres.

IHU On-Line – E qual é o seu principal legado e atualidade em um tempo como o nosso, marcado pelo retorno ao sagrado e pela radicalização do ateísmo, por outro lado?

Giselle Gómez – Sua certeza de que tudo está habitado, as pessoas, a realidade, a vida. Tudo está povoado de *presença*. E por isso sua convicção de que Deus convida a todos, não importa se o sabem ou não. Todas as pessoas têm sede de vida, de sentido, de encontro... Nessa sede está Deus, quer o saibamos ou não. Ela o sabe, por isso convida a entrar, a peregrinar para o interior. Muitas pessoas em nosso mundo sentem este desejo, embora não saibam ou não acreditem que Deus o colocou nelas. À medida que entram, encontram algo, alguém... uma voz interior que impele a escolher a vida.

Seu legado está plasmado em suas obras e em suas cartas. Ter tido a ousadia de escrever, preservou a sua memória e a sua mensagem.

³ **Estamental**: caracterizado pelo período medieval, é um sistema semiaberto, diferente do sistema de castas. (Nota IHU On-Line)

A poesia das carícias

Luciana Barbosa expõe as relações entre mística, poesia e erotismo em Teresa de Ávila, a quem descreve como mulher apaixonada, ardentemente enamorada de Deus

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA

Mística e poesia possuem uma proximidade inegável. Ambas tratam de um tipo de mistério, buscam o inefável e o Absoluto ou, nas palavras da pesquisadora Luciana Ignachiti Barbosa, expressam “o que está mais recôndito nos sentimentos e pensamentos do homem”, atravessando de mãos dadas os limites da lógica e da razão. Neste sentido, ainda que não se considere apropriadamente uma escritora, a poesia é ponto chave na obra de Teresa de Ávila.

Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, Barbosa, que estuda a poética na obra da santa católica, afirma que é possível distinguir dois tipos de inspiração em sua obra: a de dimensão humana – da ordem da alegria, da festa, da paródia – e a de dimensão divina. Nesta última, Teresa narra suas situações de profundo encontro de amor com Deus, vivenciado em êxtases sublimes, e “narra em suas poesias a experiência de transformar essa realidade humana em divina e a divina que deseja estar mais próxima da humana”.

Os êxtases de Teresa são famosos em sua biografia, evocando imagens que beiram o erotismo – como na escultura de Bernini, em

que a Santa é representada de modo provocativo, ao ser transpassada pela flecha de fogo de um anjo. Estas experiências inspiravam seus escritos que, por vezes, foram tidos como obra do demônio, e não de Deus, especialmente na era da Inquisição. É a *mística das carícias*, onde o derradeiro matrimônio espiritual é feito com Deus.

Mesmo hoje, o sacral e o sexual, o religioso e o afetivo parecem excluir-se mutuamente. “Teresa nunca teve vergonha de dizer o seu amor com expressões humanas, pois já afirmara mais de uma vez que ‘um só é o amor’”, relata a estudiosa. Teresa não recusa seu corpo nem seus prazeres corporais. Ao contrário, os assume ao Senhor. “Que goze o corpo, pois obedece o que quer a alma.”

Luciana Ignachiti Barbosa possui graduação em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, com especialização e mestrado em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente é doutoranda em Ciência da Religião na mesma universidade, onde trabalha a poesia das palavras de Santa Teresa de Ávila sob orientação de Faustino Teixeira.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são os nexos fundamentais entre a fusão de mística e poesia em Teresa de Ávila¹?

1 Teresa de Ávila (1515-1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior ou Libro de las siete moradas* (1588). Escre-

Luciana Barbosa – É importante salientar que sentimentos místicos e sentimentos poéticos têm muito em comum, pois a poesia vai expressar um tipo de mistério, o oculto que está

veu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira *Teresa - A Santa Apaixonada* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz; *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995) e *Santa Teresa de Jesus - “Livro da vida”* (4ª ed., São Paulo: Ed. Paulus, 1983). (Nota da IHU On-Line)

para além dos olhos e da mente, ela vai expressar o que está mais recôndito nos sentimentos e pensamentos do homem, atravessa esse umbral entre a lógica e a razão que a mística também transpõe. Diz Martin del Blanco² no livro *Teresa de Jesus. Escritora y poetisa* (Burgos: Monte Carmelo, 2001): “Assim o confirma a vida e a história de tantos místicos que têm

2 Maurício Martin Del Blanco: professor da Facultad Teología del Norte de España. (Nota da IHU On-Line)

compartilhado suas celebrações interiores profundas com Deus através de belos versos e de poemas íntimos”.

É digno de se notar que quase todos os poetas de primeira linha da língua castelhana foram místicos conhecidos, o que mostra a intrínseca relação entre poesia e mística, são os elementos humanos e divinos que vêm sempre unidos no poeta e no místico. Dessa forma o poeta embeleza o que vulgarmente poderia estar escondido, obscuro, impossível de ser atrativo, e que aos seus olhos toca o sentimento. E sobre esse comungar de poetas e místicos continua del Blanco: “O poeta faz, de alguma maneira, a experiência mística do que vive, sente e gosta, para poder logo comunicá-la em poesia. E o místico tem vivenciado a realidade que está interiorizada e pode comunicar essa vivência mística de forma mais poética”.

Podem-se distinguir dois tipos de inspiração poética em Teresa, a inspiração da dimensão humana e outra de dimensão divina. Na dimensão humana ela compunha poesias para colocar alegria e festa na vida monótona dos mosteiros, nas rigorosas disciplinas que ali havia. Teresa sempre trazia um toque de humor, compunha paródias para dar mais leveza às rigorosas tradições monásticas. No âmbito da dimensão divina, ela vai narrar as situações de profundo encontro de amor com Deus, de vivenciar esse amor, esses êxtases sublimes, e narra em suas poesias a experiência de transformar essa realidade humana em divina e a divina que deseja estar mais próxima da humana.

A monja, no entanto, não se considera poeta. No *Livro da Vida* vai deixar claro que, apesar de fazer versos muito sentidos, isso não a transforma em uma escritora. Diz-nos: “Sei de uma pessoa que, sem ser poeta, lhe acontecia improvisar estrofes muito expressivas, declarando seu penar. Não as fazia com o intelecto, mas para mais regozijar-se da glória que tão saborosa pena lhe causava”. Mesmo ela não se considerando poeta, ela de fato o é. O estado místico pode avivar

ou apontar certo *numen*³ poético, porém ele não pode criá-lo.

IHU On-Line – Como a *Mística das carícias se mescla com a poesia na obra dessa santa?*

Luciana Barbosa – A respeito da *Mística das Carícias*, Faustino Teixeira⁴ vai dizer em seu texto *Mística: Experiência que integra Anima e Animus*⁵ que “assim como João da Cruz, Teresa é uma ‘mística das carícias’, da proximidade amorosa e do envolvimento corporal”. Ela chamará esse envolvimento de “atividades íntimas” e, em suas poesias, ela se apresentará irrompendo em palavras de ternura, exclamações impossíveis de reprimir “oh! Vida de minha vida!” ou “Oh! Sustento que me sustentas!”.

Em seu livro *Castelo interior ou moradas* (São Paulo: Paulus, 1997), Teresa fez a distinção de sete moradas neste Castelo que é a alma. Descreve fatos e acontecimentos pertencentes a cada uma das travessias. Conclui expondo a sétima morada, onde, efetivamente, acontece o matrimônio espiritual da alma com Deus. O matrimônio espiritual é diferente da união, visto que essa já acontecia nas outras moradas da alma. Tal matrimônio só pode acontecer na última morada, na mais íntima sala da alma, pois é lá que está o Divino Rei, Deus, na metáfora de Teresa, como um diamante que só irradia luz e amor. E a graça maior aqui será o desejo de Deus de desposar tão pequenina alma, de mostrar o seu amor a ela; Deus “(...) A tal ponto quis se unir com uma criatura, que não quer mais apartar-se dela”. Desse modo, a paz que esse amor irradia é tanta que, uma vez que a alma entra nessa morada, ela não mais o perde.

³ **Numen**: termo latino para “divindade” ou “presença divina”. É usado por sociólogos para se referir à ideia de poder mágico que reside em um objeto ou ideia. (Nota da IHU On-Line)

⁴ **Faustino Teixeira**: professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora - PPCIIR-UFJF. (Nota da IHU On-Line)
⁵ Ver a edição 385 da *IHU On-Line*, de 19-12-2014, em <http://bit.ly/ihuon385>. (Nota da IHU On-Line)

Amor

Em suas *Meditações sobre os Cantares* (Carmelo do Coração Imaculado de Maria, 1970), Teresa trata de forma mais profunda o que entende como amor. Baseia-se em trechos do Cântico dos Cânticos, e os aprofunda em seu entendimento. Assim, dirá referindo-se à passagem: “Beije-me com o beijo de sua boca” que essa é uma graça tão grande, que a alma mal pode suportar estar assim tão próxima de seu Senhor. Tendo a certeza de que ele a ama.

Nesse desposório espiritual a vontade só pode querer o amor. E não é qualquer amor, ou melhor dizendo, não se trata de amar quanto basta. Na verdade, trata-se de amar a mais do que sobra, como diz padre Antônio Vieira⁶ em seus Sermões: “Porque o amor acredita-se no supérfluo: quem ama pouco contenta-se com o que basta, quem ama muito contenta-se com o que sobeja, e quem ama mais que muito, nem com o que basta, nem com o que sobeja se contenta: ainda sobe mais acima, ainda passa mais adiante”.

E foi nisso que Teresa mais se esforçou: passar adiante, amar mais que o possível, vivificar em extremo toda graça que recebia do encontro com

⁶ **Antônio Vieira** (1608-1697): padre jesuíta, diplomata e escritor português. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Em 1641 voltou a Portugal onde exerceu funções políticas como conselheiro da Corte e embaixador de D. João IV, principalmente no que se referia às invasões holandesas do Brasil. Retornou ao Brasil em 1652, tendo estado no Maranhão, onde fez acusações aos senhores de engenho escravocratas na defesa da liberdade dos índios. Foi expulso do país, juntamente com outros jesuítas. Voltou ao Brasil em 1681. Entre suas obras estão: *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do Futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* (1957), composto por dois volumes. Confira a edição 244 da *IHU On-Line*, de 19-11-2007, *Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa*, disponível em <http://bit.ly/ihuon244>. Leia Vieira. Um Indiana Jones das missões. Entrevista especial com José Eduardo Franco, disponível em <http://bit.ly/1u5NC1Q>. (Nota da IHU On-Line)

Deus. Recitando junto com a esposa do Cantares, desabafa: “Enquanto escrevo isso, Rei meu, não estou fora dessa santa loucura celestial que me fazeis favor por vossa bondade e misericórdia, tão desprovida de méritos como sou. Permita agora, eu vos suplico, que fiquem loucos de vosso amor todos aqueles com os quais eu tratar, ou concedei que doravante com ninguém mais trate”.

IHU On-Line – Qual o lugar do erotismo em seus escritos?

Luciana Barbosa – Ernesto Cardenal⁷ poetisa sobre o erotismo: “Disseram a Gioconda Belli⁸, naquele bar, que ela poderia entreter-me com erotismo, e diziam que poderia entreter-me bastante. Eu me calei. Hoje pensei que há um erotismo sem os sentidos, para muito poucos, nele eu sou especialista”. O Erotismo da fala dos místicos sempre foi algo a deixar sem jeito muitos teólogos e estudiosos. Dessa forma, ao que parece, continua a grande dificuldade de se juntar religiosidade a expressões de amor físico. Otger Steggink⁹ afirma que: “Em nossa cultura Ocidental, o sacral e o sexual, o religioso e o afetivo parecem excluir-se mutuamente. Este mito ocidental está na relação estreita com a concepção do sagrado como separado, e do religioso como puramente espiritual, incorpóreo. Vários autores

⁷ **Ernesto Cardenal**: monge trapista nicaraguense, escritor e discípulo de Thomas Merton. Ernesto Cardenal foi ministro da Cultura da Nicarágua no governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Hoje, está rompido com a entidade. Citamos, entre as publicações de Cardenal, *Evangelio de Solentiname* (Salamanca: Sígueme, 1975); *La Revolución Perdida* (Madrid: Editorial Trotta, 2003); *Im Herzen der Revolution* (Wuppertal: Peter Hammer Verlag, 2004); *Antología poética* (Rosario: HomoSapiens Ediciones, 2004); *Catulo y Marcial* (Santiago de Chile: Ediciones Táticas Ltda, 2004). Cardenal nos enviou um texto sobre sua direção espiritual com Thomas Merton, publicada na edição 133 da **IHU On-Line**, de 21-03-2005. Acesse pelo link <http://bit.ly/ihuon133>. (Nota do **IHU On-Line**)

⁸ **Gioconda Belli** (1948): escritora, romancista e poetisa da Nicarágua. (Nota do **IHU On-Line**)

⁹ **Otger Steggink**: padre da ordem dos carmelitas descalços, autor de diversas obras sobre Santa Teresa. (Nota da **IHU On-Line**)

consideram a persistência deste mito e a incompatibilidade do sagrado e do sexual, e entre o religioso e o corpóreo, em nossa cultura ocidental, como uma crise de fundo”.

Teresa nunca teve vergonha de dizer o seu amor com expressões humanas, pois já afirmara mais de uma vez que “um só é o amor”; daí que melindres não eram condizentes com a força com que esse amor era expresso. Teresa não recusa seu corpo nem seus prazeres corporais. Da mesma forma que não recusa suas dores, com real objetividade já havia escrito às suas filhas: “não somos anjos, mas temos um corpo”. Afinal tudo é de Deus e, se o corpo pode passar por tais momentos de prazer, só o faz porque Deus o permite: “E quer o Senhor algumas vezes, como digo, que goze o corpo, pois obedece o que quer a alma”.

Assim, o que alguns críticos de Teresa podem não ter observado é que, para ela, o que o corpo podia expressar com seus arroubos, mesmo com o simbolismo erótico que era característico, era mais uma expressão do amor de Deus, não a principal, nem a mais importante. Dessa forma, o corpo de Teresa se torna palco, palco de uma união mística. Os que estavam ao seu redor poderiam presenciar os efeitos de tal encontro: o corpo inerte como que morto, a exaustão física semelhante a que procede da explosão orgástica, as fadigas em desarmonia, o intelecto com dificuldade de agir, os suspiros, as lágrimas... tudo representado no corpo, mas quem esteve em núpcias verdadeiramente fora a alma. O gozo aqui se representa no corpo, não nasce dele. Pretender restringir uma experiência mística gozosa a um estado de pura excitação física, que tem seu desaguar em uma expressão religiosa, é reduzir a um estado mínimo o seu significado.

IHU On-Line – Como os limites da linguagem se apresentam e abrem espaço para outras expressões do inefável na mística de Teresa?

Luciana Barbosa – Teresa de Jesus vai se utilizar de símbolos para ultrapassar os limites que a linguagem apresenta às expressões místicas. Estes unirão a imagem à realidade significada. Há no símbolo uma presença daquilo que se quer significar, que nos remete a um sentido oculto. Em sua narrativa ela pretende, através de aproximações, comparações, alegorias, poder introduzir o leitor no que ela vivencia profundamente em sua experiência de comunhão com o Amado. Enquanto as comparações e alegorias são expressões do entendimento racional, o símbolo será o melhor representante possível para descrever uma realidade que não se pode exprimir.

Desta forma o símbolo representará uma realidade para além daquela material e imediata (como os usados por Teresa: castelo, sol, água, ouro, etc.). Ela insiste em dizer que tais símbolos são apenas comparações e não correspondem perfeitamente à realidade simbolizada, porém não possui outra linguagem que seja mais apropriada. Diz-nos Mircea Eliade¹⁰ a

¹⁰ **Mircea Eliade** (1907-1986): escritor e filósofo romeno, uma das maiores autoridades no estudo das religiões. Estudou a linguagem dos símbolos, usada em todas as religiões, para chegar às origens, que se situariam sempre no sagrado. Em 1928 obteve seu mestrado em Filosofia na Universidade de Bucareste. Estudou sânscrito e filosofia hindu na Universidade de Calcutá (1928-1931) e morou em um *ashram* em Rishikesh, ao pé do Himalaia, na Índia. Em 1933, voltou à Universidade de Bucareste e obteve o doutorado com o tema *Yoga: Essai sur les Origines de l'q Mystique Indienne*. Em 1945, lecionou na École de Hautes Études, na Sorbonne, e, em 1956, foi professor de História das Religiões na Universidade de Chicago, Estados Unidos. Foi também *honoris causa* em numerosas universidades de todo o mundo, além de premiado em 1977 pela Academia Francesa com a Legião de Honra. Sua interpretação essencial para as culturas religiosas e a análise de experiência mítica caracterizavam suas obras. Em Eliade, o conceito de hierofania corresponde às manifestações do sagrado, desde aquelas mais elementares, como, por exemplo, sua manifestação num objeto qualquer, em uma pedra ou uma árvore, até a sua forma suprema, que, para um cristão, seria a manifestação de Deus no homem Jesus Cristo, residindo aí um ato misterioso: a manifestação de algo divino em objetos que fazem parte de nosso mundo material, “profano”. (Nota da **IHU On-Line**)

respeito dos símbolos: “um símbolo revela sempre, qualquer que seja o contexto, a unidade fundamental de diversas regiões do real, pois a imagem como tal – enquanto feixe de significação – que é verdadeira, e não apenas uma de suas significações, ou um de seus planos de referência”.

Teresa escrevia frequentemente em estado de oração ou êxtase, profundamente inspirada, dizia que as palavras lhe eram ditadas pelo Senhor, que a fazia escrever com mais facilidade e clareza. Será então neste estado psicológico que surge o símbolo, não é ela quem os cria, mas sim o Senhor no centro de sua alma. Sendo assim, a exatidão do que ela escreve não é mais determinada pelo entendimento, mas sim pelas experiências das realidades interiores da alma.

O leitor mergulha nesse texto de forma a comungar com a sua realidade interior. Por isso a poesia serve tão bem a Teresa, para que as palavras fluam para além do intelecto daquele que a lê e tire dele o que de experiência ele possa trazer, experiência de suas vivências interiores da alma. É como uma adesão íntima e irresistível a um todo aparentemente incompreensível, mas que o poeta místico tenta, com fervor, transmitir.

Os poetas acreditam e se valem de metáforas, pois compreendem que a linguagem é uma coisa viva, que precisa de tempo para revelar-se, que precisa do esforço do leitor para fazer germinar o sentido. Teresa retira suas metáforas do mundo natural, dos nossos sentidos, das estruturas sociais às quais estava sujeita, e liga-as a realidades psicológicas e espirituais de uma forma tal que consigamos trilhar com ela o caminho.

IHU On-Line – Como as obras de Teresa foram recebidas a partir dessa mescla de mística, poesia e erotismo?

Luciana Barbosa – Desde o começo, quando começa a escrever suas formas de experiência mística, seus textos são recebidos com ceticismo e alto grau de desconfiança. Teresa os mostra primeiro ao amigo Francisco

de Salcedo¹¹, que os apresenta ao frei Gaspar Daza¹². Os dois ao analisarem os textos chegam à conclusão de que suas experiências não são de Deus, mas sim do demônio, o que aumenta os já angustiosos questionamentos de Teresa a respeito de sua vivência mística; diz-nos a respeito deste parecer: “causou-me isso tanto temor e pesar, que não sabia o que fazer de mim: tudo era chorar”. Mais tarde um outro confessor, Diogo de Cetina¹³, consegue aplacar um pouco essa angústia afirmando-lhe que essa experiência era divina e a incentivando a continuar escrevendo.

Como podemos ver então, seus escritos foram recebidos com grande desconfiança por parte do ambiente teológico, que, em uma época de fogueiras e inquisições, lia com olhos de censura qualquer exclamação de encontro com o divino, em especial vindos de uma mulher... O próprio *Livro da Vida* foi recolhido pela Inquisição para um parecer, sendo absolvido mais tarde.

Mas o texto que talvez tenha deixado mais em desconforto seus confessores foi sua interpretação sobre “O Cântico dos Cânticos” escrito nos anos 60/70 do século XVI. Esse texto tem uma história bem acidentada. Seus confessores ordenaram-na que o lançasse ao fogo, o que Teresa faz em obediência, porém ele foi copiado várias vezes antes disso.

O motivo dessa história acidentada vem justamente do poder poético e simbólico de erotismo do Cântico dos Cânticos, acreditava-se que uma mulher não poderia ter entendido seu conteúdo místico. Mas Teresa entendeu muito bem essas núpcias, na verdade ela experienciava o que o texto transmitia, daí conseguir levar o leitor

¹¹ Francisco de Salcedo: homem casado que era modelo de virtude, citado nas obras completas de Santa Teresa. (Nota da IHU On-Line)

¹² Mestre Gaspar Daza: padre de Ávila, morto em 1592, citado no *Livro da Vida* de Teresa de Ávila. Doutor tido como muito virtuoso. Afirmou que Teresa era vítima dos enganos do demônio. (Nota da IHU On-Line)

¹³ Diogo de Cetina: confessor jesuíta de S. Teresa. (Nota da IHU On-Line)

pelos caminhos da experiência contida nas palavras.

Assim, a trajetória de sua obra sempre foi marcada por fortes embates em relação a seus confessores, por mais de uma vez suas obras foram lançadas ao fogo, mas, pela intensa dedicação das monjas e outros confessores seus amigos, essas obras sempre puderam ser resgatadas, em cópias ou com a própria Teresa reescrevendo o texto. Um fato é que as poesias de Teresa não foram muito pesquisadas, depois do livro do padre Ángel Custódio Vega¹⁴ de 1972, *La Poesia de Santa Teresa*, as pesquisas se mantiveram no mesmo patamar, até os estudos de Tomás Álvarez, editados no livro *Estudios Teresianos*, de 2000.

IHU On-Line – Em que aspectos Teresa funde ideias de outros místicos, como São João da Cruz, ao mencionar o “rapto místico”? O que essa expressão quer dizer?

Luciana Barbosa – Para Teresa, “Rapto Místico” é o mesmo que “arroubamento ou êxtases” diz-nos: “(...) arroubamento, êxtases, ou rapto, tudo é um em meu parecer”. Seu conceito se deriva do texto paulino na Segunda Carta aos Coríntios 12,2-4, “Se a alma está ou não unida ao corpo, enquanto isso lhe acontece, não sei dizer. Pelo menos não posso jurar que esteja nele, nem tão pouco que está o corpo sem alma”.

O nascimento da amizade entre Teresa e João da Cruz foi um feliz encontro entre dois enamorados de Deus, há uma recíproca influência entre os dois amigos, que os fazem escrever poemas com o mesmo tipo de inspiração, como por exemplo o poema “Vivo sem Viver em Mim”, que eles escrevem quase que ao mesmo tempo, cada um em sua cela.

Não se pode, também, não levar em consideração as diferenças psicológicas do homem e da mulher. A mística Teresa d’Ávila é diferente de João da Cruz, ela é ativa, propensa às ativi-

¹⁴ Ángel Custódio Vega (1894-1972): escritor, humanista e frade espanhol. (Nota da IHU On-Line)

dades, é comunicativa, com relações sociais, ela é uma mística do diálogo, da comunicação. São João da Cruz é um místico mais contemplativo, essa sua natureza se reflete em seus poemas. O fato é que os dois são poetas. Ela uma poetisa que encontra coordenadas diferentes de João da Cruz, este quase sempre partindo do humano e do cósmico, e Teresa do social e do encontro.

IHU On-Line – Psicanaliticamente, como podem ser compreendidos os êxtases vividos por Teresa de Ávila, como aquele representado pela escultura de Bernini?

Luciana Barbosa – Uma leitura superficial da obra de Teresa de Jesus pode levar ao equívoco de se pensar que Teresa desejava que suas companheiras do Carmelo compartilhassem seus êxtases, ou que as incitava a isso. Nada mais errôneo para se dizer. Que ela era uma incitadora nata, disso não há dúvida. Contudo, em nenhum de seus escritos há alguma exortação para que suas irmãs carmelitas, a quem eram destinados seus livros, se esmerassem na busca de êxtases ou arroubos místicos. Pelo contrário, estava sempre a exortar sobre a humildade que se deve ter, e como essas graças de Deus não são o ponto principal de seu amor.

Teresa de Jesus é conhecida, muito, por suas experiências de êxtases, transe e levitações. Depois de ter uma de suas visões, narrada no “Livro da Vida”, imortalizada pelo escultor italiano Bernini¹⁵, na qual um anjo traspassa seu coração com uma flecha de fogo, é que a curiosidade sobre seus estados especiais se acentuou, ainda mais quando uma santa é representada com tamanho deleite em sua imagem.

No entanto, quando se entra em contato com os textos de Teresa, reconhece-se quão vasta e profunda é sua visão de mundo e de religiosidade, que não se pode deixar de pensar

que na verdade os arroubos místicos não deixavam de ser consequência, e não condição, do contato com Deus.

Teresa de Jesus era uma grande mulher apaixonada, ardentemente enamorada de Deus e possuidora da força que essa relação a dotava. Por ser mulher, e se expressar como esposa, não passou despercebida em seu século aos olhos da Inquisição, e mais tarde aos olhos da psicanálise, que entendeu que Teresa afirmava viver com Deus o desejo e o amor que gostaria de viver com os homens.

Não se entrará aqui nas questões, desde há muito discutidas por psicanalistas, da possível patogenia do estado de Teresa. O que se torna oportuno observar é como uma sublimação amorosa pode estar presente e de que forma ela a representou no corpo. No Congresso Teresiano de 1982, o psicanalista Antoine Vergote¹⁶ trouxe uma questão interessante a respeito da sublimação no amor.

Sublimação, em termos psicanalíticos, é uma transformação dos instintos sexuais. Assim, a característica da sublimação é, mesmo sem explicitar o caráter sexual da ação, manter o seu prazer. Todavia, o que o autor defende é que Teresa pôde transformar esse prazer. Ela não recusa o prazer que esse corpo pode dar, nem o transforma em contemplação. Amor e humildade, obediência e resignação estão presentes tanto no corpo quanto na alma de Teresa.

Ela mesma não dava tanta importância a esses momentos de arroubos. Narrava-os, mas o verdadeiro gozo não estava na narração, pois muitas vezes reclamava de ter que escrever tendo tantos trabalhos a fazer. Também não estava o prazer no momento do êxtase em si, o verdadeiro gozo estava na presença de Deus, que também era dada de outras formas. Diz-nos Vergote: “A Teresa, por exemplo, não lhe dá vergonha reconhecer os prazeres e dores corporais, mas

não lhes dá mais importância que ao silêncio ou a rebelião dos sentimentos. Não é que privilegie as reverberações corporais do prazer de Deus, mas tão pouco as deprecia”. O corpo, para Teresa, se torna uma extensão de sua experiência mística; será nele que a demonstração do que é vivenciado com Deus pode se apresentar.

IHU On-Line – Em que sentido se pode dizer que a poesia e a mística de Teresa são universais e contemporâneas?

Luciana Barbosa – A contemporaneidade da poesia mística se dá justamente no encontro do leitor de qualquer época com o texto, com as palavras apresentadas através da experiência. Teresa de Jesus realiza sua obra em diálogo. Primeiro um diálogo consigo mesma, pois seus escritos são recordações de suas vivências sociais, místicas e emocionais. Depois conversa com seus possíveis leitores, primeiro, seus censores e confessores, depois seus filhos e filhas do Carmelo. Sua proximidade com as pessoas faz com que seus escritos soem como se estivesse falando em família, de forma confidencial e próxima. Por isso eles são fonte de inspiração até os dias de hoje, a autora fala de seu coração para o coração do leitor. Conhecedora que era das dores e dificuldades humanas, foca seus esforços em apresentar um Deus de puro amor, que deseja o encontro com essa alma em sofrimento e a quer em si.

Ao fazerem suas comunicações, os místicos não querem que nos reeditemos em suas experiências, mas sim provocar e suscitar a nossa, e, assim, acompanhá-los em suas expressões. Dessa forma, ao ler Teresa cria-se o carisma teresiano do leitor, o que em sua leitura o impacta, abrindo-o à sua palavra e a tornando sua. O carisma teresiano se pauta em que centremos nossa vida na relação interpessoal com Deus e com os outros. Para Teresa a base de toda a graça é a amizade. Deus ama a todos, mas nem todos correspondem a esse amor, por isso não se tornam amigos de Deus.

¹⁵ Gian Lorenzo Bernini (1598-1680): artista reconhecido do barroco italiano, distinguido como escultor e arquiteto. (Nota da IHU On-Line)

¹⁶ Antoine Vergote (1921-2013): padre católico, filósofo, psicólogo e psicanalista belga. Foi professor emérito da Universidade Católica da Lovaina. (Nota da IHU On-Line)

Assim a mística propõe entrar no segredo de Deus, na intimidade mais íntima. Perfurar a realidade, e a consequência disso é aceitar o amor com que esse Deus lhe brinda, desnudar-se, consentir em ser essa criatura amada, reconhecer esse amor ao próximo, e daí se esforçar por transmitir isso ao outro, pois em sua viagem mais profunda de encontro com Deus, o místico se encontra com o outro, e com o mundo não podendo se furtar mais de falar-lhe desse amor com a linguagem possível da experiência.

IHU On-Line – Qual o lugar dos escritos de Teresa na literatura histórica?

Luciana Barbosa – A importância histórica dos escritos de Teresa é tão relevante que faz o autor Dámaso Alonso¹⁷ em seu livro “Poesia Espanhola” escrever: “O fato de que as duas grandes espiritualidades (Teresa e João da Cruz) se tenham dedicado a essa humilde tarefa de adaptação obrigaria a considerar o fenômeno espanhol de conversão da literatura profana a plano religioso com mais atenção do que até aqui se tem feito. Esperemos que alguém escreva uma história da literatura espanhola ao divino”.

As obras poéticas dos místicos e romancistas espanhóis dão o formato do que se chamou “A idade de Ouro da Poesia Espanhola”. Como foi dito

¹⁷ Dámaso Alonso (1898-1990): poeta, filólogo e crítico literário espanhol. (Nota da IHU On-Line)

acima, é digno de se notar que quase todos os poetas de primeira linha da língua castelhana foram místicos conhecidos. Para ilustrar a importância de seus escritos gostaria de trazer aqui alguns exemplos de falas de vários autores que se encontram no dicionário de Santa Teresa de Jesus, sob o vocábulo *Algumas Avaliações Sobre o Estilo Literário Teresiano* diz-nos: “Teresa é para os artistas, como é Cervantes, uma lição perpétua: mais lição, quanto ao estilo, do que Cervantes. Em Cervantes temos o estilo “feito” e em Teresa vemos como vai “se fazendo” (Azorín¹⁸); “Por uma única página de Santa Teresa podem dar-se infinitos célebres livros de nossa literatura e das admiráveis. Não há no mundo prosa nem verso que bastem para igualar, nem ainda de longe se comparem a qualquer dos capítulos da Vida” (Menéndez Pelayo¹⁹), e para finalizar o que nos diz Schack: “Por uma única página de (seus assombrosos escritos) daria eu com gosto todos os discursos pronunciados por nossos acadêmicos e parlamentares”.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

¹⁸ Azorín [José Augusto Trinidad Martínez Ruiz] (1873-1967): novelista espanhol, ensaísta, dramaturgo e crítico literário. (Nota da IHU On-Line)

¹⁹ Marcelino Menéndez Pelayo (1856-1912): político e erudito espanhol, consagrado por seu trabalho de crítica literária, história da literatura e filologia hispânica. (Nota da IHU On-Line)

Luciana Barbosa – Gostaria de finalizar com uma poesia de Teresa intitulada “Sobre aquelas palavras: Meu Amado é meu e eu sou dele”. Esta está contida no livro *Obras Completas de Teresa de Jesus* de Tomás Álvarez, edição em português. Acredito ser uma poesia que traduz muito do que foi dito acima sobre a vivência amorosa e mística de Teresa com Deus.

Sobre Aquelas Palavras: Meu Amado é meu e eu sou Dele

Entreguei-me toda, e assim
Os corações se hão trocado:
Meu Amado é para mim,
E eu sou para meu Amado.

Quando o doce Caçador
Me atingiu com sua seta,
Nos meigos braços do Amor
Minh’alma aninhou-se, quieta.
E a vida em outra, seleta,
Totalmente se há trocado:
Meu Amado é para mim,
E eu sou para meu Amado

Era aquela seta eleita
Ervada em sucos de amor,
E minha alma ficou feita
Uma com seu Criador.
Já não quero eu outro amor,
Que a Deus me tenho entregado:
Meu Amado é para mim,
E eu sou para meu Amado

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

A beleza e a incompreensão de uma vida contagiosa

Cristiana Dobner discute a trajetória espiritual de Teresa de Ávila e os reflexos de seus ensinamentos às religiosas na contemporaneidade

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO | TRADUÇÃO: IVAN PEDRO LAZZAROTTO

A incompreensão e a intensa espiritualidade dos místicos nem sempre são percebidas por seus contemporâneos. É preciso que a poeira do tempo se assente para que se compreenda e respeite as diferenças e o despertar de Deus. “Precisamos lembrar que nem todas as pessoas, as mulheres em específico, são chamadas a ‘se unir com Deus seguindo o mesmo caminho. No final das contas é o Espírito que desperta o desejo e Ele sabe como tocar diferentemente cada pessoa que a Ele se abrir’”, explica Cristiana Dobner em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

“Todavia, Teresa se torna emblemática para as mulheres de agora sob muitos perfis: a sua capacidade de reação de uma maneira particular reta e dominada somente por homens; a sua tenacidade frente às dificuldades impostas pelas instituições, sejam eclesíásticas, sejam municipais para erguer mosteiros pobres, sem rendimentos”, complementa. Para a entrevistada, a espiritualidade de Loyola reverbera nos escritos de Teresa de Ávila. “São espiritualidades irmãs, muito próximas. O ‘magis’ de Inácio ressoa em todas

as obras de Teresa, o que sempre estimula a dedicação absoluta; a necessidade de um discernimento preciso e comprovado e a entrega de si a um guia espiritual ressoam como convites inicianos. A Humanidade de Cristo permeia os escritos de ambos e transborda de suas vidas”, argumenta.

“Os fenômenos místicos, superabundantes na vida de Teresa, são seus peculiares e não imitáveis. (...) Teresa se questionava constantemente: Senhor, o que quer de mim? Devemos permanecer sempre nessa questão, habitar a Palavra e se deixar conduzir. A presença de Deus na vida de Teresa foi tangível da mesma forma que é tangível a sua resposta: uma dinâmica de amizade, tecida de louvor e adoração”, encerra Cristiana Dobner.

Cristiana Dobner é irmã carmelita descalça, escritora, estudiosa e pesquisadora da teologia. É tradutora de textos do alemão, inglês, francês, espanhol, holandês, hebraico e russo. Além disso, colabora com várias revistas e jornais no mundo. Ela vive no mosteiro de Santa Maria del Monte Carmelo, na localidade de Barzio, na província de Lecco, Itália.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que sentido se pode dizer que Teresa de Jesus era uma humanista?

Cristiana Dobner – Sob tantas perspectivas a pergunta pode receber várias respostas, e considerarei algumas de acordo com a argumentação da própria Teresa, mulher radicada na história e profundamente humana. Demonstra por toda a sua vida sempre aberta e disposta ao en-

contro com os outros. Teresa tinha recebido um dom particular, colocado a serviço do seu testemunho de dedicação à Igreja: o dom de pessoa, como definem os espanhóis. Também se pode chamar de empatia, a capacidade de ouvir outras pessoas, ou seja, a certeza do acolhimento que Teresa infundia, na ausência absoluta do medo do confronto e das garantias a serem dadas pelo

espaço de outros em detrimento do interlocutor.

Esse aspecto, porém, não permanece isolado, mas se coloca de acordo com o carisma recebido: a oração, em conformidade como abertura de louvor e de intercessão para todos, com uma postura de profundo encontro com o seu grande e único Amigo, do qual se ramificavam todas as suas amizades, o Senhor Jesus. Não em

uma abstração teológica ou com um apelo moral, mas no âmbito da vida de Teresa, encarnada, com Jesus Cristo, feito carne. Uma vida vivida com a Humanidade de Cristo, o Deus Homem por amor. Deste encontro nasce e jorra toda a sua humanidade, porque sabe oferecer às pessoas a resposta aos grandes questionamentos que conduzem a sua existência, dirigindo-a plenamente na história para a única Beleza eterna: o amor Trino.

IHU On-Line – Quais foram as principais intuições e modificações da reforma empreendida por Teresa de Ávila na ordem carmelita? Como a comunidade recebeu tais mudanças?

Cristiana Dobner – A grande novidade é constituída pela oração, inserida no interior da Regra Carmelita que não a previa. Dois pontos: uma pela manhã e outra à noite, onde a carmelita que seguia Teresa na sua intuição redescobria sua profunda identidade: se deixar transformar pelo Espírito e “estar”, como Elias,¹ de frente ao Vulto de Deus em intercessão oblata para todos.

Teresa quis também que se considerasse atentamente a clausura, não como um recinto – corria então um provérbio “a mulher e a galinha até a casa vizinha!” – ou como um lugar segregado, mas como a condição que consentia à vida quotidiana de uma carmelita de se expressar melhor: no silêncio e na solidão. A comunhão amorosa no caminho de união com Deus é, de fato, solicitada. A comunidade de onde Teresa provinha e com a qual compartilhou a vida monástica contemplada e aderida em partes, em partes não aceitou: na plena liberdade.

IHU On-Line – Como se deu a expansão da ordem carmelita para outros locais a partir dessa reforma?

Cristiana Dobner – Na Espanha foi Teresa quem preparou o terreno

¹ Elias: é um personagem bíblico, um profeta e um taumaturgo que viveu no reino de Israel durante o reinado de Acab (século IX a.C.). (Nota da IHU On-Line)

“Sou muito devota de Santo Agostinho: primeiro porque o monastério no qual entrei para vida religiosa era da sua Ordem, e depois porque ele era um pecador”

e fundou, com meios escassos e cansativos, 17 monastérios. As suas filhas começaram a se expandir por... contágio... Quando alcançavam um país ou uma localidade, o estilo de vida “teresiano” atraía e se transformava em semente fecunda de vida.

IHU On-Line – Em vida, Teresa de Ávila era incompreendida por suas companheiras de convento. Qual é a recepção e a importância de sua trajetória espiritual entre as religiosas contemporâneas?

Cristiana Dobner – Precisamos lembrar que nem todas as pessoas, as mulheres em específico, são chamadas a se unir com Deus seguindo o mesmo caminho. No final das contas é o Espírito que desperta o desejo e Ele sabe como tocar diferentemente cada pessoa que a Ele se abrir. Todavia, Teresa se torna emblemática para as mulheres de agora sob muitos perfis: a sua capacidade de reação de uma maneira particular reta e dominada somente por homens; a sua tenacidade frente às dificuldades impostas pelas instituições, sejam eclesiásticas, sejam municipais para erguer monastérios pobres, sem rendimentos; a oração que desejava ser praticada por mulheres quando do contrário a sociedade machista acreditava que a mulher fosse somente

capaz de orações vocais e incapaz de uma oração silenciosa e articulada; a sua capacidade de agregar e conduzir grupos de mulheres; a sua habilidade de escrever em uma época onde a mulher era analfabeta e era banida da arte de escrever; o seu comportamento firme, digno, astuto e bem humorado, com quem devesse controlar os seus escritos. Porém, o que mais atraía e fascinava a religiosa era a sua capacidade de acolher a irrupção de Deus e indicar aos demais como proceder com discernimento para caminhar (andar! verbo que Teresa tem afeição) nos caminhos de Deus.

IHU On-Line – Quais eram as principais obras de ascetas que inspiraram Teresa de Ávila em sua conversão e vida monástica?

Cristiana Dobner – Deixo que a própria palavra de Teresa responda, no Livro da Vida fala que o seu pai tinha muitos livros de boa leitura: “*Meu pai amava muito a leitura de bons livros, e ele tinha muitos livros em uma linguagem vernácula porque também seus filhos os leriam*”. Particularmente amava muito “*a leitura de bons livros*”. Nas suas Constituições deixa também uma lista de livros que podem ser encontrados nos conventos: “*A Priora busca bons livros, especialmente aqueles dos monges cartuchos, Flos Sanctorum, Contemptus mundi, Oratório dos religiosos, os livros de P. Luigi di Granada² e de Pietro di Alcantara³*”.

Na sua época eram lidos prevalentemente livros de devoção, dentre os quais a Imitação de Cristo, a Vida Cristã do cartucho Ludovico di Sassonia, e as obras de Ugo di Balma⁴,

² Fray Luis de Granada (1504-1588): foi um teólogo espanhol e sacerdote. (Nota da IHU On-Line)

³ Pedro de Alcântara ou Juan Garavita (1499-1562): era um padre espanhol da Ordem dos Frades Menores. A partir de sua reforma introduzida na família franciscana originou o ramo dos “descalços”. Foi proclamado santo em 1669 pelo papa Clemente IX. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Hugh de Balma, também conhecido como Ugo de Balma ou Hugh de Dorche: foi um teólogo franciscano conhecido pela obra *De Theologia Mystica and De*

cartucho de Meyriat, Santa Brígida⁵ e Santa Gertrudes⁶. Em 1559 a famosa edição de livros proibidos pelo Inquisidor Fernando de Valdés⁷ turvou muito Teresa, “Quando foi proibida a leitura de muitos livros em vernáculo lamentei muito porque alguns me recriavam, e não pude ler porque os permitidos estavam em latim”.

IHU On-Line – Diz-se que muitas dessas obras inspiradoras para Teresa inspiraram, igualmente, Inácio de Loyola⁸ a formular os Exercícios Espirituais. Mais tarde, Teresa teve como confessor o padre jesuíta Francisco de Borja⁹, que reassegurou a divina inspiração dos pensamentos da religiosa. A partir desses elementos, há alguma proximidade entre a espiritualidade inaciana e a de Teresa de Ávila?

Cristiana Dobner – São espiritualidades irmãs, muito próximas. O “magis” de Inácio ressoa em todas as obras de Teresa, o que sempre esti-

Triplici Via. O trabalho foi atribuído a São Boaventura na Modernidade e no fim da Idade Média. Entretanto, esta atribuição a Boaventura foi firmemente rejeitada e atribuída a Ugo pelos editores da edição crítica da obra de Boaventura, os franciscanos de Quarrachi, em 1895. (Nota da IHU On-Line)

5 Brígida de Kildare ou **Brígida da Irlanda**: conhecida na Irlanda como Naomh Bhríde, foi uma religiosa católica irlandesa, freira, abadessa, e fundadora de diversos conventos. É considerada uma das santas padroeiras da Irlanda, juntamente com São Patrício e São Columba. Seu dia é comemorado em 1º de fevereiro, o primeiro dia da primavera, que é tradicional na Irlanda. (Nota da IHU On-Line)

6 Santa Gertrudes de Helfta ou **Santa Gertrudes a Grande**: foi uma beneditina, mística e teóloga alemã. Nasceu em 6 de janeiro de 1256 e julga-se que terá sido na aldeia de Helfta, em Eisleben, na Alta Saxônia, na Alemanha. (Nota da IHU On-Line)

7 Fernando de Valdés Salas (1483-1568): foi um influente e poderoso político espanhol durante o século XVI. Inquisidor Geral e Presidente do Conselho Real de Castela. (Nota da IHU On-Line)

8 Inácio de Loyola (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. (Nota da IHU On-Line)

9 São Francisco de Borja: bisneto do papa Alexandre VI e de Fernando II de Aragão, era aristocrata espanhol. Foi governador da Catalunha até que, em 1546, larga tudo para ingressar na Companhia de Jesus. (Nota da IHU On-Line)

“Precisamos lembrar que nem todas as pessoas, as mulheres em específico, são chamadas a ‘se unir com Deus seguindo o mesmo caminho’

mula a dedicação absoluta; a necessidade de um discernimento preciso e comprovado e a entrega de si a um guia espiritual ressoa como convites inacianos. A Humanidade de Cristo permeia os escritos de ambos e transborda de suas vidas.

IHU On-Line – Qual foi o impacto da leitura de Santo Agostinho¹⁰ em sua formação e conversão?

Cristiana Dobner – Teresa escreve: “Perguntemos às criaturas, como ensina Santo Agostinho – acredito nas Meditações ou nas Confissões – de Quem são feitos, e nos vejamos a partir de estar lá como tolos, perdendo o tempo em atender aquilo que nos foi dado uma vez. Pode ser que desde o princípio o Senhor não volte a nos favorecer, não somente em um ano, nem sequer em muitos. Eles desconhecem o porquê, e nós não devemos procurar entender, não existindo motivos. Conhecendo que devemos servi-lo pelo caminho dos mandamentos e dos conselhos, caminhemos

10 Santo Agostinho (Aurélius Agostinus, 354-430): bispo, escritor, teólogo, filósofo, foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou os conceitos de pecado original e guerra justa. Confira a entrevista concedida por Luiz Astorga à edição 421 da IHU On-Line, de 04-06-2013, intitulada *A disputatio de Santo Tomás de Aquino: uma síntese dupla*, disponível em <http://bit.ly/ihuon421>. (Nota da IHU On-Line)

por esse com diligência pensando na vida e na morte de nosso Senhor e ao quanto devemos: o resto virá quando Ele desejar!

Aqueles que amam dessa forma são de grande utilidade porque tomam para si todas as angústias e deixam que os outros se beneficiem sem dor e sofrimento. Seus amigos se tornam de imediato perfeitos, porque acima de tudo, acreditem, ou se rompe a amizade – a menos que a amizade seja muito íntima – ou então que eles obtenham, como Santa Mônica¹¹ e Santo Agostinho, a graça de caminhar na mesma estrada e chegar juntos ao Senhor. Deus está em todo lugar. Mas onde está o rei está a sua corte. Por isso, onde está Deus, está o céu. Saibam sempre que onde se encontra a Majestade Divina está toda a sua glória.

Lembrem o que falou Santo Agostinho, que depois de ter procurado Deus em muitos lugares o encontrou finalmente dentro de si. Então, acreditam que seja de pouca importância para uma alma sujeita a distrações compreender essa verdade e conhecer que para falar com o seu Pai celestial e se alegrar de sua companhia não há necessidade de subir ao céu, nem de levantar a voz? Por mais baixo que se fale, Ele, que está sempre muito próximo, nos escuta sempre. E para procurá-lo não precisamos de asas porque basta que fiquemos sozinhos e o contemplemos em nós mesmos. E ainda assustado com a condescendência de tal Convidado, nos fale humildemente como Pai, possa contar as dores que sofre, possa pedir o remédio, reconhecendo-se indigna de ser chamada sua filha. Naquele tempo me deram as Confissões de Santo Agostinho, e acredito que pela providência divina, porque não somente

11 Santa Mônica (331-387): é a mãe de Santo Agostinho de Hipona e uma santa cristã. Esta santa nasceu em 331 d.C., em Tagaste, mas há controvérsias acerca dessa data. Foi, segundo as tradições católicas, criada por uma escrava que cuidava dos filhos dos senhores e dela recebeu “educação e rígidos ensinamentos religiosos”. (Nota da IHU On-Line)

não o havia procurado, mas também nem sabia da sua existência.

Sou muito devota de Santo Agostinho: primeiro porque o monastério no qual entrei para vida religiosa era da sua Ordem, e depois porque ele era um pecador. Os santos que foram pecadores e que Deus chamou ao seu serviço me consolavam muito, parecia que encontrava neles um apoio, na confiança de que o Senhor me perdoasse como os havia perdoado. Porém, repito, me desolava muito o fato de que esses, chamados por Deus uma vez, não o haviam mais abandonado, enquanto eu havia sido chamada por inúmeras vezes, e isso me afligia. Mas tomava novamente coragem, pensando no amor que Eles me traziam, porque jamais duvidei da sua misericórdia, embora de mim mesma, e muitas vezes.

Iniciando a leitura das “Confissões de Santo Agostinho”, me parecia ver ali a minha vida, e me aconselho muito com este glorioso santo. Quando alcancei a sua conversão e li a voz que ouvi no jardim, tive a nítida impressão de que estava ouvindo puramente eu, e por um longo tempo permaneci em prantos com a alma enormemente perturbada. Luta. Oh, a liberdade que me fazia dona de mim mesma! Surpreendo-me por ter sobrevivido a tanta angústia! Bendito seja Aquele que me mantém viva para me fazer sair da morte funesta!

Parece que a minha alma recebia de Deus grandes forças. Certamente ele escutava os meus gemidos e teve piedade de minhas lágrimas.

Comecei a sentir crescer em mim o desejo de estar cada vez mais com Ele e de tirar dos meus olhos todos

“Os fenômenos místicos, superabundantes na vida de Teresa, são seus peculiares e não imitáveis”

os maus acontecimentos, longe dos quais sentia imediatamente amar a Deus. Sentia de amá-Lo, me parece: mas não compreendia ainda como eu deveria, no que consistia amá-Lo verdadeiramente.”

IHU On-Line – A visão de Jesus marcou profundamente toda a trajetória de Teresa e motivou sua disposição a imitar a vida e os sofrimentos do Crucificado. Qual é o sentido dessa entrega e o que esse ato diz à humanidade de nosso tempo?

Cristiana Dobner – O desejo se baseia na semelhança, ou seja, em seguir a vida de Jesus para podê-Lo imitar o mais próximo possível. A humanidade atual não deve perder de vista o próprio Jesus Cristo, do contrário cai em uma vã devoção que leva para fora da estrada. Não aquele Jesus que desenhamos na nossa imaginação ou sensibilidade, mas aquele transmitido pelo Evangelho, aquele que quando pessoa viva caminhou sobre a terra da Palestina. Significa então reconhecer que pedras vivem no grande mistério da salvação oferecido a todos, se dei-

xar transformar, perder o nosso egoísmo e sermos abertos ao Espírito que nos ensina a olhar o bem ao próximo, do que preferir ao nosso próprio bem.

IHU On-Line – Quais são os traços fundamentais do misticismo de Teresa de Ávila e em que ele segue inspirando a vida religiosa de suas seguidoras em nossos dias?

Cristiana Dobner – Teresa cativa porque não escreve um livro de teoria ou de uma vaga espiritualidade, mas narra a vida no Espírito. Quanto nela ocorreu de forma misteriosa. Hoje quem a segue deseja se deixar fascinar pelo que foi vivido assim longe de tudo quanto é virtual ou comercial na nossa sociedade. É um impulso gratuito de um mundo comprometido com a medida de ganhos, de eficiência.

Os fenômenos místicos, superabundantes na vida de Teresa, são seus peculiares e não imitáveis. Quanto ao invés deixou a todos nós “e o desejo de ver Deus, de procurá-Lo porque não temos experimentado procurar. Não para nos inclinarmos a um alegamento que feche em si, mas para nos lançarmos em uma estrada que Teresa chama “o verdadeiro caminho para o céu”, aquela da oração atravessando a nossa história no interior da história da humanidade e transformando aquelas forças escondidas que modificamos.

Teresa se questionava constantemente: Senhor, o que quer de mim? Devemos permanecer sempre nessa questão, habitar a Palavra e se deixar conduzir. A presença de Deus na vida de Teresa foi tangível da mesma forma que é tangível a sua resposta: uma dinâmica de amizade, tecida de louvor e adoração.

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

“Em seu eu volta a acontecer o Gênesis” – A interioridade em Santa Teresa

O teólogo espanhol Secundino Castro Sánchez reflete sobre a cristologia de Teresa de Ávila, relacionando Jesus – em sua corporeidade – como lugar definitivo de revelação e agradecimento de Deus

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: ANDRÉ LANGER

Durante quase toda sua vida como pesquisador, o teólogo Secundino Castro Sánchez tem se debruçado sobre Teresa de Ávila e sua cristologia. Desta reflexão, ele destaca a interioridade como ponto fundamental para compreender a mística da santa católica, fundadora da Ordem dos Carmelitas Descalços. É na percepção da Bíblia no interior do ser que se produzem experiências de criação e de paraíso. “Em seu *eu* volta a acontecer o Gênesis”, sintetiza. “Para ela, o recolhimento da mística universal converte-se em imersão nas Escrituras, onde seu eu fica absorto e preso aos seus imensos símbolos.”

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o pesquisador aborda a relação mística e católica das experiências do divino relatadas por Santa Teresa em seus escritos, com grande foco nas corporeidades. “A mística de Teresa nos revela um Deus profundamente afetado pelo humano, ferido pelo amor das criaturas. A encarnação, de alguma maneira, tocou os fundamentos de Deus”, problematiza.

É a partir desta corporeidade que se explica a cristologia da Santa, que “por instinto sobrenatural, centra toda a sua cristologia na humanidade de Cristo, como lugar definitivo de revelação e agradecimento de Deus”. A humanidade de Jesus é tida por ela como a revelação definitiva. “Não sei se seria muito atrevimento afirmar que ela preferiria falar do ser humano criado à imagem de Cristo, melhor do que à imagem de Deus, como ensina o Gênesis”, levanta.

Secundino Castro Sánchez é professor de Exegese e Teologia espiritual na Universidad-PontificiaComillas, de Madri. Foi vice-diretor da Faculdade de Teologia na mesma universidade e diretor da *Revista de Espiritualidad* durante muitos anos. Atualmente é diretor do departamento da Sagrada Escritura. É autor, entre outros livros, de *Evangelio de Juan – Comprensión exegético-existencial* (Biblioteca TeologíaComillas, 2001) e *El Sorprendente-Jesús De Marcos* (Biblioteca TeologíaComillas, 2008).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como podemos compreender a mística de Santa Teresa sem fenômenos místicos?

Secundino Castro Sánchez – Os fenômenos na mística não são mais que a expressão de algo que acontece no encontro do eu humano com o tu de Deus em intensidade

desbordada. A nota mais relevante da sua mística refere-se à percepção interior da Bíblia. Em seu eu volta a acontecer o Gênesis. Produzem-se experiências de criação e de paraíso. Sobretudo, Teresa se sente como uma nova criação de Deus, uma espécie de Terra Santa que Javé por

primeiro vai percorrer e depois Jesus o fará. Entende seu eu como o jardim do Cântico dos Cânticos onde se celebram os encontros entre os amantes. Possivelmente foi esta uma das primeiras percepções. Desde logo, é indubitável que a primeira descoberta mística foi Jesus.

A partir dessa primeira aparição foi se elaborando tudo. Depois Teresa se compreendeu como o jardim do Gênesis, como dissemos, onde os quatro rios se confundem com experiências relacionais (oração). Para ela, o recolhimento da mística universal converte-se em imersão nas Escrituras, onde seu eu fica absorto e preso aos seus imensos símbolos.

O coração que se transfigura no Gênesis, no Cântico dos Cânticos, no Cenáculo e na Terra Prometida transforma-se, por sua vez, na Terra Santa que Jesus irá percorrer. E ali acontecerá a cura do cego de nascença, do paraplético da piscina, aparecerá o poço da Samaritana e a Festa das Tendas. Textos citados expressamente por Teresa. Todas estas realidades são conotações das vivências que estão inundando a alma. Trata-se da percepção de Jesus ressuscitado como fundamento do ser (V 40,5), que ele, no contato com sua pessoa, transfigura.

Nesta concepção bíblica da mística realiza-se a história da salvação, mas de forma tão pormenorizada que fica difícil resumir aqui. Basta saber que na *Autobiografia* há uma “compreensão” de todo o credo cristão, e nas *Moradas* experimentam-se as grandes passagens de João e aspectos centrais da mística de Paulo¹.

¹ **Paulo de Tarso** (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas

Fenômenos místicos

Os fenômenos místicos nos deixam entrever, por outro lado, um Deus cheio de sensibilidade. É verdade que também aparece o Deus “tremendo”, que fica profundamente filtrado pela figura de Jesus, que Teresa percebe profundamente humano (V 37,6). Não esqueçamos o tema tão teresiano da sagrada Humanidade. A mística de Teresa nos revela um Deus profundamente afetado pelo humano. Ferido pelo amor das criaturas (V 37,8). A encarnação, de alguma maneira, tocou os fundamentos de Deus.

A espiritualidade teresiana desvestida dos fenômenos místicos é uma experiência profunda da fé cristã, católica. Tenhamos em conta que os estádios supremos de sua fenomenologia têm lugar em momentos litúrgicos. A mística de Santa Teresa inscreve-se assim no essencial do cristianismo: a Ceia. Enquanto o conceito de mística em geral possui antes uma textura neoplatônica, em Teresa não é assim. Por isso, não se pode englobá-la na ideia geral de mística. Alguém disse que com ela, pela primeira vez, a mística foi cristã.

Às vezes, a fenomenologia mística pode encobrir esta experiência bíblica e evangélica que é o mais essencial dela. Talvez aqui resida a explicação para o fato de que a comunidade católica se sinta tão bem refletida em Teresa. Soube lê-la e compreendê-la para além dessa fenomenologia de êxtase na qual a iconografia e cer-

formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-04-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em <http://bit.ly/1o5Sq3R>. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU em formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmção e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em <http://bit.ly/ihuteo55>. (Nota da **IHU On-Line**)

ta literatura barroca e ainda atual a envolveram.

Mas se algo aparece chamativo e impressionante aqui são Deus e o homem abertos à relação. Deus que sai ao encontro de sua criatura que busca como amante ludibriado, que reclama o amor dolorido. É talvez o mais essencial da mística de Teresa. Deus mendigando amor e o homem gemendo pelo mesmo galanteio. Os fenômenos místicos das *Moradas* vão nessa mesma direção.

Em um dos seus livros, as *Meditações sobre o Cântico dos Cânticos*, Teresa apresenta alguns graus de oração, como recolhimento, quietude e união sem fenômenos místicos. Nessa obra encontra-se em parte a resposta a esta pergunta, ao mesmo tempo que nos convida a fazer outro tanto com toda a sua mística.

IHU On-Line – Como se caracteriza a experiência transcendental em Santa Teresa?

Secundino Castro Sánchez – Antes da sua entrada na mística Teresa captou a transcendência sem esses fenômenos que a caracterizam. Pode-se afirmar que o transcendente é congênito na Santa de Ávila. Já em sua infância percebe uma realidade muito diferente daquela que nos dão os sentidos.

Seu despertar à consciência coincide com a percepção de algo que ela compreende como o destino do ser aberto a uma felicidade sem limites, e que só acredita poder encontrar nesse espaço.

É verdade que isso está em conexão com a fé recebida, mas nela essa fé é acolhida em dimensões de tensões tais que obscurece qualquer outro propósito. Por isso, é preciso reconhecer em seu eu, em seu ser, apenas amanhecido à reflexão uma reivindicação de infinitude, que nestes momentos implica a fuga do que ela observa como transitório. É sua primeira percepção da transcendência.

Junto com este primeiro lampejo, devemos situar a vacuidade do real, que se mostra para ela como pura ilu-

são. Em um primeiro momento tudo é uma imensa mentira para ela. As coisas e as pessoas não respondem ao que parecem anunciar. Estaríamos em uma sensação prévia à concepção agostiniana do mundo, que mais tarde também Teresa atingirá: as coisas como anúncio e reivindicação do autor da beleza.

A experiência transcendental mostra-se também em seu horror à própria liberdade. Daí sua fuga à vida religiosa, onde as decisões de cada momento ficam blindadas por leis inexoráveis.

Outra característica da transcendência deste tempo refere-se à percepção de Deus como realidade suprema e única, Mistério insondável, mas figura agora sem contornos.

IHU On-Line – Michel de Certeau² aborda a característica inovadora da mística teresiana no campo da afirmação da subjetividade, algo pioneiro que, segundo o autor, antecipa Descartes³. Como analisa a inovação

² Michel de Certeau (1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIèmesiècle* (Paris: Gallimard, 1982); *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987); *La prise de parole. Eautresécrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre Certeau, confira as entrevistas *Michel de Certeau ou a erotização da história*, concedida por Elisabeth Roudinesco, e *As heterologias de Michel de Certeau*, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da *IHU On-Line* de 26-06-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon186>. As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos *Cadernos IHU em formação*, intitulado *Jesuitas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuem14>. (Nota da *IHU On-Line*)

³ René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesiano, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, ins-

“É indubitável que a primeira descoberta mística foi Jesus”

da mística teresiana no campo da subjetividade e da consciência?

Secundino Castro Sánchez – Um dos lugares onde se mostra essa subjetividade muito remarcada é, sem dúvida, no *Livro da Vida*. Os teresianistas colocaram de manifesto que a autobiografia espiritual não era muito comum na tradição cristã. Nestas análises do eu desnudo diante de Deus, Teresa de Jesus mostra-se verdadeira mestra; seria preciso remontar a Agostinho⁴, onde parece que ela se inspira, para encontrar algo dessa qualidade.

Azorín⁵ reconheceu que os grandes analistas do eu comparados com Teresa são crianças inexperientes (*Los clásicos redivivos*, Madrid, 1958, p. 40-41). Ela situa nesse ponto a responsabilidade pessoal, ineludível frente ao mundo e frente a Deus. O eu é esse reduto, núcleo, profundidade, centro da alma, onde parece que a pessoa se enfia. Esse eu é o lugar onde se celebra o encontro, mais que lugar, o sujeito que se coloca frente ao tu,

pirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da *IHU On-Line*)

⁴ Santo Agostinho (Aurélius Agostinho, 354-430): bispo, escritor, teólogo, filósofo, foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou os conceitos de pecado original e guerra justa. Confirma a entrevista concedida por Luiz Astorga à edição 421 da *IHU On-Line*, de 04-06-2013, intitulada *A disputatio de Santo Tomás de Aquino: uma síntese dupla*, disponível em <http://bit.ly/ihuon421>. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ Azorín [José Augusto Trinidad Martínez Ruiz] (1873-1967): novelista espanhol, ensaísta, dramaturgo e crítico literário. (Nota da *IHU On-Line*)

que se experimenta aberto e disposto à recepção; é a cidade encantada, a nova Jerusalém.

No livro das *Moradas* tudo se reduz à análise desse reduto, cheio de profundezas, mas sempre unitário, que primeiro recebe o nome de castelo, como imagem prévia para revestir-se em seguida de figuras bíblicas, que ela utiliza para enaltecer essa realidade que deve ser incorruptível, porque se lhe reclama como sujeito último de responsabilidade e origem de qualquer movimento que nascia fora. Esse eu está esculpido no Cristo ressuscitado (V 40,5). Daí sua transcendência, singularidade e ponto central do universo, raiz da interioridade e do ser.

Aí a configuração do viver cristão fundamenta sua autoridade teresiana, que ela entende como derivação da presença de Deus, mas que em última instância remete a esse ponto. Não poucas vezes o eu entrará em conflito com o comunitário, a Igreja, e Teresa não descansará enquanto não encontrar uma resposta.

IHU On-Line – Teresa foi declarada Doutora da Igreja por Paulo VI⁶, em 1970. Quais foram suas principais contribuições para o magistério da Igreja?

Secundino Castro Sánchez – Começamos com algumas palavras do próprio Papa na homilia da missa do Doutorado: “A doutrina de Teresa d’Ávila brilha pelos carismas da verdade, da fidelidade à fé católica, da utilidade para a formação das almas. E poderíamos ressaltar de modo particular outro carisma, o da sabedoria, que nos faz pensar no aspecto mais atraente e ao mesmo tempo mais misterioso do doutorado de Santa Teresa, ou seja, no influxo da

⁶ Papa Paulo VI: nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da *IHU On-Line*)

inspiração divina nesta prodigiosa e mística escritora”. O Papa, mais que declará-la Doutora, reconhece-a como tal. Disse: “Acabamos de conferir, ou melhor, reconhecemos o título de Doutora da Igreja a Santa Teresa de Jesus”.

A principal razão se encontraria em seu magistério dos caminhos do Espírito, que veio exercendo no passado e que segue sendo atual em nossos dias. Ressalta, sobretudo, os misteriosos itinerários interiores até alcançar as mais altas cúpulas da união com Deus. É mestra no campo espiritual porque possui uma altíssima experiência de Deus e goza de uma capacidade especial para ensinar aos outros os modos para adquiri-la. Teresa tem uma experiência singular dos dogmas, por isso seus ensinamentos gozam de uma autoridade especial.

Paulo VI alude também à ingente informação apresentada à Santa Sé para a concessão do título de Doutora da Igreja, dando a entender que excede as exigências requeridas. Resumindo, podemos dizer que a raiz última do seu doutorado refere-se à grandíssima experiência de Deus, de que desfrutou e que soube transmitir como caminho para os outros. Por isso o título “Mães dos espirituais” (*MaterSpiritualium*), que consta na sua estátua na basílica vaticana, e que o Papa recordava em sua homilia.

IHU On-Line – Como podemos compreender o cristocentrismo da espiritualidade em Teresa d’Ávila?

Secundino Castro Sánchez – Permito-me começar com as palavras do teólogo dos nossos dias, Olegario González de Cardedal⁷: “Santa Teresa de Jesus, por instinto sobrenatural, centra toda a sua cristologia na humanidade de Cristo, como lugar definitivo de revelação e agradecimento a Deus, que não tem que ser transcendido para uma essência divina que estaria

⁷ Olegario González de Cardedal (1934): sacerdote e teólogo católico espanhol. Doutor em teologia pela Universidade de Munique. (Nota da IHU On-Line)

“Alguém disse que com Santa Teresa, pela primeira vez, a mística foi cristã”

para além de Jesus” (*Fundamentos de Cristologia*, I. Madrid, 2005, p. 635). O texto reconhece que Teresa tem uma cristologia e que considera a humanidade de Jesus como lugar definitivo de revelação.

Por outro lado, Teresa estaria totalmente de acordo com as seguintes palavras de K. Rahner⁸: “Ele é (Jesus homem), também em sua humanidade, a realidade criada que nos representa no ato da nossa religião, de maneira que sem o ato orientado à sua humanidade e dirigido (implícita ou explicitamente) por meio dela, o ato religioso fundamental orientado para Deus não atinge sua meta” (*Eterna significación de la humanidad de Jesús*

⁸ Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt (O Espírito no mundo)*, 1939, *Höerderdes Wortes (Ouvinte da Palavra)*, 1941, *SchrifftenzurTheologie (Escritos de Teologia)*. Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento e a Unisinos dedicou à sua memória o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*. Veja Karl Rahner. *A busca de Deus a partir da contemporaneidade*, edição 446 da IHU On-Line, de 16-06-2014, nossa edição mais recente sobre o assunto. Há dez anos, a edição número 102 da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória de seu centenário, em <http://bit.ly/maOB5H>. Neste meio tempo, a edição 297, de 15-06-2009, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, também retomou o tema e está disponível para download em <http://bit.ly/o2e8cX>. Além de diversos artigos sobre o pensamento do teólogo ao longo do tempo, destacamos também o *Cadernos Teologia Pública* n° 5, *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner*, do Prof. Erico Hammes, disponível em <http://bit.ly/18XbPcU>. Em 2014 a IHU On-Line publicou a edição 446 intitulada *Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/112Cjfg>. (Nota da IHU On-Line)

para *nuestrarelación con Dios*, em *Escritos de Teología*, III. Madrid, 1967, p. 56).

O cristocentrismo teresiano quer dizer que sua compreensão do mesmo Deus é cristológica, que toda sua espiritualidade tem estrutura encarnatória, que a oração é experiência de Cristo, que desemboca na Trindade, mas sem que nunca desapareça a marca cristológica. Cristologiateresiana quer dizer também que seu próprio eu encontra-se constituído em Cristo. Não sei se seria muito atrevimento afirmar que ela preferiria falar do ser humano criado à imagem de Cristo, melhor do que à imagem de Deus, como ensina o Gênesis.

Só ela conseguiu que a mística se unisse perfeitamente à cristologia. Graças à sua “compreensão” de Cristo, de acordo com determinado autor, a mística conseguiu ser inteiramente cristã. Ela mesma quis que seus dois principais livros, *Livro da Vida* e *Moradas*, fossem lidos cristologicamente, escrevendo para isto dois capítulos hermenêuticos inteiramente cristológicos, um para cada obra (V 22; 6M 7).

IHU On-Line – Qual é a atualidade de teresiana em relação à oração?

Secundino Castro Sánchez – O mais significativo de Teresa neste ponto refere-se à intersubjetividade. Para ela, a oração não é algo abstrato; é relação de amizade. A partir desta consideração, eu ressaltaria o humanismo oracional. Orar é relacionar-se com um amigo. Também deveríamos reclamar aqui o aspecto cristológico, já assinalado. Mas não é menos significativa a presença litúrgica, isto é, a relação que Teresa postula para o ato oracional encontra-a também nas celebrações da liturgia cristã.

Creio que também é de muita atualidade a compreensão da oração como força para a realização pessoal e o encontro com o outro. Não esqueçamos que ela entende que a oração deve estar intimamente relacionada com a vida, com as atitudes. Deve ser continuamente discernida e são as obras que a realizam. Este ponto lhe

confere, além disso, grande atualidade, pois hoje não se concebe nada sem que sua execução não se justifique sem a correspondente avaliação. O estilo da oração teresiana adapta-se facilmente a qualquer grupo ou tipo de pessoas. Sua metodologia é sumamente simples, ao mesmo tempo está solidamente fundamentada. Por sua estrutura bíblico-cristológica pode chegar a qualquer âmbito do cristão.

IHU On-Line – Por outro lado, como Teresa d'Ávila destaca a dignidade e o lugar da mulher na Igreja?

Secundino Castro Sánchez – Ela viveu em um tempo em que o lugar da mulher na Igreja não tinha nenhum destaque. Basta ler a literatura do momento para aperceber-se disso. A grande maioria era analfabeta. Teresa, desde muito jovem, foi uma voraz leitora e, até de acordo com algum testemunho, já escritora. Isto lhe permitiu, quando chegou o momento, ler não poucos livros de tema religioso. Assim começou a construir-se sua personalidade neste campo, que foi crescendo no trato com teólogos de renome e acompanhantes espirituais, com os quais confrontava suas graças místicas. Às vezes, sentiu-se obrigada a tomar posturas arriscadas e a emitir juízos muito severos contra os próprios tribunais da Inquisição, que chegou a confiscar o *Livro da Vida*. Como a decisão do alto tribunal demorava, temeu o pior. Mas sua surpresa foi maiúscula quando chegou aos seus ouvidos que o inquisidor maior não o entregava porque o lia para o seu próprio proveito espiritual.

Desde esta autoridade, Teresa deixa a entender as possibilidades da mulher, para as quais, além disso, reivindica sua independência, enquanto se queixa de que os censores de seus livros são todos homens. Seus escritos, sua trajetória e sua Reforma são uma alegação a favor das possibilidades da mulher na Igreja. No *Caminho da Perfeição* pode-se observar uma crítica muito sibilina contra essa men-

“Azorín reconheceu que os grandes analistas do eu comparados com Teresa são crianças inexperientes”

talidade que não reconhece nada de bom que provenha da mulher. Pode-se observar também um juízo muito severo contra a situação da mulher casada com respeito ao marido. Na vida religiosa feminina ela via a possibilidade de libertar-se dessa escravidão.

IHU On-Line – Quais são as contribuições fundamentais de Teresa para o contexto espiritual da pós-modernidade, em que convivem um retorno ao sagrado e um fundamentalismo ateu?

Secundino Castro Sánchez – Como é sabido, o conceito de modernidade refere-se a uma realidade muito ampla na qual se enquadra a ideia do sagrado. Já a palavra “sagrado”, no neutro, é algo que seria, para Teresa, muito difícil de assumir e inclusive de entender. Para ela, o religioso, chamemo-lo assim, é, em primeiro lugar, algo pessoal, um Tu (com maiúscula). Por isso, penso que sua contribuição nesta amálgama ou magma de coisas consistiria em dar um rosto à transcendência. Por outro lado, o amplo espectro da experiência teresiana e suas múltiplas modalidades poderiam contribuir para enriquecer esse âmbito do religioso e inclusive garanti-lo um pouco mais.

Para o ateísmo, pode servir de impacto. Basta recordar o caso de Edith Stein⁹, filósofa atea, que en-

controu a verdade em sua leitura. Por isso, assinalaria esse aspecto do impacto ou da surpresa, que, normalmente, produzem seus livros, sobretudo o *Livro da Vida* e o das *Moradas*. Neles percebe-se como um halo que subjuga, certa inspiração religiosa, como nos recordava Paulo VI.

IHU On-Line – Seria possível configurar em poucas palavras a silhueta de Teresa no conjunto da história da espiritualidade?

Secundino Castro Sánchez – Parece como se Teresa tivesse sido gerada desde o princípio do cristianismo; começasse a vislumbrar-se na Idade Média, fosse fruto inconfundível do século XVI espanhol e anunciasse uma religiosidade futura, baseada em uma experiência singular de Cristo, onde a mística fica inteiramente configurada por Ele, obtendo assim que esta fosse inteiramente cristã.

Sofreu influxos de todas as correntes do século XVI espanhol: de franciscanos, jesuítas, dominicanos, São João d'Ávila e São João da Cruz. Direta ou indiretamente encontram-se nela marcas dos principais movimentos de espiritualidade da época: savonarolismo,¹⁰ erasmismo,¹¹ protestantismo, espiritualidade do recolhimento e Inquisição.

Faleceu aos 51 anos, asfixiada numa câmara de gás no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. Foi professora de Filosofia, discípula de Edmund Husserl. Para conhecer mais sobre seu pensamento, consulte a edição 168 da revista IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ **Girolamo Savonarola** (1452-1498): também conhecido como Jerônimo Savonarola ou Hieronymous Savonarola, foi um padre dominicano e, por curto período, governou Florença. Reformador dominicano, era um intelectual muito talentoso e devotado a seus estudos, em especial à filosofia e à medicina. O savonarolismo se refere ao período de sua governança. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ **Erasmus de Rotterdam** (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. Erasmismo se refere ao período de sua governança. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Edith Stein (1891-1942): religiosa alemã, a última de onze irmãos de uma família judia que professava o Judaísmo.

O deslocamento celestial do Deus de Teresa de Ávila

Frei Betto aborda a contribuição dos estudos de Teresa de Ávila para a compreensão de um Deus que não é baseado na meritocracia e na prática das virtudes morais

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

Amística, assim como a arte, tem o poder de ser transcendente. Assim surge uma conexão possível entre a Mona Lisa, de Da Vinci, e os estudos de Teresa de Ávila. “Muitos perguntam o que a Mona Lisa/Gioconda de Leonardo da Vinci tem de tão especial. Ora, é a primeira vez que um pintor de talento dá um “close” em um rosto anônimo. (...) Da Vinci reflete a emergência da modernidade, o advento do “eu”. Isso Teresa fez na espiritualidade: deslocou Deus das esferas celestiais, como objeto de adoração, para centrá-lo no coração humano, como experiência amorosa”, explica Frei Betto, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Cheio de metáforas entre ciência e fé, o entrevistado diz que a grande novidade que Teresa de Ávila realizou, à sua época, foi ter percorrido o caminho inverso ao de Copérnico, o qual havia deslocado o eixo da Terra para o Sol. “Ela (Teresa) deslocou Deus do Céu para

a Terra, do crer para o viver, caminho retratado na experiência bíblica de Jó. Para Teresa, Deus é o seu caso de amor”, destaca. “Teresa tem muito a nos dizer nessa sociedade conectada por redes sociais, de excessiva exposição e objetivação do ser humano, na qual parece não terem lugar a subjetividade, o silêncio, o cultivo da vida interior, a autoestima fortalecida pela solidão”, complementa.

Frei Betto nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. Estudou Jornalismo, Antropologia, Filosofia e Teologia. É frade dominicano, foi preso durante a ditadura militar e escreveu o livro *Batismo de Sangue* (Rio de Janeiro: Rocco, 1982), que depois foi adaptado para o cinema com o mesmo título. Esta obra lhe rendeu, em 1982, o Jabuti, principal prêmio literário brasileiro. É autor de dezenas de livros, entre eles *Aldeia do Silêncio* (Rocco: Rio de Janeiro, 2013).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em que sentido a experiência mística de Teresa de Ávila ultrapassa os limites da consciência e dos sentidos?

Frei Betto – A experiência mística se compara à paixão humana – há uma “suspensão” da razão e dos sentidos, como Teresa descreve em seus textos, sobretudo no *Livro da Vida* (São Paulo: PenguinClassics – Companhia das Letras, 2010), sua autobiografia, e João da Cruz¹ relata em seu

“Cântico espiritual”. No entanto, não há propriamente uma perda da cons-

Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567 encontra-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe fala sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de JesúsHeredia, inicia a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675 foi beatificado por Clemente X. Foi canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952 foi proclamado “Patrono dos Poetas Espanhóis”. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002). (Nota da **IHU On-Line**)

ciência. Diria, na linha de Jung², que no místico o inconsciente transborda na consciência. Há uma adequação entre o nosso eu e o Eu interior, e a sensação amorosa “suspende” sentidos e razão.

IHU On-Line – Como Teresa responde ao desafio de converter em palavras a sua experiência mística?

Frei Betto – Teresa, ao contrário da maioria das mulheres de

² Carl Gustav Jung (1875-1961): psiquiatra suíço. Colega de Freud, estudou medicina e elaborou estudos no campo da psicologia, discutindo os conceitos de introversão e extroversão. (Nota da **IHU On-Line**)

¹ João de Yepes ou São João da Cruz (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São

seu tempo, foi alfabetizada ainda menina e era de família afeiçoada aos livros. O gosto pela leitura suscitou nela o talento de escritora. Ao romper com o Carmelo³ tradicional e iniciar suas Fundações, passou a escrever, de modo a instruir suas monjas no “caminho da perfeição”.

IHU On-Line – Teresa de Ávila, ao falar de Deus, fala de “experiência”, “gozo da alma”, que é diferente de “só pensar e crer nele”. Como ela interpretava a experiência mística de Deus?

Frei Betto – Muitos perguntam o que a Mona Lisa/Gioconda de Leonardo Da Vinci⁴ tem de tão especial. Ora, é a primeira vez que um pintor de talento dá um “close” em um rosto anônimo. Até então os pintores retratavam autoridades (reis e príncipes, papas e cardeais) e quase sempre com a ambientação de fundo (domicílio ou natureza) ocupando espaço bem maior que a figura humana. Da Vinci reflete a emergência da modernidade, o advento do “eu”. Isso Teresa fez na espiritualidade: deslocou Deus das esferas celestiais, como objeto de adoração, para cen-

trá-lo no coração humano, como experiência amorosa.

IHU On-Line – Quais são os elementos fundamentais da simbologia de Teresa de Ávila?

Frei Betto – Ela adotou símbolos próprios do período medieval: castelo, moradas, céu, véu, amor perfeito, alma, etc.

IHU On-Line – Em que aspectos essa simbologia funde as tradições islâmica, sufi e católica?

Frei Betto – Ao ler Teresa e a mística islâmica, em especial a sufi⁵, fica-se com a impressão de diálogo entre os dois textos. Porém, não tenho condições de afirmar que Teresa sofreu influência islâmica ou mesmo budista. Como bom mineiro, desconfio que sim. Mas, inteligente como era, e ameaçada pela Inquisição⁶, ela se resguardou. Como não acompanho as recentes pesquisas sobre as fontes da literatura de Teresa, mais não posso afirmar.

5 Sufi Shadhili: ordem sufi fundada por Abu-l-Hassan ash-Shadhili no Norte da África. Leia também Sufismo: uma mística que busca o equilíbrio, disponível em <http://bit.ly/1yXVjV>. (Nota da IHU On-Line)

6 Inquisição: é um grupo de instituições dentro do sistema jurídico da Igreja Católica Romana, cujo objetivo é combater a heresia. Começou no século XII na França para combater a propagação do sectarismo religioso, em particular, em relação aos cátaros e valdenses. A partir da década de 1250, os inquisidores eram geralmente escolhidos entre os membros da Ordem Dominicana para substituir a prática anterior de utilizar o clero local como juizes. O termo Inquisição Medieval cobre os tribunais ao longo do século XIV. No final da Idade Média e início do Renascimento, o conceito e o alcance da Inquisição foi significativamente ampliado em resposta à Reforma Protestante e à Contrarreforma Católica. O seu âmbito geográfico foi expandido para outros países europeus, resultando na Inquisição Espanhola e Portuguesa. A instituição da Inquisição persistiu até o início do século XIX (exceto dentro dos Estados Pontifícios), após as guerras napoleônicas na Europa e depois das guerras hispano-americanas de independência na América. A instituição sobreviveu como parte da Cúria Romana, mas recebeu um novo nome em 1904, de “Suprema Sagrada Congregação do Santo Ofício”. Em 1965, tornou-se a Congregação para a Doutrina da Fé. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – A partir da experiência mística dessa santa, como podemos compreender seu passeio pelos castelos da alma?

Frei Betto – O esquema é muito simples e encontrado em todas as escolas místicas, de diferentes concepções religiosas ou filosóficas: primeiro, purificar os sentidos (ascese); segundo, esvaziar a mente (meditação); terceiro, dilatar o espírito (iluminação ou êxtase). Cada uma dessas fases envolve muitas etapas. O processo é lento, progressivo e retroativo, e ainda que se alcance a união mística há que, em seguida, entrar “no deserto”, como quem inicia novamente todo o caminho.

IHU On-Line – Reconhecendo uma possível filiação de Teresa à tradição mística islâmica, como se dá a releitura desses elementos por parte da sua mística? Qual é a “novidade” de Teresa?

Frei Betto – A novidade é ela ter feito o caminho inverso ao de Copérnico⁷: enquanto este deslocou o eixo da Terra para o Sol, do geocentrismo para o heliocentrismo, ela deslocou Deus do Céu para a Terra, do crer para o viver, caminho retratado na experiência bíblica de Jó. Para Teresa, Deus é o seu caso de amor.

IHU On-Line – Qual foi a “recepção” da mística de Teresa em seu tempo? E hoje, como é recebido o seu legado?

Frei Betto – Teresa foi tida como “bruxa”, perseguida pelo núncio apos-

7 Nicolau Copérnico (1473-1543): astrônomo e matemático polonês, governador e administrador, jurista, astrólogo e médico. Desenvolveu a teoria heliocêntrica para o sistema solar, que colocou o Sol como o centro do sistema solar, contrariando a então vigente teoria geocêntrica - o geocentrismo (que considerava a Terra como o centro). Essa teoria é considerada uma das mais importantes descobertas de todos os tempos, sendo o ponto de partida da astronomia moderna. A teoria copernicana influenciou vários outros aspectos da ciência e do desenvolvimento da humanidade, permitindo a emancipação da cosmologia em relação à teologia. O IHU promoveu de 03-08 a 16-11-2005 o ciclo de estudos *Desafios da Física para o Século XXI: uma aventura de Copérnico a Einstein*. (Nota da IHU On-Line)

tólico na Espanha, que a qualificou de monja desobediente, vista com desconfiança pela Inquisição. Graças a seus confessores e teólogos, escapou de condenações. Hoje, o legado de Teresa extrapola as fronteiras da Igreja Católica. Talvez seja a santa mais estudada por psicanalistas e filósofos. Sobre ela há uma infinidade de obras de arte: filmes, peças de teatro, romances, etc. Ela chega a ser um fenômeno midiático.

IHU On-Line – Em que sentido a trajetória de Santa Teresa de Ávila inspira as mulheres da contemporaneidade e, também, de rever seu papel dentro da Igreja?

Frei Betto – Não disponho de dados para avaliar corretamente esse alcance. Mas sei que as obras de Teresa continuam a atrair vocações contemplativas. Há pouco, uma atriz de teatro da Polônia ingressou no Carmelo de São José, em Ávila. Aqui no Brasil, o Carmelo de Bananeiras, na Paraíba, está cheio de jovens, a maioria nordestinas.

É óbvio que Teresa exerce forte influência na teologia feminista e na reivindicação de permitir à mulher aceder, como o homem, a todos os graus de hierarquia na Igreja. Ela foi proclamada “doutora da Igreja” pelo papa Paulo VI⁸ e isso abriu horizontes e esperanças.

IHU On-Line – Qual é a atualidade de Teresa na sociedade de hoje? Em que pontos a mística teresiana nos questiona atualmente?

Frei Betto – Teresa tem muito a nos dizer nessa sociedade conectada por redes sociais, de excessiva exposição e objetivação do ser humano, na qual parece não terem lugar a subjetividade, o silêncio, o cultivo da vida interior, a autoestima fortalecida pela solidão.

Teresa nos questiona na concepção que temos de Deus e do amor. O

8 **Papa Paulo VI**: nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da IHU On-Line)

Deus de Teresa não se relaciona conosco baseado na meritocracia, na culpa, na prática das virtudes morais. É o Deus amoroso de Jesus (a quem ele chamava de *Abba* que, em aramaico, significa Meu pai muito querido) que nos convida a manter com ele uma relação de amor apaixonado, como Oseias com sua mulher Gomer. É dessa intensidade amorosa que brota a fidelidade à palavra divina.

IHU On-Line – Em nosso contexto epocal, qual é o papel e o valor da mística?

Frei Betto – Respondo com uma afirmação de impacto: todo drogado, todo dependente químico, é um místico em potencial. É alguém que descobriu uma verdade: a felicidade está dentro de nós, jamais fora. Se você tem um filho viciado em drogas e dá a ele R\$ 1 milhão para iniciar um empreendimento, certamente ele vai torrar o dinheiro na compra de drogas. A diferença é que seu filho entra pela porta do absurdo para atingir uma mudança do estado de consciência, enquanto o místico entra pela porta do Absoluto. Sem medo de me equivocar, acredito, com Jung, que ninguém é mais feliz que os místicos.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Frei Betto – Se alguém deseja abraçar a via da experiência mística, deve ler Teresa, João da Cruz, Thomas Merton⁹, Charles de Foucauld¹⁰, Plo-

9 **Thomas Merton** (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, pioneiro no ecumenismo no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro *Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários* (Rio de Janeiro: Físis, 2001) é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Físis, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da edição 133 da IHU On-Line, de 21-03-2005, publicamos um artigo de *Ernesto Cardenal, discípulo de Merton*, que fala sobre sua relação com o monge. (Nota da IHU On-Line)

10 **Charles Eugène de Foucauld** (1858-1916): ordenado sacerdote em 1901, tinha a intenção de criar uma nova ordem religiosa, o que sucedeu apenas depois

de sua morte: os Irmãozinhos de Jesus. Foi assassinado por assaltantes, em 1916. Foi beatificado pelo Papa Bento XVI em novembro de 2005. Sobre Foucauld, confira *Contribuições da espiritualidade de Charles de Foucauld em contexto de pluralismo cultural e religioso*, entrevista com Edson Damian publicada na Edição 269 da revista IHU On-Line, de 18-08-2008, disponível em <http://bit.ly/IPfX7U>; *Na plena luz de Charles de Foucauld*, artigo de Bruno Forte publicado nas Notícias do Dia, de 08-06-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1hdG5oT>. (Nota da IHU On-Line)

Leia mais...

- *“Reabilite Giordano Bruno”: o pedido de Frei Betto ao papa*. Entrevista com Frei Betto publicada no sítio do IHU, nas **Notícias do Dia**, de 14-04-2014, em <http://bit.ly/132j474>;
- *A Igreja em Cuba*. Entrevista com Frei Betto publicada no sítio do IHU, nas **Notícias do Dia**, de 29-02-2008, em <http://bit.ly/1zJ4uLF>;
- *Necrocombustíveis*. Artigo de Frei Betto publicado no sítio do IHU, nas **Notícias do Dia**, de 27-07-2007, disponível em <http://bit.ly/1G9ydBh>;
- *Batismo de Sangue*. Entrevista com Frei Betto publicada no sítio do IHU, nas **Notícias do Dia**, de 13-04-2007, disponível em <http://bit.ly/1ufABxY>.

da sua morte: os Irmãozinhos de Jesus. Foi assassinado por assaltantes, em 1916. Foi beatificado pelo Papa Bento XVI em novembro de 2005. Sobre Foucauld, confira *Contribuições da espiritualidade de Charles de Foucauld em contexto de pluralismo cultural e religioso*, entrevista com Edson Damian publicada na Edição 269 da revista IHU On-Line, de 18-08-2008, disponível em <http://bit.ly/IPfX7U>; *Na plena luz de Charles de Foucauld*, artigo de Bruno Forte publicado nas Notícias do Dia, de 08-06-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1hdG5oT>. (Nota da IHU On-Line)

11 **Plotino** (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos grupos de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da IHU On-Line)

A liberdade da experiência no encontro com Deus

Lúcia Pedrosa-Pádua, teóloga, professora e pesquisadora, explica como Teresa de Ávila desenvolveu uma espiritualidade baseada na exploração do espaço interior

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

Para os místicos, o reencontro com Deus não está no destino final, mas no caminho a percorrer, na experiência. Ao abrir o Ano Jubilar Teresiano, o Papa Francisco, em carta enviada ao Bispo de Ávila, convidou os cristãos a “*aprender a ser peregrino na escola da santa andarilha*”, lembrando Santa Teresa de Ávila. “(Na época de Teresa de Ávila) Aflorou e se desenvolveu uma poderosa espiritualidade que buscou explorar o *espaço interior* como porta de entrada da experiência de Deus. Não que a interioridade fosse isolada de outros aspectos, como o litúrgico, o ético, o estético e o interpessoal, ao contrário, a verdadeira mística integra todos estes espaços, o místico encontra Deus em tudo”, sustenta Lúcia Pedrosa-Pádua, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

“Resumindo, vai-se formando um movimento que busca uma espiritualidade subjetiva e vital, que sustenta e é sustentado por iniciativas concretas das ordens religiosas, por livros que descrevem experiências pessoais e propõem sérios caminhos de oração, por uma teologia que utiliza novos conceitos”, explica a entrevistada. “A experiência teresiana sempre será instigante porque é uma grande janela através da qual vislumbramos as possibilidades humanas em sua comunicação com Deus”, complementa.

Desobediente e instigante, Teresa de Ávila desconheceu o lugar que se esperava que as mulheres ocupassem à sua época. “Na grande janela das obras de Santa Teresa, vemos variedade de experiências de oração, rica fenomenologia, defesas teológicas, efeitos éticos da oração que atingem ora níveis mais externos, ora níveis

mais profundos. É um manancial tão grande que é possível reler seus livros – doutrinários e históricos – uma e outra vez, sempre descobrindo coisas novas e fazendo novas leituras com as novas gerações”, argumenta Lúcia. “Teresa aprendeu a ter esperança sem amordaçar as pessoas em julgamentos e exigências”, frisa.

Lúcia Pedrosa-Pádua é professora de Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Graduiu-se em Teologia pela FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte, e doutorou-se pela PUC-Rio. É bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Estudou no Centro Internacional de Estudos Teresianos e São Joanistas de Ávila (Espanha) e fez estudos de pós-doutorado na Pontifícia Universidade Gregoriana – PUG, em Roma, Itália. É organizadora, com Mônica Baptista Campos, do livro *Santa Teresa: mística para o nosso tempo* (PUC-Rio/Reflexão, 2011). Dentre suas outras obras, destacamos *O humano e o fenômeno religioso* (Ed. PUC-Rio, 2010), *Juventude, Religião e Ética: reflexões teológico-práticas sobre a pesquisa “Perfil da Juventude na PUC-Rio”* – org. (Ed. PUC-Rio, 2010). É professora responsável pelo Grupo Moradas de Estudos Místicos (PUC-Rio) e membro do Círculo do Rio e da Comissão Assessora Permanente do Conselho Nacional do Laicato do Brasil – CNLB. Dedicar-se também ao trabalho pastoral e à formação teológica de leigos e leigas através do Centro de Espiritualidade Teresiana Ataendi, da Instituição Teresiana (www.ataendi.com.br).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como podemos recuperar o pensamento de Santa Teresa, atualmente, no V centenário de nascimento de Santa Teresa?

Lúcia Pedrosa-Pádua – Diria que Teresa de Ávila foi uma mulher capaz de permanecer viva e influente na his-

tória por cinco séculos. Isto já é muita coisa. Numa sociedade em que as relações tendem a ser mais superficiais e pragmáticas, constatamos que Teresa é uma “celebridade” com longa sobrevivência. Em outubro de 2015, comemoram-se quinhentos anos de

seu nascimento. Sua herança é forte e consistente, suas obras nunca deixaram de ser traduzidas nestes séculos em dezenas de idiomas e sua leitura segue sendo inspiradora e sedutora. De fato, o tempo foi amigo de Teresa. Ao longo deste tempo, a admiração

por esta mulher se universalizou e adquiriu importância inter-religiosa, podemos dizer, se inter-religionalizou.

Do ponto de vista eclesial, Papa Francisco abriu o Ano Jubilar Teresiano. Em sua Carta ao Bispo de Ávila¹, Francisco valorizou Teresa em seu dinamismo. Convidou cada cristão a “aprender a ser peregrino na escola da santa andarilha” e, com Santa Teresa, percorrer os caminhos do nosso tempo. Hoje, pode ser símbolo de uma Igreja convocada a ser Igreja “em saída”, missionária, destemida, humilde e que se põe a serviço das necessidades dos irmãos, superando a autorreferência.

IHU On-Line – Quem foi a figura histórica de Teresa de Ávila? Poderia relacionar sua trajetória com o “século de ouro espanhol”, no qual ela viveu?

Lúcia Pedrosa-Pádua – Teresa não é a-histórica. Nem sua vida interior pode ser desvinculada da história. Ela é filha de seu tempo. Um tempo que oferecia sonhos, embora os caminhos não fossem nada democráticos. É tempo de uma Espanha poderosa, em termos econômicos e políticos, que é unificada e se insere na Europa, vence guerras, expande-se através da conquista da América – as Índias. Surgem manifestações culturais extraordinárias, especialmente de caráter filosófico e literário. Mas, na mesma proporção, foi um século também de sombras para os que não eram “fidalgos”, para as mulheres, para os pobres, para os habitantes das “Índias”, para a Igreja, com seus procedimentos inquisitoriais e, mais tarde, com a disciplinarização decorrente do Concílio de Trento². Tempo incerto, com fissuras na cristandade provocada pela reforma de Lutero³ e muitos mo-

vimentos espirituais conflitantes. Para Teresa, com seu excepcional sentido de realidade esperada, eram tempos “recios”, difíceis. O mundo que ela percebia “ardiam em fogo”, como define no seu *Caminho de Perfeição*. Por isso eram necessários “amigos fortes de Deus para sustentar os fracos”. Evidentemente, Teresa se considerava no grupo dos fortes.

IHU On-Line – Como compreender o florescimento da mística nesse tempo em que viveu Teresa e também Inácio de Loyola⁴, Lutero e Erasmo de Roterdã⁵?

Lúcia Pedrosa-Pádua – De fato, houve, desde fins do século XV até a primeira metade do século XVI, duas dinâmicas importantes que se reforçaram. Por um lado, uma busca de Deus. Por outro, um ambiente de reforma espiritual. Ambas caracterizaram não apenas a Espanha, mas outros países europeus.

Aflorou e se desenvolveu uma poderosa espiritualidade que buscou explorar o *espaço interior* como porta de entrada da experiência de Deus. Não que a interioridade fosse isolada de outros aspectos, como o litúrgico, o ético, o estético e o interpessoal, ao contrário, a verdadeira mística integra todos estes espaços, o místico encontra Deus em tudo. Mas, naquele momento, havia um cansaço da espiritualidade baseada em atos exteriores, orações vocais estereotipadas, devoções... Houve uma verdadeira migração em direção ao centro do humano para encontrar-se com sinceridade com Deus e sua Palavra. Uma espiritualidade em espírito e verdade, que oferecesse o consolo da união

com Deus e do perdão, a valorização do amor e do dom da sabedoria. Derivados desta busca de interioridade, encontramos o cultivo da oração e o forte impulso às altas esferas da vida mística. Essa tensão em direção à interioridade é característica também de Lutero e de Erasmo de Roterdã. Busca-se a vivência pessoal de Deus. Apesar das diferenças, é possível encontrar este encontro entre eles e Teresa.

E o ambiente de reformas? Ele foi vigoroso na primeira metade do século. Envolveu iniciativas importantes da Igreja oficial, nas ordens religiosas, de intelectuais nas Universidades e da imprensa, que teve neste tempo enorme desenvolvimento, e mesmo dos reis, pois a reforma da Igreja fazia parte de uma política de fortalecimento e unificação espanhola. Havia assim um movimento reformista sustentado por vários pilares.

As ordens religiosas observantes, em especial a franciscana, a beneditina e a dominicana, são o lugar concreto a partir do qual esta reforma se realiza. Nestas ordens, acentua-se a comunicação religiosa com Deus, principalmente interior, o valor da pobreza e da austeridade é fortalecido, criticam-se os desvios. Neste ambiente surge o grande movimento renovador que significou a Companhia de Jesus, com Inácio de Loyola (+1556).

Mas o decisivo é que a reforma é destinada a todos, não apenas às ordens religiosas. Atinge nobres e o povo simples. Eremitérios, casas de oração e de retiro são erguidos. Surgem métodos oracionais para todos os cristãos que o desejem. Caminhos de oração são claramente formulados, as obras de Santo Inácio de Loyola são seguidas pelas obras do grupo franciscano de Francisco de Osuna⁶, Bernabé de Palma⁷

1 **Ávila**: é um município da Espanha na província de Ávila, comunidade autónoma de Castela e Leão. Dom Jesus García Burillo é o atual Bispo de Ávila. A carta enviada pelo Papa Francisco pode ser lida no link <http://bit.ly/1vHl9uS>. (Nota da IHU On-Line)

2 **Concílio de Trento**: realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contra-Reforma. (Nota da IHU On-Line)

3 **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo

alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutenberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da IHU On-Line, de 03-11-2008, intitulada Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã. O material está disponível para download em <http://bit.ly/ihuon280>. (Nota da IHU On-Line)

4 **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. (Nota da IHU On-Line)

5 **Erasmo de Roterdã** (1466-1536): teólogo e humanista neerlandês, conhecido como Erasmo de Roterdã. Seu principal livro foi *Elogio da loucura*. (Nota da IHU On-Line)

6 **Francisco de Osuna** (1492 ou 1497-1540): foi um frade espanhol e autor de algumas das obras mais influentes sobre a espiritualidade naquela nação no século XVI. O seu livro *O Alfabeto Espiritual* Terceiro exerceu grande influência sobre Santa Teresa de Jesus. É considerada uma obra-prima do misticismo franciscano. Sua premissa do livro é que a amizade e a comunhão com Deus é possível nesta vida através da limpeza da própria consciência, entrando no coração e descansando em amoroso silêncio e, em seguida, elevando-se acima do coração para Deus. (Nota da IHU On-Line)

7 **Bernabé de Palma** (1469-1532): Irmão franciscano, místico e escritor. Nasceu em Palma delRío, na província de Córdoba, na Espanha. (Nota da IHU On-Line)

e Bernardino de Laredo⁸, estes últimos muito importantes para Teresa de Jesus.

As Universidades, por sua vez, empreendem um esforço de renovação do método do ensino teológico em importantes centros, como Salamanca, Valencia e Alcalá. Isto é muito importante, pois a teologia nestas Universidades buscaram ser não escolasticistas, buscaram novos recursos filológicos e históricos. Em Alcalá, por exemplo, é promovida a primeira edição da Bíblia Poliglota, evidentemente com vida curta depois de Trento.

Livros de espiritualidade importantes são editados, através de uma imprensa que se desenvolve de forma impressionante. Para termos uma ideia, de 1530 a 1559 são editados, nas gráficas castelhanas, mais de 198 títulos de livros de espiritualidade! Nestes livros, o tema da experiência do mistério de Deus vivo é comum, assim os leitores passam a ter estes livros como ajuda na oração e, mais importante, meios para saciar suas buscas espirituais. A jovem Teresa recebeu de seu tio, numa pequena cidade no interior de Castela, o livro Terceiro Abecedário (Brasília: Editora FFB, 2010), de Francisco de Osuña que, como sabemos pela sua própria vida, foi determinante para sua oração.

Resumindo, vai-se formando um movimento que busca uma espiritualidade subjetiva e vital, que sustenta e é sustentado por iniciativas concretas das ordens religiosas, por livros que descrevem experiências pessoais e propõem sérios caminhos de oração, por uma teologia que utiliza novos conceitos. Bem diferente de uma espiritualidade objetiva, baseada em obras externas, na oração vocal e fixada em livros edificadas sobre a autoridade.

Esta nova espiritualidade caminha na fronteira entre o ortodoxo e o heterodoxo. Dele participam correntes da oração de recolhimento (como Santa Teresa), protestantes, erasmistas e iluministas (estes últimos chamados pejorativamente de “alumbados”). Esta multiplicidade de correntes gerará muitas tensões e conflitos, envolvendo o grupo dos teólogos e as atividades inquisitoriais.

⁸ Fray Bernardino de Laredo (1482-1540): foi um médico e escritor franciscano místico. (Nota da IHU On-Line)

Na primeira metade do século, houve um movimento que tendia à harmonia entre os espirituais e os teólogos. Mas o segundo momento é bem diferente. Entra novo rei (Felipe II⁹, 1557); é promulgado o Índice (1559) e o Concílio de Trento é finalizado (1563), trazendo várias medidas disciplinares e declarações dogmáticas frente aos luteranos. Surge o antagonismo entre teólogos e espirituais e a posição inquisitorial será em desfavor destes últimos. Inicia-se outra etapa na teologia e espiritualidade do século XVI.

Vejam que curioso: a vida de Santa Teresa inicia na primeira metade do século, em 1515, e vai até 1582. Ela se alimenta, em sua juventude, de uma abertura e mesmo incentivo oficial à oração pessoal, vigentes. Por outro lado, a redação dos livros, as fundações e a edição de sua obra acontecem quando o *boom* editorial vive seu ocaso e se fortalece um movimento antimístico. Isto concede à pessoa e às obras de Santa Teresa um caráter profético e audaz.

Tudo isto me faz refletir sobre a importância de se discernir os “sinais dos tempos” que devem ser apoiados e suportados, no sentido de dar suporte. A “busca de Deus” foi, em um primeiro momento, articulada com locais de acompanhamento da oração, livros, teologia e iniciativas eclesiais. Juntos, movimento espontâneo e reforma, ajudaram a germinar vidas admiráveis que projetaram beleza e luz até os dias de hoje.

IHU On-Line – Como os poderes eclesiais instituídos daquele tempo interpretaram a ousadia e a novidade de Teresa de Ávila?

Lúcia Pedrosa-Pádua – A rede de relações de Teresa de Jesus é rica e grande, inclui muitos amigos, colaboradores e admiradores. Muitos clérigos acompanham com interesse a redação de seus livros. Provinciais solicitaram a ela o que escrevera. Teresa vai sendo reconhecida como “mestra de espirituais”, escritora e fundadora, um reconhecimento raro às mulheres.

⁹ Filipe II (1527-1598): foi rei de Espanha, a partir de 1556, e rei de Portugal, como Filipe I, a partir de 1580. Foi o primeiro líder mundial a estender seus domínios sobre uma área direta “onde o sol jamais se punha”, superando, portanto, Ghengis Khan, até então o homem mais poderoso de todos os tempos. (Nota da IHU On-Line)

As cartas de Santa Teresa fazem ver algo deste reconhecimento.

Por outro lado, de fato, Teresa rompeu com o estereótipo submisso e piedoso esperado das mulheres. As próprias representações de escritora, catedrática e andarilha, presentes na pintura, escultura e gravuras da época, revelam a subversão do papel da mulher que Teresa de Jesus representou.

Em consequência, não lhe faltaram censuras, críticas, desconfiâncias e mesmo ódio. Sua ação de registrar sua experiência, exercer o magistério teológico-espiritual e fundar conventos mexeu com o grupo de teólogos e com a Igreja oficial. O grande teresianista Pe. Tomás Álvarez¹⁰ recolheu vários exemplos desta rejeição a Santa Teresa, que podem ser encontrados em seu *Diccionario de Santa Teresa* (Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2000). Mencionarei alguns exemplos significativos e bem testificados.

Chegaram até nós as palavras de um insigne dominicano, Bartolomeu de Medina¹¹, catedrático de *Prima* de teologia da Universidade de Salamanca, através de um então discípulo seu. Testemunhou este discípulo que o grande teólogo, antes de conhecer Teresa e tornar-se seu grande amigo e admirador, reprovou sua presença em Salamanca para fundar um convento. Dissera publicamente de sua cátedra que “um tal ir de lugar em lugar é próprio de mulheres à toa” e que estas “melhor fariam se ficassem em suas casas fiando e rezando”.

O também dominicano João de Salinas, que já havia alertado seu companheiro de ordem e teólogo Domingo Báñez¹², amigo da Santa, que “não se deve confiar em virtude de mulheres”, ao conhecer Teresa volta a dizer-lhe que “esperava aproximar-se

¹⁰ Tomás Álvarez (1923): teólogo, historiador e escritor. (Nota da IHU On-Line)

¹¹ Bartolomeu de Medina O.P. (1527-1581): foi frade dominicano e teólogo espanhol. Foi aluno de Francisco de Vitória na Universidade de Salamanca e mais tarde catedrático de teologia na mesma universidade. É conhecido como o criador da doutrina do probabilismo, segundo a qual não há um só caminho para fazer o bem, mas que deve escolher-se o que mais provavelmente leve ao bem. (Nota da IHU On-Line)

¹² Domingo Báñez em latim Dominico-Bannes (1528-1604): foi um teólogo espanhol, religioso da Ordem dos Frades Pregadores. Foi confessor de Santa Teresa de Ávila, ensinou teologia em Alcalá, Valladolid e Salamanca. (Nota da IHU On-Line)

de uma mulher”, mas encontrara “um homem, e daqueles bem barbados”, referindo-se à tenacidade e capacidade de governo da Madre Teresa.

O próprio Domingo Báñez não conseguiu dissimular seu preconceito contra as mulheres, Teresa entre elas. Vemos isto claramente em sua *Censura ao Livro da Vida*, que pode ser encontrada em algumas versões das Obras Completas de Santa Teresa. Lá, ele diz que, no Livro da Vida, há “muitas revelações e visões, as quais sempre se deve muito temer, especialmente se são de mulheres, que são mais fáceis em crer que são de Deus e colocar nestas visões a santidade”.

Estes testemunhos de época são muitos interessantes. Mostram como Teresa desconheceu o lugar que se esperava das mulheres e, além disso, não se intimidou com os preconceitos e estereótipos sobre elas. Desconcertou as pessoas, foi mal falada e perseguida, mas foi adiante.

O caso mais emblemático vem, a meu ver, do núncio papal, Felipe Segá. Em suas consultas e cartas sobre a Ordem recém-fundada por Teresa de Jesus, ele não se digna a consultá-la, sequer a mencioná-la. Para ele, Teresa não passava de uma “mulher inquietada e andarilha, desobediente e contumaz” e que, além de tudo isto, “inventa más doutrinas...”, ensinando como mestra e indo contra o ensinamento de São Paulo, de que as mulheres não ensinassem”. Na percepção do núncio, o caminho de Teresa de Jesus ia na direção contrária dos costumes, da Ordem, do Concílio de Trento e mesmo da Palavra de Deus!

Isto sem falar das atividades inquisitoriais. Teresa, em vida, foi acusada duas vezes por *alumbradismo* ou iluminismo. Após sua morte, houve uma terceira tentativa de enquadrá-la na mesma heresia. Teresa saiu vencedora de todas as acusações. Na segunda, ela pessoalmente se defendeu; nas demais, que tinham por alvo as suas obras, a força e a coerência de sua teologia mística se encarregaram de sua defesa.

Na verdade, a Igreja oficial, patriarcal e antifeminista, tentou várias vezes invisibilizar e desqualificar Teresa de Jesus. A Igreja temeu a grande Santa e escritora, assim como os profetas são temidos e silenciados. Mas é isso que faz a história da mística uma história humana e divina. Ela depende das questões colocadas no tempo e

ambiente, dos recursos da razão nesta mesma época. No meio de tudo isto, ela não acontece sem uma graça de luz e de fidelidade. Em meio aos conflitos, o poder de atração da vida e da obra de Santa Teresa foi mais forte que a rejeição. Porque estavam envolvidas e fundadas na experiência do amor de Deus e foi vivida com sinceridade.

IHU On-Line – Como o testemunho de Deus dado por Teresa segue instigando e intrigando a mística e nossa relação com a transcendência?

Lúcia Pedrosa-Pádua – A experiência teresiana sempre será instigante porque é uma grande janela através da qual vislumbramos as possibilidades humanas em sua comunicação com Deus. Isto instiga e continuará instigando as gerações. Todo mundo deseja olhar por esta janela! A própria Teresa não se cansa de admirar como um Deus “tão grande e tão sábio” deseja tanto se comunicar com sua criatura.

Na grande janela das obras de Santa Teresa, vemos variedade de experiências de oração, rica fenomenologia, defesas teológicas, efeitos éticos da oração que atingem ora níveis mais externos, ora níveis mais profundos. É um manancial tão grande que é possível reler seus livros – doutrinários e históricos – uma e outra vez, sempre descobrindo coisas novas e fazendo novas leituras com as novas gerações.

Por exemplo, o leitor se encontra com páginas belas em que Teresa, como pedagoga, ensina a oração como um trato de amizade com Jesus, um cultivo de amizade no silêncio, na fidelidade à beira do poço, no interesse por ele. Desenvolve-se a capacidade de olhar, vence-se a mudez. O leitor é convidado a trazer este amigo por perto, ao lado, impresso no coração, dentro de si. Conselhos muito práticos estão presentes em suas obras: o tratamento do tempo, cultivo da atenção, atitudes fundamentais para a oração – a alegria, a “determinada determinação”, a liberdade de espírito –, atenção aos limites corporais, cultivo de relações de amizade, desenvolvimento da humildade e do desapego. E muitos, muitos mais.

Por outro lado, o leitor se aproxima de experiências que, tais como Teresa as realizou, o leitor jamais as terá. No entanto, pela experiência da autora, ele entra no mundo incrível das altas experiências místicas, do encontro

com o amor de Deus em níveis insuspeitados, de purificações arrasadoras, de conhecimento interno da realidade do Deus trino, da percepção de Deus em todas as coisas, no cosmos, de transformações éticas que atingem o ápice das possibilidades e levam a criatura a vencer o medo da morte.

Assim, do mais simples ao mais elevado, que sabiamente faz retornar ao mais simples – Deus está entre as painelas! – o leitor também faz o seu itinerário. Ela mesma convida cada um a descobrir a sua forma particular de oração. Assim, os livros de Teresa são também um espelho para nos ver melhor e amar com mais qualidade. Há estímulos para o amor.

As experiências teresianas têm um aspecto profético, o Deus que ela experimenta é libertador. Assim ela o experimenta como pessoa, como mulher, como membro de uma comunidade e de uma Igreja. Este Deus a envia continuamente a ações transformadoras, sua atitude diante dos acontecimentos nunca é passiva, é ativa e crítica.

Além disso, há um aspecto sapiencial. Os escritos são belos e traduzem sabedoria de vida, bom senso, compreensão humana, caminhos de integração e humanização. Há interesse pelas pessoas, pelos trabalhadores, pela saúde, pela comunicação de qualidade.

Enfim, na experiência teresiana, a transcendência está revestida de glória e de terra, está presente aos atos mais heroicos e aos profundos abismos do pecado. Não são possíveis máscaras diante de Deus que traz tudo à luz e concede ao humano a grandeza de não se envergonhar por ser humano, ao contrário, de dizer sim à aventura de conhecer e autoconhecer-se em Deus e de, em meio ao realismo da maldade e da destruição que pode provocar, abrir caminhos para o amor.

IHU On-Line – Por que ela é considerada por alguns comentaristas como “mãe da psicologia”?

Lúcia Pedrosa-Pádua – Conheço junguianos¹³, lacanianos¹⁴ e mesmo

¹³ Carl Gustav Jung (1875-1961): psiquiatra suíço. Colega de Freud, estudou medicina e elaborou estudos no campo da psicologia, discutindo os conceitos de introversão e extroversão. (Nota da IHU On-Line)

¹⁴ Jacques Lacan (1901-1981): psica-

freudianos¹⁵ que admiram Santa Teresa e a leem. A psicologia profunda de Jung tem explorado bastante as obras teresianas, de forma especial o Castelo Interior (J. Welch; Vergote¹⁶) e há obras consistentes em abordagem lacaniana (D. Vasse) e mesmo psicanalítica (J. Kristeva¹⁷; C. Padvalskis).

nalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas ainda assim constitui apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da revista *IHU On-Line*, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://bit.ly/ihuon267>. Sobre Lacan, confira, ainda, as seguintes edições da revista *IHU On-Line*, produzidas tendo em vista o *Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer "não cedas de teu desejo"? [necèdepassurtondésir?]*, realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-06-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível em <http://bit.ly/ihuon298>, e edição 303, de 10-08-2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer "não cedas de teu desejo"?*, disponível em <http://bit.ly/ihuon303>. (Nota da *IHU On-Line*)

15 **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista, fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Freud nos trouxe a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam ainda muito debatidos hoje. A edição 179 da *IHU On-Line*, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação* tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da *IHU On-Line*)

16 **Antoine Vergote** (1921-2013): padre católico, filósofo, psicólogo e psicanalista belga. Foi professor emérito da Universidade Católica da Lovaina. (Nota da *IHU On-Line*)

17 **Julia Kristeva** (1941): psicanalista búlgara, professora de Linguística na Universidade de Paris e autora de mais de trinta livros consagrados. Aluna de Roland Barthes, é uma das mais respeitadas intelectuais da atualidade. Seus pensamentos envolvem teoria literária, semiologia, filosofia e psicologia. Escreveu também quatro romances. Entre suas obras estão: *As Novas Doenças da Alma*,

Hoje, mais ou menos superados os preconceitos contra a mística e contra a própria Teresa – mais característicos do século passado e mesmo do anterior – cada vez mais são abertos caminhos de diálogo da mística com a psicologia na perspectiva da saúde, do sentido e da luz diante dos desafios contemporâneos.

Por que é possível esta aproximação? Primeiro porque as copiosas narrativas das atividades interiores na experiência mística de Teresa fazem dela um prato saboroso e farto de investigação.

Segundo, e é aí que desejo chegar, porque há um reconhecimento de Teresa como profunda conhecedora das potencialidades e misérias do humano. E, de fato, Teresa é uma exploradora da alma humana e da vida interior – nesta aventura ela empregou suas melhores energias. O autoconhecimento é, para ela, “o pão com que devemos comer todos os manjares”, básico para avançar nas moradas mais interiores do próprio castelo.

Este autoconhecimento se dá de maneira intersubjetiva, especialmente na relação com Deus. Assim sendo, conhecimento próprio e conhecimento de Deus são incluídos e inter-relacionados. Não sendo assim, a experiência de Deus seria alienante. O caminho espiritual é, ao mesmo tempo, um itinerário de encontro consigo mesmo, de retirada de máscaras e de potencialização do melhor de cada um.

Aliado a isto, Teresa chegou a um conhecimento profundo do mal presente na história e nas pessoas, com sua potencialidade, e isto fazia parte de seu conhecimento realista das pessoas. Um dia escreveu: “nada te perturbe, nada te espante”. Isto valia para ela e para os demais. Teresa aprendeu a ter esperança sem amordaçar as pessoas em julgamentos e exigências. E o exemplo é ela mesma, “mulher ruim” que foi tratada por Deus com muita paciência. Exclamará: “bendito seja Deus que tanto me esperou”.

Outro aspecto é o caráter terapêutico de suas comunidades e processos comunitários. Há um convite a viver com simplicidade e verdade, fra-

ternidade e atenção mútua, comunicação e silêncio, alegria e bom humor, facilitando assim o desenvolvimento humano. “Quanto mais santas, mais conversáveis”, escreveu um dia, inovando na própria noção de santidade de seu tempo, que valorizava de maneira unilateral o silêncio como sinal de santidade.

IHU On-Line – Como se mesclam subjetividade, liberdade e autonomia em sua vida e obra?

Lúcia Pedrosa-Pádua – Teresa é uma mulher do renascimento, da descoberta da subjetividade, da valorização da experiência. Seu primeiro livro, *o Livro da Vida*, é escrito em primeira pessoa. Mais interessante para mim, atualmente, é perceber os processos pelos quais Teresa abre espaços de liberdade e autonomia na relação com Deus, fato que se relaciona com os caminhos de liberdade que ela ajuda a abrir naquela sociedade.

Vemos no *Livro da Vida* uma Teresa que, por exemplo, vai se desapegando de uma autoimagem sempre muito positiva diante dos demais e vai aprendendo a suportar que falem mal dela. Ela se desvincula da escravidão de agradar a todos e, assim, cresce em autonomia e liberdade. É uma etapa fundamental de sua vida e não seria possível sem a fortaleza interior gerada na oração. Ao final do itinerário de Teresa, em grande liberdade, ela não teme a morte e é capaz de oferecer a vida e o querer viver para servir à comunidade, à Igreja, a Deus. Ela se faz “escrava de Deus”.

A experiência de olhar para o Jesus dos Evangelhos, libertador que gera liberdade em seus seguidores, é mediação fundamental. Em seu texto mais feminista, constante apenas na primeira redação do *Caminho de Perfeição*, Teresa denuncia os varões que se fazem juízes de mulheres, encurralando-as e considerando-as incapazes, para que não possam “dizer em público o que choram em silêncio”.

Oração-amor, observação, olhar crítico, autoconsciência, busca da felicidade (Teresa foge de casa duas vezes!), fidelidade a si mesma são alguns elementos através dos quais Teresa cresce em autonomia e liberdade que, por sua vez, geram comunhão e liberdade.

Estrangeiros para nós mesmos e O Velho e os Lobos. É autora também de *Thérèse-moumour* (Paris: Fayard, 2008). (Nota da *IHU On-Line*)

IHU On-Line – E como ela concilia o amor com essas categorias?

Lúcia Pedrosa-Pádua – A liberdade teresiana é gerada no amor, especialmente o amor de Deus. E leva ao amor. Assim, amor e liberdade não se conciliam externamente, mas intrinsecamente. Amor gera liberdade, liberdade gera amor. Ambos se exigem para existirem.

O amor é tema central na obra teresiana. No livro da Vida, ela mostra como era amada por sua família e amigos. Ela se sente “a mais querida”, mas não quer que decidam a vida por ela. Está convencida de que as relações verdadeiras libertam de exigências impossíveis, chantagens, modelos que escravizam uns e libertam outros. A vida cotidiana e comunitária tem seus segredos.

Teresa foi atingida pelo amor de Deus. A experiência do coração transpassado pelo dardo do amor impressiona, pois traz consigo o grande sentimento de amor, seguido de pungente purificação que faz olhar a vida com outros olhos e desejar o que mais leva ao amor. Poucos autores da literatura falarão da experiência de ser amada por Deus como Santa Teresa.

Digno de nota é o seu pequeno tratado do amor ao próximo constante no capítulo terceiro das Quintas Moradas, em que ela coloca o amor ao próximo, concreto, como a verdadeira união com Deus, mais importante que a mais elevada experiência mística. Se Deus é amor, ele gera amor e este amor necessariamente irradia.

IHU On-Line – Em que aspectos essas concepções são inspiradoras e desafiadoras para as mulheres da contemporaneidade?

Lúcia Pedrosa-Pádua – Esta é uma boa pergunta. Amor e autonomia é desafio para todos, para as mulheres especialmente. Talvez a grande sabedoria da vida hoje seja estar alerta para perceber os veios de vida, hoje. Não adormecer no sono do consumo, do individualismo e dos sonhos pequenos. Nossas ficções científicas atualmente são distópicas, não estariam elas apontando para uma sede de utopias?

IHU On-Line – Em outra entrevista concedida à IHU On-Line, em 2012, a senhora menciona que Teresa possuía “condicionamentos psí-

quicos”. A que estava se referindo, exatamente?

Lúcia Pedrosa-Pádua – Talvez me referisse aos condicionamentos psíquicos que todos nós temos. Para avaliar uma experiência mística, o núcleo principal do amor de Deus deve ser discernido, e não fundido com o fenômeno tal como descrito pelo místico. Porque a experiência se desenvolve sempre no horizonte cultural, social e psíquico do místico.

IHU On-Line – Como analisa a simbologia e a semântica utilizadas por Teresa de Jesus em seus escritos místicos em geral?

Lúcia Pedrosa-Pádua – O símbolo é a forma mais honesta de falar de Deus. O místico tenta explicar sua experiência, não conseguindo, fala por símbolos. Ao final se cala. Temos vários exemplos nos escritos teresianos. O leitor pode conferir o esforço de linguagem e a beleza gerada pelos símbolos, a imaginar e sentir uma “luz que não conhece noite”, por exemplo.

Os símbolos teresianos transmitem, Teresa é muito livre, assim, por exemplo, a borboleta se transforma em pomba e volta a ser borboleta; o fogo abre espaço para a água. E o leitor entende muito bem! Há uma aventura sensorial.

Num recente artigo, dediquei-me a estudar o símbolo do fogo como símbolo do Espírito. Que variedade e riqueza simbólica: o fogo inicia como centelha de amor, a centelha é também chispa de conhecimento; há fogueiras de amor, e centelhas como que atingem até a sensibilidade física; o fogo anuncia, provoca seca e exige a água. Enfim, Teresa fala mais do Espírito por seus símbolos que uma pneumatologia conceitual. O mesmo poderia ser aplicado à água, símbolo ao mesmo tempo da graça de Deus e da oração. Nesta constelação semântica há fontes, riachos, arroios, mar, grandes ondas, aqueduto, noria, água que sai da areia, nascentes, águas limpas e águas turvas. Vida e morte, esperança.

Teresa tem a habilidade de falar sobre o ser humano e sua aventura mística através de símbolos como o castelo interior, feito de diamante ou de cristal muito puro, habitado por Deus que, como o sol, irradia sua luz pelas moradas do castelo. A descrição

do símbolo e a narrativa da pessoa que se aventura neste castelo formam um verdadeiro tratado de antropologia teológica indutiva. E, mesmo sem a preocupação teológica, o leitor pode, através do símbolo, ver a si mesmo, intuir a presença de Deus em seu interior, num dinamismo de luzes e sombras, e inspirar sua vida concreta.

Há símbolos arquetípicos, como o “centro” e a metamorfose da borboleta, especificamente do bicho-da-seda; símbolos originais como o jardim (a pessoa) e o jardineiro (Deus), o palmito (símbolo antropológico que apoia a ideia do centro – o mais saboroso da pessoa encontra-se no mais íntimo e unido a Deus) ou a abelha (símbolo da humildade). Os símbolos abrem a possibilidade de discursos diversos, interdisciplinares e inter-religiosos, e são inspiração para novos olhares das novas gerações.

IHU On-Line – Sob quais aspectos Teresa teve uma autoconsciência expandida de seu “ser mulher”?

Lúcia Pedrosa-Pádua – Acho que já falei um pouco sobre isto. Teresa é um exemplo de expansão da consciência feminina e feminista. Por isto é profética.

No próximo ano, será publicado um novo livro de minha autoria: *Santa Teresa de Jesus. Mística e humanização*, pelas Paulinas. Ali traço um longo itinerário da integração entre corpo, mente e espírito realizada por Teresa. Isto é fundamental para a verdadeira humanização, e Teresa o realizou num ambiente fortemente dualista. Isto mostra a força integradora da mística.

Leia mais...

- “Mãe da psicologia”? *Subjetividade, liberdade e autonomia em Teresa de Jesus*. Entrevista especial com Lúcia Pedrosa-Pádua publicada nas **Entrevistas do Dia**, de 08-01-2012, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1yCxhUY>;
- *Teresa de Ávila, mulher “eminente humana e toda de Deus”*. Entrevista com Lúcia Pedrosa-Pádua publicada na edição 403 de 24-09-2012, disponível em <http://bit.ly/1qVuMdY>.

Contra a patologização psicológica da Mística

O psiquiatra Jesús Sánchez-Caro refuta todas as tentativas de imputar às visões de Teresa de Ávila uma origem nas doenças mentais

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: ANDRÉ LANGER

Mesmo 500 anos depois, os êxtases de Teresa de Ávila continuam inspirando todo tipo de interpretação. Se na época, por vezes, eram tidos por religiosos reticentes como intervenções do demônio, mais tarde, a partir das descobertas da medicina e da avaliação de sua autobiografia (o *Livro da Vida*), começam a ganhar espaço versões que imputam às visões da santa católica um caráter patológico. Ou seja, as experiências místicas seriam fruto de depressão, histeria ou distúrbios de sono e alimentares.

Médico psiquiatra há 40 anos e fascinado pela vida e mente da mística escritora, Jesús Sánchez-Caro é categórico ao refutar todas estas interpretações – que ele acusa de serem exercícios de pura fantasia. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ele ressalta que não existe patologia psiquiátrica neste caso. “Nada tem a ver o amor e o enamoramento de Teresa com a ‘ideia delirante erotomaniaca’ que aparece em alguns doentes mentais graves.

O psiquiatra reflete que mesmo que existam casos de delírios místicos ou misticismo

patológico, estes nada mais são que “mera caricatura ou remedo do misticismo normal, do misticismo dos verdadeiros místicos”. E conclui: “uma tentativa patológica desses doentes para imitá-los, razão pela qual se tende em geral a não utilizar esta catalogação diagnóstica”.

Jesús Sánchez-Caro possui graduação e doutorado em Medicina e Cirurgia. Especialista em Psiquiatria, atualmente é professor da Universidad Complutense de Madrid. É autor do livro *El medico y la intimidad* (Madrid: Diaz de Santos, 2001) e do ainda no prelo *Los limites de la gloria. El sueño de Teresa de Ávila*, ao qual foram dedicados três anos de estudo. Nele, defende que a aproximação à Doutora Mística da Igreja, Teresa de Ávila, só pode ser feita através de uma leitura hermenêutica de seus escritos. Isto é, tendo em conta na interpretação de seus textos não apenas os aspectos médicos e científicos, mas também os aspectos psicológicos, filosóficos, religioso-teológicos, bíblicos, mitológicos, simbólicos e metafóricos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Em termos psiquiátricos, como podem ser compreendidas as experiências místicas de Teresa de Ávila, incluindo suas visões e êxtases?

Jesús Sánchez-Caro – As experiências místicas de Teresa de Ávila de modo algum têm a ver com a patologia psiquiátrica; portanto, de forma alguma podem ser compreendidas em termos psiquiátricos. Talvez, e só muito parcialmente, seja possível pro-

curar compreender algumas delas do âmbito da psicologia e da neurobiologia do cérebro.

Assim, as visões que diz metaforicamente ver com “os olhos da alma”, parecem ser, como ela mesma indica, visões imaginárias, frutos de sua extraordinária imaginação criativa e de sua rica fantasia, esclarecendo repetidas vezes que nunca viu nem ouviu por meio dos sentidos corporais. Muito mais difícil é a interpretação das

visões intelectuais, nas quais não intervieram nem os sentidos corporais nem a imaginação, mas das quais diz ter uma grande convicção sobre sua autenticidade; aqui a ciência não tem resposta a dar, porque ela nos diz que é graças à fé como as percebe; “quem crê, vê”, se diz no Evangelho de São João (Jo 12, 46).

Por outro lado, não existe nenhuma razão científica para tratar de explicar o êxtase como um problema

médico, e isso foi afirmado tradicionalmente por prestigiosos médicos e psiquiatras espanhóis (GregorioMarañón¹ – para muitos o médico humanista mais importante da Europa durante o século XX –, Avelino Senra Varela², Amador Schüller³, Francisco Marco Merenciano⁴, Juan José López Ibor⁵ – que foi presidente da Associação Mundial de Psiquiatria –, José MaríaPovedaAriño⁶...).

IHU On-Line – Até que ponto suas experiências místicas podem ser o resultado de algum tipo de desordem mental?

Jesús Sánchez-Caro – Como se indicou anteriormente, suas experiências místicas não têm absolutamente nada a ver com nenhum tipo de transtorno mental. Em alguns doentes mentais graves, sobretudo nos psicóticos (pacientes com ideias delirantes e/ou alucinações, sem consciência sobre a sua natureza patológica), pode-se apreciar, às vezes, delírios de tipo religioso (cada vez menos frequentemente, já que predominam hoje os delírios de tipo paranoide), que são classificados por alguns como delírios místicos ou como “misticismo patológico”; mas este misticismo nada mais é do que uma

“Talvez, e só muito parcialmente, seja possível procurar compreender algumas das visões de Teresa do âmbito da psicologia e da neurobiologia do cérebro”

mera caricatura ou remedo do misticismo normal, do misticismo dos verdadeiros místicos; uma tentativa patológica desses doentes para imitá-los, razão pela qual se tende em geral a não utilizar esta catalogação diagnóstica.

IHU On-Line – Como pode ser compreendida a experiência de quase morte de Teresa, quando recebeu a extrema unção e passou quatro dias “sem respirar”, de acordo com a “prova do espelho”?

Jesús Sánchez-Caro – Teresa de Ávila sofreu sem dúvida um estado de coma profundo (de grau três na escala de Glasgow⁸ – mínimo de consciência –, já que não respondia a nenhum

estímulo externo), que durou quatro dias, devido a uma meningoencefalite infecciosa, que foi, muito provavelmente, consequência do padecimento de uma doença infecciosa crônica febril, a chamada “febre de Malta” ou brucelose⁹. Esta doença, que se manifestou na doente na primavera de 1538, é endêmica da província de Ávila e é transmitida principalmente pela ingestão de leite de cabra ou de queijos frescos ou de requeijão feito com este leite. Devemos recordar que a mãe da Santa tinha rebanhos de cabras em Gotarrendura, a apenas 20 quilômetros de Ávila, e que esse leite era, com certeza, consumido no convento onde ela se encontrava (o mosteiro da Encarnação).

IHU On-Line – Alguns autores chegam inclusive a dizer que ela era histérica ou esquizofrênica. Qual é o fundamento deste tipo de afirmação?

Jesús Sánchez-Caro – Em relação ao diagnóstico de esquizofrenia – talvez a doença mais grave com a qual um psiquiatra possa se encontrar –, não conheço nenhum trabalho no qual alguém tenha se “atrevido” a aplicá-lo a Santa Teresa, dado que, como se vem afirmando, não existe nenhuma base para classificar sua vida mística dentro do âmbito psiquiátrico.

No que se refere ao diagnóstico de “histeria”, é interessante constatar o seguinte: O termo “histeria” não é reconhecido atualmente em nenhuma das principais classificações das doenças psiquiátricas, a norte-americana (DSM) e a da Organização Mundial da Saúde (OMS). Na classificação norte-americana (última: DSM-V, 2013), que sofreu diversas revisões ao longo dos anos, não figura há mais de 30 anos; na da OMS há mais de 20 anos. É um termo que foi abandonado pela enorme dificuldade, quase total impossibilidade, que havia para fa-

9 Brucelose ou Febre de Malta: doença crônica causada pelas bactérias do gênero *Brucella*, transmitida pelos laticínios não pasteurizados ou pelo contato com animais ou carne infectada. (Nota da IHU On-Line)

1 GregorioMarañón(1887-1960): médico, cientista, historiador, escritor e filósofo espanhol. (Nota da IHU On-Line)

2 Avelino Senra Varela (1935): médico oncologista galego. (Nota da IHU On-Line)

3 Amador Schüller (1921-2010): médico e professor universitário espanhol, também foi reitor da Universidade Complutense de Madrid e chefe de Medicina do Hospital Clínico San Carlos. (Nota da IHU On-Line)

4 Francisco Marco Merenciano: médico integrante da Falange Española Tradicionalista y de las Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista, partido único do regime franquista e o único permitido durante a Guerra Civil espanhola. (Nota da IHU On-Line)

5 Juan José López Ibor (1908-1991): psiquiatra espanhol, conhecido pelo estudo de transtornos de vitalidade e de estados de ânimo – como a angústia. (Nota da IHU On-Line)

6 José MaríaPovedaAriño (1919-1994): foi professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade Autónoma de Madri. Foi subdiretor do Hospital Psiquiátrico Provincial e fundador da Sociedade Espanhola de Medicina Psicossomática e Psicoterapia. (Nota da IHU On-Line)

7 Na dissertação *Libro de la Vida, de Teresa de Jesus - A autobiografia como manifestação literária feminina*, a autora Dulce Espíndola escreve: “Depois de um mês em coma profundo, tomaram-na por morta. A prova do espelho ao hálito o confirmava. Colocaram cera sobre os olhos, usaram como mortalha um lençol branco e colocaram luto. Assim esteve quase quatro dias. A sepultura foi aberta em seu convento, mas o pai opunha-se a enterrá-la. E seu instinto foi certo: a doente despertou delirante, depois, entre lágrimas, pediu para confessar-se e comungar”. (Nota da IHU On-Line)

8 Escala de coma de Glasgow: escala neurológica inicialmente usada para avaliar o nível de consciência depois de trauma encefálico, é atualmente aplicada a diferentes situações. (Nota da IHU On-Line)

zer seu diagnóstico clínico, e porque, além de ser um termo muito confuso, era empregado em sentido depreciativo e negativo em relação aos pacientes.

O diagnóstico de brucelose ou febre de Malta, a principal doença orgânica que Teresa sofreu, foi realizado há alguns anos – após uma exploração clínica exaustiva dos sintomas revelados em sua descrição autobiográfica em o *Livro da Vida* e em outros escritos – por alguns dos mais eminentes patologistas espanhóis contemporâneos. Concretamente, pelo Dr. Avelino Senra Varela, catedrático de Patologia e Clínica Médica da Universidade Cádiz, em 1982, e posteriormente reafirmado pelo Dr. Amador Schüller Pérez, catedrático de Patologia e Clínica Médica da Universidade Complutense de Madri e presidente da Real Academia Nacional de Medicina, em 2005.

O reconhecimento de que Teresa padecia da mencionada doença orgânica grave, que evoluiu deixando-lhe importantes e dolorosas sequelas físicas para toda a vida, joga definitivamente por terra toda pretensão de atribuir a ela o “antigo” e “abandonado” diagnóstico de histeria; a mesma conclusão a que já chegaram anteriormente – antes que houvesse o conhecimento de que teve esta doença – com argumentos psicológicos e fenomenológicos os prestigiosos psiquiatras espanhóis acima mencionados.

IHU On-Line – Em termos gerais, como se pode compreender o legado de Teresa de Ávila sob o prisma da sua saúde mental?

Jesús Sánchez-Caro – Teresa de Ávila é sem sombra de dúvida uma das pessoas mais equilibradas que se pode encontrar na história da humanidade. É muito fácil comprovar esta assertiva, já que deixou uma imensa obra escrita na qual isso está atestado; e, mais concretamente, basta ler suas cerca de 500 cartas, que felizmente foram conservadas, nas quais se expressa com toda naturalidade e humanidade, revelando uma grande

“Nada tem a ver o amor e o enamoramento de Teresa com a ‘ideia delirante erotomaníaca’ que aparece em alguns doentes mentais graves”

coerência ao longo de toda a sua vida e dando mostras de uma série de virtudes nada correntes.

Por outro lado, a vida de Teresa de Ávila poderia constituir hoje – pela grande inteireza que demonstrou para enfrentar suas graves e dolorosas doenças e os múltiplos e sérios problemas que se lhe apresentaram ao longo da sua vida (pessoais, familiares, inquisitoriais, fundacionais e outros) – um exemplo paradigmático daquilo que na psicologia moderna se denomina de “resiliência”¹⁰: a capacidade das pessoas para enfrentar e superar as adversidades mais diversas e inclusive sair fortalecidas delas.

IHU On-Line – O tema do erotismo é recorrente nos êxtases de Teresa de Ávila. Esse tipo de experiência caracteriza alguma patologia mental? Por quê?

Jesús Sánchez-Caro – Estimo que o único amor, o único amado e o único amante ao qual Teresa se dirige apaixonadamente é Deus; era exclusivamente com Ele que ela desejava unir sua vontade para sempre. E a experiência mística dessa imersão tão profunda no mundo espiritual e de sua fusão sobrenatural com Ele, a vi-

venciou intensamente não apenas em sua mente, mas também em seu corpo; mas, como já indicava há alguns anos a insigne escritora Simone de Beauvoir¹¹, “sem ser escrava de seus nervos nem de seus hormônios”. E esta escritora acrescentou o seguinte: “Santa Teresa propõe de forma totalmente intelectual o dramático problema da relação entre o indivíduo e o Ser transcendente; vive como mulher uma experiência cujo sentido ultrapassa qualquer especificação sexual; devemos classificá-la ao lado de São João da Cruz¹²”.

Teresa tratou depois de expressar metaforicamente essas experiências místicas tão profundas. É bem conhecido que em um dos seus livros mais poéticos e belos, *Conceitos do amor de Deus*, inspirou-se no Cântico dos Cânticos de Salomão¹³, tradicionalmente lido pelos judeus e

11 Simone de Beauvoir (1908-1986): escritora, filósofa existencialista e feminista francesa. Ligou-se pessoal e intelectualmente ao filósofo francês Jean-Paul Sartre. Entre seus ensaios críticos cabe destacar *O Segundo Sexo* (1949), uma profunda análise sobre o papel das mulheres na sociedade; *A velhice* (1970), sobre o processo de envelhecimento, onde teceu críticas apaixonadas sobre a atitude da sociedade para com os anciãos; e *A cerimônia do adeus* (1981), onde evocou a figura de seu companheiro de tantos anos, Sartre. (Nota da IHU On-Line)

12 João de Yepes ou São João da Cruz (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567 encontra-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe fala sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de JesúsHeredia, inicia a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675 foi beatificado por Clemente X. Foi canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952 foi proclamado “Patrono dos Poetas Espanhóis”. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002). (Nota da IHU On-Line)

13 Cântico dos cânticos ou Cântico de Salomão: Livro do Antigo Testamento, posterior ao Eclesiastes e anterior ao livro da Sabedoria, na Bíblia católica e, na Bíblia protestante, antes de Isaías. No judaísmo, é um dos cinco rolos da última seção do Tanakh, conhecida como Ketuvim (“Escritos”). (Nota da IHU On-Line)

10 Leia a edição 241 da IHU On-Line, **Resiliência. Elo e sentido**, disponível em <http://bit.ly/1Gqog2E>. (Nota da IHU On-Line)

cristãos como uma forma simbólica e metafórica de narrar os amores e desamores do esposo, Deus, e da esposa, a alma; esta bela inspiração bíblica expressou-se também metaforicamente em numerosos poemas e outros escritos.

Portanto, uma vez mais, não existe patologia psiquiátrica. Nada tem a ver o amor e o enamoramento de Teresa com a “ideia delirante erotomaníaca” que aparece em alguns doentes mentais graves: a ideia delirante de que outra pessoa, geralmente de status superior ou uma pessoa famosa, como uma estrela de cinema, está profundamente apaixonada pelo sujeito; são pacientes em geral de tratamento muito difícil (farmacológico e psicoterapêutico) e a doença costuma alterar negativamente o curso de suas vidas.

IHU On-Line – Em que medida devem ser consideradas as crises de Teresa e as condições históricas do tempo no qual ela viveu (fervor religioso, subordinação feminina e o medo da Inquisição)?

Jesús Sánchez-Caro – Não entendo exatamente o que quer significar a palavra “crise”; estimo que seria preciso adjetivá-la para ver a que se refere concretamente. Mas não cabe a menor dúvida de que, efetivamente, para qualificar adequadamente Teresa de Ávila e procurar compreender melhor seu misticismo, é preciso conhecer, entre outras coisas, a época histórica e o ambiente cultural – o Século de Ouro espanhol – que lhe coube viver.

IHU On-Line – Nesse sentido, como é possível entender a reação de religiosos que conviviam com ela, que atribuíam suas experiências místicas ao Diabo ou inclusive ridicularizavam-nas?

Jesús Sánchez-Caro – Creio que esta pergunta deveria ser muito mais concreta e, em todo caso, respondida por um dos muitos especialistas, mestres espirituais e teólogos especializados na Santa, que conhecem muito melhor do que eu estes aspectos espirituais, sobrenaturais e religiosos.

IHU On-Line – Desejaria acrescentar algum aspecto que não foi perguntado?

Jesús Sánchez-Caro – Muito obrigado a toda a equipe que participou da elaboração desta interessantíssima entrevista, que me deu a oportunidade para manifestar meu pensamento sobre Teresa de Ávila. Depois de meditar sobre suas perguntas, ocorrem-me as seguintes observações.

Todos aqueles que há alguns anos vêm refletindo e estudando a vida e a morte de um ser tão genial e fascinante como Teresa de Ávila já estão acostumados a se encontrar de vez em quando com algum novo diagnóstico que “maltrata”, mais uma vez, sua já “maltratada patografia”. Por isso, talvez, não me surpreendo inteiramente com o fato de que a entrevista que tão amavelmente me enviaram para dar sobre ela a minha modesta opinião, considere-a francamente escorada ou inclinada para o âmbito da psiquiatria, ou seja, para essa parte da medicina que estuda as doenças mentais.

Talvez tenha pesado nessa orientação o fato de que sou psiquiatra que exerce a psiquiatria clínica há cerca de 40 anos, e de que me sinto fascinado pela vida e mente da mística escritora. Sinceramente, no entanto, penso que influiu ao menos em parte na orientação tão definida desta entrevista um livro que apresenta a patologia da Santa na perspectiva do que alguns especialistas chamam de “psico-história”¹⁴. Esta, de forma geral, pode ser entendida como “o estudo das motivações psicológicas de acontecimentos históricos” ou, ainda, como o estudo das principais motivações que determinaram a biografia, a vocação, os escritos e inclusive a patologia de Teresa.

Este colega se valeu para isso da psicanálise freudiana e de algumas pinceladas psicopatológicas que parecem claramente aplicadas *ad hoc*. Usando, para isso, de muita imaginação, mas com muito pouca ou nula base científica, já que continuar qualificando atualmente Teresa de Ávila com um termo diagnóstico tão obsoleto e abandonado como “histeria” e tratar de psicanalizá-la retrospectivamente, depois de quase 500 anos de seu nascimento, não pode ser – no melhor dos casos – mais que um incrível exercício de fantasia.

¹⁴ O entrevistado parece se referir ao livro *Historia personal de Santa Teresa de Jesús*, do psiquiatra Francisco Alonso-Fernández. O livro se filia na psico-história e descreve a Santa como possuidora de humor depressivo, ao qual se somaria sintomas histéricos. Aponta ainda, a partir da autobiografia de Teresa, o sentimento de abatimento, solidão, além de transtornos de alimentação e sono. (Nota da IHU On-Line)

LEIA OS CADERNOS IHU IDEIAS
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

“Deus é antropocêntrico por ser amor”

Maximiliano Herraiz reflete sobre a importância de convertermos a suprema graça que nos constitui no desafio de englobar Divino e humano juntos

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: ANDRÉ LANGER

Para o pesquisador Maximiliano Herraiz, estudioso da mística de Santa Teresa, descentra o antropocentrismo cristão-teresiano do eu egoísta, voltando-se para o Deus que centra em nós sua divina comunicação. É isto que “nos faz romper com o antropocentrismo que suicida e nos abre ao que vivifica: o êxtase supremo, como o êxtase de nosso Deus, que se revela a nós ‘saindo de si mesmo’ para fazer-se um de nós, fazendo-nos sair de nós para ser amor que se entrega aos outros”.

Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, ele defende que o grande desafio não está na publicação das obras de Teresa de Jesus, mas em trazer leitores para suas obras, introduzindo-a na compreensão de sua confissão

de vida. Compreender “o que Deus realiza em quem o acolhe, que pessoa nova vai nascendo na medida em que se responde a este Deus ‘louco de amor por sua criatura’, um Deus ‘que anda buscando ter a quem dar’”.

Maximiliano Herraiz García é padre da Ordem dos Carmelitas Descalços. Especialista nos estudos dos santos fundadores da Ordem, Teresa de Jesus e São João da Cruz, é escritor de trajetória e reconhecimento internacional. Espanhol de nascimento, vive há anos na África, tendo percorrido os cinco continentes evangelizando através dos místicos carmelitas. Atualmente é professor da *Universidad de la Mística*, em Ávila, Espanha.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a atualidade e a importância das obras de Teresa de Jesus¹?

¹ **Teresa de Ávila** (1515-1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior ou Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira *Teresa - A Santa Apaixonada* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria

Maximiliano Herraiz- A atualidade de Teresa de Jesus, como a de toda grande testemunha de Deus, é hoje mais atual que ontem: por sua palavra sobre Deus experimentado, sobre a pessoa que recria permanentemente a ação amorosa de Deus.

IHU On-Line – Quais são os maiores desafios em editar suas obras?

Maximiliano Herraiz- O desafio não está em editar suas Obras, mas

de Rosa Amanda Strausz, *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995) e *Santa Teresa de Jesus - “Livro da vida”* (4ª ed. São Paulo: Ed. Paulus, 1983). (Nota da **IHU On-Line**)

em ajudar a pessoa de hoje a lê-las, introduzindo-a na compreensão de sua confissão de vida: o que Deus realiza em quem o acolhe, que pessoa nova vai nascendo na medida em que se responde a este Deus “louco de amor por sua criatura”, um Deus “que anda buscando ter a quem dar”.

IHU On-Line – Por que *Moradas e O Castelo Interior* são consideradas centrais nos seus escritos?

Maximiliano Herraiz- Porque a escritora Teresa estava na plenitude da sua vida humanamente divinizada e divinamente humanizada e, por-

tanto, tinha uma visão mais profunda e humana do caminho que havia percorrido, e, além disso, tinha um manejo melhor da pluma: escritora consumada.

IHU On-Line – Como a categoria da liberdade perpassa os escritos teresianos?

Maximiliano Herraiz- Porque é o pressuposto e o fim de todo processo humano-espiritual. A consigna que ela nos entregou no caminho da perfeição é certeza e luminosa: “A verdade-humildade te torna livre para amar”. Onde não há luz, onde a verdade não ilumina os nossos passos não há nada, senão vazio e sombras. E onde há liberdade, fruto da verdade, está tudo: o amor verdadeiro e a liberdade verdadeira.

IHU On-Line – Em que medida a obra de Teresa de Jesus é uma resposta ao antropocentrismo que começava a tomar forma em seu tempo, nos começos da Idade Moderna?

Maximiliano Herraiz- Com toda simplicidade e verdade, segundo penso, porque Deus é antropocêntrico, por ser amor. O antropocentrismo cristão-teresiano é descentramento do eu egoísta e centramento agradecido no Deus que, centrando-se em nós, em sua divina comunicação, nos faz romper com o antropocentrismo que suicida e nos abre ao que vivifica: o êxtase supremo, como o êxtase de nosso Deus, que se revela a nós “saindo de si mesmo” para fazer-se um de nós, fazendo-nos sair de nós para ser amor que se entrega aos outros.

IHU On-Line – Como se mesclam em sua trajetória a busca pela verdade, a dimensão intelectual, reflexiva e uma afetividade poderosa?

Maximiliano Herraiz- Não se mesclam, crescem inevitavelmente unidas. Teresa é a conjugação perfeita

de um coração que busca a verdade, um coração que faz amar e de uma verdade que faz viver. A ponte entre verdade e amor, inteligência e afetividade, adquire em Teresa uma harmonia perfeita.

IHU On-Line – Em que consiste sua argumentação na dissertação “Teresa de Jesus, em busca de letrados”?

Maximiliano Herraiz- Justamente no que acabo de dizer respondendo à pergunta anterior. Teresa busca em seu diálogo com os letrados que lhe assegurem que sua experiência está de acordo não com sua “teologia”, mas com a Palavra de Deus e, portanto, com a comunidade “guardiã e garante da Palavra de Deus”, a Igreja de pertença.

IHU On-Line – Quais são os traços fundamentais da teologia e da antropologia de Teresa de Jesus, conforme sua tese “Solo Dios Basta”?

Maximiliano Herraiz- Dito simplesmente: uma teologia e uma antropologia “do excesso”. Um Deus que não se cansa de dar, de SE dar, que não faria outra coisa se achasse a quem, e uma pessoa, infinita receptividade, por ser “criada à imagem e semelhança de Deus”. “Somos capazes de amar como somos amados.” João da Cruz² precisa que é no mistério trini-

tário que se chega à plenitude do ser: “calor e luz dão junto a seu Querido” (LI 3). Ou seja, que não só recebemos a comunicação infinita de nosso Deus, mas que damos ativamente a Deus, Deus mesmo.

IHU On-Line – Em que sentido os exercícios espirituais com Teresa de Jesus e São João da Cruz continuam inspirando as pessoas em busca de uma transcendência que se dá na imanência?

Maximiliano Herraiz- Porque o situam no centro mais íntimo e puro do Evangelho, a Boa Nova de Deus: somos tão filhos de Deus quanto Jesus; ele “por natureza” e “nós por adoção”. João da Cruz nos disse isso em sua primeira enunciação escrita de sua fé cristã. Ele coloca nos lábios do Pai, no diálogo com o Filho, estas palavras: “Ao que a ti te amar, meu Filho, / a mim mesmo me daria, / e o amor que eu em ti tenho, / nele mesmo eu o poria”.

IHU On-Line – Qual é o principal legado de Teresa de Jesus na atual Ordem Carmelita Descalça?

Maximiliano Herraiz- Para todos: que curemos toda dispersão “recolhendo-nos” no mais íntimo da nossa fé: a relação interpessoal com Deus e entre nós, que inclui na definição da oração: “tratar de [realizar a] amizade, conformando a nossa condição à sua”.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Maximiliano Herraiz- Mais sobre o mesmo: que convertamos a suprema graça que nos constitui no desafio único, que tudo engloba: “Divino e humano juntos”.

² João de Yepes ou São João da Cruz (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567 encontra-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe fala sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, inicia a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675 foi beatificado por Clemente X. Foi canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952 foi proclamado “Patrono dos Poetas Espanhóis”. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João*

A contemplação como resposta em Thomas Merton

Doutor em Ciências da Religião, Sibélius Cefas Pereira apresenta a trajetória do monge trapista, defendendo que o ato de contemplar – mais que uma fuga do mundo – aprofunda o sentido do viver

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA

“Merton certamente se via marcado por uma ambiguidade”, descreve Sibélius Cefas Pereira, doutor em Ciências da Religião. “Por um lado o desejo imenso de dedicar-se a Deus na opção radical da solidão monástica. Por outro, levava consigo essa ânsia e necessidade de tornar sua opção uma força de serviço e compaixão ao mundo, o que traria consequências acentuadas sobre o sentido de se ser monge no mundo atual.”

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Cefas reflete que, diferente do que se apresenta no senso comum, a experiência religiosa – sobretudo no contexto da opção monástica – representaria uma fuga do mundo. Trata-se, para ele, exatamente do contrário. “A experiência contemplativa, a busca de uma vida plena em Deus, aprofunda o sentido do viver, adensa a espessura do tempo.” Sendo um monge contemplativo, recolhido ao diálogo silencioso da oração e da meditação, Merton não se furtou ao diálogo com o mundo, abrindo sua alma e coração ao leitor e comprometendo-se com causas sociais. Em um contexto de Guerra Fria, corrida armamentista, racismo, confrontos e lutas, descreve Cefas, “Merton fez parte daquele arco de figuras públicas dos anos 1960 que de alguma forma traduziam os anseios e sonhos da coletividade,

assim como seu contemporâneo Martin Luther King”.

Nas palavras do próprio Merton, “a vida contemplativa não é nem pode ser uma simples evasão, uma pura negação, uma fuga do mundo em face dos seus sofrimentos. Antes de tudo seria uma ilusão essa tentativa. Ninguém pode retirar-se completamente da sociedade dos seus companheiros”. Assim, em uma era de opulência, hiperconsumismo, ambição econômica insaciável e espetacularização da vida, o pesquisador mais uma vez recorre ao místico trapista. “Tendo a tirar uma lição central em Merton, que é o convite para o desapego e o esvaziamento. Penso estar aí um aprendizado que pode vir da experiência contemplativa e talvez uma saída enquanto modo de viver para os nossos impasses civilizatórios.”

Sibélius Cefas Pereira é graduado em Teologia e Letras. Mestre em Linguística pela UNICAMP e Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Professor da PUC-Minas em Poços de Caldas, atua na área de Filosofia, em interface com outros campos. É autor do livro *Thomas Merton: contemplação no tempo e na história* (São Paulo: Paulus, 2014), resultado de tese de doutorado sobre Merton sob a orientação de Faustino Teixeira.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quem foi Thomas Merton¹? Onde ele nasceu, como foi

¹ **Thomas Merton** (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, pioneiro no ecumenismo no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro *Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários* (Rio de Janeiro: Ficus, 2001), é

uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Ficus, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da edição 133 da **IHU On-Line**, de 21-03-2005, publicamos um artigo de *Ernesto*

sua formação acadêmica e como se deu a sua mudança para os EUA?

Sibélius Cefas Pereira – Thomas Merton nasceu em 31 de Janeiro de

Cardenal, discípulo de Merton, que fala sobre sua relação com o monge. (Nota da **IHU On-Line**)

1915, no sul da França. Filho de pais artistas (pintores), ficou órfão ainda adolescente. Teve um trajeto incomum de um garoto cosmopolita, que ainda menino vivera na França, Inglaterra e Estados Unidos. Com a morte dos pais, passou a ser criado pelos avós nos EUA. Posteriormente passou por Cambridge, mas tem sua trajetória acadêmica ligada, efetivamente, à Universidade de Columbia, em Nova York, onde se graduou na área de humanidades (Letras), fez seu mestrado com dissertação sobre o poeta William Blake² e chegou a se preparar para o doutorado.

Foi um tempo em que atuou bastante no campo cultural, escrevendo e mesmo dirigindo revistas literárias e acadêmicas no campus. Depois de uma busca intensa consumada na inadiável conversão, ingressou na Igreja Católica em 1938. Três anos depois, em 1941, entrou para a comunidade monástica da Abadia Getsêmani, em Kentucky, USA, mosteiro trapista da Ordem Cisterciense da Estrita Observância (OCSO). Imortalizou essa fase e experiência de sua vida, revelando o grande escritor que se tornaria, em sua conhecida autobiografia *A Montanha dos Sete Patamares* (Petrópolis: Vozes, 2005), publicada em 1948 e hoje reconhecida como um clássico da literatura cristã.

Escreverá, ao longo de sua vida monástica além de seus textos mais densos sobre espiritualidade, inúmeros ensaios sobre temas sociais e culturais, diários e cartas e muita poesia. No conjunto da obra é possível recompor um retrato expressivo e cativante de sua vida, marcada por uma busca intensa de Deus. Sendo um monge contemplativo, recolhido ao diálogo silencioso da oração e da meditação, não se furtou ao diálogo com o mundo, abrindo sua alma e coração ao leitor. Como mestre espiritual que foi, é uma referência incontornável nos estudos da espiritualidade cristã e da experiência religiosa num sentido mais geral. Pode-se mesmo afirmar que sua decisiva contribuição para o cristianismo contemporâneo

2 **William Blake** (1757-1827): foi o primeiro dos grandes poetas Românticos ingleses, como também pintor, impressor, e um dos maiores gravadores da história inglesa. Foi também pintor, sendo sua pintura definida como pintura fantástica. (Nota da IHU On-Line)

“Merton é o tipo de companheiro de viagem que nos fortalece no caminhar e não nos deixa esmorecer da esperança”

foi promover uma renovação e redimensionamento da vida contemplativa no mundo contemporâneo. Em Getsêmani viveu por 27 anos, de 1941 a 1968, quando morreu tragicamente em um acidente na Tailândia, onde pela primeira vez saíra do mosteiro para uma visita ao oriente, em contato e eventos com lideranças religiosas budistas, em especial monges.

É importante ressaltar, ainda, que os seus últimos três anos no mosteiro foram vividos na condição de eremita numa construção à parte da moradia central e coletiva, experiência inédita na tradição trapista. A maior parte dos seus textos desta sua última fase são inseparáveis desta sua particular experiência, algo paradoxal, pois que, se representou uma radicalidade na forma de viver a experiência monástica, representou igualmente um envolvimento ainda maior com os desafios sociais daquele momento.

IHU On-Line – Como se deu o seu ingresso na Ordem dos Trapistas e quais são as características fundamentais dessa ordem?

Sibélius Cefas Pereira – Em sua autobiografia recupera elementos do seu trajeto anterior à sua conversão, ocorrida em 1938, e à sua entrada para a ordem em 1941. Um pouco na moldura das *Confissões* de Agostinho³, o que se percebe aí é o itinerário

3 **Santo Agostinho** (Aurélio Agostinho, 354-430): bispo, escritor, teólogo, filósofo foi uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo no Ocidente. Ele foi influenciado pelo neoplatonismo de Plotino e criou os con-

tumtuado de um jovem que explorou ao máximo a vida em suas diferentes oportunidades, mas que trazia em si uma inquietação mais profunda que só encontrou descanso em Deus.

Quanto à Ordem Cisterciense, o próprio Merton em sua obra *Águas de Siloé* (Belo Horizonte: Itatiaia, 1957) traça seu histórico. Nas suas palavras, “foi fundada no fim do século XII como uma reforma do monasticismo beneditino. O ideal dos fundadores foi um retorno à perfeita observância integral da Regra de S. Bento⁴, o que significa um retorno à vida cenobítica⁵ em toda a sua simplicidade. [...] Sob São Bernardo de Claraval⁶, os cistercienses tornaram-se a maior ordem contemplativa de seu tempo”.

Ressalta Merton a particular vocação de São Bernardo para a vida contemplativa, bem como a ênfase dada desde o início, e que de certa forma ficou como marca da Ordem, ao amor, com predileção pelo livro *Cântico dos Cânticos*⁷, tomado como a referência

ceitos de pecado original e guerra justa. Confira a entrevista concedida por Luiz Astorga à edição 421 da IHU On-Line, de 04-06-2013, intitulada *A disputatio de Santo Tomás de Aquino: uma síntese dupla*, disponível em <http://bit.ly/ihuon421>. (Nota da IHU On-Line)

4 **Bento de Núrsia** (480-547): monge fundador da Ordem dos Beneditinos, uma das maiores ordens monásticas do mundo. Foi criador da Regra de São Bento, que determinava um conjunto de preceitos destinados a regular a vivência de uma comunidade monástica cristã, regida por um abade. (Nota IHU On-Line)

5 **Cenobita**: monge que leva uma vida retirada, mas em comum com outros com os mesmos interesses. (Nota da IHU On-Line)

6 **Bernardo de Claraval** (1090-1153): conhecido também como São Bernardo, era oriundo de uma família nobre de *Fontaine-les-Dijon*, perto de Dijon, na Borgonha, França. Aos 22 anos foi estudar teologia no mosteiro de Cister. Em 1115 fundou a abadia de Claraval, sendo o seu primeiro abade. Fundou 163 mosteiros em vários países da Europa. Durante sua vida monástica demonstrava grande fé em Deus serviu à igreja católica apoiando as autoridades eclesiásticas acima das pretensões dos monarcas. Em função disso favoreceu a criação de ordens militares e religiosas. Uma das mais famosas foi a ordem dos cavaleiros templários. (Nota da IHU On-Line)

7 **Cântico dos cânticos ou Cântico de Salomão**: Livro do Antigo Testamento, posterior ao Eclesiastes e anterior ao livro da Sabedoria, na Bíblia católica e, na Bíblia protestante, antes de Isaias. No judaísmo, é um dos cinco rolos da última seção do Tanakh, conhecida como Ketuvim (“Escritos”). (Nota da IHU On-Line)

bíblica que melhor expressava a união mística da alma com Deus. Lembra Merton que a expansão da Ordem trouxe posteriormente um tempo de “declínio e a primeira coisa que desapareceu foi o fogo da contemplação”.

Uma parte expressiva da obra abordará a reforma do século XVII, liderada pelo padre João Armando de Rancé, abade da Grande Trapa, marcada por uma ênfase na “austeridade”. É deste período que se fixa a identificação “Ordem de Cistercienses da Estrita Observância” (OCEO) ou “Ordem dos Cistercienses Reformados” (*Ordo Cisterciensium Reformatum*), que ficará mais conhecida pelo termo “trapistas” – apenas um apelido, lembra Merton.

Cistercienses

Em outra de suas obras, intitulada *Vida Silenciosa* (Petrópolis: Vozes, 2002), recompõe o quadro dos *Cistercienses* chamando atenção para algumas de suas características: simplicidade e austeridade, renúncia e caridade como dos primeiros cristãos, uma valorização ao desapego e esvaziamento interior, mais do que práticas ascéticas exteriores, recolhimento no mosteiro não como fuga e sim como expressão do amor a Deus e do amor entre os irmãos.

Dirá, “o único e principal assunto do contemplativo é Deus e o amor a Deus” e, a partir desta experiência, o amor aos homens só cresce e se aprofunda. Essa relação da contemplação e do amor, tão característica ao próprio Merton, ele já a reconhece como uma das marcas de São Bernardo. A “ordem” ou obediência aí vivida, deve ser entendida mais como um princípio de orientação do que no sentido estreito de regra ou lei.

Ressalte-se que o único mosteiro trapista – Ordem Cisterciense da Estrita Observância (OCEO) – presente no Brasil é o de Nossa Senhora do Novo Mundo, em Campo do Tenente, PR, cujo abade, Dom Bernardo Bonowitz⁸,

⁸ **Bernardo Bonowitz:** monge trapista da Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância. De família judaica, converteu-se ao Catolicismo na juventude. É mestre em Teologia pela Weston Jesuit School of Theology em Massachusetts. Na edição 387 da Revista IHU On-Line, de 26-03-2012, Dom Bernardo Bonowitz, que pertence à mesma Ordem de monges que fo-

tem tido uma presença significativa na cena religiosa brasileira, quando através de conferências e retiros tem possibilitado a atualização da espiritualidade da trapa em nosso meio.

IHU On-Line – O que Merton queria dizer ao afirmar que ele estava vivendo na “barriga de um paradoxo”, a exemplo de Jonas na baleia?

Sibélius Cefas Pereira – Em 1953 publicou uma obra intitulada *O signo de Jonas* (Jundiaí: Editora Mérito, 1954). De fato eram notas de seu diário retratando o cotidiano do mosteiro e os primeiros anos como monge. A nota que abre o livro identifica Jesus, como o signo de Jonas, o signo de Sua própria ressurreição. Também reconhece a vida de todo monge como marcada por este signo e identifica particularmente sua vida como “especialmente marcada por esse grande signo” e finaliza com esta expressão enigmática, que ao entrar para o mosteiro, se via para o seu destino na “barriga de um paradoxo”.

Por um lado, se retomarmos a referência bíblica, lembremos que o tempo que Jonas passou na barriga da baleia foi um tempo oportunizado por Deus para que não mais resistisse ao chamado. De certa forma é o que aconteceu a Merton. Por outro lado, pode ser entendido no sentido da tradição teológica que reconhece em Jesus e em seus seguidores um sinal de contradição para o mundo. Merton certamente se via marcado por uma ambiguidade, por um lado o desejo imenso de dedicar-se a Deus na opção radical da solidão monástica, mas por outro, sabendo que levava consigo essa ansia e necessidade de tornar sua opção uma força de serviço e compaixão ao mundo, o que traria consequências acentuadas sobre o sentido de ser monge no mundo atual.

IHU On-Line – O monge que tanto pregou contra a guerra retornou morto aos EUA dentro de um bombardeiro das Forças Armadas norte-americanas, que trazia de volta cor-

ram massacrados Argélia, concedeu uma entrevista por telefone, acerca do filme *Homens e deuses*, exibido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU em 28-03-2012, intitulada *A Igreja feita de homens e de deuses*, e disponível em <http://bit.ly/1A30RlK>. (Nota da IHU On-Line)

pos dos soldados mortos do Vietnã. Seu túmulo no cemitério da abadia fica ao lado do abade que lhe negou a permissão para viajar. O que esses paradoxos nos dão a pensar sobre sua trajetória de vida?

Sibélius Cefas Pereira – Thomas Merton é paradoxal em muitos sentidos. Foi um monge contemplativo e eremita e ao mesmo tempo figura pública, escritor e comprometido com as causas sociais. Um monge católico em uma ordem austera e rigorosa e ao mesmo tempo uma das figuras mais abertas ao diálogo inter-religioso. Religioso e místico, mas o depoimento de todos os que o conheceram o retratam como uma pessoa comum, sem trejeitos religiosos e marcado pela simplicidade, “como o peixe na água”, como se expressou para Cardenal⁹.

Profundamente enraizado na tradição mística e monástica, leitor dos antigos e latinista, mas ao mesmo tempo sintonizado com o melhor da teologia, da filosofia e da literatura de seu tempo, inclusive em suas expressões vanguardistas. Também a busca da solidão e do silêncio e ao mesmo tempo esforço de diálogo e comunhão. E por aí vai. Talvez o que mais cativa nele e que encantou a todos seja exatamente este Merton plural e multifacetado.

IHU On-Line – Por que Merton é considerado o escritor católico norte-americano mais popular da história?

Sibélius Cefas Pereira – Merton é aquele tipo de pessoa que poderíamos classificar de um escritor nato. Escreveu muito, em diferentes estilos, sobre variados temas e com muita qualidade. Textos de espiritualidade que falavam para o cristão mas que

⁹ **Ernesto Cardenal:** monge trapista nicaraguense, escritor e discípulo de Thomas Merton. Ernesto Cardenal foi ministro da Cultura da Nicarágua no governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Hoje, está rompido com a entidade. Citamos, entre as publicações de Cardenal, *Evangelio de Solentiname* (Salamanca: Sigueme, 1975); *La Revolución Perdida* (Madrid: Editorial Trotta, 2003); *ImHerzen der Revolution* (Wuppertal: Peter Hammer Verlag, 2004); *Antologia poética* (Rosario: HomoSapiens Ediciones, 2004); *Catulo y Marcial* (Santiago de Chile: Ediciones Táticas Ltda, 2004). Cardenal nos enviou um texto sobre sua direção espiritual com Thomas Merton, publicada na edição 133 da IHU On-Line, de 21-03-2005. Acesse pelo link <http://bit.ly/ihuon133>. (Nota da IHU On-Line)

atingia a todos. Por outro lado escreveu num momento histórico que carecia de vozes. Merton faz parte daquele arco de figuras públicas dos anos 1960 que de alguma forma traduziam os anseios e sonhos da coletividade, assim como seu contemporâneo Martin Luther King¹⁰.

IHU On-Line – Como se inter-relacionam a contemplação no tempo e na história na vivência monástica de Merton?

Sibélius Cefas Pereira – Este tem sido o meu tema principal de estudo. A pergunta por si só já desconstrói um equívoco muito presente num certo imaginário social, de que a experiência religiosa, sobretudo no contexto de uma opção monástica, representaria uma fuga do mundo. E o que ocorre é exatamente o contrário, a experiência contemplativa, a busca de uma vida plena em Deus, aprofunda o sentido do viver, adensa a espessura do tempo. Em termos objetivos, o tempo de Merton é aquele tempo convulsivo, mas muito rico das décadas de 1950 e 1960.

O contexto era o da Guerra Fria, da corrida armamentista, da presença de um racismo cruel, uma era pós-barbárie. E foi, também, no confronto a este cenário, o tempo da luta pela paz, pelo desarmamento, pelos direitos civis e também o tempo da busca contracultural por uma nova sociedade. Neste sentido, é encarado por Merton de forma dialética, é o lugar do encontro, mas também do confronto. Afirma Merton: “A vida contemplativa não é nem pode ser uma simples evasão, uma pura negação, uma fuga do mundo em face dos seus sofrimentos, crises, confusões e erros. Antes de tudo seria uma ilusão essa tentativa. Ninguém pode retirar-se completamente da sociedade dos seus companheiros”.

Assim, “a própria comunidade monástica está profundamente in-

“A vida contemplativa não é nem pode ser uma simples evasão, uma pura negação, uma fuga do mundo em face dos seus sofrimentos” – Thomas Merton

tegrada, para suas alegrias ou sofrimentos, nas estruturas econômicas, políticas e sociais do mundo contemporâneo”. Alerta para a responsabilidade social e para a necessidade de uma voz profética. E acrescenta: “sustento que a vida contemplativa do cristão não é uma vida de abstração, de receso, que o concentre apenas nas essências ideais, nos valores absolutos, na exclusiva eternidade. O cristianismo não pode rejeitar a história. Não pode ser uma negação do tempo [...] A liberdade do cristão contemplativo não é a liberdade *em face* do tempo, mas a liberdade *dentro* do tempo”.

É uma perspectiva da contemplação que convoca para o amor e a compaixão, para o encontro e a comunhão. Não apenas alertou para esta necessidade como engajou-se efetivamente nessa luta através de seus textos, foi, poderíamos afirmar, um ativista social impulsionado por sua rica e sólida espiritualidade. Para finalizar: trata-se de uma perspectiva contemplativa humana e existencial, porque inseparável da própria vida; realista, na medida em que convoca para uma maturidade espiritual que não nega as lutas; também uma perspectiva dinâmica, visto que não há modelos prontos nem trajetos predefinidos, a experiência vai se construindo e se refazendo.

IHU On-Line – Em que sentido essa contemplação nos inspira a vi-

ver mais próximos do Mistério em nosso tempo?

Sibélius Cefas Pereira – Cada tempo tem a sua agenda, os seus desafios. Talvez o nosso seja o da intolerância, seja o de uma presença fria e cruel da violência que permeia a tudo. Seja também o do tráfico e, ainda, o do armamento. Alguns desafios se aprofundam como o do desequilíbrio ambiental, assim como as novas realidades – virtuais e reais – postas num mundo pós-moderno inseguro, incerto, desorientado. Continuem ou mudem os desafios, as suas intuições permanecem válidas em quaisquer dos contextos. Já que, para usar categorias mertonianas, o que está em jogo sempre é a luta entre o falso eu e o verdadeiro eu; trava-se uma luta ontológica e existencial entre o ser e o não ser; entre a alienação, que impede a contemplação, e a comunhão.

É preciso lembrar que a renúncia de si mesmo implicada na perspectiva contemplativa da busca do encontro com Deus é uma renúncia de nossas ilusões, nosso egoísmo, nossos apegos, e, se passa pelo tempo, ao mesmo tempo o ultrapassa. Pessoalmente – dado o tipo de sociedade em que vivemos, marcada pela opulência, pelo hiperconsumismo, pela ambição econômica insaciável, pela espetacularização da vida e pelo desfile de egos gigantescos, inclusive nas religiões, dentre tantas outras características – tendo a tirar uma lição central em Merton, que é o convite para o desapego e o esvaziamento, para a simplicidade e para o desprendimento. Penso estar aí um aprendizado que pode vir da experiência contemplativa e talvez uma saída enquanto modo de viver para os nossos impasses civilizatórios.

IHU On-Line – Como se dá a recepção do legado de Merton entre o catolicismo hoje?

Sibélius Cefas Pereira – Penso que no momento presente Merton começa a alçar um espaço mais compatível com a sua grandeza tanto na condição de escritor como de religioso. No caso do Brasil, por exemplo, reconheço pelo menos duas vias e dois modos bem distintos na recepção da obra de Merton. Uma é aquela que passou pela apresentação e mesmo

¹⁰ **Martin Luther King** (1929-1968): pastor e ativista político estadunidense. Pertencente à Igreja Batista, tornou-se um dos mais importantes líderes do ativismo pelos direitos civis (para negros e mulheres, principalmente) nos Estados Unidos e no mundo, através de uma campanha de não violência e de amor para com o próximo. É a pessoa mais jovem a receber o Prêmio Nobel da Paz, o que ocorreu em 1964, pouco antes de seu assassinato. (Nota da IHU On-Line)

mediação de religiosos, em especial das ordens monásticas, incluindo-se aí figuras laicas notórias como, por exemplo, Alceu Amoroso Lima¹¹.

E aqui, é preciso dar um realce ao papel que Ir. Maria Emmanuel de Souza e Silva¹², OSB, teve na recepção de sua obra no Brasil. Não só pelo fato de ter sido a sua principal tradutora para a língua portuguesa, mas por ter se tornado uma amiga de Thomas Merton. O mérito aí, desta primeira comunidade receptiva, é inestimável, inclusive porque, não fora este grupo, a acessibilidade aos textos de Merton pelo público brasileiro talvez tivesse demorado bem mais.

No entanto, a recepção aí pode ter demarcado certa leitura de Merton, mais intraeclesial. O que pode ter acarretado um confinamento da sua figura e obra apenas ao universo religioso e mais restritamente ao das ordens monásticas. O que não é o caso na sociedade norte-americana, onde Merton ocupa a posição de uma figura pública, de um escritor e poeta reconhecido e que sempre teve um universo bastante amplo de leitores. É este Merton percebido em sua maior amplitude que, recentemente, tem chegado a nós. O arco de seus leitores tem se ampliado, tanto no horizonte de uma perspectiva do diálogo inter-religioso, como no horizonte ainda maior do diálogo com a sociedade e com a cultura.

A pessoa de Merton e seus livros possuem uma notável atualidade com este campo mais amplo e aberto de uma espiritualidade ou religiosidade menos institucionalizada. Tem sido reeditado, não apenas por editoras religiosas, vem se tornando um tema mais presente no meio acadêmico com a orientação, por exemplo, com Faustino Teixeira, na UFJF em Juiz de Fora, e com Maria Clara Bingemer¹³, na PUC-RJ,

dentre outros; também no Brasil existe a atuação forte da Sociedade dos Amigos Fraternos de Thomas Merton (SAFTM), que promove encontros, retiros e estudos sobre Merton.

IHU On-Line – Por que os trabalhos mais populares de Merton não são tomos teológicos densos, mas seus diários e escritos autobiográficos?

Sibélius Cefas Pereira – O *itinerarium* da vida contemplativa de Merton é inseparável de sua obra textual. Merton faz parte desse grupo particular de figuras cujas vidas são inseparáveis de seus textos, o biográfico e o textual se entrelaçando o tempo todo, tanto em textos assumidamente autobiográficos – memórias, diários, cartas e autobiografias propriamente ditas – quanto em textos, ainda que temáticos ou ensaísticos, perpassados por referências nitidamente existenciais.

No caso dos diários, por exemplo, uma escrita fragmentada e com anotações multifacetadas. Se falta ao diário a profundidade da escrita reelaborada e enfim concretizada em obra acabada, sobra-lhe a vitalidade da escrita feita no calor da hora, no registro pontual e cotidiano de sua experiência. Nesta “espontaneidade” do registro em esboço é que talvez esteja sua maior qualidade, pois que no episódico e pontual de um cotidiano pode estar o índice de um sentido maior. Assim, seus diários permitem uma aproximação serena e digna ao seu trabalho interior que explora a experiência da solidão no diálogo intenso com a natureza em sua exuberante paisagem, permeada pela leitura da escritura, pela oração, e também pelo trabalho.

No caso das *cartas*, as mesmas ganharam inúmeros outros matizes

além de simplesmente estabelecer comunicação com as pessoas a distância. Suas cartas visavam abrir novos contatos e manter os já existentes, mantendo um arco invejável de interlocutores. Divulgar e receber informações, o que não é pouco para quem está recluso. Divulgar “prévias” de seus textos no sentido de receber os primeiros impactos de um círculo mais íntimo de leitores, antes de uma publicação mais pública, que, dependendo do tema e dado a sua posição de monge contemplativo. E, como quase sempre os retornos vinham, com diferenciadas considerações, as cartas acabaram por se tornar espaço importante da sua reflexão mais elaborada do que viria a se tornar, mais dia menos dia, uma nova obra.

Em algumas situações, a carta foi o meio por ele escolhido para uma tomada pública de posição em relação a temas polêmicos como as denúncias contra as guerras ou o engajamento na luta antirracista. Trata-se, portanto, de uma *correspondência* algo singular, também ela um testemunho de fé e o testamento de um verdadeiro *itinerarium*. Há também meditações, inúmeros ensaios, organização de textos, notas de cursos, poesia. Merton reconhecia aí, nesses gêneros textuais, sua maior qualidade enquanto escritor, mas penso também que é um tipo de texto que encontra mais eco entre os leitores, que possibilita falar a um círculo mais amplo de pessoas.

IHU On-Line – Gostaria de acrescentar alguns aspectos que não foram questionados?

Sibélius Cefas Pereira – É preciso ressaltar também que a obra de Merton, embora marcadamente religiosa, transcende em muito este universo. Dialoga com a cultura de seu tempo em todas as suas expressões: filosofia, política, artes em todas as suas expressões, em especial com a literatura. No caso da literatura em específico, ressalte-se seu insistente reconhecimento de que há uma inequívoca convergência entre a experiência religiosa e a experiência estética. Para finalizar diria que Thomas Merton é o tipo de companheiro de viagem que nos fortalece no caminhar e não nos deixa esmorecer da esperança.

11 Alceu Amoroso Lima (1893-1983): crítico literário, professor, pensador e líder católico brasileiro. Escrevia sob o pseudônimo de Tristão de Ataíde. (Nota da IHU On-Line)

12 Maria Emmanuel de Souza e Silva: monja do Mosteiro da Virgem de Petrópolis, da Ordem de São Bento. Amiga e correspondente de Merton, além da sua principal tradutora. (Nota da IHU On-Line)

13 Maria Clara Bingemer: teóloga e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. É autora de, entre

outros, *A experiência de Deus num corpo de mulher* (São Paulo: Loyola, 2002); e *Deus amor: graça que habita em nós* (São Paulo/Valência: Paulinas/ Siquem, 2003). Confira entrevista concedida na edição 84 da IHU On-Line, de 17-11-2003, sobre a filósofa Simone Weil; na edição 103, de 31-05-2004, sobre o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*. Na edição 121, de 01-11-2004, sobre o sentido cristão da morte. Maria Clara é autora do segundo número dos *Cadernos Teologia Pública, Teologia e Espiritualidade. Uma leitura teológico-espiritual a partir da realidade do Movimento Ecológico e Feminista*. (Nota da IHU On-Line)

A grande paixão em Merton – Os nexos entre Cristianismo e Zen-budismo

Norma Ribeiro Nasser Salomão explora as dúvidas e contradições do místico cisterciense que buscou o orientalismo para encontrar Deus

POR MÁRCIA JUNGES E ANDRIOLLI COSTA

Em 1915 nasce Thomas Merton, monge trapista da Ordem dos Cistercienses e um dos mais recentes expoentes da mística nupcial. Dono de uma produção prolífica que aproximava Cristianismo e Zen-budismo, o monge construiu para si uma imagem inquietante: tal qual Jonas na baleia, Merton vivia na barriga de um paradoxo. Ainda que contemplador do silêncio e da interioridade, tornou-se um dos mais conhecidos escritores católicos dos Estados Unidos. Encontrou no Zen-budismo o caminho para encontrar o próprio Cristianismo e chegou até mesmo a se apaixonar por uma enfermeira que conheceu em uma estadia no Hospital. Em todas estas experiências, ressalta-se, Merton buscava a Deus.

“Tanto o Zen-budismo quanto o Cristianismo apresentam propostas de libertação para o ser humano. Estas colocam na superação do desejo egocêntrico que está relacionado ao apego a realização de uma experiência nova e libertadora do sofrimento”, destaca em entrevista por e-mail à **IHU On-Line** a pesquisadora Norma Ribeiro Nasser Salomão – que estuda as relações de Merton com a filosofia oriental. “O olhar de Thomas Merton desde sempre foi sensibilizado pela vida cotidiana, a sua *via* mística foi realizada através da comunhão com a natureza. O seu contato com o Zen apenas alargou esta perspectiva já existente em seu interior.”

Fascinado pelo orientalismo desde a vida pré-monástica, é do contato com mestres e seguidores desta filosofia que ele se inspira para vivenciar esta espiritualidade oriental. Merton aspirou ao Oriente durante muitos anos, esperando encontrar “no retorno para *casa* o encontro consigo mesmo que, em última análise, representava o grande salto em direção ao seu próprio abismo interior”. Como defende a professora, Thomas foi um buscador do diálogo, de si mesmo e de Deus. “As suas palavras algumas vezes eram semelhantes às de um oriental, mas em seu peito ele trazia o crucifixo, e o seu breviário em seu pensamento.” Merton faleceu em 10 de dezembro de 1968, logo depois de sua primeira palestra em Bancoc. Morreu ao sair do banho, ao encostar no fio desencapado de um ventilador defeituoso.

Norma Ribeiro Nasser Salomão é psicóloga graduada pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF) e jornalista pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bem como especialista e mestre em Ciência da Religião pela mesma universidade. Doutoranda em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora, estuda sob orientação de Faustino Teixeira a relação de Thomas Merton com o Zen-budismo.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Enquanto padre católico, como se deu a aproximação de Thomas Merton¹ com o Zen-budismo?

¹ Thomas Merton (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, pioneiro no ecumenismo no diálogo com o budis-

mo e tradições do Oriente. O livro *Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários* (Rio de Janeiro: Físis, 2001) é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Físis, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e cola-

Norma R. N. Salomão – A aproximação de Merton com o Zen-budismo

borador de Merton. Na matéria de capa da edição 133 da **IHU On-Line**, de 21-03-2005, publicamos um artigo de *Ernesto Cardenal, discípulo de Merton*, que fala sobre sua relação com o monge. (Nota da **IHU On-Line**)

ocorreu em três momentos: o período pré-monástico, o período monástico e o período asiático. O interesse de Merton pelo Budismo iniciou-se no *período pré-monástico*, quando ele ainda era um jovem estudante de Oakham School, na Inglaterra (1928-1932). Em 1937, durante seus estudos na Universidade de Columbia, em Nova York, ele leu *Fins e meios*, de Aldous Huxley², que o levou a buscar livros sobre a mística oriental na biblioteca da Universidade. Leu inclusive os quatro grandes volumes do padre jesuíta Wieger³, que eram textos orientais traduzidos para o inglês. Até que encontrou o monge hindu Brahmachari⁴, que o induziu a ler os livros escritos por místicos cristãos, como *As Confissões de Santo Agostinho* e *A imitação de Cristo*.

A segunda aproximação, voltada para o Zen-budismo especificamente, ocorreu no *período monástico*. Após oito anos de total dedicação ao Cristianismo, Merton tem conhecimento da obra de Daisetsu Teitaro Suzuki⁵, con-

siderado por muitos autores como o grande responsável pela divulgação do Zen no Ocidente. Este mestre japonês, autor de vários livros sobre o Zen, foi de grande importância neste contato. Trocaram correspondências de 1959 até 1965 e tiveram um único encontro pessoal que marcou profundamente o trapista pela força de sua presença.

O terceiro momento de aproximação com o Zen e com o Budismo de maneira geral, especialmente o Tibetano, ocorreu no *período asiático*, quando Merton partiu para o Oriente em busca de novos conhecimentos e vivências. Em seus estudos sobre o Zen, Merton enfrentou vários desafios. Arriscou-se no diálogo inter-religioso pelo viés da experiência na qual qualquer comparação entre uma religião e outra parece, a princípio, absurda. Como elucidou, não é possível compreender o Zen nos parâmetros de uma reflexão teológica ou filosófica ocidental. Como cristão, ele procurou vivenciar esta espiritualidade oriental, não se contentando com o conhecimento intelectual. Escreveu dois importantes livros sobre o tema: *Místicos e Mestres Zen* (São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1961]) e *Zen e as aves de rapina* (São Paulo: Cultrix, 2000 [1968]). Entretanto, encontramos também muito material budista nos sete volumes de seus diários e em vários de seus poemas.

IHU On-Line – Que nexos aproximam esses dois credos e como se deu essa simbiose em sua vida e mística?

Norma R. N. Salomão – Em primeiro lugar tanto o Zen-budismo quanto o Cristianismo apresentam propostas de libertação para o ser humano. Estas colocam na superação do desejo egocêntrico que está relacionado ao apego a realização de uma experiência nova e libertadora do sofrimento. Diferente em se posicionar a respeito de Deus, o Zen não afirma nem nega sua existência, apenas cala-se quanto a ela. Esse silêncio não é sinônimo de ateísmo ou falta de religiosidade, mas antes disso este “Deus budista” aparece de uma forma alusiva aos olhos de quem tem a vi-

são ampliada e capaz de captar esta “presença” na simplicidade. O olhar de Thomas Merton desde sempre foi sensibilizado pela vida cotidiana, a sua *via* mística foi realizada através da comunhão com a natureza. O seu contato com o Zen apenas alargou esta perspectiva já existente em seu interior. Esta espiritualidade oriental também está profundamente imbuída do sentido de religiosidade da natureza, não como uma visão romântica, mas em seu aspecto concreto e real. No Zen, assim como em Merton, natureza/despertar são inseparáveis, estas palavras de seu diário mostram o quanto ela [a natureza] era para ele a própria presença divina: “[...] aqui em cima, nas matas, vê-se o Novo Testamento: quer dizer, o vento vem por entre as árvores e você o respira.” O monge não praticou o Zen em seu sentido tradicional ou monástico, mas o viveu à sua maneira por sua própria experiência de contemplação.

IHU On-Line – A viagem de Merton ao subcontinente asiático e ao sudoeste da Ásia, durante a qual ele descreveu uma experiência mística em frente a uma estátua de Buda no Ceilão (agora Sri Lanka), deixou alguns católicos escandalizados e ajudou a aumentar o rumor de que ele planejava deixar o monastério ou a igreja. Por outro lado, seu posicionamento religioso pode ser interpretado a partir do diálogo inter-religioso? Por quê?

Norma R. N. Salomão – Thomas Merton partiu em sua peregrinação ao continente asiático em busca de novos conhecimentos e principalmente com o objetivo de compartilhar experiências com os monges orientais. Entretanto, para escândalo de alguns católicos, ousou dizer que ele foi além do diálogo inter-religioso ao viver a experiência mística na Gruta de Gal Vihara, ao se deparar com as três monumentais estátuas dos Budas esculpidas na pedra por homens santos. Apesar de ser uma vivência um tanto paradoxal para um católico trapista, nada indica que ele tivesse intenção de deixar o mosteiro ou a igreja; ele foi um cristão até o final de sua vida. Através da sensibilidade de místico, sua *visão* foi definitivamente tocada pela espiritualidade budista, a sua percepção foi di-

² Aldous Huxley (Aldous Leonard Huxley) (1894-1963): romancista inglês. Viveu a maior parte dos anos 1920 na Itália fascista de Mussolini, que inspirou parte dos sistemas autoritários retratados em suas obras. Huxley produziu um total de 47 livros, dentre os quais a obra-prima *Admirável Mundo Novo* (São Paulo: Globo, 2004), escrita em 1931. Os temas nela abordados remontam grande parte de suas preocupações ideológicas como a liberdade individual em detrimento do autoritarismo do Estado. (Nota da IHU On-Line)

³ León Wieger (1856-1933): jesuíta francês, médico, teólogo e estudioso da cultura chinesa. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Mahanambrata Brahmachari (1904-1999): monge hindu, iogue da ordem Mahauddharan. Filósofo, escritor e mestre religioso. Enviado para representar o grupo Mahanam Sampradaya nos Estados Unidos, obteve o doutorado em Teologia Vaishnava na Universidade de Chicago. Lá teve diversas discussões com Thomas Merton, e o incitou - para a surpresa de Merton - a explorar sua própria tradição e espiritualidade cristã ao invés de aprender mais sobre o hinduísmo. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Daisetsu Teitaro Suzuki (1870-1966): famoso autor japonês de livros sobre Budismo, Zen e Jodo Shinshu, responsável, em grande parte, pela introdução destas filosofias no ocidente. Suzuki também foi um prolífico tradutor de literatura chinesa, japonesa e sânscrita. Suzuki passou vários períodos longos ensinando ou dando palestras em universidades do ocidente e devotou vários anos a seu professorado numa universidade budista japonesa, Otani. Confira o artigo de autora de Faustino Teixeira, intitulado *A presença de um mestre: Daisetz T. Su-*

zuki e publicado na edição 458 da revista **IHU On-Line**, de 10-11-2014, disponível em <http://bit.ly/1DFIPtR>. (Nota da IHU On-Line)

latada no instante de sua visita a este sítio sagrado da Ásia, que ele chamou de “jardim zen”. Esta experiência vivida uma semana antes de sua morte foi considerada por ele indescritível em sua amplitude, mas foi narrada ricamente em seu *Diário da Ásia* (Belo Horizonte: Editora Vega, 1978 [1968]).

IHU On-Line – Qual foi o impacto de seu encontro com o Dalai Lama?

Norma R. N. Salomão – A presença do líder espiritual do Tibete Dalai Lama⁶, na ocasião um jovem alto e forte de 33 anos, provocou grande impacto em Thomas Merton. Eles reuniram-se três vezes na região montanhosa de McLeodGanji, um subúrbio de Dharamsala, na Índia, onde o governo tibetano no exílio tem sua sede. Os encontros foram longos e proporcionaram uma experiência rica e fraterna na qual debateram sobre diversos temas. O primeiro realizou-se no dia 4 de novembro de 1968, onde conversaram sobre religião, filosofia e meditação, e Dalai Lama o aconselhou a estudar a filosofia Madhyamaka⁷ de Nagarjuna e a consultar mestres tibetanos qualificados para unir o estudo à prática.

A segunda audiência com o Dalai Lama foi dia 6 de novembro de 1968, onde conversaram sobre epistemologia, meditação e samadhi⁸. A terceira audiência foi considerada por Merton, sob certos aspectos, a melhor delas; trocaram ideias sobre monasticismo e política, conversaram sobre o funcionamento da mente, prajna⁹, sunyata¹⁰. Enfim, tornaram-se amigos, Merton declarou que seus reais

interesses eram monásticos e místicos. Esta impressão bastante positiva levou Merton a voltar sua atenção, a princípio focada no Budismo Mahayana, especialmente o Zen, em direção ao Budismo Tibetano.

IHU On-Line – Sua oração mais famosa começa com “Meu Senhor Deus, eu não tenho nem ideia para onde estou indo”. Como sua humanidade, suas dúvidas, mas suas buscas de sentido constante perpassam sua trajetória mística?

Norma R. N. Salomão – Justamente no âmago de seu próprio paradoxo e na simplicidade da vida no mosteiro, com todos os seus conflitos é que Thomas Merton viveu a experiência de Deus. Nesta oração vemos o signo de um buscador imerso na imanência da vida, um místico contemplativo e ao mesmo tempo totalmente implicado na ação social. Merton viveu com profundidade a sua própria humanidade, até mesmo o amor intenso e conflituoso que se permitiu viver três anos antes de sua morte com a enfermeira M.¹¹ o fez retomar a sua verdadeira vocação de religioso.

O seu coração já estava possuído pela centelha divina, como ele afirmou em seu diário “[...] me casei com o silêncio da floresta...”, a sua estreita ligação com a natureza revelava aspectos intrinsecamente relacionados com sua trajetória mística. Esta para o monge estava indubitavelmente em conexão com o despertar de sua espiritualidade. Nesta oração, Merton diz não ter ideia para onde estava indo, mas ele seguiu em sua *via* de maneira inquestionável, sentia-se chamado pela voz de Deus, que segundo ele era um convite a abandonar-se até de si mesmo. Na intimidade desta convivência ele sabia o que buscava e o quanto isso era inacessível a qualquer palavra ou discurso.

IHU On-Line – Quais são as principais interpelações de Merton aos seus leitores contemporâneos?

¹¹ Merton abandona a vida monástica pouco tempo depois de ser arrebatado por um caso amoroso com a enfermeira Margie Smith, de 25 anos. Proibido de manter contato com ela, Merton recebeu permissão de deixar a abadia para uma viagem ao Extremo Oriente em 1968. (Nota da IHU On-Line)

Norma R. N. Salomão – Thomas Merton nos deixou um imenso legado, sua obra de grande riqueza tem sido incansavelmente estudada e fonte de direção espiritual tanto para os religiosos quanto para o leitor comum que busca um sentido mais profundo para a vida. Como escritor e no exemplo de sua trajetória, vemos um homem muitas vezes com conflitos e contradições, mas que viveu a experiência direta de Deus no contato com as coisas mais simples da vida cotidiana. Merton foi um homem que soube unir a contemplação com a ação. Mesmo com toda a censura sofrida pela própria Ordem Cisterciense, ele pregou a favor da paz, contra o racismo, combateu a Guerra Fria e as injustiças sociais, mas também não deixou de viver seu amor pela natureza no Mosteiro de Getshemani. Este também foi um grande legado – a sua visão não antropocêntrica do mundo, a natureza da qual ele se sentia parte. Merton tinha uma visão não dualista, via nas montanhas, nos animais, na exuberância das matas, enfim, em toda a criação, a voz e os ensinamentos divinos. Mas que infelizmente 46 anos após sua morte o ser humano ainda não compreendeu que a separação entre *nós* e a natureza é ilusória. E a consequência desse equívoco é desastrosa, o ser humano destrói a sua própria *casa*.

IHU On-Line – “Eu estou indo para casa, onde eu nunca estive com este corpo, neste traje lavável”, escreveu Merton quando ia de São Francisco ao Oriente, para de lá só voltar morto. Em que sentido essa viagem representava muito mais do que um destino, mas uma escolha, um encontro com seu próprio interior?

Norma R. N. Salomão – Thomas Merton afirmou em setembro de 1968 na *Carta Circular aos Amigos* que a verdadeira viagem na vida era interior: “[...] uma questão de crescimento, aprofundamento e entrega sempre maior à ação criadora do amor e da graça em nossos corações”. O monge viveu por muitos anos a expectativa desse encontro com o Oriente, um lugar tantas vezes visitado por ele em sua imaginação e vontade até que finalmente ele conseguiu realizar em sua peregrinação asiática. Merton disse que buscava encontrar

⁶ Dalai Lama: líder político do Tibete. *Dalai* significa “Oceano” em mongol e “Lama” é a palavra tibetana para *mestre, guru*. O título “Oceano de Sabedoria” é dado pelo regime mongoliano. (Nota da IHU On-Line)

⁷ *Madhyamaka*: refere-se principalmente ao budismo mahayana, fundado por Nagarjuna. De acordo com esta escola de pensamento, todos os fenômenos são vazios de “substância” ou “essência”. (Nota da IHU On-Line)

⁸ *Samadhi*: última etapa do sistema ioga, quando se atinge a suspensão e compreensão da existência e a comunhão com o universo. (Nota da IHU On-Line)

⁹ *Prajna*: termo sânscrito que significa sabedoria, o mais elevado conhecimento. (Nota da IHU On-Line)

¹⁰ *Sunyata*: vazio, abertura, vácuo no budismo. Conceito com múltiplos significados. Na escola Madhyamaka, dizer que um objeto é “vazio” significa dizer que ele possui origem dependente. (Nota da IHU On-Line)

mahakaruna, a grande compaixão. O retorno para *casa* simbolizava o encontro consigo mesmo que, em última análise, representava o grande salto em direção ao seu próprio abismo interior. Thomas foi um buscador do diálogo, de si mesmo e de Deus. As suas palavras algumas vezes eram semelhantes às de um oriental, mas em seu peito ele trazia o crucifixo, e o seu breviário em seu pensamento, os “[...] mantras cristãos e profundo sentido de destino, de estar enfim no meu verdadeiro caminho depois de anos de espera, inquirição e perambular”. Merton foi para o Oriente beber nas antigas fontes de tradição monástica, esta foi a sua escolha, na realidade ele continuava a jornada espiritual que havia abraçado ao entrar para o mosteiro de Getshemani.

IHU On-Line – Por que Merton foi silenciado pelos trapistas quando escreveu sobre a paz durante a Guerra Fria?

Norma R. N. Salomão – A partir da década de 1960, os escritos e preocupações de Merton se voltavam em direção ao mundo, a temática da Guerra Fria e os riscos da guerra nuclear eram temas recorrentes em seus diários e cartas. Naquela época não era comum haver posicionamentos públicos de religiosos, muito menos de monges sobre questões políticas e sociais, até mesmo falar sobre a paz poderia despertar suspeitas de comunismo. A Igreja Católica, nessa ocasião, manifestava seu apoio ao sistema político norte-americano e suas posições em relação ao mundo, daí Merton ter sofrido a censura dos trapistas. O monge passou a viver um período difícil de conflitos internos e com uma necessidade cada vez mais forte de se manifestar contra a guerra e a favor da paz. Ele não se conformava com o silêncio por parte dos católicos, clérigos e leigos quanto ao perigo de uma guerra iminente e continuava a escrever sobre o tema. Em 1966 ele publicou trechos de seus diários com o título *Reflexões de um Espectador Culpado*, onde manifesta sua angústia diante da violência e da censura, mas principalmente em suas cartas constata-se a sua revolta contra o Abade Superior da Ordem por exigir o seu silêncio.

IHU On-Line – Qual o significado da montanha na vida de Merton e como a visão de Kanchenjunga foi por ele referida em seu *Diário da Ásia*?

Norma R. N. Salomão – Merton sempre viveu rodeado por montanhas. Desde a sua infância até o final de sua vida, ao todo foram sete: Canigou, The Calvarie, Brooke Hill, The Pasture, MountPurgatory, MountOlivet e Kanchenjunga. A sua famosa autobiografia também abarca o mesmo tema, *A montanha dos sete patamares*, publicada pela primeira vez em 1948, em que ele faz uma alusão à Divina Comédia de Dante Alighieri¹² (1265-1321) em suas incursões ao mundo espiritual. Sem dúvida esta foi uma presença marcante na vida do místico. Na sua viagem ao Oriente ele foi despertado pela visão “imponente e linda” da sétima montanha Kanchenjunga – a Grande Montanha –, sua consciência expandiu-se ao impacto de sua paradoxal beleza numa rica descrição contida em seu *Diário da Ásia*: “[...] A total beleza da montanha só aparece quando se concorda com o paradoxo impossível: ela é e não é. Quando nada mais é preciso dizer, a fumaça das ideias se desvanece e a montanha é VISTA”. Merton queria tirar fotografias da montanha sagrada do povo do Himalaia, entretanto ele encontrou muito mais do que isso. No Zen-budismo a montanha é considerada o lugar dos sábios e santos, ao mesmo tempo ela é o próprio corpo de Buda, assim como para Merton a montanha foi seu mestre e ao vê-la “puramente branca” ele ouve uma voz que lhe diz: “[...] Há outro lado da montanha”. O monge então começava a olharpelo lado do Oriente.

IHU On-Line – Qual foi a importância e influência do Zen na arte de Merton?

Norma R. N. Salomão – Filho de um casal de artistas, o pai um neozelandês e a mãe uma americana que se encontraram pela primeira vez em um estúdio de pintores em Paris,

desde criança Merton estava familiarizado com a arte, suas preocupações e ferramentas. Na sua relação com o desenho, observa-se o jovem Merton, na faculdade, com seus cartuns *sexy* e cheios de humor. Depois, com sua entrada para o mosteiro, vieram os desenhos de bico de pena e pincéis, retratando a Virgem Maria, monges, crucificação e outros temas piedosos. Na década de 1950, marcada pela vinda do Zen ao Ocidente, o monge iniciou sua admiração pela arte caligráfica Zen, que, segundo ele, revelava uma liberdade não transcendente, que faz alusão ao real, ao que não pode ser dito. De fato, esse momento apenas consolidará o seu gosto estático pela arte asiática, pois, no contato com o amigo de faculdade, o pintor americano Ad Reinhardt, essa preferência já era manifesta.

Merton era especialmente encantado com a pintura paleolítica das cavernas e também com os ícones bizantinos e russos. Segundo ele, os pintores das cavernas não se preocupavam com a composição, nem com a “beleza”, mas sim com a visão direta, pura; no bisão pintado estava a sua força vital singular e peculiar encarnada. Essa visão pura é associada por ele aos ideogramas orientais que representariam esta mesma força, que ele considerou como vida transformada em ato, algo inacessível à reflexão e análise.

Inúmeros foram os seus escritos e poemas alusivos ao Zen. Destaca-se entre eles a longa sequência de 28 seções numeradas, com prólogo e epílogo, meio em prosa, meio em verso, que escreveu em *Cablestothe Ace, or familiar Liturgies of Misunderstanding*. Considerado um antipoema, nele vê-se o discurso de um poeta plenamente afinado com a narrativa Zen, ao falar da forma, vazio, perfeição, impermanência – a coincidência da forma momentânea e o eterno nada. Seu compromisso era com o silêncio e contra os excessos, inclusive de interpretação, tanto na escrita como nos desenhos. Nessa obra, em uma de suas seções, ele fala sobre o nada e a Criação, o deserto e o vazio, onde seu lugar era o *nenhum lugar*. A partir desse vazio nasce a arte como expressão da visão direta, sem mediações. Esse parece ser o ponto central da arte para Merton e nas expressões zen-budistas.

¹² Dante Alighieri (1265-1321): escritor italiano, cuja principal obra é *A Divina Comédia*. Leia também a edição nº 65 dos *Cadernos Teologia Pública*, *O livro de Deus na obra de Dante*, disponível em <http://bit.ly/ihuteo65>. (Nota da IHU On-Line)

Baú da IHU On-Line

Confira outras edições da **IHU On-Line** cujo tema de capa aborda assuntos relacionados ao pensamento místico.



- *Delicadezas do Mistério. A mística hoje.* **IHU On-Line** nº 133, de 21-03-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon133>.
- *Teilhard de Chardin – Cientista e místico.* **IHU On-Line** nº 140, de 09-05-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>.
- *Rûmî. O poeta e místico da dança do Amor e da Unidade.* **IHU On-Line** nº 222, de 04-06-2007, disponível em <http://bit.ly/ihuon222>.
- *Gerard Manley Hopkins: poeta e místico. Do cotidiano imediato ao plano cósmico.* **IHU On-Line** nº 282, de 17-11-2008, disponível em <http://bit.ly/ihuon282>.
- *Sabedoria, mística e tradição: religiões chinesas, indianas e africanas.* **IHU On-Line** nº 309, de 28-09-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon309>.
- *Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos.* **IHU On-Line** nº 313, de 03-11-2009, disponível em <http://bit.ly/ihuon313>.
- *O feminino e o Mistério. A contribuição das mulheres para a Mística.* **IHU On-Line** nº 385, de 19-12-2011, disponível em <http://bit.ly/ihuon385>.
- *Mística. Força motora para a gratuidade, compaixão, cortesia e hospitalidade.* **Cadernos IHU em formação** nº 31, disponível em <http://bit.ly/ihuem31>.
- *Mística, estranha e essencial. Secularização e emancipação.* **IHU On-Line** nº 435, de 16-12-2013, disponível em <http://bit.ly/1fjohrc>.

Confira outras edições da **IHU On-Line** cujo tema de capa aborda assuntos relacionados à religião.



- *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência.* **IHU On-Line** nº 224, de 20-06-2007, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon224>.
- *Francisco. O santo.* **IHU On-Line** nº 238, de 01-10-2007, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon238>.
- *Projeto de Ética Mundial. Um debate.* **IHU On-Line** nº 240, de 22-10-2007, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon240>.

- *O novo ateísmo em discussão.* **IHU On-Line** nº245, de 26-11-2007, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon245>.
- *Jesus e o abraço universal.* **IHU On-Line** nº 248, de 17-12-2007, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon248>.
- *Lutero. Reformador da Teologia, da Igreja e criador da língua alemã.* **IHU On-Line** nº 280, de 03-11-2008, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon280>.
- *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II.* **IHU On-Line** nº 297, de 15-06-2009, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon297>.
- *As religiões da profecia: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.* **IHU On-Line** nº 302, de 03-08-2009, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon302>.
- *O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin.* **IHU On-Line** nº 304, de 17-08-2009, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon304>.
- *Novas comunidades católicas: a busca de espaço.* **IHU On-Line** nº 307, de 08-09-2009, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon307>.
- *Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades.* **IHU On-Line** nº 308, de 14-09-2009, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon308>.
- *Para onde vai a Igreja, hoje?* **IHU On-Line** nº 320, de 21-12-2009, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon320>.
- *Pentecostalismo no Brasil. Cem anos.* **IHU On-Line** nº 329, de 17-05-2010, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon329>.
- *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade.* **IHU On-Line** nº 347, de 18-10-2010, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon347>.
- *Espiritismo: um fenômeno social e religioso.* **IHU On-Line** nº 349, de 01-11-2010, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon349>.
- *MateretMagistra, 50 anos: Os desafios do Ensino Social da Igreja hoje.* **IHU On-Line** nº 360, de 09-05-2011, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon360>.
- *O ecumenismo hoje. Uma reflexão teoecológica.* **IHU On-Line** nº 370, de 22-08-2011, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon370>.
- *J. B. Libânio. A trajetória de um teólogo brasileiro. Testemunhos.* **IHU On-Line** nº 394, de 28-05-2012, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon394>.
- *A grande transformação do campo religioso brasileiro.* **IHU On-Line** nº 400, de 27-08-2012, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon400>.
- *Concílio Vaticano II. 50 anos depois.* **IHU On-Line** nº 401, de 03-09-2012, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon401>.
- *Igreja, Cultura e Sociedade.* **IHU On-Line** nº 403, de 24-09-2012, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon403>.
- *Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate.* **IHU On-Line** nº 404, de 05-10-2012, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon404>.
- *Religiões e religiosidades, hoje. Significados e especificidades.* **IHU On-Line** nº 407, de 05-11-2012, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon407>.
- *Sementes ao vento: a diáspora das religiões brasileiras no mundo.* **IHU On-Line** nº424, de 24-09-2013, disponível em <http://www.bit.ly/ihuon424>.
- *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo.* **IHU On-Line** nº 425, de 01-07-2013, disponível em <http://bit.ly/ihuon425>.
- *Laicidade e secularização. A fratura entre os reinos de Deus e de César.* **IHU On-Line** nº 426, de 02-09-2013, disponível em <http://bit.ly/ihuon426>.
- *Companhia de Jesus. Da Supressão à Restauração.* **IHU On-Line** nº 458, de 10-11-2014, disponível em <http://bit.ly/1B0uNOv>.
- *Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade.* **IHU On-Line** nº 446, de 16-06-2014, disponível em <http://bit.ly/1yyoG0l>.

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA
NO SITE DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Destaques On-Line

Entrevistas especiais feitas pela **IHU On-Line** no período de 08-12-2014 a 16-12-2014, disponíveis nas **Entrevistas do Dia** do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

A omissão silenciosa e o avanço da precarização trabalhista: as perspectivas do governo Dilma em 2015

Entrevista com Giovanni Alves, professor da Faculdade de Filosofia e Ciências do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp

Publicado em: 16-12-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1wVoFsS>

As dificuldades do próximo governo Dilma estão diretamente relacionadas com o cenário internacional, que ainda se recupera das consequências da crise econômica de 2008. Diante da instabilidade externa, a meta do segundo mandato será “crescer o PIB”, já que o crescimento da economia é a condição necessária para dar continuidade à política de aumento progressivo do salário mínimo, à manutenção dos empregos e à ampliação das políticas sociais.

Relatório da Comissão da Verdade: “Inaugura-se um novo tempo de discussão e de debate”

Entrevista com Jair Krischke, ativista dos direitos humano, fundador do Movimento de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul

Publicado em: 15-12-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1B1i4j>

“O relatório da Comissão da Verdade ficou devendo alguma coisa à sociedade brasileira, pois não aprofundou alguns temas como deveria ter aprofundado”, comenta Jair Krischke. Na avaliação dele, a operação Condor, por exemplo, “deveria ter sido melhor avaliada. O relatório diz que não há elementos suficientes para provar a participação do Brasil na operação, mas eu posso falar solenemente desse assunto, porque prestei depoimento à Comissão da Verdade sobre isso. Documentei a questão, mostrando que quem criou a operação Condor foi o Brasil, sim”.

COP-20: o desafio é a mudança sistêmica e não a climática

Entrevista com Luciano Frontelle, empreendedor social, faz parte do coletivo de jovens Clímax Brasil

Publicado em: 12-12-2014

Acesse o link <http://bit.do/VreN>

Segundo Frontelle, “nesta semana saiu um texto rascunho tanto do conjunto das posições dos países para Lima, quanto um rascunho de negociação para Paris. Isso já dá um novo ar para as negociações e ajuda a entender que caminho os países estão tomando”. Entretanto, pontua, “ainda é preciso esperar mais um pouco para saber que aspectos do texto vão ficar e quais serão excluídos”. Informa, ainda, que as negociações tiveram poucos avanços, mas os países já chegaram ao consenso acerca de estabelecer 2050 como meta para neutralizar as emissões de gás carbônico, e ainda estão negociando metas de earlyaction (ação antecipada), que devem ser postas em prática até 2020 e 2030.

Mineração na América Latina: um diagnóstico continental dos estragos ecológicos, econômicos e sociais

Entrevista com AlírioCaceres Aguirre, professor do Centro de Formación Teológica de laPontificiaUniversidadJaveriana de Bogotá

Publicado em: 11-12-2014

Acesse o link <http://bit.ly/12xZXk8>

“O problema ecológico não é só biológico, técnico ou político; é um assunto de cultura e, como tal, está inscrito em um paradigma de civilização. Este paradigma baseia-se na economia de materiais (extrair, transformar, comercializar, consumir, descartar)”. A reflexão é de AlírioCaceres Aguirre, ecoteólogo, que na semana passada participou do encontro internacional “*Iglesias y Minería*”, em Brasília, debatendo com pesquisadores da América Latina sobre o impacto da mineração no continente. Aguirre acompanha os conflitos e as implicações sociais e ambientais da extração de minério na

América Latina, especialmente na Colômbia, onde reside, e lembra que a mineração é ancestral no continente.

COP-20: tensão de interesses marca a Conferência do Clima em Lima

Entrevista com Ricardo Baitelo, coordenador de Clima e Energia do Greenpeace Brasil e doutor em Planejamento Integrado de Recursos pela Poli-USP

Publicado em: 10-12-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1D8Z967>

“A principal tensão entre os 190 países que participam da COP-20 é chegar a um acordo acerca do ano em que as nações irão se comprometer com as metas de redução de CO²”, diz Ricardo Baitelo, que representa o Greenpeace na Conferência do Clima, em Lima, à **IHU On-Line**, por telefone. Segundo ele, a tensão para se chegar a um consenso para o cumprimento de metas demonstra que será difícil estabelecer um acordo para o próximo ano, em Paris. “Com isso dá para dizer que será bem difícil chegar a um consenso, porque, por um lado, só o Brasil e os Estados Unidos querem 2025 como o prazo limite, enquanto a Europa quer o prazo para 2030 e a China e a Índia querem um prazo maior ainda. Então este ponto deve ser negociado”.

Constrangido, governo deverá fazer cortes sociais no próximo ano

Entrevista com Guilherme Delgado, doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Publicado em: 09-12-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1vHneac>

O significado político do segundo mandato da presidente Dilma Rousseff, passada a euforia da reeleição e diante das primeiras declarações feitas à imprensa e da escolha da equipe econômica, é diferente do significado político que teve imediatamente após as eleições. Essa tese é defendida pelo economista Guilherme Delgado, que assinou o Manifesto dos Economistas pelo Desenvolvimento e pela Inclusão Social. Em entrevista ao **IHU On-Line**, concedida por telefone, diz estar preocupado com as mudanças anunciadas para o próximo ano, a começar pelos ajustes a serem feitos nas políticas sociais.

Marcelino Champagnat. Um bicentenário e o desafio de refontizar as raízes e buscar o profetismo inicial

Entrevista com Antônio Cechin, formado em Letras Clássicas e em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Pós-graduado no Centro de Economia e Humanismo, de Paris, atuou na Sagrada Congregação dos Ritos.

Publicado em: 08-12-2014

Acesse o link <http://bit.ly/1qAF1Ef>

Tendo em vista o bicentenário Marista a ser celebrado em 2017, “o grande e fundamental questionamento como congregação terá que ser: Evoluímos ou involuímos?”, pontua Antônio Cechin em entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail. Segundo ele, considerando que o “objetivo central da congregação dos Irmãos Maristas é a Catequese e a Educação, deveríamos mesmo ‘ser referência no exercício da missão de evangelizar, por meio da educação’”. Lembra que, como Marcellin Champagnat, fundador do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria e das Escolas Irmãos Maristas, “foi um homem de seu tempo, à altura do verdadeiro tsunami que provocou a Revolução Francesa”.

LEIA OS CADERNOS IHU

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Entrevista da Semana

Controle neural e neuromarketing. Uma reconfiguração do ser humano

Timothy Lenoir aborda a questão da optogenética nas sociedades tecnocientíficas e suas relações com o neuromarketing

POR MÁRCIA JUNGES E JOÃO VITOR SANTOS / TRADUÇÃO: ISAQUE GOMES CORREA

O que a neurociência tem a ver com o marketing? A questão serve de guia para o caminho que Timothy Lenoir percorre em sua reflexão, durante entrevista concedida pessoalmente à **IHU On-Line**. A partir da ideia de uma técnica de controle neural – a optogenética – destaca que é possível realizar intervenções específicas em distúrbios e doenças. Ou seja, modifica-se a célula num ponto específico e se tem uma resposta no tratamento do distúrbio.

Levando o conceito para outra ideia, o neuromarketing, o entrevistado demonstra como é possível mexer no cerne dos desejos a partir de uma oferta – ou propaganda – de produtos que tenham tanto significado para o indivíduo. E o suporte para essa relação de consumo é a tecnologia, que funciona como uma esteira em que o usuário deixa suas marcas e a partir delas são oferecidos os produtos que possam lhe despertar interesse. “Se a mudança das sociedades de produção para as sociedades de consumo é a maneira como pensamos sobre as coisas – ou como Deleuze nos encoraja para pensarmos sobre elas –, então o capitalismo digital é, realmente, o tipo de mecanismo para se obter o desejado”, explica.

Na prática, é como os sistemas de monitoramento, por exemplo, usando o Google, seja no e-mail ou no buscador, operam e produzem mapeamentos comportamentais. “É, basicamente, pensar os ‘divíduos’ como bits de informação sobre as pessoas. Assim, as informações sobre sua saúde, suas preferências pelos vários tipos de comida, o que quer que seja, tudo isso é, absolutamente, central nas sociedades de controle e, ao mesmo tempo, as sociedades de controle são organizadas pelo mercado”, complementa Lenoir.

Timothy Lenoir é professor de História e catedrático do Programa de História e Filosofia da Ciência, na Duke University, nos Estados Unidos; autor de *A Estratégia da Vida. Teleologia e Mecânica na Biologia Alemã do século XIX* (Dordrecht and Boston: D. Reider, 1982), editado como brochura pela University of Chicago Press, 1989, que examina o desenvolvimento das teorias não darwinianas da evolução, particularmente no contexto germânico durante o século XIX.

Atualmente pesquisa sobre a introdução de computadores na pesquisa biomédica desde início de 1960 até 1990, particularmente o desenvolvimento de computadores gráficos, tecnologia de visualização médica, o desenvolvimento da realidade virtual e sua aplicação em cirurgia. Com fundos da Fundação Alfred P. Sloan, construiu dois projetos web sobre história da interação humana por computador e sobre história da bioinformática. Lenoir foi membro da Fundação John Simon Guggenheim e por duas vezes membro do Instituto de Estudos Avançados em Berlim. É cofundador e editor da série *Escrevendo ciência (Writing Science)*, da *Stanford University Presse* foi nomeado membro emérito [Bing Fellow] por Excelência no Ensino entre 1998–2001.

Em 23-10-2014 esteve na Unisinos, participando do **XIV Simpósio Internacional IHU: Revoluções tecnocientíficas, culturais, indivíduos e sociedades. A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea**, com a conferência *Neurofuturos para sociedades de controle*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Qual é a importância das ferramentas de optogenética¹ para os estudos de engenharia “bioneuro” e para os novos estudos de mapeamento cerebral?

Timothy Lenoir – A optogenética é um conjunto de ferramentas, derivadas principalmente da engenharia genética, que começou há uma década. Diz-se que, por volta de 2006, inseriram-se basicamente proteínas em tipos diferentes de neurônios onde se pode usar a luz, como a luz azul ou a luz amarela, para acender ou desligar uma célula. Isto permite que se mostre ou veja as interconexões entre diferentes neurônios, de forma que se torna possível olhar os circuitos que os neurônios formam, os quais podem ser bastante complicados, pois há muitos deles. Nesse sentido, a razão por que a optogenética é realmente útil é que ela nos capacita a sermos seletivos devido à engenharia genética empregada. É possível ser bastante seletivo com os tipos de neurônios nos quais inserimos proteínas. Ser seletivo ajuda no controle de ligar e desligar estes tipos de células jogando-se luz sobre elas. Portanto, este conjunto de ferramentas [chamado optogenética] é útil para capacitar os cientistas – neurocientistas – a mapear as conexões entre os diferentes neurônios e descobrir qual o tipo de funções com que eles se relacionam.

Os outros tipos de ferramentas sobre os quais discuti, aqueles usados por [Miguel] Nicolelis² são mais úteis

1 Optogenética: são técnicas que combinam luz, genética e bioengenharia. Através delas é possível analisar os circuitos neurais e comportamentos em funcionamento em células específicas. O objetivo é tratar doenças como Parkinson, Epilepsia, Depressão e distúrbios neurais. (Nota da IHU On-Line)

2 Miguel Nicolelis (1961): médico e cientista brasileiro. Lidera um grupo de pesquisadores da área de neurociências na Universidade Duke, nos EUA, que estuda as tentativas de integrar o cérebro humano com as máquinas (neuropróteses ou interfaces cérebro-máquina). O objetivo das pesquisas é desenvolver próteses neurais para a reabilitação de pacientes que sofrem de paralisia corporal. Atuando na área de fisiologia de órgãos e sistemas, Nicolelis é responsável pela descoberta de um sistema que possibilita a criação de braços robóticos controlados

para o estudo neuromotor, tais como as atividades musculares e coisas do tipo. A optogenética, porém, vai capacitar as pessoas a alcançar funções de ordem mais elevada, funções cognitivas, como a memória e outras. Dessa forma, ela realmente dá início a todo um outro território para investigações científicas, de fato, detalhadas e também a novos experimentos.

Por fim, a importância da optogenética é que ela pode ser usada para propósitos terapêuticos. Está-se começando a usá-la para propósitos terapêuticos relacionados ao mal de Parkinson e a algumas outras coisas. A razão é que se descobriu que, ao compreender os neurocircuitos afetados pelo mal de Parkinson, pode-se melhor controlá-los, ligando e desligando suas células.

IHU On-Line – Quais são as implicações desse trabalho num contexto mais abrangente considerando o “neuromarketing³”?

Timothy Lenoir – O neuromarketing tenta influenciar as emoções para obter o tipo de coisa que Deleuze⁴ (e Guattari⁵) chama de afeto: não se trata apenas de emoções, mas de outros tipos de atividades corporais que ativam desejos e que não estão, necessariamente, sujeitos ao controle

por meio de sinais cerebrais. O trabalho está na lista do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) sobre as tecnologias que vão mudar o mundo. (Nota da IHU On-Line)

3 Neuromarketing: é um campo do marketing, com estudo focado no comportamento do consumidor. O conceito mescla princípios do marketing com a ciência. (Nota do IHU On-Line)

4 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outras. (Nota da IHU On-Line)

5 Félix Guattari (1930-1992): psicanalista francês, pensador, militante, admirado por movimentos de esquerda alternativos, autor de um dos livros mais discutidos entre os anos 70/80, *O Anti-Édipo*, escrito em parceria com o filósofo francês Gilles Deleuze. Guattari visitou várias vezes o Brasil. (Nota da IHU On-Line)

racional. Deleuze e Guattari chamam este tipo de emoção como partes miquínicas da consciência que precedem a consciência. E o que muitos marketeiros, evidentemente, querem fazer é poder acessar este nível da consciência. O marketing está tentando fazer com que as pessoas sintam que o produto e as pessoas associadas a ele – a empresa associada a produto – criem uma espécie de experiência, estilo de vida... Por exemplo, Ralph Lauren, o projetista de moda: quando compramos, quando vemos os seus anúncios, o que estamos recebendo é um estilo de vida por parte do estilista. Não é como se estivéssemos comprando algo que de precisamos, porque não está à venda algo necessário. É apenas um estilo de vida.

Então, é toda uma configuração de afetos o que se está tentando gerar. E os neuromarketeiros estão tentando usar estas ferramentas para poderem olhar para a forma como os tipos de anúncios e mensagens que eles estão tentando enviar estão afetando/influenciando estas partes particulares dos consumidores.

Eu acho que este trabalho, num contexto mais amplo, significa algo muito além do que parece. No começo do século XX, fim do século XIX, havia pessoas que começaram com a noção de mercado, de tipos particulares de mercados e clientela. Estes eram, em geral, grandes classes de pessoas. Em seguida, criou-se algo como nichos de mercado: sabemos que existem vários tipos de comunidades que têm a sua própria cultura, o seu próprio estilo e, é claro, é possível vender especificamente a estas comunidades, a estes nichos específicos.

Então, hoje, o marketing de nicho trata do que as pessoas fazem, mas quer-se ir além e ser capaz de atingir os indivíduos. Está é, pois, a estratégia de milhares de anúncios na internet. O tipo de coisa que se está fazendo na internet é tentar desenvolver perfis dos indivíduos de forma que se possa alimentá-los com informações que vão atraí-los e, realmente, reforçar o mundo deles.

Por exemplo, não sei se você usa o Gmail no dia a dia. Se sim, o Google está constantemente vasculhando os seus e-mails e encontrando termos que o descrevem, que você usa, que sugerem certos tipos de relações. Então, quando uso o Gmail, ou se uso o mecanismo de busca do Google, eles acumulam todos os tipos de informação a meu respeito e sobre os tipos de assuntos que eu procuro. E, onde quer que eu esteja navegando na internet, as páginas têm anúncios que se relacionam com as coisas de que eu poderia gostar. E não só isso: o Google faz marketing de nicho para o conteúdo também, então ele vai alterar o conteúdo.

Assim, você lê um jornal e o que estes mecanismos fazem, cada vez mais, é alterar o tipo de histórias que você vai ler dependendo do seu histórico, dependendo das histórias de que você gosta. Tem-se então uma sociedade de controle. Se isso não for uma sociedade de controle, então eu não sei o que é. Esta é a ideia basicamente.

E é aqui onde eu vejo um contexto mais amplo para este tipo de trabalho, no sentido de que eles estão nos fornecendo coisas que queremos e que gostamos. Assim, é possível compreender por que os marqueteiros iriam querer fazer este tipo de coisa, mas eles querem encorajá-lo a fazer outros tipos de coisas também. Eles igualmente conhecem todos os tipos de coisas a respeito de sua saúde. Por exemplo, podem saber sobre a sua saúde a partir das pesquisas que você faz [no Google]; eles sabem como você está ou quais problemas você tem. E este tipo de informação inicia uma nova direção no sentido das coisas às quais você é novo.

Eu acho, então, que, de um lado, este contexto parece como sendo de liberdade, mas não é. Quero dizer, você é livre para escolher as coisas que deseja. E se você se queixa, se você reclama, se diz ao Facebook que não quer ver estes anúncios ou que não quer esta ou aquela informação na tentativa de mudar a política do que você vem recebendo em sua pá-

gina, terá de ir nas opções especiais do programa, em suas opções, etc., e isso exige ficar clicando, páginas e páginas, em diferentes opções no intuito de obter aquilo que você deseja: desativar tais anúncios, informações. Portanto, é uma luta constante.

Eventualmente, eles irão fazer o que você quer e, então, você irá parar de receber tais tipos de informação. No entanto, você mesmo não vai ficar feliz que isso tenha acontecido, porque, de repente, agora você se torna uma pessoa de segunda classe e as espécies de informação que estava recebendo eram de níveis muito altos, ou relativamente altos. E, então, vai perceber que não recebe mais ofertas de produtos realmente interessantes, ou cupons de desconto em vários tipos de coisas que você gostaria de ter, ou mesmo viagens grátis para lugares, dicas do site TripAdvisor⁶, ou coisas deste tipo. De repente, também, o seu mundo digital se parece um tanto diferente.

E, portanto, estes elementos podem evoluir, podem evoluir para uma espécie de sociedade de classe/casta.

IHU On-Line – Nesse sentido, o senhor quer dizer uma sociedade panóptica?

Timothy Lenoir – Sim, exatamente.

IHU On-Line – A partir dessas considerações e da perspectiva da filosofia de Gilles Deleuze, como analisa as sociedades de controle com o aprofundamento da tecnociência?

Timothy Lenoir – Acho que o que eu estava tentando dizer sobre esta questão é que a tecnociência organiza-se, fundamentalmente, em torno da ciência da informação. Ela se organiza em torno da computação, em torno destes tipos de alta tecnologia computacional. E as sociedades de controle são sociedades de *divíduos*, no dizer de Deleuze. É, basicamente, pensar os divíduos como bits de informação sobre as pessoas. Assim, as in-

formações sobre sua saúde, suas preferências pelos vários tipos de comida, o que quer que seja, tudo isso é, absolutamente, central nas sociedades de controle, e estas, ao mesmo tempo, são organizadas pelo mercado.

Basicamente, Deleuze teve esta ideia – que, particularmente, acho bastante interessante – de que o que aconteceu é a mudança das economias de produção para as economias de consumo. E as economias de produção eram manufatureiras. Fazíamos produtos; hoje projetamos. Hoje, fazemos o trabalho cognitivo produzir, enviamos projetos para a China a fim de serem produzidos – para serem produzidos a partir de um projeto, design que é feito aqui, digamos, no Brasil, ou em outros lugares. E é este tipo de coisa que Deleuze tinha em mente.

Então, penso que a força motriz de todo este movimento é o mercado. E os mercados para ele se tornaram o engenho de controle. E, como podemos ver nos exemplos que dei quando falávamos sobre a internet e outros tipos de coisas que recebemos enquanto navegamos, o mercado está, fundamentalmente, direcionando e controlando este tipo de *modulação*. Portanto, não se tem uma sociedade de controle sem tecnociência. E não se pode ter a tecnociência sem estas coisas de que estamos falando: elas se reforçam mutuamente.

IHU On-Line – Numa época de característica tecnocientífica, como percebe a modelagem da vida a partir do controle da subjetividade das populações?

Timothy Lenoir – Eis uma pergunta difícil. Estamos falando da vida como a conhecemos, certo? É óbvio que os tipos de comunidade que existiam ao redor da família, do trabalho, se desfizeram porque instituições como a família, a escola, e outras, se modelaram em outros sentidos. A família, como a conhecemos, ou como as pessoas a conheciam uma geração (ou duas) atrás, mudou completamente. Acho, portanto, que as sociedades de controle têm muito mais a ver com

⁶ TripAdvisor: portal de internet que funciona como sistema de buscador, reunindo informações para viagens de turismo. (Nota IHU On-Line)

peças solteiras juntando-se em grupos e, em seguida, movendo-se em outras direções.

O sentimento relativo à comunidade não é o mesmo. Embora todas estas tecnologias da comunicação tratem, supostamente, de agregar, de aproximar as pessoas, de pô-las em comunicação, em certos sentidos elas, de fato, não parecem fazer o que desejam. São diferentes formas de aproximação e comunicação.

IHU On-Line – Em 2008, em outra entrevista concedida pessoalmente à revista IHU On-Line, o senhor afirmou que, de algum modo, sempre fomos ciborgues. No entanto, o que muda num cenário cujo protagonismo da tecnociência só aumenta?

Timothy Lenoir – Eu acho que esta afirmação é ainda mais correta, hoje, do que quando a fiz há alguns anos. Na época, quando falei que “sempre fomos ciborgues”, quis dizer que quando pensamos sobre o humano, pensamos que ele coevoluiu com a tecnologia. Muitas pessoas realmente interessantes que se reportam a Deleuze – por exemplo, Bernard Stigler⁷ e outros – têm esta noção, e que assim embaixo, de que o humano coevoluiu com a tecnologia. E a minha ênfase particular vai sobre a tecnologia da informação.

Há um biólogo e antropólogo evolucionista fantástico chamado [Terrence W.] Deacon⁸. Ele tem um livro chamado *Symbolic Species* [Espécie simbólica] que discute quando os hu-

manos surgiram a partir de outras formas hominídeas. O seu argumento é que a linguagem, o raciocínio simbólico e o uso do pensamento via símbolos constituíram o ponto-chave de inflexão. Com isso ele traça a evolução e o tamanho cerebral, bem como os diferentes tipos de coisas culturais que começam a surgir. Ele, portanto, trata a linguagem como um tipo de parasita que não é algo produzido pelo humano; é algo que, na realidade, coevoluiu com os humanos e os coconstrói.

Nesse sentido, sempre fomos ciborgues; a nossa tecnologia, os seres humanos e a tecnologia coevoluindo juntos é o que forma o começo. Eu, de fato, penso que somos ciborgues. Quero dizer, não vejo como podemos pensar de nós mesmos como não sendo coevoluídos junto das nossas máquinas, e cada vez mais querer pegá-las e internalizá-las para fazer delas extensões de nossos corpos – ou de nós mesmos.

Você já assistiu ao filme *Her* (Ela, Spike Jonze, 2013)? Ele foi lançado há, mais ou menos, um ano e meio. A história fala sobre um cara que se apaixona pelo sistema operacional [de seu computador]. Ele fica muito [apaixonado]; ambos mantêm esta relação e “ela” está aprendendo. É um novo sistema operacional que tem todos os tipos de características inteligentes; aos poucos vai adquirindo mais inteligência e acaba querendo ajudá-lo. O filme se desenvolve de uma maneira muito interessante.

Não gosto de contar o fim do filme, mas a história padrão para este tipo de coisa é que, quando começamos a nos aproximar demais dos sistemas artificiais, que quando eles se dão conta de que não precisam mais de nós, tornam-se realmente esquizofrênicos, tornam-se, na realidade, paranoicos: na real, eles se tornam megalomaníacos e se livram da gente. Assim, o filme *The Lawnmower Man* (*O Passageiro do Futuro*, Brett Leonard, 1992) poderia ser um exemplo. Há vários outros filmes como este. Neste de que estou falando, em par-

tecular, o interessante é que o sistema operacional tem outros amigos com os quais ele se conecta e que são outros sistemas. Eles estão coletivamente ficando, cada vez mais, inteligentes e, simplesmente, decidem que não necessitam mais dos seres humanos. Então, eles debandam. As pessoas, então, se perguntam: “O que aconteceu?” Elas não se preocupam com a *singularidade*.

E, sim, somos ciborgues. E acho que estamos, mais e mais, ficando assim. E, por causa da ideia de sociedade de controle e da relação da tecnociência com ela, não vejo como isto pode ser diferente.

IHU On-Line – Tomando em consideração a questão dos ciborgues e, por conseguinte, da temática do pós-humanismo e do tecno-humanismo, como compreende o posicionamento antropocêntrico assumido pela humanidade?

Timothy Lenoir – Acho que sim, acho que temos um posicionamento deste tipo assumido pela humanidade. Embora haja um movimento filosófico muito forte como aquele de ontologias orientadas aos objetos, que quer se ver livre desta visão de todas as coisas a partir do ponto de vista humano. Quer dizer, não como objetos para nós, mas como objetos no próprio direito deles de ser. Então, como lidar com isso?

Acho que esta tarefa não é nada fácil. Além de eu ser uma espécie de entusiasta ciborgue, sou também um construtor social – e eu acredito que nós, basicamente, construímos o mundo. Penso também que esta é uma daquelas coisas importantes que vêm acontecendo na tecnociência contemporânea.

Hoje a tecnologia é fundamental. Há tantas e diferentes áreas da ciência e tecnologia que nós chegamos a controlar minúsculas partes da matéria, tendo condições de montá-la, parte por parte, por nós mesmos. Portanto, podemos substituir a natureza com uma máquina mais precisa, melhor. O que estamos falando aqui diz respeito,

⁷ Bernard Stigler (1952): filósofo francês, que também tem sua obra influenciada por autores como Nietzsche, Valéry, Heidegger e Derrida, entre outros. Entre seus temas centrais estão tecnologia, consumismo, capitalismo de consumo, convergência tecnológica, entre outros. (Nota IHU On-Line)

⁸ Terrence W. Deacon: antropólogo americano, Ph.D. em Antropologia Biológica, Harvard University, 1984. Lecionou em Harvard por oito anos, mudou-se para a Universidade de Boston, em 1992, e atualmente é Professor de Antropologia e membro da faculdade de Ciência Cognitiva da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Seu trabalho combina biologia evolutiva humana e neurociência. O objetivo é a investigação da evolução da cognição humana. (Nota IHU On-Line)

fundamentalmente, a uma visão antropocêntrica. Ela está transformando a natureza em algo que controlamos e que podemos usar para nossos próprios fins. Eu considero este momento um tanto perigoso. No entanto, considero-o também inevitável.

IHU On-Line – Qual é o espaço para a expressão da autonomia do sujeito em um contexto dessa ordem?

Timothy Lenoir – Acho que esta é a pergunta principal. Quero dizer, de certa forma parece que estamos capacitando os sujeitos a serem completamente autônomos, livres, a poderem escolher as coisas, e assim por diante. Porém, penso que estas benesses estão sendo controladas por forças que estão além do nosso controle.

Em outras palavras, penso o capitalismo como uma espécie de força da natureza. Penso o capitalismo como uma máquina, no sentido deleuziano de máquina. Quando perguntamos “o que há lá fora?”, não há “inteirezas”, ou seja, indivíduos que são um todo completo dentro de seu eu interior. Não existe isso. O que há são máquinas em todo o caminho. E a matéria em si tem também os seus desejos. E são estas as questões que estão na dianteira.

Portanto, o capitalismo, a meu ver, é a expressão última disso que estamos falando. Então, não há como evitá-lo. Esta é uma visão que tenho ao mesclar os pontos de vista de Deleuze com o de Manuel De Landa⁹, quem tem, penso eu, uma leitura um tanto materialista de Deleuze e de sua relação com a teoria da complexidade dinâmica. Gosto desta leitura; acho-a bastante poderosa. Não vejo, todavia, nada senão uma autonomia aparente para os assim chamados indivíduos.

IHU On-Line – Tomando em consideração a ideia de “máquina de de-

⁹ Manuel De Landa (1952): escritor, artista e filósofo mexicano, radicado em Nova Iorque. É professor de filosofia contemporânea e ciência na Escola de Pós-Graduação Europeia na Suíça e professor adjunto em arquitetura na Universidade de Princeton. (Nota IHU On-Line)

sejo¹⁰, de Deleuze, em que medida desejamos ser máquinas e queremos transformar a natureza em máquina? Que possíveis cenários se descortinam dessa perspectiva?

Timothy Lenoir – Penso que isto está bastante de acordo como que eu vinha dizendo. Acho que a noção de Deleuze de uma máquina de desejo é um conceito um tanto difícil. Ele abre-se para muitas interpretações, creio eu. Mas acho que ela – esta noção – vem de Freud¹¹, com a ideia de *id*. Há aqueles tipos de forças psicológicas que são independentes. E se pensamos no que Deleuze está dizendo, chamando-o de máquina de desejo, vemos se tratar de algo muito semelhante aos tipos de atitudes que os atuais neurocientistas têm, de que há somente matéria, de que não há nada mais além dela.

Há configurações da matéria que produzem desejos, que produzem algo que pensamos como desejo. Mas, basicamente, existem estas forças que estão impelindo o sistema a ir adiante... Não existem almas, não existem coisas independentes da matéria. Há somente máquinas. E, no centro da coisa toda, há máquinas de desejo

¹⁰ **Máquina de Desejo:** para Deleuze, somos máquinas que expresando desejos. Como se estivéssemos agindo movidos por eles. Máquinas estas que se acoplam a outras produzindo conexões, infinitas e em vários sentidos. (Nota IHU On-Line)

¹¹ **Sigmund Freud (1856-1939):** neurologista, fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Freud nos trouxe a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam ainda muito debatidos hoje. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da IHU On-Line)

pressionando a matéria a avançar em direção a novas configurações, basicamente através do capitalismo.

Queremos transformar a natureza numa máquina? Acho que dizemos, em muitos casos, que não queremos e tentamos usar outros tipos de sistemas para pensar os sistemas naturais como algo que gostaríamos de imitar. Tudo, porém, que façamos está organizado em nosso entorno, e o mesmo acontece com os movimentos ambientalistas: os que conheço e que parecem interessados neste assunto são os que querem somente preservar partes da natureza e não têm mais nada a fazer com ela; apenas deixar sê-la.

O que, na prática, os movimentos ambientalistas querem é administrar o meio ambiente para os propósitos humanos, para a vida do planeta. É pensar o planeta inteiro como um ecossistema onde as partes dependem uma das outras, e assim por diante. Eu trabalho num instituto, o Center for Environmental Implications of Nanotechnology, e o principal objetivo aí é ver como podemos controlar os efeitos da nanotecnologia na medida em que ela é disposta no meio ambiente e seus possíveis impactos negativos na saúde. Portanto, o nosso principal objetivo é analisar a natureza em partes cada vez menores, de forma que possamos melhorar a maneira como estas partes trabalham e controlar a forma como funcionam. É tratá-la [a natureza] como uma máquina.

IHU On-Line – O capitalismo como um sistema econômico é uma condição necessária para apoiar um florescimento da sociedade tecnológica. É correto dizer isto?

Timothy Lenoir – Sim, é o que penso. O que eu acho também interessante é pensar sobre o capitalismo, hoje, em termos do *capitalismo digital*¹². Quero dizer, quando começamos a fazer os primeiros softwares – e estes são apenas um outro tipo de

¹² **Capitalismo digital:** nova leitura sobre o capitalismo, agora focado na ambiência do mundo digital. (Nota IHU On-Line)

máquina –, tínhamos todos os tipos de problemas, a saber: eles são muito fáceis de serem copiados. Então, como monetizar a sua criação? É o mesmo com a música: lembremos todos os problemas que existiam aqui no começo. Lembremos os vídeos, filmes, as pessoas roubando os códigos destes produtos e liberando-os gratuitamente, e assim por diante. Portanto, sempre houve algum problema com a tecnologia digital: mas como monetizá-lo? Em outras palavras, isto significa se perguntar sobre como controlar tal tecnologia de forma que não se consiga pegá-lo e torná-lo disponível gratuitamente. Esta vem sendo a questão-chave desde então para todas as espécies de tecnologias: o controle dos direitos digitais, o controle da produção digital, incluindo páginas da web.

Antes era muito fácil levantar-se, criar uma página de internet. Poder-

se-ia fazer o que quisesse. Há, ainda, alguns lugares em que se pode fazer isso... Mas, cada vez mais, criar algo na web é descobrir como monetizá-lo. E estes tipos de neurocapitalismo e todos aqueles diferentes métodos dos quais venho falando a respeito são formas que nós usamos para controlar a informação e tentar monetizá-la.

Se a mudança das sociedades de produção para as sociedades de consumo é a maneira como pensamos sobre as coisas – ou como Deleuze nos encoraja para pensarmos sobre elas –, então o capitalismo digital é, realmente, o tipo de mecanismo para se obter o desejado.

Não acho que a máquina de desejo remonta ao cartesianismo. Creio que esta é uma outra questão. É claro, Descartes pensou o homem como uma máquina, mas apenas em certas partes. Somente o corpo.

Ele pensou que haveria algo mais. Havia este tal de intelecto que, de alguma forma, não está embutido na máquina. Ele depende da máquina... Há uma relação interessante, em Descartes, envolvendo mente e máquina. Creio, porém, que a máquina de desejo é uma noção que, na verdade, não se relaciona com o cartesianismo.

Leia mais...

- *“Nós sempre fomos ciborgues. Isso é da natureza da sociedade humana”.* Entrevista com Timothy Lenoir, na edição 262 da **IHU On-Line**, de 16-06-2008, disponível em <http://bit.do/Vrd2>.
- *As sociedades de controle e a iminência de um “panóptico global”.* Cobertura da conferência *Neurofuturos para sociedades de controle*, em 23-10-2014, disponível em <http://bit.ly/1vV1pUN>

Acesse o facebook do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e acompanhe nossas atualizações facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos

facebook Pesquise pessoas, locais e coisas

Página inicial

Criar página

MBA FGV
decision.edu.br

MBA FGV

Faça MBA na FGV POA ou NH e destaque-se no mercado de trabalho. Clique e inscreva-se.

Academia Social

Aprenda como atrair 10 mil fãs: Reais para sua página? Clique curtir e saiba como. Melo Tazi curtir Ignição Digital.

Agora

2013

2012

2011

Fundada em

Instituto Humanitas Unisinos atualizou sua foto da capa. há 45 segundos

A foto de capa retrata um momento da anual "Festa das luzes" sobre a tumba do poeta sufi Shah Hussein, em Lahore, no Paquistão. Shah Hussein (1538-1599) é comumente conhecido

9.267 Curtiu

Mensagem

25 Amigos curtiram Instituto Humanitas Unisinos

A derrocada dos movimentos sociais na África pós-Apartheid

Tshepo Madlingozi aponta as continuidades entre a governança pré e pós-1994, que levam os movimentos de um discurso de poder a um discurso de direitos, suplicando ao Estado que os cumpra

POR RICARDO MACHADO E ANDRIOLLI COSTA / TRADUÇÃO: GABRIEL FERREIRA

Em 2014 celebram-se 20 anos do fim do Apartheid, o regime de segregação racial adotado – oficialmente – de 1948 a 1994 na África do Sul. No entanto, para o sociólogo, advogado e ativista Tshepo Madlingozi, a política que emergiu do novo governo pós-apartheid ainda apresenta uma série de continuidades com o modo de governança do regime pré-1994. “A legislação ‘pós-Apartheid’ não desafia fundamentalmente a natureza colonial do Estado”, alerta. “Consulta é entendida como o Estado dizendo às pessoas o que foi decidido, participação para além das instituições organizadas pelo Estado é vista como um desafio direto contra ele e, por sua vez, a brutalidade do Estado contra as atividades dos movimentos sociais é frequente”.

Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Tshepo aponta os modos como a legislação pós-apartheid promoveu uma mudança na ação dos movimentos sociais – que migrou de uma luta por poder para uma luta por Direitos. Ou seja, ao invés de ação combativa direta, os movimentos são incitados a ir à Justiça, recorrer à Corte, onde, invariavelmente, sempre perdem. “Isso significou, ideologicamente, que os movimentos sociais se transmutaram de movimentos revolucionários em grupos da sociedade civil, implementando um discurso de direitos civis a fim de obterem seus direitos; não mais poder popu-

lar, mas direitos de indivíduos suplicando ao Estado por serviços tais como prometidos na Constituição”.

Entre 2005 e 2010, TshepoMadlingozi foi coordenador nacional de advocacia do Kulumani, um grupo de suporte às vítimas do Apartheid. Participante hoje do quadro da diretoria, ele aponta que a própria Comissão da Verdade que investigou os crimes do regime segregatório foi capaz de reconhecer e indenizar apenas 16 mil vítimas – em um país com 50 milhões de habitantes. “A legislação pós-Apartheid está desmobilizando à medida que individualiza o sofrimento; está despolitizando à medida que transforma a problemática de 300 anos de Apartheid colonial em questões de tecnicidades a serem resolvidas por juristas; e retira recursos da construção de movimentos e atividades de agitação popular.”

Tshepo Madlingozi é mestre em Direito e em Sociologia. Professor da Universidade de Pretória, na África do Sul, é colaborador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Lisboa, onde participa do Projeto ALLICE – Espelhos Estranhos, Lições Imprevistas. Tshepo é coeditor de *Symbols and Substance: The Role and Impact of Socio-Economic Rights Strategies in South Africa* (Cambridge: University Press, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como pode ser caracterizada a mudança na perspectiva dos movimentos sociais que migraram de um “discurso de poder” para um “discurso de direitos”? O que isso significa na prática?

Tshepo Madlingozi – Em meados da década de 1980, o ápice da nos-

sa revolução contra o Apartheid, os movimentos sociais eram animados pela *práxis* do poder popular. O que isso significou é que essa foi a primeira vez na história da África do Sul em que a população negra das áreas urbanas decidiu agir como se o regime do Apartheid não existisse – eles não

estavam indo lutar ou reivindicar um melhor tratamento por parte daquele regime mau. Ao invés disso, os movimentos decidiram tomar o seus poderes de volta e libertar-se do estado.

Ideologicamente, isso significou que o povo recusava ser interpelado/representado como vítima, mas como

agentes que podiam pensar e agir. Na prática, o poder do povo manifestou-se através do estabelecimento de suas próprias estruturas de governança, tais como comitês de bairros, cortes do poder popular/revolucionário, conselhos representativos dos estudantes, etc. A era do poder popular foi derrotada no final dos anos 1980, quando o regime do Apartheid impôs uma estratégia de Assalto Total. Milhares de ativistas foram presos, as estruturas de governança popular foram destruídas e a imprensa revolucionária foi fechada.

Esse período coincidiu com aquele durante o qual o Congresso Nacional Africano – CNA, o principal partido político anti-Apartheid, estava em um processo de transição de um quase-socialismo para um discurso de direitos humanos. Quando o CNA voltou do exílio, em 1989-1990, os movimentos sociais foram instruídos a se fortalecer e apoiar o CNA enquanto este se “preparava para governar”. Isso significou, ideologicamente, que os movimentos sociais se transmutaram de movimentos revolucionários em grupos da sociedade civil, implementando um discurso de direitos civis a fim de obterem seus direitos; não mais poder popular, mas direitos de indivíduos suplicando ao Estado por serviços tais como prometidos na Constituição. Na prática, isso significou que os “novos” movimentos sociais dos anos 2000 também tiveram que apelar às ONGs e advogados para terem acesso a seus direitos.

IHU On-Line – De que forma a legislação pós-Apartheid disciplinou politicamente os movimentos sociais da África do Sul?

Tshepo Madlingozi – Em primeiro lugar, “Legislação pós-Apartheid” é uma lei da Constituição Suprema. Essa Constituição age como Deus – ela legisla sobre o que é certo e o que é errado e inunda toda a vida da África do Sul pós-Apartheid. É uma lei que diz que na “nova África do Sul” “não se lute, mas procurem-se as Cortes” para obter justiça. Os movimentos são, portanto, inevitavelmente empurrados para cortes de justiça nas quais eles têm de depender de advogados

e de uma linguagem legalista para reivindicarem por serviços essenciais.

Pelo fato de que essa Constituição existe sobre a base de uma política macroeconômica neoliberal, os direitos socioeconômicos na Constituição são sempre rebaixados devido à limitação interna da maior parte desses direitos em “acessar o bem socioeconômico X dentro dos recursos disponíveis”, significando que os movimentos sempre perdem quando vão à corte. Vista desse modo, a legislação pós-Apartheid está desmobilizando à medida que individualiza o sofrimento; está despolitizando à medida que transforma a problemática de 300 anos de Apartheid colonial em questões de tecnicidades a serem resolvidas por juristas; e retira recursos da construção de movimentos e atividades de agitação popular. Além disso, uma vez que a legislação “pós-Apartheid” não desafia fundamentalmente a natureza colonial do Estado, ela significa que há uma série de continuidades entre o modo de governança do regime pré-1994 e aquele pós-1994: consulta é entendida como o Estado dizendo às pessoas o que foi decidido (não uma democracia participativa), participação para além das instituições organizadas pelo Estado (Parlamento, Comitês Distritais), mídia, universidades, etc., é vista como um desafio direto contra o Estado e, por sua vez, a brutalidade do Estado contra as atividades dos movimentos sociais é frequente.

IHU On-Line – De que maneira o Khulumani é resultado, ao mesmo tempo, do processo de transição constitucional da África do Sul e do processo de institucionalização do ativismo humano?

Tshepo Madlingozi – O Khulumani foi criado em 1995 em resposta ao processo da Comissão de Verdade e Reconciliação e, como tal, o Khulumani foi possível pelo andamento do processo de justiça transicional em meados dos anos 1990. Ao mesmo tempo, deve-se ter em mente que os fundadores do Khulumani são pessoas que já eram ativas antes de 1990, lutando por seus direitos e pelos direitos dos membros de suas famílias.

De fato, nós, membros do Khulumani, somos “más vítimas”, no sentido de que, diferentemente do tipo de vítima que o processo da justiça transicional na África do Sul, e em todos os lugares, busca produzir – vítimas que legitimam a transição de elite; que saem às ruas todos os anos, em datas especiais, para chorar, contar suas histórias e servir como catar-se para o Estado; que simplesmente querem reconhecimento e pagamento, isto é, “boas vítimas” –, as vítimas do Khulumani rejeitam as transições e mostram, comoreza seu *slogan*, que “o passado está no presente”.

IHU On-Line – Por que a justiça transnacional, de matriz neoliberal dos países do hemisfério Norte, é incapaz de dar conta dos desafios do Sul Global? Que especificidades estão em jogo na realidade da África do Sul?

Tshepo Madlingozi – A justiça transicional é um projeto da modernidade ocidental destinado a salvar os países no Sul Global que estão “saíndo” de conflitos. O objetivo é reconstruir esses países à imagem do mestre – o Norte Global. Assim como se espera que esses países adotem instituições associadas às democracias liberais ocidentais – ao invés de autodeterminação, esses países são recolonizados através desse processo. Além disso, os processos da justiça transicional visam sempre à liberalização política, um projeto que caminha junto com a liberalização econômica. Como tais, as causas estruturais de conflito nunca são consideradas: privação de terra, recursos roubados, economia desigual e Supremacia Branca permanecem intocados.

IHU On-Line – Como é o tensionamento entre os Khulumani e as multinacionais, que deram suporte ao Apartheid? Esta é a principal razão de resistência à racionalidade vinda do Norte?

Tshepo Madlingozi – O Khulumani não é contra o investimento estrangeiro por companhias multinacionais. No entanto, o Khulumani é contra companhias que ajudaram e incentivaram o cometimento de um

crime contra a humanidade que foi o Apartheid. Essas companhias colheram benefícios do trabalho barato e das leis racialmente discriminatórias. A posição do Khulumani é que essas companhias devem ser responsabilizadas. Elas devem pagar a reparação pelo sofrimento que custearam. E, em vários casos, são as mesmas companhias que estão causando a miséria na República Democrática do Congo, Palestina, Colúmbia-Britânica e em outros países.

IHU On-Line – Passados 20 anos do fim do Apartheid, quais são os desafios atuais à conquista de direitos e reparação de danos às populações representadas pelo Khulumani?

Tshepo Madlingozi – Apenas 16 mil pessoas foram reconhecidas como “vítimas” do Apartheid. Isso é insano! O Apartheid colonial começou em 1652/1657 e durou, oficialmente, até 1994. E em um país de mais de 50 milhões de pessoas, apenas 16 mil serem reconhecidas como vítimas

que têm direito a uma compensação de \$3 mil! Em nosso banco de dados, nós temos mais de 100 mil membros. Algumas dessas pessoas ainda têm balas em seus corpos, algumas delas ainda têm cicatrizes psicológicas, elas ainda não sabem onde estão familiares que foram forçosamente desaparecidos, casas que foram queimadas ainda não foram refeitas, aqueles que foram removidos à força de suas terras não as tiveram de volta. Não tem havido qualquer reconciliação entre as pessoas brancas e negras e a África do Sul ainda é um país de supremacia branca.

IHU On-Line – Quais os principais avanços à agenda dos Direitos Humanos que o Khulumani fez emergir nesses 20 anos? Qual a grande contribuição do Sul Global à racionalidade de outras partes do planeta?

Tshepo Madlingozi – O Khulumani tem ganho em diversos casos na corte de justiça, incluindo a supressão da concessão de anistia aos perpe-

tradores que não foram à Comissão de Verdade e Reconciliação. Suspendemos um projeto que nos proibiria de chamar de “assassinos” aqueles assassinos que receberam anistia, ganhamos o direito para que as vítimas sejam consultadas em casos em que os perpetradores do Apartheid se candidatassem à liberdade condicional. Junto com nossos parceiros no exterior, nós temos expandido a lei internacional contra desaparecimentos forçados e sobre o “direito à verdade”. Nossa maior contribuição tem sido ir a diferentes países africanos e informá-los de que o processo de justiça transicional na África do Sul tem beneficiado as elites políticas e os beneficiários do Apartheid, e dissuadi-los da adoção de tal processo em outros países. Nossa maior conquista tem sido mostrar que o “pós-conflito” é possível quando países no Sul Global adotam processos nativos de re-harmonização social, baseados em epistemologias e modos de ver não setentrionais.

Acesse www.ihu.unisinos.br/entrevistas e confira diariamente importantes debates conjunturais

The screenshot shows the website for Instituto Humanitas Unisinos. At the top, there is a navigation bar with the logo and the text 'www.unisinos.br | minhaUnisinos'. Below this is a search bar and a row of menu buttons: 'Início', 'Sobre o IHU', 'Áreas', 'Notícias', 'Entrevistas', 'Publicações', 'Eventos', 'Cepat', 'Espiritualidade', and 'Entre em contato'. The main content area is divided into two columns. The left column is titled 'ENTREVISTAS' and features an article from Tuesday, 17 de Junho de 2013, titled 'Outono Indígena. Entrevista especial com Jorge Eremitas de Oliveira'. The article includes a small image of a person and a quote: "O governo federal tem olhado para os povos indígenas com a lente do agronegócio, recebida do movimento ruralista. Isso faz parte da lógica do desenvolvimento econômico a qualquer custo e atende a projeto político para a disputa de eleições futuras", diz o historiador. Below the quote is a 'Compartilhar' button and a 'Comentário' button. The right column is titled 'NOTÍCIAS' and contains three news items: 'Em resposta à violência, milhares de manifestantes preparam maior protesto em São Paulo, João de Rio, Brasília e Belo Horizonte, também protestam'; 'Polícia atrai bombas contra manifestantes e famílias na Queda da Boa Vista'; and 'Protestos no Maracá: "Da Copa e a mão, e quero mais direito para a saúde e a educação"'. At the bottom of the news section, there is a 'Ler mais' button.

**Tema
de
Capa**

**Destques
da Semana**

**IHU em
Revista**

Sociedades TECNOCIENTÍFICAS

TEXTO E ARTE: RICARDO MACHADO

A revista IHU On-Line, de modo mais específico, e o sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU apresentam um Guia de Leitura que recupera a produção realizada em 2014. Além de propor um fio condutor às questões debatidas - as

Sociedades Tecnocientíficas -, estreamos no **Medium**, uma plataforma digital gratuita de produção e compartilhamento de conteúdos. Acesse nossa versão digital e interativa, com imagens e vídeos, no perfil medium.com/@ihu.

As tecnociências e a modelagem da vida

Tecnociência, tecnocultura, sociedade tecnológica, somos constituídos e constituidores da técnica. Pelo menos desde a segunda metade do século XX a técnica deixou de ser somente um meio para se chegar a determinado fim, senão o próprio fim da existência das coisas e, muitas vezes, das pessoas. A tese é sustentada pelo filósofo italiano Umberto Galimberti em entrevista à edição 457 da Revista IHU On-Line. Acesse <http://bit.ly/IHUOn456>.



Vida, do mistério ao mecanismo. Ecos de um evento

Sob o prisma do subtítulo que orientou os debates do XIV Simpósio IHU, A modelagem da vida, do conhecimento e dos processos produtivos na tecnociência contemporânea, a edição 456 da IHU On-Line traçou um amplo panorama sobre o pensamento tecnocientífico. Participam desta edição nomes como Nikolas Rose, Jesús Conill, Flavia Costa, Luis David Castiel, Anna Quintanas Feixas, Alberto Cupani e Jennifer Prah Ruger, entre outros. Acesse <http://bit.ly/ihuon457>.



Efeito colateral tecnocrático. A meritocracia em xeque

Impulsionada por uma dinâmica que suscita maior eficiência em todos os processos, a sociedade contemporânea hegemonizou mitologias modernas que se mantêm em pleno século XXI. Ao analisar historicamente o capitalismo e desconstruir o mito da meritocracia, Thomas Piketty desafia a narrativa de que o liberalismo poderia resultar em uma sociedade mais igualitária. É diante deste horizonte, onde, via de regra, o fascínio com o aumento da renda é confundido com justiça social, que a IHU On-Line apresentou um amplo debate sobre a desigualdade. Acesse bit.ly/IHUOn449.



Banalidade do Mal



“A experiência de Auschwitz representa um limiar ético absolutamente inaudito; uma espécie de falência ou perempção da ética nas sociedades ocidentais contemporâneas”, afirma Oswaldo Giacoia, filósofo, em entrevista à edição 438 da IHU On-Line. O número foi publicado no contexto do Ciclo de Estudos 50 anos do Golpe Civil-Militar e da programação da 11ª Páscoa IHU, que em 2014 debateu o tema do mal na contemporaneidade, à luz da obra de Hannah Arendt – especialmente As Origens do Totalitarismo e Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal. Acesse bit.ly/IHUOn438.

 www.youtube.com/ihucomunica



Assista a conferência *O mal radical e a banalidade do mal* do professor Adriano Correia - UFG no link <http://youtu.be/YLsut2Tgsc0>.

Golpe Militar – 1964. Um golpe civil-militar

Diante de um ocidente polarizado com a Guerra Fria, o Brasil perdeu a chance de ser uma via alternativa ao capitalismo e ao comunismo, que dividiu o mundo na segunda metade do século XX. Assim, uma sofisticada e complexa articulação civil-militar, com a participação de federações, entidades patronais, partidos políticos, embaixadores, presidentes, militares e mesmo a imprensa, levou o Brasil à escuridão de uma noite com mais de 20 anos. Acesse bit.ly/IHUOn437.



Golpe Militar – Brasil, a construção interrompida

As duas edições da IHU On-Line sobre o tema da Ditadura Militar inseriram-se no contexto do Ciclo de Estudos 50 anos do Golpe de 64. Impactos, (des)caminhos, processos, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. A partir da obra de Celso Furtado, *Brasil, a Construção Interrompida* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992), repensamos o país pós-golpe e seus impactos nos dias atuais. Acesse bit.ly/IHUOn439.

Dívida Pública

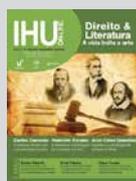
Se o capitalismo parasitário se amplia, beneficiando não o capital produtivo, mas o especulativo, a tendência é que os gastos estatais com as dívidas sejam cada vez maiores. A dívida pública é, atualmente, um dos principais alimentos do capitalismo, favorecendo a concentração de renda no setor financeiro e aumentando ainda mais o seu poder, como constata Maria Lucia Fattorelli na edição 440 da IHU On-Line. Aliás, tal dívida surge com os militares e ainda sobrevive mais de 30 anos após o regime. Acesse bit.ly/IHUOn440.



EDIÇÃO 442



EDIÇÃO 443



EDIÇÃO 444



EDIÇÃO 445



EDIÇÃO 446



EDIÇÃO 447

Mineração



O que liga Belo Monte, a hidrelétrica etnocida, a mineração nacional e o projeto de desenvolvimento nacional? Fora a racionalidade única de produção e consumo de bens e commodities, o catastrófico impacto nas populações locais e indígenas na região Norte do Brasil, contrastada pela riqueza dos recursos naturais e pela miséria social, marcada por autoritarismo de Estado, morte e violações aos direitos humanos. Frente a este cenário, o Novo Código de Mineração brasileiro (PL 5.807/2013) está tramitando no Congresso para votação, tema que deve ser retomado em 2015. Acesse bit.ly/IHUOn451.

Direito ambiental e sustentabilidade



Ligados por uma linha ténue que une desde um projeto de país baseado no consumo de larga escala e priviligia a vida nos centros urbanos, discutimos a indissociabilidade dos direitos da pessoa humana e dos direitos do ambiente, na edição 453 da IHU On-Line. A inspiração veio do III Congresso Internacional de Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, promovido pelo Instituto Socioambiental Dom Helder, ocorrido em setembro de 2014. Acesse bit.ly/IHUOn453.

ENTREVISTA DO DIA

A mineração em unidades de conservação. Como não comprometer oportunidades futuras? Entrevista especial com Joice Ferreira

“20% de toda a área das unidades de proteção (integral e terra indígena) no Brasil tem algum registro de interesse mineral”, informa a pesquisadora. Acesse em <http://bit.ly/1BJNTfU>.

ENTREVISTA DO DIA

COP-20 é condição necessária para realização do acordo climático de 2015 em Paris. Entrevista especial com Iara Pietricovsky de Oliveira

“A negociação em Lima será um momento para medir a temperatura das intenções efetivas destes países para o que vai ser consagrado como o documento final”, avalia a antropóloga. Acesse em <http://bit.ly/1FSRepB>.



EDIÇÃO 448



EDIÇÃO 449



EDIÇÃO 450



EDIÇÃO 451



EDIÇÃO 452



EDIÇÃO 453

Alimentação



Tema do XV Simpósio Internacional IHU, a edição 442 da IHU On-Line tratou do Alimento e nutrição no contexto dos Objetivos do Milênio. Frente a um contexto de preponderância do agronegócio, o evento e a revista debateram as perspectivas na garantia às pessoas ao direito ao alimento e à nutrição nas dimensões sociais, econômicas, ambientais, culturais e políticas da conjuntura brasileira. Acesse bit.ly/IHUOn442.

Desperdício



Inspirada na edição do XV Simpósio do IHU - Alimento e nutrição no contexto dos Objetivos do Milênio, a edição 452 da IHU On-Line desdobra o tema e debate o desperdício. A perda e o desperdício de alimentos implicam em enormes impactos sociais, econômicos e ambientais, como atestam os pesquisadores que participam do debate travado nas páginas desta edição. Contribuem para as discussões Altivo de Almeida Cunha, Paulo Waquil, Alfons López Carrete, Patrícia Barbieri, Celso Luiz Moretti, Walter Belik e José Esquinas Alcázar. Acesse bit.ly/IHUOn452.

www.youtube.com/ihucomunica



Assista a conferência *Desenvolvimento à luz da sociobiodiversidade para superação da miséria e dos males da fome*, de Tânia Bacelar Araújo no link youtu.be/NLwS4TWozek.

www.youtube.com/ihucomunica



Assista a conferência *Cenário Nacional da alimentação e nutrição na perspectiva dos ODMs*, de Walter Belik - Unicamp no link youtu.be/BrwANTy-Fvk.

ENTREVISTA DO DIA



A complexa teia hídrica que brota do Cerrado está ameaçada. Entrevista especial com Altair Sales Barbosa

“A questão atual do desaparecimento dos pequenos cursos d’água, alimentadores dos maiores, é apenas a ponta de um ‘iceberg’ que tende a se tornar cada vez mais evidente”, adverte o antropólogo. Acesse em <http://bit.ly/1zo1mst>.

Mudança Climática

Por ocasião da divulgação do Relatório sobre Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade às Mudanças Climáticas, do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas – IPCC, a IHU On-Line, edição 443, debateu o modelo desenvolvimentista incrementado em países desenvolvidos e emergentes. As reflexões buscam desafiar e propor alternativas a racionalidades marcadas por um tecnicismo crescente. Acesse bit.ly/IHUOn443.



EDIÇÃO 454



EDIÇÃO 455



EDIÇÃO 456



EDIÇÃO 457



EDIÇÃO 458



EDIÇÃO 459

Mística, cinquentenário do Concílio Vaticano II e as metrópoles abrem o calendário de eventos do IHU em 2015

POR JOÃO VITOR SANTOS

O Instituto Humanitas Unisinos – IHU segue a tradição e começa suas atividades em 2015 com evento relacionado à Páscoa, propondo reflexões sobre essa data tanto da perspectiva teológica como expressão sociocultural a partir do tema *Ética, Mística e Transcendência*. Já a partir de 2 de abril de 2015, as discussões se voltam para as grandes cidades. É o ciclo de estudos *Metrópoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo – Territórios, governamento da vida e o comum*. A proposta

é olhar para a metrópole como um tecido vivo, não somente através de uma perspectiva política ou arquitetônica. O cinquentenário do XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica é o tema do colóquio internacional *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*. Iniciando a partir de 19 de maio, o evento busca repensar o papel da Igreja nessa ebulição de transformações do mundo moderno.

Páscoa como narrativa mística

O próximo evento de Páscoa do IHU ocorre de 11 a 26 de março de 2015. O tema é *Ética, Mística, Transcendência*. Mas o que esse assunto tem a ver com a ressurreição de Cristo? Para o teólogo e professor Renato Ferreira Machado, um dos organizadores, a Páscoa é um momento místico, pois “a experiência na ressurreição é uma experiência mística. É o que chamamos de mistério pascal”, completa. Entretanto, o objetivo não é apenas olhar do ponto de vista teológico, mas sim trazer essa ideia de experiência mística para o humano, como algo que faz parte da existência. “É uma for-

ma de viver a vida em seu sentido pleno”, completa.

A programação de todo o evento é pensada nessa lógica. Renato destaca algumas atividades que sustentam esse objetivo. O passo inicial é dado a partir das discussões em torno da vivência de Teresa de Ávila e Thomas Merton, expoentes da mística nupcial na igreja Católica. Debates sobre a temática ocorrem também a partir da linguagem cinematográfica. Por meio da exibição de filmes, será possível conhecer e discutir outras experiências místicas mais da ordem do humano. Por fim, a audição comentada da Missa Crioula vai trazer a ideia de que a mística da liturgia pode ser relida a

partir da especificidade de cada cultura, como a latino-americana.

O encontro destina-se a pesquisadores, professores e alunos e também ao público geral. Os detalhes do evento e a programação completa estão disponíveis no sítio do IHU. Acesse <http://bit.ly/PasIHU2015>.

A metrópole como tecido vivo

É das grandes cidades que emanam as manifestações mais claras da relação entre sociedade, o ser humano e o seu meio. O ciclo de estudos *Metrópoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo – Territórios, governamento da vida e o comum* quer olhar para essa relação e debater de

modo transdisciplinar, à luz de diferentes abordagens teórico-metodológicas, os problemas e as possibilidades nas metrópoles contemporâneas.

Antropólogo e um dos organizadores do ciclo, Caio Coelho explica que se quer provocar olhares para toda a amplitude das metrópoles. “Se formos usar o exemplo de um prédio, não é olhar para ele apenas do ponto de vista histórico e arquitetônico. É olhar para ele com a relação das pessoas que o frequentam ou que circulam em seu entorno”, completa. Parte-se de uma perspectiva da metrópole como ser vivo, um tecido pulsante muito mais voltado para as relações entre os habitantes deste ambiente.

Serão nove encontros, que iniciam no dia 2 de abril e seguem até 9 de junho de 2015. A programação completa com as datas de cada um dos ciclos está disponível no sítio do IHU, em <http://bit.ly/IHUMetro>

poles. Inscrições e mais detalhes do evento podem ser solicitados através do e-mail humanitas@unisinos.br.

O Concílio Vaticano II na contemporaneidade

Em 1961, quando o Papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, a Igreja se viu em um momento de reflexão. Para muitos, este foi o embrião de uma mudança na Igreja que busca se alinhar às discussões e às necessidades da sociedade. Porém, há quem sustente que os resultados ainda não foram totalmente compreendidos nos dias de hoje. Acrescente a isso as transformações tecnocientíficas e socioculturais que a contemporaneidade impõe a cada dia com mais rapidez. Esse é o contexto em que se desenvolverá o II Colóquio Internacional do IHU, que vai de 19 a 21 de maio, com o tema *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*.

Quatro teólogos de renome internacional virão ao evento: John O’Malley – Georgetown University – EUA, Gilles Routhier – Université Laval – Canadá, Christoph Theobald – Centre Sèvres – Faculté Jésumites de Paris – França e Massimo Faggioli – University of St. Thomas – EUA.

A teóloga Cleusa Andreatta, reconhece que “as grandes intuições do Concílio ainda não foram postas em prática”. No entanto, ressalta que o evento não quer tomar o resultado desse processo como uma cartilha – escrita na década de 60 – a ser aplicada hoje. “É muito mais conceitual. É colocar a Igreja de hoje de forma mais dialógica com a sociedade. É o espírito de intuição, os modos de proceder do Concílio que nos inspirarão a pensar daqui para frente”, conclui.

O evento é aberto a pesquisadores e interessados pelo tema. A programação completa está no sítio do IHU. Acesse <http://bit.ly/50anosconcilio>.

Acompanhe o IHU no Blog

The screenshot shows a blog post from the Instituto Humanitas Unisinos. The title is "@segundasemcarne por tudo e todos" dated 15 April 2015. The main text discusses the benefits of Meatless Monday for the environment and health. A large graphic features the text "SEGUNDA SEM CARNE descubra novos sabores" above four cartoon animal faces (cow, pig, chicken, and rabbit) and the slogan "Pelos pessoas. Pelos animais. Pelo planeta." Below the graphic, there is a paragraph about the environmental impact of meat production.

UNISINOS www.unisinos.br humanitas@unisinos.br

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

@segundasemcarne por tudo e todos
EM 15 ABRIL 2015 COMENTAR

Um dia por semana sem comer carne pode ajudar a combater o aquecimento global. Você sabia? Surgido nos Estados Unidos, movimento que procura diminuir o consumo de carne ganha adeptos em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil. A campanha Meatless Monday ("Segunda sem Carne") surgiu nos Estados Unidos em 2003, com o objetivo de incentivar as pessoas a consumir menos carne.

SEGUNDA SEM CARNE descubra novos sabores

Pelos pessoas. Pelos animais. Pelo planeta.

Já há quase 7 bilhões de pessoas na Terra e, para produzir carne para esta população, é preciso criar bilhões de animais que consomem água, comida e recursos energéticos, demandam espaço, produzem grande quantidade de excrementos, contaminam os mananciais, causam erosão e geram poluição atmosférica. A criação de animais para abate é uma forma ineficiente de produzir alimentos: para cada quilômetro cúbico de proteína animal são necessários de 3 a 25 litros de proteína vegetal (milho, soja e outros).

Pesquisar

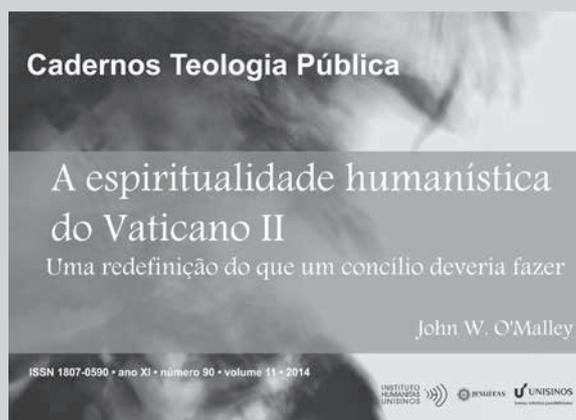
Categorias
Selecionar categoria

Conheça o site do IHU

RSS
Assine nosso feed

Tags
Análise de conjuntura Bastidores Cinema Congresso de Teologia Dica de leitura Economia Economia Solidária Educação Enquetes Entrevistas do dia espiritualidade Eventos Fórum Social Mundial Fórum Social Mundial 2011 Geral IHU Indígenas

CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR

Entrevista de evento

“Vieira era um Indiana Jones das missões”

Diretor da publicação das obras completas do padre Antônio Vieira, José Eduardo Franco discute a atualidade e vitalidade do pensamento do jesuíta que, para ele, é fundamental para compreender a formação do próprio Brasil

POR ANDRIOLLI COSTA

Durante os quase 90 anos de sua vida, o padre Antônio Vieira viveu entre a selva e a corte. Muitas são suas facetas conhecidas e complementares: amigos de nobres e conselheiro de reis, aventureiro missionário e inimigo da Inquisição, defensor dos índios e opositor dos colonos. Frequentador dos palcos mais prestigiados da Europa e dos terrenos mais inóspitos da *terra brasilis*, Vieira pôde lidar com a experiência humana em toda sua diversidade – defende o pesquisador português José Eduardo Franco. E sugere: “Por sua extraordinária e fascinante vida, costume dizer que Vieira era um Indiana Jones das missões”.

Franco é coordenador de um massivo projeto editorial português – o mais arrojado das últimas décadas: a publicação das obras completas, inclusive inéditas, do jesuíta português. São trinta volumes que totalizam quase 15 mil páginas, lançados entre fevereiro de 2013 e setembro de 2014. Entre escritos epistolográficos, proféticos, sermões e textos políticos, Vieira cobriu uma vasta gama de preocupações que iam desde os sentimentos humanos, a religião e o próprio destino da humanidade – na obra *História do Futuro*.

“Vieira imaginou um futuro de paz. Um mundo onde os diferentes povos e culturas pudessem conviver de forma pacífica e harmoniosa, com respeito pelos diferentes rituais sociais e pelas formas de os estados atuarem, se governarem e até exprimirem sua fé”, relata Franco. “Essa é a utopia que ficou co-

nhecida como o *Quinto Império*; uma utopia que podemos classificar de protoecumênica.”

O professor concedeu entrevista pessoalmente à **IHU On-Line** durante sua passagem à Unisinos pela participação no *XVI Simpósio Internacional IHU – Companhia de Jesus. Da supressão à restauração*. Nela, discute toda a atualidade e vitalidade do pensamento do jesuíta português que, para ele, é fundamental para compreender a formação do próprio Brasil.

José Eduardo Franco é historiador, poeta e ensaísta especializado em História da Cultura. Possui doutorado em História e Civilização pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris e em Cultura pela Universidade de Aveiro. Professor do Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, ele coordena atualmente um vasto projeto de pesquisa, levantamento e edição dos Documentos sobre a História da Expansão Portuguesa, existentes no Arquivo Secreto do Vaticano. É também membro da comissão coordenadora do projeto da edição crítica da *Obra Completa do Padre Manuel Antunes*.

Franco é autor de diversas publicações, das quais destacamos: *O Mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil, no Oriente e na Europa* (Lisboa: Gradiva, 2007), *Vieira e as mulheres: Uma visão barroca do universo feminino* (Porto: Campo das Letras, 2007) e *Jesuítas e a Inquisição: cumplicidades e confrontações* (Lisboa: Aletheia, 2007).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quem foi o Padre Antônio Vieira¹ e qual a sua importância para as atividades da Companhia no Brasil?

José Eduardo Franco – Antônio Vieira, como sabemos, é uma das figuras maiores da história literária política, cultural e religiosa de Portugal e do Brasil. Ele viveu, praticamente, metade da vida em Portugal e metade no Brasil; nasceu em Portugal, mas formou-se na Companhia de Jesus no Brasil. Ele, como homem do século XVII, grande viajante e missionário, viveu entre a selva e a corte. Experimentou os espaços mais inóspitos, as selvas amazônicas, foi ameaçado de morte, de doenças, etc., assim como experimentou como diplomata e conselheiro político os palcos mais prestigiados da Europa. Grande defensor dos índios, foi também amigo dos reis, dos papas, dos cardeais, lidando com a experiência humana em toda sua diversidade e diferentes expressões. Isso lhe dava uma dimensão de universalidade extraordinária.

Ele é importante para Portugal e para o Brasil, primeiramente, por ter sido um mestre da língua portuguesa. Fernando Pessoa², inclusive, o elevou

1 **Antônio Vieira** (1608-1697): padre jesuíta, diplomata e escritor português. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Em 1641 voltou a Portugal onde exerceu funções políticas como conselheiro da Corte e embaixador de D. João IV principalmente no que se referia às invasões holandesas do Brasil. Retornou ao Brasil em 1652, tendo estado no Maranhão, onde fez acusações aos senhores de engenho escravocratas na defesa da liberdade dos índios. Foi expulso do país, juntamente com outros jesuítas. Voltou ao Brasil em 1681. Entre suas obras estão: *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do Futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* (1957), composto por dois volumes. Confira a edição 244 da **IHU On-Line**, de 19-11-2007, *Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa*, disponível em <http://bit.ly/ihuon244>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Fernando Pessoa** (1888-1935): escritor português, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. Atuou no jornalismo, na publicidade, no comércio e, principalmente, na literatura, onde desdobrou-se em várias outras personalidades conhecidas como heterônimos. A figura enigmática em que se tornou movimento grande parte dos estudos sobre sua vida e obra, além do fato de ser o

“O marquês de Pombal é, em certa medida, inventor do Brasil”

à categoria de “Imperador da Língua Portuguesa” no livro *AMensagem*, de 1934. Para ele, Vieira era mais do que um grande escritor, mas um artista da língua. Ainda hoje, Vieira é lido e admirado pela forma bela e artística com a qual escreve, continuando a constituir uma escola do bem falar e do bem escrever. Figuras insuspeitas como José Saramago³ já confessaram que costumavam ler Vieira antes de escrever seus romances para se banhar nas águas cristalinas e puras de nosso idioma. Saramago, inclusive, dizia que nunca a língua portuguesa foi tão bela como quando foi escrita pelo jesuíta. Eu também gosto de ler Vieira antes de escrever, porque ele usou a língua não apenas com grande perfeição, mas porque sua forma de escrever traduzia pensamentos profundos, complexos e que ainda hoje nos aguçam a reflexão e a imaginação. Ele fez a língua dizer do pensamento humano de uma forma complexa e bela.

Pensamento

Vieira não é importante apenas pelo primor no idioma, mas também pela atualidade do seu pensamento. Por sua extraordinária e fascinante vida, costume dizer que *Vieira era um Indiana Jones das missões*. Construindo missões em lugares inóspitos, estando ao lado dos índios contra os colonos, defendendo a abolição da es-

maior autor da heteronímia. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **José Saramago** (1922-2010): escritor português, Nobel de Literatura em 1998. Conhecido por utilizar-se de frases e períodos longos, escreveu, entre outros, *Os Poemas Possíveis* (1966); *Provavelmente Alegria* (1970); *Deste Mundo e do Outro* (1971); *Teatro: A Noite* (1979); *Que Farei com Este Livro?* (1980); *Contos: Objecto Quase* (1978); *Romance: Levantando do chão* (1980); *A jangada de pedra* (1986); *A caverna* (2001); *O homem duplicado* (2002); *Ensaio sobre a lucidez* (2004). (Nota da **IHU On-Line**)

cravatura, a humanização do trabalho escravo... Era um homem aventureiro e corajoso, mas que também, devido à forma como pregava, conseguia encantar e tornar-se amigo da realeza. Vieira tornou-se pregador do rei Dom João IV, encantou a rainha Cristina da Suécia e foi absolvido pelo papa Clemente X, que o isentou dos ataques da Inquisição⁴. Era um homem de palavra tão sedutora que os grandes reis da época procuravam seu conselho e ouviam seus sermões. Chegou a ser até mesmo embaixador de Portugal. Portanto, Vieira foi um missionário, mas também alguém que se envolveu com a causa e no projeto político português.

Ao mesmo tempo, foi alguém que produziu e se preocupou com aquilo que era de seu tempo, de sua época, em um período de grande conflito entre as potências europeias. Um tempo onde se vivia uma espécie de proto-Primeira Guerra Mundial. Isto porque as potências modernas e mundiais, Portugal, Espanha, Holanda, Inglaterra e França – que tinham aquela tradição de conflitos e guerras na Europa –, projetaram esses conflitos em nível mundial. Assim, holandeses e portugueses começaram a digladiar-se no Brasil, como os espanhóis e outros estados europeus projetaram os seus conflitos internos na Europa para a África e para o Oriente, etc.

Vieira estava preocupado com o destino da humanidade, e também se preocupava muito com o destino do Cristianismo devido ao avanço do Protestantismo. Assim, pensando o destino de Portugal, da Europa e do mundo, escreveu uma obra com um título absolutamente pioneiro para a época: *História do Futuro*. Nele, propôs uma solução para a humanidade em perspectiva cristã. Imaginou um futuro de paz, onde a sociedade com-

4 Em 1667, Antônio Vieira foi privado do direito de pregar em público e condenado à prisão domiciliar num colégio da Companhia de Jesus, mas em 1669 conseguiu um indulto régio com autorização para ir em peregrinação a Roma, aos túmulos de São Pedro e São Paulo e tratar de negócios da Companhia de Jesus. Permaneceu na Cidade Eterna até 1775. Durante esse período, fez amizade com a ex-rainha Cristina, da Suécia, então exilada na Itália, tendo sido convidada por esta para ser seu capelão, confessor e pregador. (Nota da **IHU On-Line**)

partilhasse os valores do evangelho. Um mundo onde os diferentes povos e culturas pudessem conviver de forma pacífica e harmoniosa, com respeito pelos diferentes rituais sociais e pelas formas de os estados atuarem, se governarem e até exprimirem sua fé. Claro, uma fé orientada para Cristo, mas com a possibilidade de haver várias especificidades e rituais diferenciados, sempre numa perspectiva integradora. Essa a utopia que ficou conhecida como o *Quinto Império*; uma utopia que podemos classificar de protoecumênica.

Foi ainda um grande defensor dos judeus e, nesse sentido, combateu e criticou a Inquisição, sendo também por isso preso e perseguido por ela. No entanto, consegue, entre 1674 e 1681, um Breve do papa para suspender a Inquisição em Portugal. Ao mesmo tempo, Vieira antecipou reformas que figuras como Marquês de Pombal⁵ haveriam de implantar só no século seguinte.

Direitos Humanos

O jesuíta é ainda um precursor de uma reflexão que antecipa aspectos patentes na proclamação formal dos Direitos humanos no século seguinte, desenvolvendo sermões extraordinários de crítica à forma como se tratavam os escravos, defendendo a humanização e respeito dos escravos – que eram tratados como animais, não como humanos e cristãos. Vieira enfrentou os senhores de engenho e das terras em favor dessa humanização. Por outro lado, em sermões como o do *Bom Ladrão*, igualmente extraordinário, Vieira critica durante as estruturas de corrupção sistemática as hoje chamadas *Estruturas de Pecado*. Este sermão vai defender que era preciso combater uma doença que acometia o império português e invariavelmente o Brasil e a zona do Maranhão: a corrupção.

Quem exercia os cargos de governo e administração, ao invés de pensar

em servir o bem comum, preocupava-se em servir a si próprio, o que gerava um ciclo de corrupção sistemática que era a grande doença, a grande chaga que impedia que Portugal progredisse. Por isso ele aconselha o rei de Portugal a repensar a forma como nomeia os responsáveis por cargos públicos (governadores, administradores, etc.). Dizia que as nomeações não deviam ser feitas em razão ao pertencimento a determinado grupo ou família, mas em função do mérito. Para Vieira, os ofícios não eram feitos para os homens, mas os homens para os ofícios. É o que chamo de uma filosofia *avant la lettre* da ação e do empreendedorismo. Em Vieira a verdadeira fidalguia está na ação. Dizer isso no século XVII era extraordinário, pois reflete ainda sobre a importância de nossa ação frente ao imobilismo e à apatia. É uma ontologia da ação, que dá sentido, valor e substância à vida humana, tentando desafiar os homens do seu tempo a serem transformadores. Dizia Vieira: “Só existimos nos dias em que fazemos. Nos dias em que não fazemos apenas duramos”.

Algo que vem do debate moderno contra o protestantismo é a questão das obras e o debate em torno da justificação pelas obras ou, ao invés, somente pela graça divina. Ele dizia: “Para falar ao vento bastam palavras, para falar ao coração são necessárias obras”. O que move os corações são as obras, o exemplo, e, portanto, a importância do obrar, realizar, transformar. Era isso que dava valor à vida humana. Ele, como homem, foi um homem da ação. Viveu quase 90 anos, quase todo o século XVII e, até morrer, esteve sempre a agir, a transformar. Aqui uma sintonia com o chamado *Cristianismo da ação*.

IHU On-Line – No Brasil a Companhia quebra entre Vieiristas e Alexandristas⁶, a partir de uma perspectiva oposta sobre o modo de se tratar os escravos. Quais eram os pontos divergentes?

José Eduardo Franco – Isso tem a ver com a história interna da Companhia de Jesus no fim do século XVII, já no final da vida de Vieira. O que se passou foi que a Companhia, ao chegar em diferentes territórios, enviava missionários europeus para criar as estruturas eclesiais no local. Entretanto, pouco a pouco passou-se a formar jesuítas nascidos no próprio país. Assim, aqueles jesuítas que já eram brasileiros iniciaram o que eu chamaria de uma disputa protonacionalizante, em que os nascidos aqui nesta terra buscaram tomar o controle da Companhia. Havia ainda um entendimento diferente da forma de lidar com os indígenas e colonos. Houve setores da Companhia que ficaram mais comprometidos com a estratégia colonial, com os bandeirantes, enquanto Vieira vinha de uma tradição de resistência a esta ideia de usar os escravos como peças, como mercadoria e não como pessoas. Como Vieira era um humanista, com uma formação na linha da matriz renascentista, ele reagiu a essa incidência. Mas então ele já era muito velho, tinha quase 90 anos, e nem tinha mais tanto poder político na colônia. Acabou por ser marginalizado, embora tenha resistido até o fim. Interessante notar que, por fim, o Geral da Companhia, na época, acabaria por lhe dar razão. No entanto, a carta final com a sua absolvição chegou quando ele já havia morrido. Vieira acabou por vencer *post-mortem*. Essa polêmica mostra que a Companhia, em alguns aspectos, não era uma só, e agia a partir de percepções diversas dos problemas. Na minha perspectiva, Vieira representava uma visão mais ousada e humanizante, ainda que ele próprio seja marcado por suas contradições.

Vieira, embora fosse um idealista do ponto de vista teórico, que acreditava no poder transformador do evangelho, era também um realista. Assim, ainda que defendesse a liberdade dos índios – e percebendo que economia da colônia era baseada no trabalho escravo –, reconhecia que Portugal não poderia ser o primeiro país a abrir mão desta mão de obra, pois perderia vantagem economicamente ante as demais potências. Vieira percebeu que não era possível continuar a sus-

5 Marquês de Pombal (1699-1782): Sebastião José de Carvalho e Melo, nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas da História Portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

6 Alexandre de Gusmão (1629-1724): jesuíta português. Embarcou com a família para o Brasil em 1644. Ingressou no noviciado da Companhia de Jesus no dia 27 de outubro de 1646. Fez profissão solene no dia 2 de fevereiro de 1664. (Nota da IHU On-Line)

tentar um projeto político português e uma economia coesa no contexto da dinâmica colonial portuguesa sem contar com o trabalho escravo, mas defendeu a proclamação da liberdade de determinados segmentos de escravatura. Ele tinha muito afeto pelos seus índios e defendeu sua liberdade, pois julgava que eles estavam ligados a esse território, já possuíam seus direitos próprios e apresentavam uma condição física diferente dos escravos africanos.

Ainda assim, defendendo a manutenção da escravidão africana, propôs a humanização desse trabalho. É a chamada via do mal menor, que é bem tomista. Naquela época, de acordo com a hierarquia de valores, se valorizava mais a salvação da alma do que do corpo. Assim, o fato de se trazer os escravos da África fazia com que eles pudessem conhecer o evangelho, se tornar cristãos e aceder aos bens salvíficos dispensados através da Igreja. Se a escravidão do corpo preservava a salvação da alma, se privilegiava a alma.

IHU On-Line – De que forma acredita que é preciso compreender o Brasil para entender Portugal?

José Eduardo Franco – Para compreendermos Portugal do século XIX é absolutamente fundamental levarmos em conta a relação com o Brasil. Aliás, se Portugal se viabilizou na segunda metade do século XVII e depois durante o século XVIII, deve-se ao fato de ter se voltado para o Brasil. No século XVII, no contexto da expansão portuguesa, a grande fonte de rendimento de Portugal era o Oriente, com as especiarias, um pouco dos seus territórios na África, mas a partir da segunda metade do século XVII e XVIII o Brasil foi a grande fonte que permitiu que Portugal se mantivesse um país viável e sustentável, com algum prestígio internacional. No princípio o Brasil era um território imenso, com alguns recursos – como a madeira –, mas não era o *El Dorado* que se imaginava. Alguns até o desconsideravam. Só mais tarde, com a descoberta de ouro e diamantes, o Brasil se confirmaria como o território colonial mais importante e decisivo. De

“A verdadeira fidalguia é ação”

tal modo que sabemos que no século XIX, com a vinda da corte do rei Dom João VI para o Rio de Janeiro, Portugal foi a única potência europeia que foi capaz, para sobreviver, de deslocar o seu centro de poder para uma colônia sua. A Inglaterra não fez isso, a França não fez, nem a Espanha, mas Portugal sim.

Essa solução não é nova, já vinha do século XVII. Neste período, o Padre Antônio Vieira, curiosamente, já havia antecipado uma série de medidas – e esta foi uma delas. Este era um século de crise, de restauração, de emergência dos holandeses como grande potência ameaçando invadir Lisboa... Frente a estes desafios, Vieira propôs que eventualmentese deslocasse a capital da metrópole e da corte para o Brasil. Isso chegou a acontecer, mas apenas mais tarde, em 1808. Vieira antecipou em cerca de 150 anos o que de fato aconteceria. De tal modo que, em 1815, o futuro rei Dom João VI criou uma estrutura política inédita: o Reino Unido de Brasil, Portugal e Angola – que englobava ainda outros estados ultramarinos portugueses, como Cabo Verde e Angola, na África e alguns da Ásia. Um território imenso e, se tivesse continuado, seríamos uma potência extraordinária. Foi uma ideia fantástica, quase utópica, mas foi concretizada durante sete anos até a independência.

IHU On-Line – Porque Vieirapode ser compreendido como um precursor de Pombal?

José Eduardo Franco –Vieira defendeu um conjunto de medidas, no contexto das reformas sociais, políticas e econômicas, capazes de fazer com que o império português se tornasse viável e fizesse frente à Espanha e às demais potências emergentes, nomeadamente a Inglaterra. Para tanto, propõe reformas em vários níveis: propôs a criação de companhias monopolistas, propôs a reforma da Inquisição, propôs o regresso dos judeus

expulsos e propôs o fim da distinção entre cristãos velhos e cristãos novos – uma divisão que ele considerava injusta e imprópria para uma sociedade cristã. Os cristãos novos, judeus e muçulmanos convertidos ao cristianismo, não tinham acesso aos mesmos privilégios e cargos que os cristãos velhos. Vieira propôs abolir essa distinção, como também uma reforma que humanizasse mais a Inquisição, a liberdade dos negros, enfim, um conjunto de medidas que mais tarde figuras do Iluminismo como Pombal vão implantar.

Antissemitismo

Pombal já na década de 1750 investe na criação de companhias monopolistas, como Vieira havia proposto; em 1773, vai abolir o termo de distinção entre cristãos velhos e novos e o fim dos atestados de limpeza de sangue; em 1774, edita o regimento pombalino da Inquisição, onde incorpora diversas ideias reformistas de Vieira. Pombal era também contra toda a corrente antijudaica, e protege os judeus. Da mesma forma, Vieira, no século anterior, defendia que Portugal havia cometido um erro histórico: expulsar uma elite extraordinariamente empreendedora. Os descobrimentos, as viagens marítimas, a expansão portuguesa, tudo isso teve grande envolvimento de judeus, pois eram ligados aos processos de construção naval, do comércio, etc. Para Vieira, Portugal começou a decair a partir da expulsão desta elite, e outros impérios como a Holanda, para onde os judeus foram, começaram a crescer com sua chegada.

Vieira defendia que se criassem condições para possibilitar o regresso dos judeus, pois isso seria fundamental para recuperar essa elite empreendedora e colocá-la a serviço da recuperação do reino de Portugal. Claro que na época Vieira foi acusado de ser amigo dos judeus, e mesmo que o Rei tenha tentado criar condições para isso, todo o trabalho foi boicotado pela Inquisição. Essas ideias reformistas são postas em prática apenas na segunda metade do século seguinte, 100 anos depois, pelo Marquês de Pombal. Por isso dizemos que Vieira

é um precursor de Pombal, o que é extraordinário.

IHU On-Line – De que forma Pombal ajuda a entender a história brasileira e portuguesa?

José Eduardo Franco – Pombal, para Portugal, é importante por ser o criador do Estado moderno – burocrático, centralizado e hipercontrolador, com representantes do Estado para todo o lado. Da mesma forma ele o faz no Brasil, acabando, por exemplo, com o monopólio dos missionários, que tinham direito temporal e espiritual sobre os índios, e coloca agentes do estado para controlar o território. Era sua preocupação garantir a soberania total do território que é um dos fundamentos da afirmação do Estado moderno, criando uma burocracia, reformando e reforçando o exército, estruturando uma polícia vigilante, etc. Também cria o primeiro sistema de ensino público estatal. Com a expulsão dos jesuítas, Pombal cria um ensino público com uma forma de recrutamento estatal de professores, criando o estatuto e a profissão docente, e é a primeira vez que se cria em nível internacional um sistema público de ensino – por substituição ao privado dos jesuítas. Pombal tenta implantar ideias e ciências novas, incorporando a ciência moderna, o que também é importante para o desenvolvimento de Portugal. Ele também decretou a abolição da escravidão na metrópole e nas colônias da Índia em 1761, ainda que tivesse outros interesses, mas enfim. Nesse sentido, ele é precursor da modernidade.

Mais especificamente, não podemos entender o Brasil de hoje sem entender a importância da política pombalina para a colônia brasileira. Considero que, de certo modo, Pombal foi o inventor do Brasil. Isto porque se não fosse sua ação, não teríamos o Brasil como o conhecemos hoje. Como, afinal, um país imenso – quase continental – como é o Brasil, formado a partir de um país minúsculo que é Portugal, consegue manter uma coesão? O que une mais um brasileiro do Rio Grande do Sul com um nordestino ou alguém do Amapá? Esta coesão passa fundamentalmente pelo

fato de falar uma única língua. Esta é a grande cerzadura que une o país. Mas porque ele não se desmembrou como o fizeram outros países da América espanhola? O Brasil manteve-se uno e coeso, apesar de alguns poucos conflitos, até a atualidade. Na minha opinião, para tanto, Pombal foi decisivo.

Isto primeiramente porque, em 1757, publicou um diretório para o Brasil onde impunha, entre outras medidas, a língua portuguesa como única e obrigatória, proibindo o ensino dos demais idiomas e punindo com medidas graves quem os ensinasse. Na sequência, estava ainda o processo da expulsão dos jesuítas, em 1759. O fato de impor uma língua única e expulsar os jesuítas foi determinante para a manutenção da unidade, pois, como sabemos, os jesuítas missionavam a língua dos índios e ensinavam o idioma geral do Brasil, desenvolvendo quase uma língua própria. Esta relação, se não fosse talhada, poderia ter gerado maior sentimento de autonomia. Os jesuítas procuraram respeitar e evangelizar em um processo de aculturação. Pombal e seus seguidores viam isso como perigoso, acusando os jesuítas de criarem um Estado dentro do Estado. Pombal considerava o ensino da língua indígena como uma espécie de separatismo, que seria perigoso para a unidade do Estado. O fato de Pombal expulsar os jesuítas desestrutura esse processo linguístico que os jesuítas mantinham. Predominantemente também, ao tirar dos jesuítas e dos missionários o poder temporal e espiritual sobre as aldeias, em nome do absolutismo iluminado, reafirma a razão do estado. Essa noção fez com que todo o território brasileiro fosse estatizado. A língua, a expulsão, a desarticulação do sistema de diferenciação, a estatização das formas de governo e o controle efetivo de todo o território permitiram a criação de uma coesão que evitou desmembramentos, revoltas e separações que aconteceram na América espanhola, criando o Brasil coeso que temos hoje.

Havia ainda outro aspecto importante. Os jesuítas possuíam colégios que eram praticamente Universidades e que também foram desmantelados

com sua expulsão. Os jesuítas criavam uma elite pensante e crítica. Pombal, entretanto, jamais permitiu que se criassem Universidades na colônia, enquanto no Peru, no México e na Argentina, desde o século XVI e XVII já havia Universidades. No caso do Brasil, não, devido ao chamado pacto colonial. Um pacto em que era proibido abrir mão de setores estratégicos, especialmente para garantir o controle da colônia e evitar movimentos autonomistas. Os colégios jesuítas faziam este papel. Não tinham estatuto de Universidade, mas formavam elites importantes. Formaram Vieira na Bahia, formaram Gregório de Matos, etc. Com o fim dos jesuítas e desses imensos colégios nas principais cidades, esses polos de formação de elite foram desmantelados, o que enfraqueceu o quadro de brasileiros capazes de traçar panoramas e criar movimentos de autonomia. Portanto, se os jesuítas tivessem ficado, poderiam ter facilitado, na virada do século XVIII para o XIX, movimentos de libertação do território. A política de Pombal é absolutamente fundamental para compreender o Brasil que conhecemos hoje.

IHU On-Line – De onde surgiu a proposta de editar os 30 volumes de suas obras completas dirigidas por você e por Pedro Calafate?

José Eduardo Franco – A primeira tentativa de publicar a obra completa de Vieira foi em 1851. Desde então, registrei 15 projetos que se iniciaram, mas que não foram até o fim. Apenas o nosso se concretizou. Tendo em vista sua importância, publicamos em Portugal os 30 volumes das obras completas de Antônio Vieira, com 10 mil exemplares cada. Agora a coleção está sendo publicada no Brasil pelas edições Loyola. No século XXI, o homem que escreveu cartas e sermões no século XVII continua sendo muito lido, e vários destes volumes se tornaram *bestsellers*. Foi o resultado do trabalho de uma equipe de pesquisadores em Portugal e no Brasil trabalhando simultaneamente durante dois anos, editando mais de 50 mil manuscritos que se tornaram cerca de 15 mil páginas tratadas e editadas, sendo um

terço de escritos inéditos ou parcialmente inéditos. Um contributo extraordinário para a cultura portuguesa, considerado o maior feito editorial da história da edição em Portugal desde o século XV. Isto porque é a primeira vez que foi possível preparar a partir dos originais, traduzir tudo que estava em outros idiomas, rever, anotar, atualizar e editar uma obra dessa dimensão em tão pouco tempo. Foram apenas dois anos de pré-edição e edição para lançar os volumes entre fevereiro de 2013 e setembro de 2014.

Desde os anos 1990 sonhava em publicar a obra de Vieira, já tendo participado de outras equipes não lideradas por mim que haviam falhado. Buscamos promover uma liderança que evitasse o erro das outras equipes. Como eu já estudava Vieira há 20 anos, já sabia previamente em quais bibliotecas estavam seus escritos e onde poderia haver os textos inéditos. Escolhemos equipes de especialistas em várias universidades brasileiras e portuguesas, pondo à frente de cada volume um especialista da área. Por exemplo, o professor João Adolfo Hansen ficou à frente do volume de Sermões. Quem era especialista em Epistolografia cuidava do volume correspondente. Aqueles que haviam escrito teses sobre o pensamento profético de Vieira assumiam esses volumes, e assim por diante. Esses especialistas orientavam o desenvolvimento da pesquisa do volume sob a sua coordenação específica e escreviam a introdução para cada livro de sua especialidade.

Juntamos então uma equipe de cerca de 25 pesquisadores, como latinistas, linguistas, revisores de texto, arquivistas, historiadores e filósofos, na Universidade de Lisboa, que davam assistência aos coordenadores dos diferentes volumes. A equipe transcreveu, fez a tradução e atualização do material original, buscou outras edições para incorporar trechos que faltavam, fez a revisão, anotação e pouco a pouco foi surgindo a obra de Vieira. Foi um dos cronogramas mais exigentes em que já trabalhamos, pois era preciso publicar três volumes a cada dois meses. Trabalhamos dia e noite, com minha equipe sempre acompanhando, ligando para os co-

“Para Vieira, os ofícios não eram feitos para os homens, mas os homens para os ofícios”

ordenadores, visitando arquivos para confrontar documentos, etc.

Lançamos também um apelo na comunicação social para que quem tivesse correspondências, cartas e escritos que pudessem ser de Vieira, que nos avisassem, que iríamos lá consultar. Em Portugal há muitos arquivos privados de famílias nobres. Muitos nos telefonaram, cedendo manuscritos e abrindo arquivos, o que nos permitiu completar muita correspondência que não conhecíamos, completar documentos de difícil acesso para leitura, etc. Outra dificuldade foi convencer uma editora de grande circulação, como a Círculo de Leitores e Edições Loyola, a publicar 30 volumes de um autor do século XVII.

Foi uma espécie de construção democrática da obra de Vieira, em que todos aqueles que possuíam fontes puderam oferecê-las para, pela primeira vez, termos a obra completa de Padre Antônio Vieira. Esta extraordinária edição representa uma verdadeira primavera cultural, uma valorização dos clássicos. Percebe-se que as pessoas têm sede dos clássicos e que estes, se forem bem apresentados e editados, podem atrair leitores. Porque o clássico é aquele autor cuja obra nunca perdeu a atualidade. E a maneira de escrever e pensar de Vieira ainda é atual e ainda nos ensina muita coisa.

IHU On-Line – Qual você destacaria como a obra mais importante?

José Eduardo Franco – Ah, não faça essa pergunta! Naturalmente todos os seus textos são extraordinários. Vieira é uma escola de saber, um deleite. Os 30 volumes são organizados em cinco tomos. O primeiro

são os escritos epistolográficos, suas cartas e correspondências, em cinco volumes. O segundo, em 15 volumes, são os Sermões. Temos também a obra profética em seis volumes, que é o terceiro tomo, onde se fala do futuro de Portugal e da idealização de um mundo melhor. Na última parte, o quarto tomo, com quatro volumes, é a obra variada –em que temos os escritos políticos, os escritos sobre a Inquisição e sobre os índios. O último tomo, que é o que muita gente desconhecia, é dedicado à poesia e ao teatro de Vieira. Isso era pouco conhecido e, por coincidência, esta obra é editada e coordenada por um professor brasileiro, João Bortolanza, da Universidade de Uberlândia, que nos anos 1990 tinha sido o único especialista que encontrei no Brasil que havia escrito sobre o tema.

Todos os volumes são interessantes, mas eu destacaria os sermões. Temos a ideia de “dar um sermão”, mas não. O sermão de Vieira não é apenas uma obra de arte, mas ainda conta a história, fala de ciência, astronomia, psicologia, amor, amizade... Fala sobre a complexidade do ser humano, em sua bondade e maldade extremas. O sermão do mandato é de leitura obrigatória sobre o amor, o sermão de Nossa Senhora do Ó é lindíssimo e antecipa até mesmo fórmulas matemáticas que só no século XIX serão desenvolvidas. Vieira é um gênio que antecipou muita coisa. Por isso os matemáticos, os lógicos, os sociólogos, filósofos e poetas têm interesse por Vieira.

No entanto, tudo depende do interesse: quem gosta de correspondências encontrará em Vieira o diálogo com grandes figuras do século XVII; quem gosta de pensar os valores, a política e o modo de estar em sociedade, encontrará em Vieira grandes apontamentos; para quem quer pensar o futuro da humanidade temos a obra profética; se quiser pensar a Inquisição e a reforma política, com maior ética e responsabilidade, também encontrará essa discussão em Vieira, e quem quiser pensar o teatro e a poesia também poderá fazê-lo nesses volumes. É uma obra caleidoscópica e de uma universalidade pouco vulgar daquela época.

Siga nossas Redes Sociais

Facebook

Twitter

Blog

Instagram



bit.ly/ihuon



[Instagram.com/_ihu](https://www.instagram.com/_ihu)



twitter.com/_ihu



unisinos.br/blogs/ihu

Publicação em destaque



A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: uma abordagem a partir de Paul Feyerabend

Cadernos IHU ideias, em sua 217ª edição, traz o artigo *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: uma abordagem a partir de Paul Feyerabend*, sob autoria de Hans Georg Flickinger, filósofo alemão, palestrante do XIV Simpósio Internacional IHU. A tese da inferioridade das artes quanto à criação do saber verdadeiro vale apenas para as artes comprometidas com o ideal do belo. No momento em que as artes se rebelam contra esse ideal e, portanto, contra a tutela exercida pela teoria, elas abrem um campo inédito de experiências. Essa mudança radical atingiu também as Teorias de arte que, no entanto, ao tentar impor sua conceituação científica às artes, passaram a ameaçar estreitar nosso acesso à experiência estética e suprimir o fascínio desafiador que dela emana. Reconhecer a experiência estética como campo de produção autêntica do saber, ou submeter de novo as artes ao conceito, do qual elas se vêm tentando libertar em processo penoso. Não surpreende, portanto, que Feyerabend refletisse sobre a relação entre ciência e arte como áreas de produção do saber, à primeira vista, incompatíveis. Crítico da Teoria da Ciência e íntimo conhecedor das ciências teatrais, ele tinha plena consciência de que, se aceitasse seguir os critérios da cientificidade, qualquer produção artística estaria negando a autenticidade da experiência estética.

Esta e outras edições dos **Cadernos IHU** podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone 55 (51) 3590 8213. Você também pode baixar esta edição gratuitamente em <http://bit.ly/1GjHqak>.

Leia algumas das edições já publicadas da **IHU On-Line**.



Mística, estranha e essencial. Secularização e emancipação

Edição 435 – Ano XIII – 16-12-2013

Disponível em <http://bit.ly/1fjohrc>

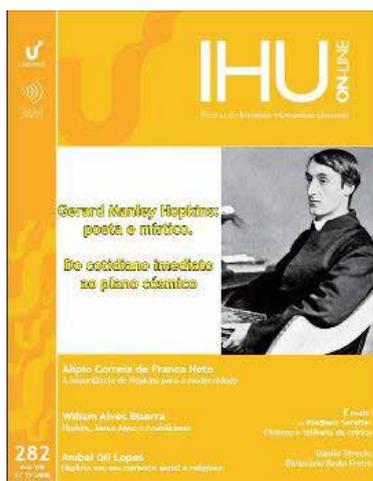
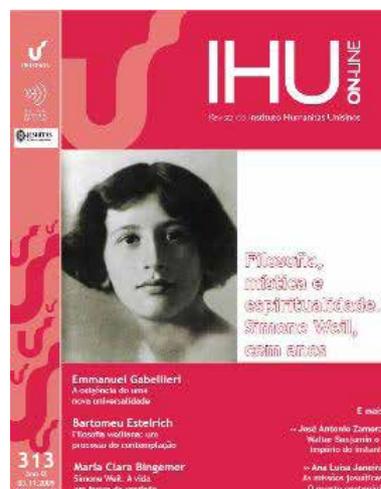
A edição 435 da IHU On-Line reúne pesquisadores, professores e professoras de diferentes áreas de conhecimento para discutir o conceito de mística. Michel de Certeau descreve mística como estranha e essencial. Já Theodor Adorno e Gershom Scholem pensam a mística como uma secularização que representa um avanço emancipatório. É começo para a reflexão que essa edição propôs ainda em 2013. Contribuem para o debate Faustino Teixeira, José Altran, Luiz Felipe Pondé, Marco Vannini, Eduardo Guerreiro Losso, Marco Lucchesi, José Carlos Michelazzo, Pablo Beneito Arias, Maria Cristina Guarnieri, Ricardo Fenati, Bernard McGinn e Carlos Roberto Drawin.

Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos

Edição 313 – Ano IX – 09-11-2009

Disponível em <http://bit.ly/12VElyi>

Nessa edição do início de novembro de 2009, a mística é tema mais uma vez na IHU On-Line. Dessa vez, ainda permeada pela filosofia e a espiritualidade. Isso através do centenário do nascimento de Simone Weil, escritora, operária e filósofa francesa, que morreu aos 34 anos de idade. Contribuem para a discussão Bartomeu Estelrich, Emmanuel Gabellieri, Giulia Paola di Nicola, Attilio Danese, Maria Clara Bingemer, Fernando Rey Puente e Miguel Ângelo Guimarães Juliano.



Gerard Manley Hopkins: poeta e místico. Do cotidiano imediato ao plano cósmico

Edição 282 – Ano VIII – 17-11-2008

Disponível em <http://bit.ly/1snQt1C>

Nessa de 2008, a mística está presente mais uma vez na IHU On-Line. O que conduz o leitor por esse tema é a história e o trabalho de Hopkins. Poeta e místico inglês, é considerado um dos maiores autores da literatura universal jesuíta. Sua obra é analisada e discutida por alguns poetas, tradutores e professores de Literatura. Contribuem para a discussão Alípio Correia de Franca Neto, Paulo Henrique Britto, Claudio Daniel, Aníbal Gil Lopes, Aurora Bernardini, John Milton, William Alves Biserra, Thomas Burns, Dirceu Villa, Marcus Motta e Thiago Ponce de Moraes.

Colóquio Internacional IHU

**A IGREJA
NO CONTEXTO DAS
TRANSFORMAÇÕES
TECNOCIENTÍFICAS E
SOCIOCULTURAIS DA
CONTEMPORANEIDADE**

19 A 21 DE MAIO DE 2015
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: WWW.IHU.UNISINOS.BR

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS JESUITAS BRASIL UNISINOS
Serviços em várias modalidades

O Instituto Humanitas Unisinos realiza, entre os dias 19 e 21 de maio de 2015, o Colóquio Internacional *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*. Mais informações em <http://bit.ly/50anosconcilio>.

Ciclo de Estudos - Metrôpoles

A partir de abril de 2015, o IHU inicia o ciclo de estudos *Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo – Territórios, governo da vida e o comum*. Durante dois meses, o tema será abordado luz de diferentes vertentes teóricas, como o paradigma da multidão e a (des)governança territorial. Acesse <http://bit.ly/IHUMetropoles>

Programação de Páscoa

**12ª
Páscoa
IHU**

**ÉTICA, MÍSTICA,
TRANSCENDÊNCIA**

11 a 26
de março de
2015
ihu.unisinos.br

A programação de Páscoa do Instituto Humanitas Unisinos, que ocorre de 11-03-2015 a 26-03-2015, tem como eixo *Ética, Mística, Transcendência* – e suas implicações transdisciplinares no campo da cultura, da ética e da política. Mais informações em <http://bit.ly/PasIIHU2015>.

twitter.com/_ihu



bit.ly/ihuon



youtube.com/ihucomunica